FERNANDO LUIZ ALEXANDRE

**Literatura e educação na memória de uma cidade:
um olhar sobre Thales Castanho de Andrade**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

2007

Capa: ilustração de Francisco Richter do livro de Thales de Andrade, *Encanto e Verdade*, São Paulo: Melhoramentos, 1967.

FERNANDO LUIZ ALEXANDRE

**Literatura e educação na memória de uma cidade:
um olhar sobre Thales Castanho de Andrade**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo,
subárea de História e Historiografia da Educação sob a
orientação da Prof^a. Dra^a. Maria Lúcia Spedo Hilsdorf para
a obtenção do título de Mestre em Educação.**

**São Paulo
2007**

Ao meu pai, *in memoriam*,
à minha mãe e às minhas irmãs.

Agradecimentos

Muitas pessoas acompanharam o desenvolvimento deste trabalho e cada uma, a sua maneira, contribuiu para a sua realização. Estão entre elas os membros da minha família, os amigos recentes e os de longa data, meus professores e colegas do curso da pós-graduação e da EMEF João de Deus Cardoso de Mello. Quanto aos amigos que o acompanharam mais de perto agradeço a Anadete, Beth, Cida, Cristiane, Dulce, Edmilson, Erivaldo, Graça, Lourdes Bubna, Luis, Maria, Mario, Paulinho e Valdir. A todos agradeço por sua solidariedade, interesse e as pelas diversas formas de auxílio que foram fundamentais neste percurso. No decorrer do curso, e também ao final da pesquisa, pude contar com a ajuda da Camila Alexandre dos Santos, de Terezinha Quaglia e de Altamir de Souza e Silva para a revisão e elaboração de textos em inglês. Da EMEF João de Deus, agradeço especialmente à Vera Santana e à Vera Huang por terem disponibilizado o acesso aos diversos livros da sala de leitura, da seção destinada aos professores, que puderam ser consultados no decorrer da pesquisa. Na Companhia Editora Nacional, um dos primeiros lugares freqüentados, ainda no início da pesquisa, pude contar com as presenças da Maria Rita, da Denise e da Tânia, além de outras pessoas da equipe do acervo histórico dessa editora, que sempre foram extremamente gentis e atenciosos. À Kazue Matuda Miura, bibliotecária da seção de bibliografia e documentação da Biblioteca Monteiro Lobato, por seu atendimento gentil, no acesso ao acervo histórico da instituição. Pela mesma razão sou grato à Ivanildes do CPP que me auxiliou pessoalmente na busca de revistas e livros no Instituto Sud Mennucci. No Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba contei com a preciosa colaboração do Cássio, que ajudou em diversas ocasiões na consulta ao arquivo de jornais e na digitalização de fotografias de textos do arquivo e também devo agradecer ao Presidente do Instituto, Haldumont Nobre Ferraz, que localizou pessoalmente alguns documentos raros sobre Thales de Andrade. Obtive, na Biblioteca Municipal de Piracicaba, sempre um local agradável de trabalho e a atenção de pessoas dedicadas. Menciono os nomes da Graça e da Paula e estendo os meus agradecimentos a todos de sua equipe. Ainda em Piracicaba sou profundamente grato ao professor Hugo Pedro Carradore que em várias oportunidades esclareceu diversos pontos a respeito de Thales de Andrade. Em diversos locais de pesquisa contei com o profissionalismo dos funcionários que sempre se colocaram a disposição na orientação das consultas. A todos agradeço e, na impossibilidade de nomear cada um, refiro-me a eles através das instituições nas quais trabalham: Arquivo Público do Estado de São Paulo – AESP, Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP, Biblioteca da FFLCH-USP/Faculdade de Letras, Biblioteca da FEUSP. Ainda

entre os professores quero agradecer as sugestões, feitas por ocasião da Banca de Qualificação, da Prof^ª. dr^ª. Dislane Zerbinatti Moraes, da Prof^ª. dr^ª. Maurilane Souza Bicas e a orientação da Prof^ª. dr^ª. Maria Lucia Spedo Hilsdorf, que em sua sensibilidade e entusiasmo orientou com firmeza e generosidade os trabalhos que possibilitaram a elaboração deste texto.

Sumário

Introdução.....	15
 Parte I	
Capítulo I: Um contexto facilitador.....	23
1. A Piracicaba de Thales de Andrade.....	23
2. Oligarquia cafeeira e educação escolar.....	29
3. A Escola Primária e a Escola Complementar.....	31
4. O Congresso de Ensino Agrícola e as propostas educacionais para o sistema de ensino.....	47
5. A Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz”.....	52
6. A formação da Escola Complementar.....	56
 Capítulo II: Thales, o professor literato.....	67
1. A escola e a cidade: lugares de sociabilidades.....	67
2. Padrão de livro didático – Comissão de livros didáticos na <i>Revista de Ensino</i>	78
3. <i>A Filha da Floresta – contra a devastação das matas</i>	83
4. <i>Saudade</i>	96
5. O conjunto da obra.....	112
5.1. A Coleção Encanto e Verdade.....	113
5.2. Os livros editados pela Companhia Editora Nacional.....	121
5.3. Obras avulsas.....	134
 Parte II	
Capítulo III: Projetos de literatura e de educação.....	147
1. Concepção de literatura infantil.....	148
2. Literatura e mundo rural.....	153
3. Literatura e docência.....	173
 Capítulo IV: A cidade e os perfis de Thales de Andrade.....	188
1. Em busca das fontes sobre Thales de Andrade: fragmentos de memória.....	189
2. Os usos das <i>Pastas de Recortes</i>	195
3. O discurso da cidade/Biblioteca: a reiteração da memória.....	197
4. O autor e a cidade.....	209
 Fontes e Bibliografia.....	212

Caderno de Figuras: p. 218-234

1. Thales Castanho de Andrade.....	[Fig. 1]
2. Mapa atual dos bairros e regiões de Piracicaba.....	[Fig. 2]
3. Escola Complementar de Piracicaba.....	[Fig. 3]
4. Painel de formandos na Escola Complementar de Piracicaba, 1908...	[Fig. 4]
5. Parte do roteiro de <i>Vida Campestre</i>	[Fig. 5]
6. Sud Mennucci e Leo Vaz em visita ao parque do Guapira, Capital de São Paulo	[Fig. 6]
7. <i>Saudade</i> , 1920.....	[Fig. 7]
8. <i>A menina do narizinho arrebitado</i> , Ed. fac-similar, 1920.....	
9. Livros da coleção Encanto e Verdade em diversas edições.....	[Figs. 9-16]
10. Livros da coleção Encanto e Verdade em diversas edições.....	[Figs. 17-20]
11. Desenho de Franta Richter selecionado para a primeira edição (1915) de <i>O Patinho Feio</i> de Hans Christian Andersen.....	[Fig. 21]
12. Capa da primeira edição de <i>O Patinho Feio</i> , 1915.....	[Fig. 22]
13. <i>A Filha da Floresta</i> , 1 ed. Ilustrações: Franta Richter, 1919.....	[Fig. 23]
14. Coleção Encanto e Verdade. Relançamento pela Associação dos..... Amigos do Escritor Thales Castanho de Andrade de Piracicaba.....	[Figs. 24-27]
15. <i>Flor de Ipê</i> , 1957.....	[Fig. 28]
16. Encanto e Verdade – reedição de 1967.....	[Fig. 29]
17. <i>Com ilustrações de Franta Richter, Sete Pequenas Peças para Piano</i>	[Figs. 30-31]
18. Livros da Série Thales de Andrade – Companhia Editora Nacional...	[Figs. 32-37]
19. Diferentes edições de <i>Saudade</i> pela Companhia Editora Nacional....	[Figs. 38-44]
20. <i>Campo e Cidade</i> , 1964.....	[Fig. 45]
21. <i>Histórias e História</i> , 1929.....	[Fig. 46]
22. <i>Ensinando a Constituição</i> s/d.....	[Fig. 47]
23. <i>Itaí, o menino das selvas</i> , 1956.....	[Fig. 48]
24. <i>Itaí, na cidade maravilhosa</i> , 1968.....	[Fig. 49]
25. <i>O irmão café</i> , 1959.....	[Fig. 50]
26. <i>Cafezal assim, sim!</i> , 1961.....	[Fig. 51]

Resumo

Esta pesquisa, circunscrita à área da história da educação brasileira, tem como objeto de estudo o educador e escritor de literatura infantil Thales Castanho de Andrade (1890-1977). O trabalho tem como objetivo tratar de elementos relativos ao autor, à sua produção literária e atuação no magistério vistos na perspectiva da análise dos principais aspectos que envolveram a sua trajetória, a qual é acompanhada desde o período de sua formação nos anos de 1910, a divulgação de sua obra mais conhecida, o livro *Saudade*, publicado em 1919, até os anos de 1930, quando ao final da década percebe-se um arrefecimento de suas publicações. Assim, primeiramente, situamos o lugar de sua formação, a cidade de Piracicaba, e observamos determinados tópicos da história das instituições de ensino a que ele esteve relacionado, o Grupo Escolar, a Escola Complementar e a Escola Prática Agrícola de Piracicaba. O evento do Primeiro Congresso de Ensino Agrícola, ocorrido em 1911 em São Paulo é outro dos temas tratados. Agregamos à análise, como fundamentação teórica, as proposições de Nicolau Sevcenko e Ângela de Castro Gomes, que ao trabalharem com a história dos intelectuais, examinando para tanto o material literário e o da imprensa na análise do pensamento e do contexto histórico, apropriaram-se dos instrumentos teóricos da história social, a mesma a opção desta pesquisa. As noções de “rede de sociabilidade” e de “microclimas” referidas por Ângela de Castro Gomes são aplicadas neste trabalho para explicar o surgimento do “*bloomsbury* caipira”, um agrupamento de intelectuais e artistas local, do qual fazia parte Thales de Andrade, que contribuiu para a sua inserção no campo literário e educacionais dos anos vinte e trinta. A contextualização da produção literária e a apresentação do conjunto dessas obras publicadas são outros pontos abordados. Também averiguamos a discussão a respeito da concepção de literatura, promovida pelo autor, bem como a confrontação de sua produção com a de Monteiro Lobato. Finalmente, procuramos observar os aspectos referentes à construção de perfis do autor realizada pela imprensa piracicabana. O material privilegiado para este momento da análise é a coleção de recortes da hemeroteca da Biblioteca Municipal de Piracicaba. Apresentamos como resultados e conclusões do trabalho o exame da produção literária, realizada no âmbito da educação. Dessa maneira, a análise procura responder em que medida seus livros foram elaborados e postos ao serviço da escola. É preciso levar em conta que o autor, ao fazer a sua literatura, tinha como horizonte a realização da vida no campo como principal objetivo de sua produção, tornando-se por isso, uma referência ao ruralismo. Entretanto, aliado a esse ideal, Thales se identificava às tendências da educação em desenvolvimento na época, unindo, dessa maneira, seu projeto literário ao educativo, o qual contemplava a modernização da instrução pública contextualizada ao ambiente rural. Nesse sentido é possível perceber na produção andradeana certo grau de aproximação entre a sua literatura e as sugestões propostas pelos movimentos educacionais dos anos vinte e trinta.

Palavras-chave: História dos educadores brasileiros; Historia da Literatura Infantil; Thales de Andrade; Livros de leitura; Editoras.

Abstract

This research is circumscribed to the Brazilian education history. Its aim is to study the educator and writer of infantile literature Thales Castanho de Andrade (1890-1977). It deals with elements related to the author, his literary works, and mastery seen under the perspective of analyzing the main aspects which involved his trajectory since his formative period in the 1910 decade, the divulging of his best known book *Saudade*, published in 1919, till the late years of the 30 decade, when a slackening of his work is noticed. So, to begin with, we firstly located Piracicaba City, his background place, and detected some topics of the teaching establishments to which he was related such as the “Grupo Escolar”, “Escola Complementar” and “Escola Prática Agrícola de Piracicaba”. The “Primeiro Congresso de Ensino Agrícola” (First Congress of Agricultural Teaching), which happened in 1911 in São Paulo City is also one the themes dealt with. As a theoretical basis, we have aggregated to the analysis the propositions by Nicolau Sevcenko and Angela de Castro Gomes, who, on working about the history of intellectuals examined the literary and the press materials to analyze thinking and the historical context. They used the theoretical instruments of social history, the same option of this research. The notions of “sociability net” (rede de sociabilidade) and “microclimates” (microclimas) which Angela de Castro Gomes refers to are mentioned in this work to explain the arising of “Bloomsbury caipira” (countryman Bloomsbury), a local gathering together of artists and intellectuals in which Thales de Andrade took place, contributed to his entering the literary and educational fields in the 20 and 30 decades. The context of the literary production and the presentation of the published works are also subjects approached. We also inquired about the discussion on literature concept by the author, as well as about the comparison of his works with Monteiro Lobato’s. Finally we searched about the aspects referring to the building of the author’s profiles by the “Piracicaba” press. The material chosen for this research is a clipping collection of “Biblioteca Municipal de Piracicaba”. We can present as a result and conclusion of the research, the examination of the literary production in the education field. This way the analysis is expected to answer to what extent his books were elaborated and put at the disposal of education. It is necessary, however, to take on account that the author, on doing his literary works, had as his landmark the reality of rural life as the chief purpose of his works, becoming so, a reference to ruralism. Meanwhile, searching for ideal, Thales identified himself, with the tendencies of the developing education of the time, so linking his literary project to the educational on which looked at the modernization of public education in the context of rural environment. In this sense, it is possible to get from the “andradeana” production a certain degree of approach between his literature and proposals by the education movements in the 20 and 30 decades.

Keywords: The Brazilian educators history; Infantile literature history; Thales de Andrade; reading books; publishers.

Introdução

Naquele entardecer dourado
 O rio descemos
 No barco desequilibrado,
 Vão frouxos os remos.
 A ternura é de mais... mas cuidado:
 A direção é de menos.
 Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*

Saudade é quando o momento tenta fugir da lembrança pra acontecer de novo e não consegue.
 Adriana Falcão, *Mania de Explicação*

A busca por um projeto de pesquisa que pudesse reunir os temas da educação e da literatura, pelos quais mantenho interesse desde quando comecei a lecionar e percebi as potencialidades dessas duas áreas, me levou ao descobrimento de Thales de Andrade, um autor, até então, desconhecido para mim. Nas explorações iniciais a seu respeito, soube que nas primeiras décadas do século XX ele havia feito um enorme sucesso em todo o Brasil com o livro *Saudade*, destinado à leitura de crianças e jovens. A partir de então, a necessidade de colher maiores dados sobre a figura de Thales me levaria à Piracicaba, a sua cidade natal. Ali, o primeiro local procurado foi a Biblioteca Municipal, onde encontrei parte do material procurado em três volumes da hemeroteca e um livro a respeito do escritor, de um dos seus amigos, Hugo Pedro Carradore¹. Instalado ao lado da Biblioteca Municipal há outro espaço que foi amplamente utilizado para colher dados para esta investigação: o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP). Nesses dois lugares, visitados seguidamente no decorrer do desenvolvimento do trabalho, foi possível encontrar as principais fontes utilizadas na composição desta análise que ora se apresenta, além, é claro, das obras publicadas do autor.

¹ Hugo Pedro Carradore, *Thales Castanho de Andrade: uma história verdadeira*. Piracicaba: Editora Degaspari, 2004.

Por um lado, tratei a pesquisa sob a perspectiva da história da educação, questionando as fontes para tentar responder o que este autor teria a dizer a respeito do campo da educação, pois fiquei inteirado de que ele ingressou como professor primário na escola pública em 1912, fora professor de escola normal e diretor do mesmo estabelecimento. Nos anos de 1940 se tornou Inspetor do Ensino Rural e Assistente Técnico do Ensino Rural e, em 1948, chegou a ocupar a pasta de Secretário de Estado dos Negócios da Educação, sendo aposentado como Diretor do Departamento de Educação em 1955. Por outro lado, intrigava-me o fato das poucas referências sobre Thales na História da Literatura, já que ele havia sido um autor que fizera tanto sucesso em seu tempo. Na medida em que avançava na investigação, comecei a compreender que isso era uma consequência também do tipo de literatura por ele realizada, que ficara muito marcada, desde o tempo de sua composição, como sendo um reflexo do seu tempo, os anos 1920-1930. Assim, era necessário compreender Thales também em sua dimensão humana, enquanto pessoa que havia vivido em um determinado contexto e nele estava imerso, contribuindo desta forma para a configuração cultural daquele momento e levando em conta na sua produção os projetos sócio-culturais identificados à sua época. No entanto, não pretendia fazer uma biografia do autor. Assim, embora as fontes utilizadas trouxessem muitas informações acerca de sua vida como literato e como professor – ainda que de maneira fragmentada, dispersas em artigos de jornais, ou recolhidas destas mesmas matérias e enfeixadas no livro de Hugo Carradore – a idéia era trabalhar com um recorte delimitado, cobrindo a sua atuação como profissional da educação e como literato. Não havia razão para acompanhar todos os aspectos de sua longa trajetória de vida – mais de 80 anos –, tal como é feito nos trabalhos biográficos, mesmo considerando que, na atualidade, “a boa biografia não tem mais a absurda pretensão de esgotar o absoluto do ‘eu’”.²

Ora, no decorrer do processo da pesquisa, ao fazer o exame da bibliografia e das fontes disponíveis – incluindo entre estas, além dos livros de literatura sua autoria, os textos escritos pelo autor para a imprensa piracicabana e os depoimentos, nesse mesmo veículo, compostos por amigos, jornalistas, ex-alunos, intelectuais, artistas etc. – observei que as eventuais produções escritas na esfera da educação realizadas por Thales se limitaram a alguns trechos esparsos nos prefácios dos seus livros. Thales de Andrade não teorizou muito sobre seu pensamento e sua prática de educador nas fontes por mim examinadas, mas os prefácios indicavam a pretensão de apresentar sua obra como uma contribuição à educação em dois sentidos: como obras que pudessem ser utilizadas por alunos em idade escolar,

² V. Pacheco Borges. “O historiador e seu personagem: algumas reflexões em torno da biografia”. In Horizontes, 19, Univ. S. Francisco (2001): 6.

atendidas as expectativas de uma educação que trazia processos de ensino mais fáceis, agradáveis e eficientes; ou como obras que mostrassem exemplos considerados relevantes para serem seguidos³. Esses prefácios foram contemplados como um dos materiais privilegiados no desenvolvimento do trabalho, pois eram dos poucos documentos que traziam a voz do autor, juntamente com seus artigos nos jornais piracicabanos.

Mas essa abordagem direta do tema Thales-educação não foi muito animadora. Durante a pesquisa percebi que a produção literária dele vem tendo, desde os seus primeiros tempos de produção, maior visibilidade do que as suas atividades como educador, pelo menos conforme demonstram os registros da imprensa local, onde se encontra o maior volume de informações acerca do autor. Também, a própria narrativa do *Saudade* sugeria, que poderia encontrar nesse texto uma manifestação do Thales educador. Logo, a reflexão impôs duas questões básicas: Como ela se caracteriza? O autor manteve essa prática nos demais textos que escreveu? Assim, a opção de trabalho imposta ao objeto de estudo foi a de análise de suas práticas literárias e educativas a partir de uma mostra significativa da sua própria produção literária, iniciada em 1919, ano da publicação de dois dos seus mais emblemáticos livros, *A Filha da Floresta* e *Saudade*. Seguindo deste ponto, foi possível verificar a trajetória de sua carreira literária, concentrada especialmente nos anos vinte e trinta – quando, ao final desta última década, percebemos uma significativa diminuição de suas publicações, ainda que haja registros de alguns lançamentos esparsos de seus livros até o final dos anos de 1960.

Nesse contexto recortado, acompanhamos ao mesmo tempo a trajetória do autor nos campos literário e educacional, pois entendemos que era necessário contextualizar a sua produção literária articulada às questões de seu tempo, verificando, na medida do possível, as interações estabelecidas entre os diversos agentes do processo histórico, mormente ele, que teve uma carreira profissional na educação e ao mesmo tempo escreveu para literatura escolar. A intenção de trabalhar com a obra de Thales articulada as suas ações como educador, no contexto sócio cultural dos anos vinte e trinta, ganha sentido a medida em que consideramos a riqueza do período histórico para a compreensão de sua literatura e do seu pensamento, entrelaçados nas atuações dos diversos agrupamentos de intelectuais que ocorria no período. Nesse sentido, a delimitação se justifica também por favorecer a observação das prováveis interações estabelecidas entre Sampaio Doria, Thales de Andrade, Sud Mennucci e Lourenço Filho, visto que estes quatro educadores, de alguma maneira, estiveram envolvidos em reformas educacionais e/ou movimentos em torno da educação, compartilhando um mesmo

³ Thales de Andrade, *Vida na Roça*. 13ª ed. São Paulo: Nacional, 1937, pp. 6-7.

espaço geográfico de atuação, o estado de São Paulo, e durante um certo tempo, fazendo da cidade de Piracicaba um dos seus focos de rotação.

Considereei que a metodologia mais adequada para explicar a complexidade das relações nas quais o autor estava inserido juntamente com seus amigos e colegas de profissão seria aquela que acompanhasse a atuação do grupo de intelectuais do qual fazia parte Thales de Andrade, e que o favoreceu em sua trajetória e marcou a sua obra. Encontrei a solução para esse recurso de análise no trabalho de Ângela de Castro Gomes, *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*⁴, no qual a autora ao trabalhar com a história dos intelectuais no Rio de Janeiro, entre as décadas 20, 30 e 40 do século XX, examina o ambiente sócio-político-cultural da cidade e mapeia a dinâmica da articulação dessas figuras reunidas em “lugares de sociabilidade” por elas legitimados. Para tanto, os materiais, literário e de imprensa, utilizados na análise do pensamento e do contexto histórico, foram apropriados tendo em vista os instrumentos teóricos da história social, a mesma opção desta pesquisa. As noções de “rede de sociabilidade” e de “microclimas” referidas por Gomes, são aplicadas neste trabalho para explicar o surgimento do “*Bloomsbury caipira*” – expressão cunhada pelo jornalista piracicabano José Maria Ferreira –, um agrupamento de intelectuais e artistas local, do qual fazia parte Thales de Andrade, e que contribuiu para a sua inserção no campo literário e educacional dos anos vinte e trinta.

Enfim, este texto, resultante desse percurso de pesquisa, pretende ser uma investigação acerca do educador, porém com a especificidade de detectar sua prática a partir de idéias lançadas por meio das obras literárias e também na observação dos usos que se fez desta produção. Esse caminho, do resgate do educador via literatura, nos parece não só possível como frutífero para a história da educação, pois além daquelas pontuais declarações teóricas sobre a relação da sua obra literária com a escola do período fui verificando, ao ler os seus textos e outras fontes, indícios de representações suas sobre o papel da educação escolar na sociedade bem como apresentações metaforizadas de práticas educacionais da época, além de claras referências a eventos históricos da educação. É importante salientar que as atividades pregressas de Thales, na literatura ou na educação, até onde pôde ser verificado, foram sempre destacadas também em virtude de uma projeção nacional derivada do sucesso de suas publicações. E assim, a trajetória de Thales tem por forte condicionante, inegavelmente, a sua obra literária, razão que veio reforçar nossa opção por aquele enfoque no desenvolvimento dos temas da dissertação.

⁴ Ângela de Castro Gomes, *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro; Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

A bibliografia consultada tem um peso maior na nossa percepção dos aspectos relativos à tradição literária de Thales e a sua produção de obras destinadas ao público infantil. Mas, tendo em vista a dupla dimensão das ações deste autor – sua verve literária e sua prática no setor educacional – foi necessária a busca por fontes alternativas, que nos possibilitassem uma abertura para compreender essa diversidade de interesses em sua atuação. Assim, além dos livros escritos por Thales de Andrade, foram utilizados para este trabalho os jornais do arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) e os recortes de jornais do arquivo da Biblioteca Pública Municipal daquela cidade. Esses impressos – periódicos piracicabanos – não tinham destinação pedagógica e nem eram voltados à leitura específica dos profissionais de educação, mas ainda que não tenham uma relação direta com o campo educacional, contribuíram para a construção de perfis de Thales e indicaram pistas para a produção de sua memória. Combinei essas fontes com os outros materiais da imprensa, dos jornais de outras cidades da região e alguns artigos de *O Estado de S. Paulo*.

Um exemplo de uso da imprensa local como fonte para a história da educação pode ser percebido no artigo *Lourenço Filho em Piracicaba*, de Maria Lúcia Spedo Hilsdorf⁵. Essa autora procura demonstrar como o exame atento das edições do periódico *Jornal de Piracicaba* – entre os anos de 1919 e 1921, época em que Lourenço Filho esteve na cidade para a implementação da reforma Sampaio Dória – contribuiu para o esclarecimento de questões que muitas vezes escapam às pesquisas bibliográficas. Nesta perspectiva foi possível detectar, no trabalho de investigação das “experiências de vida e experiências profissionais (...) algumas aproximações à obra de Lourenço Filho num período ainda pouco conhecido de sua vida e, no entanto, revelador de um rico quadro de efetivas interconexões com a educação brasileira”.⁶ Hilsdorf destaca como resultado do estudo a recuperação de artigos e discursos produzidos pelo educador para o *Jornal de Piracicaba*, ampliando as fontes de pesquisa sobre Lourenço Filho; o estabelecimento de suas ligações com a Reforma Sampaio Dória; a correção de dados fornecidos pelo próprio autor em relação ao início de suas atividades discentes como professor de psicologia na Escola Normal de Piracicaba, empurrando a data de 1920 para 1921; e a confirmação da hipótese da influência do *Bloomsbury* caipira, o grupo de intelectuais piracicabanos.

⁵ Maria Lucia Spedo Hilsdorf, “Lourenço Filho em Piracicaba”. In: Cynthia Pereira de Sousa, (org.) *História da Educação – Processos, práticas e Saberes*. São Paulo: Escrituras, 1998, pp. 95-112.

⁶ Idem, p. 112.

Outro exemplo de utilização de jornais como fonte de análise foi encontrado na obra de Nicolau Sevcenko.⁷ Neste caso, é a própria literatura o objeto da investigação. O autor parte das informações encontradas em jornais para as contrapor aos discursos da produção literária de dois escritores, Euclides da Cunha e Lima Barreto. Trabalha, nesse sentido, com os mesmos campos nos quais esteve envolvido Thales de Andrade.

Sevcenko indica que o material consultado, principalmente jornais, magazines, crônicas, biografias e opúsculos, “forneceu indicações preciosas, que urgiram a releitura e a reinterpretação das obras literárias. Desta forma, os textos narrativos nos ajudaram a iluminar a realidade que lhes era imediatamente subjacente, e o conhecimento desta contribuiu para deslindar os interstícios da produção artística”.⁸

Considerado um contexto semelhante à verificação da obra de Thales Castanho de Andrade, averiguamos a representatividade da sua produção para o seu tempo e espaços de atuação com a utilização do mesmo recurso metodológico, o que possibilitou, outrossim, perceber o seu alcance como instrumento a serviço da formação social e da educação e a abordagem de questões pertinentes aos grupos com os quais o autor estava relacionado, já que as suas ações poderiam refletir o quadro cultural de uma determinada região e época.

Assim, no caso da pesquisa em torno da figura de Thales, consideramos as possibilidades de exploração dessas fontes na verificação de uma multiplicidade de elementos, desde o contexto social no qual o autor estava inserido, passando por aspectos relativos ao surgimento e continuidade de sua produção literária até a observação das representações em torno de sua ação educativa, identificada com o grupo da sua cidade de origem. É nesta perspectiva que o uso desses impressos, os jornais ou os recortes da hemeroteca, permitiu, a exemplo do que ocorreu nas proposições de Hilsdorf e Sevcenko, avaliar as peculiaridades desse grupo de intelectuais e observar as conseqüências dessas ações ou produções literárias e os seus sentidos do ponto de vista das transformações históricas do período.

Também fui inspirado, durante o processo da pesquisa e escrita para este trabalho, na história dos impressos e, nesse sentido, apreciei alguns aspectos relativos às práticas de edição e às expectativas do público leitor, ainda que na medida das possibilidades de verificação e limitada a um episódio no qual chegam às mãos de crianças, um dos títulos escritos pelo autor.

⁷ Nicolau Sevcenko, *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁸ Idem, p. 22.

Esse olhar compósito, no qual são verificados alguns aspectos da história da literatura infantil, de informações sobre os impressos e sobre a história do livro, além de um pouco da história dos intelectuais, na perspectiva das redes de solidariedade, conflui para a história da educação, tendo como objeto de estudo um autor que foi um intelectual atuando, ao mesmo tempo, em dois campos, a literatura e a educação. Assim, observei na análise, de modo geral, o desenvolvimento do ambiente cultural, criado na cidade, e os intelectuais que, como Thales de Andrade, compunham o universo literário e educacional demarcado para este trabalho.

O trabalho a seguir é apresentado em duas partes, sendo que na primeira há, no capítulo inicial, uma descrição da cidade de Piracicaba nas primeiras décadas do século passado. Nessa época e local estão situados alguns dos elementos fundamentais ao entendimento da análise, pois ao deslindá-los é possível perceber determinados grupos sociais daquele momento, entre eles a oligarquia cafeeira se movimentando no empreendimento do seu modelo educacional, bem como os demais setores que atuavam fazendo o contraponto e compondo novas perspectivas para a educação. Apresentamos os estabelecimentos de ensino da cidade e Thales como usuário dessas instituições, primeiramente enquanto aluno e posteriormente como profissional da educação. Thales Castanho de Andrade aparece aqui em seu momento de formação e de atuação no magistério.

O capítulo seguinte continua a demonstrar o contexto no qual Thales havia se tornado professor e avança no sentido de mostrar a formação das relações que colaborariam para a sua projeção como escritor e, também como consequência, para a sua carreira no magistério. É ainda nesse momento que surgem os primeiros títulos da obra de Thales de Andrade. Discutimos como estes foram configurados segundo padrões requeridos por agências do Estado, que o apoiaram. Por fim, o conjunto da obra é comentado tendo em vista a sua organização em coleções de livros, sejam publicados por editoras da época, sejam por iniciativa do próprio autor.

A segunda parte do trabalho começa com o terceiro capítulo, que trata dos projetos de literatura e de educação envolvendo Thales de Andrade e Monteiro Lobato, abordagem que consideramos uma inevitável perspectiva de análise quando se trata desses dois autores coetâneos: sob o mote da literatura e do mundo rural, o texto trata de uma aproximação entre ambos, mostrando suas trajetórias e os vínculos estabelecidos por ambos em relação à educação escolar.

O último capítulo, que funciona também como a conclusão da pesquisa, está identificado com uma reflexão sobre o papel da cidade na construção da memória do nosso autor, ao tomar como objeto de análise a outra principal fonte que utilizamos: os recortes de

jornais da Biblioteca Municipal de Piracicaba. Outra das observações judiciosas de Vavy P. Borges, autora já citada – “Quando começa e quando termina o percurso de uma vida?”⁹ – esclarece o nosso propósito aqui.

⁹ Op. Cit., p. 6.

Parte I

Capítulo I: Um contexto facilitador

No capítulo a seguir serão abordados os aspectos principais que consideramos relevantes para acompanhar Thales de Andrade durante o contexto de sua formação docente e profissional. Não pensamos que esses pontos sejam determinantes e únicos, mas servem como importante referência, pois permitem entender sua produção literária e sua prática educativa compondo um contexto facilitador para o entendimento do homem e da sua obra.

1. A Piracicaba de Thales de Andrade

Por volta da última década do século XIX, época do nascimento de Thales de Andrade – em 1890 – e do surgimento da república brasileira, Piracicaba assistia as transformações que marcariam o advento do novo regime sob um ponto de vista peculiar. Seria desta localidade que sairia o primeiro chefe de Estado na fase civil da República, Prudente de Moraes. Perecin, em seu trabalho *A Síntese urbana (1822-1930)*¹⁰, destaca outro dos importantes triunfos desses republicanos em Piracicaba:

*(...) a promoção dos irmãos Moraes Barros às altas esferas políticas nacionais, abrindo-se oportunidade para o jovem médico Dr. Paulo de Moraes Barros, atuante na Câmara Municipal desde 1891, herdeiro político do senador (seu pai) e do presidente (seu tio), à frente do Partido Republicano Paulista de Piracicaba”.*¹¹

¹⁰Marly Therezinha Germano Perecin, *A Síntese urbana (1822-1930)*. Piracicaba: IHGP, 1989.

¹¹Ibid., p. 39.

É sob esse ambiente perrepista que a República se deixa vislumbrar naquela localidade.

A Câmara, naquele período, apesar de se encontrar em dificuldades financeiras, contribuiu para três melhorias públicas importantes: a cadeia pública, a construção do primeiro grupo escolar de Piracicaba em 1897 (atualmente Barão do Rio Branco), e a instalação da Escola Complementar nesse mesmo ano de 1897. A iniciativa particular realizava no período, por intermédio de Luiz de Queiroz, industrial da cidade, a instalação da rede elétrica e a iluminação local em 1893. Os primeiros bancos apareciam no ano de 1899 e as sociedades beneficentes prosperavam atuando no campo de assistência social e da educação. Piracicaba, então, contava com uma população aproximada de 14 mil habitantes na área urbana tendo o café como sua principal riqueza econômica seguida da cana-de-açúcar e do algodão. Ao final do século XIX, a cidade, considerada uma das principais do Estado de São Paulo, formava a sua primeira turma de educadores saídos da Escola Complementar no ano de 1900.

O movimento nas ruas, gradativamente, se intensificava. Na década de 1910 era possível perceber a presença crescente dos automóveis que passavam a competir pelo espaço com os transeuntes obrigando-os a redobrar a sua atenção ao trânsito que, até então, não chegava a ser uma preocupação. Os bondes elétricos foram instalados apenas em 1916. Antes disso as alternativas de transportes eram troles, tálburis, caleças, carroças e carros de boi, além dos automóveis de aluguel. A necessidade de transportar pessoas para áreas importantes, mas distantes do centro da cidade, fez com que se organizassem empresas para este setor. Os principais destinos eram a Escola Agrícola Prática, instituição idealizada pelo empresário Luiz de Queiroz, a Vila Rezende e a estação ferroviária, todos localizados nos arrabaldes [Fig. 2]. Para o transporte até as cidades vizinhas, recorria-se aos troles e às jardineiras de tração animal que ofereciam linhas regulares para Limeira e Rio Claro.

O progresso piracicabano, segundo essa autora, era comentado na época destacando-se algumas das realizações da cidade que eram consideradas de importância fundamental: as escolas, um dos principais referenciais, sempre admiradas pelos visitantes que as mencionavam em suas crônicas, eram seguidas da indústria têxtil, do próspero comércio – inclusive aquele nascido por iniciativa dos imigrantes bem sucedidos, especialmente os italianos –, do “Banco de Custeio Rural” etc.¹²

¹² Percin, *A Síntese urbana...* pp. 39-40, 98-100.

Até a própria forma perrepista de governar era exaltada como fator de prosperidade para a cidade, conforme podemos deduzir do tom das notícias publicadas nos artigos de um jornalista piracicabano o qual, numa série de artigos ,na *Gazeta de Piracicaba* em 1912, comentava com ufanismo o “progressismo piracicabano”, afirmando que a cidade era o 5º município paulista em população, tinha 48 mil habitantes e, depois de São Paulo, era o local proporcionalmente, com o maior número de escolas somando um total de 40 unidades. Campinas, com 88 mil habitantes possuía somente 64 escolas.¹³

Referindo-se diretamente à administração, o articulista apresentava outros dados relativos ao município, conforme nos relata Perecin:

*Piracicaba era a 5ª cidade do Estado de S. Paulo em consumo de gado (estatística de 1909). A municipalidade orgulhava-se da baixíssima arrecadação dos seus impostos, ponto de honra para o perrepismo local, o que não impedia que aplicasse 1/6 das suas rendas públicas em educação, proporcionalmente mais do que qualquer outra cidade paulista. Era uma cidade progressista e seu povo tinha consciência de sua importância.*¹⁴

A sociedade da época em Piracicaba era preconizada pela austeridade do perrepismo, enquadrada sob o ideal da saúde e da disciplina e afeita às comemorações cívicas, às festas religiosas – de caráter popular, às manifestações culturais e às atividades de lazer.¹⁵

O Club piracicabano mantinha as suas “assustadas” dominicais, a Universidade Popular oferecia os seus cursos e saraus líteros-musicais, a sociedade aguardava ansiosa pelo brilho das festas de formatura da Escola Normal [Complementar] e da Escola Agrícola. Ainda, nas recepções familiares mantinha-se a tradição dos doces brasileiros do século XIX, os papos de anjo, as babas de moça e as espingardas de chocolate.

O que era considerado como excesso era contido pela disciplina perrepista:

¹³ Perecin, *A Síntese urbana...* pp. 100-101. Em outra passagem, à frente, a autora reafirmando a importância do PRP no controle político da cidade informa que o partido tinha absoluto controle no processo eletivo, pois desde o começo da vida republicana os perrepistas compunham uma poderosa agremiação sob a chefia do Dr. Paulo de Moraes Barros, sobre a qual recaíam os méritos relativos aos melhoramentos materiais e morais da cidade. pp. 166-67.

¹⁴ Ibid., p. 101.

¹⁵ Ibid., pp. 101-102.

[proibia-se] o entrudo, os préstitos de crítica ou deboche, os carrapichos, fazendo-se exceção aos lança-perfumes e ao corso familiar nas ruas centrais da cidade.¹⁶

Do ponto de vista do lazer, Piracicaba oferecia para os seus cidadãos, nas primeiras décadas, opções como o Clube Piracicabano, o local escolhido para as reuniões mais sofisticadas, para o buffet e para os bailes elegantes. O Hotel Central, sala de visitas da cidade exibia um ambiente requintado, ideal para os banquetes patrocinados pelo PRP e para as recepções de gala. A “Universidade Popular” era destinada ao encontro da inteligência piracicabana. Lá ocorriam as conferências, os cursos, os saraus líteros-musicais. Já as manifestações de civismo tinham o como palco a Escola Complementar, dirigida por Honorato Faustino, que organizava os eventos auxiliado pelo grêmio de estudantes. Havia ainda a Orquestra de Câmara e os seus músicos. Destacavam-se entre eles figuras como Belmácio Pousa, Benedito Dutra Teixeira e Erothides de Campos, regidos pelo maestro Bellini Tavares e por Honorato Faustino.

Aos domingos e feriados logradouros públicos como o jardim central eram freqüentados pela sociedade local e animados pelas bandas musicais da cidade. Os *pic-nics*, então como um dos eventos da moda, ocorriam na Fazenda S. João da Montanha e na chácara Morato. Havia ainda outros hotéis, restaurantes, bares, enfim, diversas possibilidades de lazer, para o público, dos mais sofisticados aos mais simples. Entre essas atividades, uma das mais procuradas era o cinema.¹⁷

Em 1913, o cinema de longa metragem é a novidade destacada nos jornais piracicabanos. O Íris Theatre, reinaugurado a 3 de janeiro de 1913 sob os discursos e as bandas de música ao estilo do PRP, tinha a sua programação anunciada pela *Gazeta* que o destacava como um dos mais antigos cinematógrafos¹⁸ da cidade. Dois meses após, o Cinematógrafo¹⁹ Radium “oferecia o drama da Ítala Filme de 2.500m em 5 atos e 415 quadros, intitulado ‘Amor de Pai’. Verdadeiro acontecimento de uma hora e meia de

¹⁶ Perecin, *A síntese urbana...* p. 160.

¹⁷ Ibid., p. 102.

¹⁸ Maria Celestina Teixeira Mendes Torres, *Piracicaba no século XIX*. Piracicaba: IHGP/Editora Degaspari, 2003. Esta autora informa que o cinematógrafo chegou em Piracicaba no ano de 1896. Cita, para fornecer esta informação, uma notícia de 18 de outubro da *Gazeta de Piracicaba* na qual a invenção era descrita como a última palavra da ciência e a maior maravilha do século (p. 281).

¹⁹ Termo normalmente atribuído ao cinema da época e que encerra como significado tanto o aparelho utilizado para a projeção das imagens quanto o local no qual as pessoas se reuniam para assistir as seções.

projeção!”. O Theatro Cinema (Claes & Comp.) seguia o mesmo caminho e a *Gazeta* divulgava o seu programa em página inteira a 14 de março.²⁰

Aliás, o cinema sempre foi um dos temas de interesse e debate nas décadas iniciais do século XX, em Piracicaba. Podemos colher como um exemplo disso a publicação dos artigos, relativos ao assunto, escritos por Lourenço Filho quando esteve na cidade, em 1921, por ocasião da implementação local da reforma de educação orientada por Sampaio Doria.

Na oportunidade, Lourenço Filho considerava péssima a influência do cinema comercial na vida psíquica das crianças e defendia, como porta-voz da nova cultura escolar, o cinema educativo, um dos pontos que caracterizavam a pedagogia proposta pela reforma. Por sua vez, os defensores do cinema contra-atacavam vigorosamente, fazendo a polêmica ganhar corpo nas páginas dos jornais.²¹

Essas opções de lazer, certamente, não eram destinadas a todos os cidadãos. Havia uma parcela significativa de piracicabanos desconsiderada para efeito do consumo das atividades que ocorriam nos ambientes de luxo e sofisticação locais. José Luis Simões²² nos permite o vislumbre desta outra perspectiva, ao realizar uma análise dos relatos da imprensa piracicabana e identificar os espaços específicos de cada agrupamento social para a vivência do tempo livre. O autor contempla a questão separando as atividades e usuários em dois grupos distintos. Um deles, vinculado às práticas e ações patrocinadas pela elite local e representada, de maneira geral, pelo PRP, o qual promovia festas, cerimoniais nas escolas, encontros restritos em seus clubes sociais e em outros locais exclusivos e outro, formado pela população imigrante pobre e por descendentes de escravos, ambos marginalizados e que tinham como espaço de lazer os bares e as ruas. A este último grupo também não estavam destinados os prestigiados espaços dos jornais a não ser para as notas policiais, sendo, portanto, tratados pela imprensa como pessoas que destinavam o seu tempo livre à desordem e à vadiagem.

Desta maneira, o autor, referindo-se aos piracicabanos, conclui que:

Nessa sociedade rural, em processo de crescimento e com a recepção de imigrantes pobres que aportavam no Brasil com destino certo nas fazendas e nas primeiras fábricas que começavam a se instalar em São Paulo, as opções de lazer prestigiadas pela imprensa vinculavam-se ao lazer das elites, à música, à poesia, o

²⁰Perecin, *A síntese urbana...* pp. 158-160.

²¹Hilsdorf, “Lourenço Filho em Piracicaba.”... Op. Cit.

²²José Luis Simões, “Historia do lazer em Piracicaba (1889-1930)”. Disponível em: <www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos/>. Acesso em: 16-12-06.

teatro, à literatura. As festas populares, o circo, o carnaval e a assistência do futebol tornavam-se momentos de encontro dos pobres, no universo das minguadas possibilidades de acesso ao lúdico.

Os outsiders²³ não estavam preparados para vivenciar formas mais refinadas de práticas de lazer. Ademais, as práticas sociais e o comportamento dos negros e desocupados que perambulavam pelas ruas da cidade eram associadas pela imprensa como ações de vadiagem e indolência, desatino à ordem local estabelecida, obstáculo ao progresso e à modernidade. O tempo livre dos outsiders estava longe de transformar-se em liberdade.²⁴

Piracicaba, todavia, seguia rumo ao futuro. Nos anos seguintes haveria no local profunda transformação no seu sistema de transportes. Em 1916 os bondes elétricos tornam-se realidade; em 1922, por intermediação do Paulo de Moraes Barros, começa a funcionar um ramal de 46 km de ferrovia ligando Piracicaba a Nova Odessa e passando por Sta. Bárbara. A “Garage Piracicabana” anunciava um grande melhoramento: a adaptação de um ônibus transformando-o em auto-jardineira com lotação para 12 pessoas e com o intuito de cumprir o itinerário entre Piracicaba e Limeira, ao preço de oito mil réis por pessoa.²⁵

De modo geral, Piracicaba, ao chegar nos anos vinte, era uma cidade moderna em processo acelerado de urbanização e desenvolvimento. Nesse momento as ruas ainda não eram calçadas e não havia saneamento básico, entretanto, nas quadras centrais já havia água encanada, iluminação elétrica e dispunha-se de serviço de telefonia. Do ponto de vista da cultura podemos assinalar a circulação de certa variedade de livros e revistas, pois a cidade contava, desde 1919, com a presença de duas livrarias, a “Americana e a “Giraldes”, a papelaria do *Jornal de Piracicaba* e a agência “Piracicaba Express” nas quais eram vendidas diversas publicações de circulação nacional.²⁶

Em relação à educação, a cidade aumentara gradativamente a sua rede de escolas se comparada aquela, já significativa, das primeiras décadas republicanas.

Hilsdorf nos descreve com detalhes a diversificação das escolas piracicabanas ao mencionar os seus variados tipos de estabelecimentos de instrução pública e privada. Assim,

²³ Conceito utilizado pelo autor para identificar os indivíduos que não compunham a elite e emprestado da obra de Norbert Elias, *Os Estabelecidos e os Outsiders*, Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

²⁴ Simões, “História do lazer em Piracicaba...” pp. 6-7.

²⁵ Perecin, *A síntese urbana...* pp. 162-163.

²⁶ Hilsdorf, “Lourenço Filho em Piracicaba...” pp. 102-104.

ao lado da pequena rede de escolas municipais, verificava-se todas as unidades do sistema estadual de instrução pública – com exceção do ginásio – como as escolas isoladas para o período diurno e noturno, os grupos escolares e escola-modelo, a qual oferecia o curso preliminar para meninos e meninas, a Escola Complementar e mais uma Escola Normal e, evidentemente, a instituição que era um dos principais orgulhos e destaque do município, a Escola Prática de Agricultura. Havia ainda a “Escola Livre de Odontologia”, três escolas particulares de comércio: Escola Livre de Comércio “Cristóvão Colombo”, Escola Prática de Contabilidade “Moraes Barros”, Escola de Comércio “Prudente de Moraes” e outros numerosos cursos ofertados por instituições educacionais ligadas às associações beneficentes ou às iniciativas particulares.

Entre os estabelecimentos particulares tradicionais para a educação das meninas a cidade contava com o Colégio “Piracicabano”, de confissão metodista e o “N. Sra. da Assunção”, instituição católica mantida pela congregação das Irmãs de São José, ambos oferecendo instrução em regime de internato e externato e atendendo ao nível elementar/secundário.²⁷

2. Oligarquia cafeeira e educação escolar

Recorrendo ao contexto perrepista explicitado por Perecin, no qual a sociedade piracicabana repercutia as diretrizes do partido, que orientava desde as condutas sociais até a promoção de suas personalidades através de comemorações, festividades, eventos culturais etc. e investia o seu capital decorrente do sucesso dos seus diversos empreendimentos nos projetos sociais considerados relevantes para a agremiação, podemos vislumbrar a cidade, nas primeiras décadas do século XX, emoldurada, em medida significativa, assim como as demais do centro e do oeste paulista, pelas oligarquias cafeeicultoras e também empresariais, que dominavam o sistema produtivo sob a égide do capitalismo.

Esses grupos, haviam assegurado, com o 15 de novembro, o poder político que o regime monárquico lhes negara “ao apoiar-se na aristocracia rural escravista”, fazendo inscrever na Constituição de 1891 o princípio liberal da descentralização, o que lhes oportunizou, na prática, a aprovação de medidas valorizadoras da produção agrícola em torno

²⁷ Hilsdorf, “Lourenço Filho em Piracicaba...” pp. 104-105.

de seu principal produto, o café.²⁸ Apesar do processo urbano e industrial já instalado e em desenvolvimento, como vimos acima para o caso de Piracicaba, houvera a predominância nesse grupo da idéia do “manifesto destino da nação brasileira”, como “vocaço agrria” (para a produo e a exportao do caf), uma forma de ruralismo radical que visava obstacularizar o desenvolvimento industrial. Os interesses da modernizao conflituavam e participavam dos projetos de construo da sociedade interagindo em todos os setores, inclusive no modelo educacional escolar com suas propostas de educao para as camadas populares e os trabalhadores²⁹, mas a despeito disso a fora poltica e econmica representada por essas oligarquias agrrias pretendia limitar os parmetros nos quais se moviam a oferta de educao escolar no perodo.

Segundo Percin, o ruralismo “tomou forma de movimentos polticos, debates, projetos e formulaes discursivas para a sustentao de estratgias e realizaes de interesses agrrios das fraes dominantes da sociedade.” Essa conjuntura alcanaria o tempo dos pactos oligrquicos da “poltica dos governadores” agindo em nvel local com o auxlio dos coronis e o tempo dos expurgos de quaisquer oposies dissidentes pela “degola”.³⁰

O controle do sistema educacional se dava dentro de uma lgica semelhante e se constitua como outro recurso hegemnico das oligarquias. Desta maneira, o governo “controlava o ensino secundrio e superior, oferecido s elites condutoras; enquanto governos estaduais sustentavam o ensino elementar e profissional, para as camadas populares”.³¹ A estratgia era manter um sistema dual de ensino de modo a oferec-lo para todos, mas com distino, pois um dos modelos atenderia formao dos filhos dos agro-exportadores, caracterizando-se como “ante-salas do poder”, e o outro seria estendido aos demais setores da sociedade.

²⁸ Hilsdorf, “Um pas de analfabetos”, *Jornal de Piracicaba*. 15 set. 1990. *Presena*. p. 4.

²⁹ Hilsdorf, *Histria da educao brasileira: leituras*. So Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2003, pp. 57-67, 71-85.

³⁰ Percin, *Os Passos do Saber: A Escola Agrcola Prtica Luiz de Queiroz*. So Paulo: EDUSP, 2004, pp. 88-89. Segundo a autora, o ruralismo se apresentava durante a Primeira Repblica como a reao s mudanas estruturais pelas quais passava o pas. O processo de valorizao das sociedades europias e norte-americanas, servindo de modelo de civilizaes industriais, modernas, urbanas, em contraposio ao Brasil, pas destitudo de escolas, mergulhado em crises, sugeria aos agrossenhores a apresentao do campo como local no qual a modernizao era possvel e factvel. A produo seria levada a cabo pela agroindstria, vocao e destino nacional, a agricultura, seria regenerada pela cincia. Jorge Nagle, em seu texto *Educao e sociedade na Primeira Repblica*, EPU, Ed. Da Universidade de So Paulo, 1974, pp. 233-35, por sua vez, indica parmetros semelhantes. Menciona maior influncia dessa corrente de idias sobre desenvolvimento do nacionalismo, do que sobre a educao, embora no negue algum alcance em relao s prticas escolares, e aborda outro aspecto do conceito, mais presente do que a ruralizao: a regionalizao do ensino – processo no qual o esforo seria no sentido de ajustes dos padres culturais e de ensino s particularidades da vida social na qual a escola estivesse inserida.

³¹ Hilsdorf, “Um pas de analfabetos”... p. 4.

Assim, a escola republicana, em seus esforços de expansão, esteve no período atrelada à política coronelista e a sua forma mais difundida, em grau elementar, foi a das escolas isoladas nas quais apenas um professor lecionava para dezenas de alunos, de diferentes níveis de aprendizagem, pois não eram só mais econômicas como as mais adequadas para responder os seus anseios imediatos: “isolar, dividir, para controlar o todo”.

Evidenciava-se, desta forma, o objetivo deste tipo de escola:

A escola isolada podia muito bem, a esse respeito, funcionar mais facilmente como um instrumento de transmissão da ideologia do ruralismo, cujos efeitos sociais visados eram impedir a migração, “fixar o homem no campo”, leia-se sob o domínio dos fazendeiros, e obstar-se por extensão, as transformações sociais. Numa época de urbanização intensa, o ruralismo quer manter imobilizados (alienados) os homens do campo e, contidos, aqueles das cidades (e das indústrias) fazendo retornar para os seus domínios os que haviam migrado, numa postura claramente conservadora da estratificação social dualista.³²

A outra configuração, forjada pelo aparecimento dos novos processos produtivos, pela insurgência das oligarquias dissidentes e pela emergência das camadas médias e urbanas comporiam a “base social de sustentação de novas ideologias: nacionalismo, modernismo, tenentismo” e aquelas relacionadas com a renovação do ensino, adequando a sociedade a um novo tempo ditado pelo ritmo da fábrica e da cidade. Interessa-nos, seguindo as proposições deste trabalho, verificar a configuração desse movimento. Para tanto, localizamos o contexto das escolas que vão representar a alternativa de educação escolar desses setores.

3. A escola primária e a escola complementar

Dentre essas novas instituições, os grupos escolares e as escolas complementares serão resgatadas por sua importância na formação do autor objeto da análise deste trabalho. Mas, também de figuras como Leonel Vaz de Barros e Sud Mennucci, colegas de Thales de turma e de profissão, atuando na educação e na literatura. A rigor, toda uma geração que frequentou

³² Hilsdorf, “Um país de analfabetos...” p. 5.

os bancos escolares no interior paulista. Essas escolas trouxeram por meio da sua organização curricular e do seu corpo docente, os elementos basilares para a formação inicial de todos os que as freqüentaram no período o que significaria, neste caso, a transmissão do conjunto de valores propagados pela nascente república liberal.

Com o intuito de deixar o leitor familiarizado com as escolas às quais nos referimos – dada a importante presença dessas instituições no universo pessoal e ficcional de Thales de Andrade e demais personalidade aqui tratadas, pois ao longo do manuseio da documentação isso era uma constante referência – faremos uma digressão no sentido de localizar a origem e a configuração desses estabelecimentos nos anos de 1910 e 1920, quando há uma relação direta entre ambos.

A escola primária e normal nascem no Brasil, na primeira metade do século XIX, em consequência, segundo Leonor Tanuri, em consequência das discussões dos ideais do liberalismo embalados pela Revolução Francesa. Nesta perspectiva, os princípios de liberdade e igualdade entre os homens – incluindo neste contexto o direito à instrução – contribuíram para a elaboração gradativa de um sistema nacional de educação.³³

Reis Filho, apoiando-se nas informações do Relatório da Comissão Central de Estatísticas, de 1888, cujo relator havia sido o republicano Elias Antonio Pacheco e Chaves, assinala a precariedade do ensino monárquico de primeiras letras que registrara 1034 escolas em 1886, período no qual São Paulo contava com uma população de pouco mais de um milhão de habitantes e ressentia-se com problemas de diversas ordens, como o alto índice de analfabetismo – cerca de 77 %; falta de pessoal docente habilitado; deficiência das condições materiais e condições desiguais de distribuição regional das escolas; e marginalização da grande massa de escravos e libertos dos bancos escolares.³⁴

Ao adentrar no período republicano, a escola primária seria reformada adequando-se ao projeto liberal. A despeito da permanência maciça das escolas isoladas, como vimos acima,

³³ O preparo dos professores primários para o exercício de suas funções apenas se desenvolveu entre nós quando o contexto liberal, voltado para a instrução, foi estendido a todas as camadas sociais, se firmando assim, com certa constância, a partir de 1870, época da consolidação das idéias de democratização, obrigatoriedade da instrução primária e de liberdade de ensino. Os anos da década de 1870, marcados pelas questões de ordem “religiosas” e “militares”, por movimentos abolicionistas, pela criação do Partido Republicano e pelo desenvolvimento das idéias federalistas, também se caracterizaram pela difusão do cientificismo o qual contribuiu para recolocar a questão da educação como uma das necessidades indispensáveis ao desenvolvimento econômico e social da nação. A questão educacional, discutida na perspectiva republicana e liberal, levaria diversas figuras interessadas no assunto a propor a disseminação do ensino como sendo uma das obrigações do Estado. Da mesma maneira defendia-se a sua liberdade em todos os níveis e a cooperação entre os Poderes Gerais, em relação à instrução primária e secundária nas Províncias. Cf.: Leonor Maria Tanuri, *O ensino Normal no Estado de São Paulo: 1890-1930*. São Paulo: FEUSP, 1979, pp. 13-14.

³⁴ Casemiro dos Reis Filho, *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1981. pp. 112-13.

o modelo eleito para o atendimento das expectativas dos republicanos era o dos grupos escolares, instalados nas cidades, tendo como características: instalações próprias; uma rotina distribuída, temporalmente, entre tarefas e descanso; matérias organizadas sequencialmente por séries e classes constituídas para o ensino simultâneo.³⁵

O programa de ensino dos Grupos Escolares ficaria definido pelo Decreto nº 248, de 26/7/1894:

*Leitura e dedução de princípios de gramática; escrita e caligrafia; cálculo aritmético sobre números inteiros e frações; geometria prática (taquimetria) com as noções necessárias para suas aplicações à medida de superfície e volumes; sistema métrico decimal; desenho à mão livre; moral prática; educação cívica; noções de geografia geral; cosmografia; geografia do Brasil, especialmente do Estado de São Paulo; noções de física, química e história natural nas suas mais simples aplicações, especialmente à higiene; história do Brasil e exercícios ginásticos e militares, trabalhos manuais apropriados à idade e ao sexo.*³⁶

O Grupo Escolar, criado pela Lei nº 169, de 7.8.1893, havia sido pensado como uma forma de reunir em um mesmo prédio as escolas já existentes numa determinada localidade. O regulamento constante do Decreto nº 248, citado acima, estabelecia que:

*(...) nos lugares em que, em virtude de densidade da população, houvesse mais de uma escola no raio fixado para a obrigatoriedade escolar, o Conselho Superior poderia fazê-las funcionar em um só prédio para esse fim construído ou adaptado. Tais escolas teriam a designação de Grupo Escolar com a sua respectiva designação numérica em cada localidade. Poderiam receber denominações especiais em homenagens aos cidadãos que concorressem com donativos para a reunião de escolas. Dessa forma o governo estimulava a contribuição dos particulares em troca da homenagem pública.*³⁷

³⁵ Isabel de Lourdes Esteves, *As prescrições para o ensino da caligrafia e da escrita na escola pública primária paulista (1909-1947)*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 2002, p. 24.

³⁶ Decreto nº 248, de 26/7/1894. *Apud*, Rosa F. de Sousa, *Templos de Civilização – um estudo sobre a implantação dos Grupos Escolares no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 48.

³⁷ Souza, *Templos de Civilização ...* pp. 46-47.

Num curto período os Grupos Escolares se tornaram realidade impondo-se como uma nova forma de “organização administrativo-pedagógica do ensino primário”. Esta nova escola, urbana, moderna, atendia aos princípios do tipo de renovação que se objetivava:

*Racionalização e a padronização do ensino, a divisão do trabalho docente, a classificação dos alunos, o estabelecimento de exames, a necessidade de prédios próprios com a conseqüente constituição da escola como lugar, o estabelecimento de programas amplos e enciclopédicos, a profissionalização do magistério, novos procedimentos de ensino, uma nova cultura escolar.*³⁸

O direcionamento dado aos Grupos Escolares confirma a política educacional de atendimento aos lugares de maior contingente da população do estado, a zona rural, pela escola isolada. Por ocasião da passagem do século XIX para o XX, cerca de 70 % da população paulista vivia no campo. Assim, as escolas isoladas, que deveriam atender prioritariamente tal agrupamento, continuavam em uma situação de penúria, carente de materiais escolares, livros, cadernos instalações adequadas e salários para os professores.³⁹

Estas escolas eram as mais antigas do estado. Datavam ainda da época do império e passaram a ser designadas de isoladas para serem distinguidas dos Grupos Escolares a partir de sua criação. Nelas um único professor era encarregado pela instrução de crianças de ambos os sexos e de várias idades, além de níveis diferentes de aprendizado.⁴⁰

Será justamente este modelo de escola que abrigará muitos dos professores recém-formados nas escolas normais, principalmente das cidades do interior. De Piracicaba, por exemplo, é possível acompanhar esta trajetória no caso de Sud Mennucci, Lourenço Filho, Thales de Andrade e a sua esposa, Maria Garcia de Andrade. Todos eles, embora freqüentando grupos escolares, começaram a lecionar na zona rural em regiões próximas de cidades. Thales iria além, usou a experiência, e incorporou-a na fundamentação de seus ideais ruralistas, que diferentemente da linha seguida pelos “agrossenhores”⁴¹ mostrou-se mais progressista ao fazer circular os elementos constitutivos da cidade e do campo.

³⁸ Souza, *Templos de Civilização* ... Ibid., pp. 49-50.

³⁹ Ibid., p. 51.

⁴⁰ Esteves, *As prescrições para o ensino da caligrafia*...p. 30.

⁴¹ O termo é fundamentado por Percin e referenciado nos trabalhos de Carlos de Almeida Prado Bacellar em estudo demográfico sobre a sociedade do Oeste Paulista (1798-1836) e Wilson do Nascimento Barbosa, sobre o equilíbrio piramidal dos senhores da terra na estrutura sócio-econômica e seus atributos jurídicos no interior da propriedade. Cf. Percin, *Os passos do saber*... p. 27.

A mesma mentalidade que proporcionou o advento dos grupos escolares possibilitou os debates em torno da renovação da escola normal. Até então, as iniciativas relativas ao ensino normal, em São Paulo haviam se mostrado em experiências descontínuas.⁴² A primeira Escola Normal paulista funcionou “numa única sala do edifício contíguo à Catedral da Sé” entre os anos de 1846 a 1867, quando foi extinta formando, durante este período, não mais do que 40 alunos.⁴³

Criada pela Lei nº 34 de 16 de março de 1846 e instalada em 9 de novembro do mesmo ano, tinha o seu curso de dois anos destinado apenas para o sexo masculino e sob a regência de um único professor. Apresentava um plano de ensino que compreendia as disciplinas: Lógica, Gramática, Língua Nacional, Aritmética, Geometria Prática, Caligrafia, Doutrina Cristã e Métodos e Processos de Ensino.⁴⁴

A segunda Escola Normal de São Paulo, criada em 1874 pela Lei nº 9, de 16 de fevereiro, foi instalada no edifício da Faculdade de Direito. Também contava com um curso de dois anos e, como a anterior, atenderia inicialmente apenas aos homens. Apresentava como novidade duas cadeiras. A primeira composta pelas disciplinas de Língua Nacional, Língua Francesa, Aritmética e sistema métrico, Caligrafia, Doutrina Cristã, Metodologia e Pedagogia. A segunda cadeira contava com História Sagrada e Universal, inclusive do Brasil; Geografia e Cosmografia. Em 1875 seria instalada, no Seminário da Glória, a seção feminina, criada pela lei nº 52, de 21 de abril.⁴⁵

Com a introdução de uma nova turma seriam criadas mais duas cadeiras com a seguinte disposição:

Escola Normal de São Paulo: 1875-1878	
1ª Cadeira	Língua Nacional e Aritmética.
2ª Cadeira	Francês, Metódica e Pedagogia.
3ª Cadeira	Cosmografia e Geografia, especialmente do Brasil.
4ª Cadeira	História Sagrada e Universal e Noções Gerais da Lógica. ⁴⁶

⁴² Para o estudo crítico da escola normal no império, ver o trabalho de Marcia Hilsdorf Dias, *Professores da Escola Normal de São Paulo (1846-1890): A história não escrita*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 2002.

⁴³ Tanuri, *O ensino Normal...* pp. 15 e 18.

⁴⁴ Reis Filho, *A educação e a ilusão liberal*, pp. 128-29.

⁴⁵ *Ibid.*, pp.129-30.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 130.

Em 1878 foram encerradas as atividades desta escola que havia, até então, formado 44 professores: 27 homens e 17 mulheres.⁴⁷ O principal motivo alegado para o fechamento, pelo novo governo liberal de João Batista Pereira na presidência da Província, foi a ausência de verbas. Tanuri argumenta que embora o Poder Legislativo não tivesse realmente votado as verbas para a manutenção da Escola Complementar desde a instalação, as suas despesas, assim como as de outros serviços não contemplados com verbas específicas, vinham sendo feitas sob uma rubrica geral do orçamento – “Disposições Legislativas”. A alegação de João Batista Pereira, de que não queria contrariar a Lei nº 6, de 13/3/1878, que proibia despesas não consignadas no orçamento, não se sustentava “uma vez que o Presidente não hesita em violar esta mesma lei, realizando despesas para outros serviços e escriturando-as sob a rubrica de ‘Disposições Legislativas’.”⁴⁸

De qualquer forma a terceira Escola Normal de São Paulo, somente seria reaberta pela Lei nº 130, de 25 de abril de 1880 e inaugurada em 2 de agosto, trazendo nesta fase uma nova organização. As aulas passavam a ser mistas, a escola teria a figura de um diretor subordinado ao presidente da província e as suas cinco cadeiras, distribuídas pelos três anos de curso, compreenderiam a seguinte configuração:

Escola Normal de São Paulo: 1878-1887	
1ª Cadeira	Gramática e Língua Nacional.
2ª Cadeira	Aritmética e Geometria.
3ª Cadeira	História e Geografia.
4ª Cadeira	Pedagogia e Metodologia.
5ª Cadeira	Francês, Física e Química. ⁴⁹

Junto ao estabelecimento havia sido criado o curso preparatório, atendendo, com duas classes, moças e rapazes. A Escola Normal passava a, gradualmente, desempenhar um papel de importância na inovação do ensino. A ampliação do quadro de disciplinas a atuação de alguns professores, contribuía para a melhor formação do professor primário e para a renovação dos métodos de ensino.⁵⁰

⁴⁷ Reis Filho, *A educação e a ilusão liberal*, p. 130.

⁴⁸ Tanuri, *O ensino Normal...* pp.31-32.

⁴⁹ Reis Filho, *A educação e a ilusão liberal*, p. 131.

⁵⁰ Ibid., p. 131.

A Escola Normal seguia a sua marcha e, com a Lei nº 81, de 6 de abril de 1887, sofreria sua última transformação no período imperial, tendo suas cadeiras ampliadas para um número de oito:

Escola Normal de São Paulo: 1887-1890	
1ª Cadeira	Português
2ª Cadeira	Aritmética e Geometria
3ª Cadeira	Geografia e História
4ª Cadeira	Pedagogia, Metodologia e Religião
5ª Cadeira	Física e Química
6ª Cadeira	Francês
7ª Cadeira	Caligrafia e Desenho
8ª Cadeira	Caligrafia e Desenho ⁵¹

Por volta do período inicial da República brasileira verificava-se uma série de mudanças significativas que se manifestavam nos mais diversos campos. Ao progresso material e à modernização do Estado, conseguidos com a intensa cultura e o comércio do café, com a construção e expansão das estradas de ferro, com o início da industrialização, com a substituição da mão-de-obra escrava pelo crescente afluxo de imigrantes, somava-se a instalação de importantes agências culturais e de saber como: o Instituto Bacteriológico em 1892; a Escola Politécnica em 1893; a Biblioteca Pública em 1895; a Escola de Engenharia do Mackenzie College em 1896; o Instituto Butantã e a Escola Livre de Farmácia em 1899; a Escola Agrícola Prática de Piracicaba, já citada, em 1901; e a Faculdade de Medicina em 1913. Na Capital, 1894 e Campinas, 1896, eram instalados os primeiros ginásios do Estado e recriação da escola normal republicana em 1890.⁵²

Desta forma, segundo a apreciação de Leonor Tanuri, o Estado de São Paulo se caracterizaria no início do novo regime também por suas iniciativas de organização do sistema público de ensino, em todos os níveis e ramos, favorecidos por um lado, pelo processo de modernização – econômico, industrial, urbano e demográfico – e por outro lado, em decorrência dos suportes dos ideais e das primeiras administrações republicanas.⁵³ Lembramos que a década de 1890 é aquela na qual Thales viveu a sua infância e em seguida

⁵¹ Reis Filho, *A educação e a ilusão liberal*, p. 133. A 7ª e a 8ª cadeiras eram destinadas uma para cada sexo, pp.42-43.

⁵² Tanuri, *O ensino Normal...* pp. 76-77.

⁵³ Ibid., p. 78.

freqüentaria a Escola Complementar de Piracicaba, uma versão dessa escola normal republicana recém inaugurada.

Hilsdorf nos informa que as idéias e práticas empreendidas, ao longo dos anos de 1870 e 1880 por Rangel Pestana e seu grupo, seriam retomadas por ocasião da reforma da instrução pública realizada pelos republicanos cafeicultores ao chegarem ao poder em 1889. Apontamos, entre elas, a implantação do ensino intuitivo na Escola Normal, base da formação dos professores primários, de acordo com as proposições da reforma de 1890; a construção das escolas/monumentos, convertidos em símbolos da nova ordem política; e o diagnóstico da situação do ensino, mandado executar por Cesário Motta Jr. ao se tornar, em fevereiro de 1893, o responsável pela pasta da instrução pública.

Quanto ao trabalho de Caetano de Campos, um dos companheiros de Pestana, em torno da explicitação do ensino intuitivo, a historiografia da educação tem apontado que a prática desta orientação teria o seu caráter “mais voltado para o treinamento dos futuros mestres nas práticas de observação e reprodução do que faziam os professores da Escola Modelo anexa à Normal” e menos para o desenvolvimento da teoria pedagógica.

Cesário Motta Jr., por sua vez, pretendia, segundo o que estabelecera como diretriz, “garantir a dignidade profissional dos mestres a partir do pleno domínio da metodologia intuitiva e da aceitação por eles do planejamento racional do sistema escolar”. Para tanto havia criado os Grupos Escolares.

Ainda segundo Hilsdorf, a rigor, entre os anos de 1890-1900, os republicanos cafeicultores redesenharam e reproduziram todo o sistema público paulista, criando ou reformando instituições desde a escola infantil até o ensino superior, além de definirem a pedagogia que nelas seriam praticadas; conforme a relação dessas instituições que mostramos acima.⁵⁴

Em relação à Escola Normal podemos dizer, em linhas gerais, que ela se apresentava como modelo a ser seguido, inclusive pelos demais estados e encaminhava-se rumo à ampliação dos estudos científicos. A valorização da ciência, incluindo certa herança do Império – spencerismo, darwinismo, positivismo – se justificava junto ao modelo na medida em que era considerada “como centro de todo o saber humano, capaz de desenvolver a atitude crítica que deveria presidir qualquer atividade educativa”.⁵⁵

Também se verificava princípios de renovação técnica e pedagógica a partir da adoção do pensamento de Pestalozzi, Froebel e Herbart, inclusive pelas suas apropriações francesas

⁵⁴ Hilsdorf, *História da educação brasileira: leituras...* pp. 65-66.

⁵⁵ Tanuri, *O ensino Normal...* pp. 80-81.

conforme nos mostra Analete Schelbauer.⁵⁶ Estes autores e suas idéias já faziam parte do conhecimento dos educadores brasileiros desde as duas décadas finais do século XIX, chegando mesmo a inspirar algumas das reformas de então, como a de Leôncio de Carvalho e os *Pareceres* de Rui Barbosa em 1882.⁵⁷ Os procedimentos didáticos baseados nessas idéias puderam ser extraídos também das escolas criadas por missões protestantes americanas instaladas no Estado de São Paulo, na Escola Americana, de confissão presbiteriana, fundada na capital em 1870 e no Colégio Piracicabano, metodista, instalado em Piracicaba em 1881.⁵⁸

Aliás, parece ter sido a ligação estabelecida entre Rangel Pestana, que na transição entre o Império e a República havia se tornado o principal articulador do movimento educacional vinculado às escolas leigas de iniciativa particular (e gratuita para os pobres) financiadas por maçons, fazendeiros, clubes etc., e Horace Lane, o qual nas décadas de 1880/1890 ocupava a cadeira de Diretor da Escola Americana, que desencadeou o processo de elaboração e implantação dos moldes estabelecidos pela Escola Normal da Praça da República executado por Caetano de Campos. Teria sido ainda Horace Lane quem apresentou a Rangel Pestana a pessoa que seria responsável pelos trabalhos de organização das escolas-modelo da rede pública do Estado, de acordo com a Reforma de 1890, a professora de pedagogia da Escola Americana, Miss Márcia P. Browne, e também a sua companheira de trabalhos, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, esta última, também com formação americana.⁵⁹

Em virtude destes vínculos estabelecidos com ambas as correntes e da análise da questão educacional para o país, acolhia-se a idéia da Escolas-Modelos,

*concebidas como um campo de experimentação e demonstração prática da nova metodologia do ensino intuitivo, à semelhança da “training School” americana, [que] eram o cerne da reforma projetada por Rangel Pestana e realizada por Prudente de Moraes com o decreto n° 27, de 12 de março de 1890.*⁶⁰

Prudente de Moraes, o piracicabano Presidente do Estado de São Paulo depois de 1889, considerando a impossibilidade de realizar toda a reforma escolar, optou por iniciá-la

⁵⁶ Analete Regina Schelbauer, *A Constituição do método de ensino intuitivo na Província de São Paulo (1870-1889)*. (Tese de Doutorado), São Paulo: FEUSP, 2003.

⁵⁷ Tanuri, *O ensino Normal...* pp.81-82.

⁵⁸ Ibid., p. 82.

⁵⁹ Hilsdorf, *Francisco Rangel Pestana – jornalista, político, educador*. (Tese de Doutorado), São Paulo: FEUSP, 1986, pp. 172, 188, 191, 208, 209.

⁶⁰ Ibid., p. 209.

pela Escola Normal. A 12 de março de 1890 o Dec. nº 27 reforma a esta modalidade de ensino transformando as escolas anexas em escolas-modelo.⁶¹

A Escola Normal não apresentava grandes alterações, se comparada a sua antecessora. O curso a ser organizado em três anos, poderia admitir rapazes com a idade mínima de 17 e moças a partir dos 15 que tivessem sido aprovados em exames prestados na Escola Normal, liceus de instrução pública que se criassem no Estado ou ainda nos cursos superiores da República⁶². As disciplinas seriam distribuídas, de acordo com o mesmo decreto em seu Art. 6º e § único da seguinte maneira:

Matérias introduzidas no curso pelo Decreto nº 27 de 12/3/1890		
1º ano	2º ano	3º ano
Português	Português	História do Brasil
Aritmética	Álgebra e Escrituração Mercantil (M)	Biologia
Geografia e Cosmografia	Geometria	Educação Cívica e Economia Política
Exercícios Militares (M)	Física e Química	Organização das Escolas e sua Direção
Caligrafia e Desenho	Ginástica	Exercícios Práticos
Prendas e Exercícios Escolares (F)	Música	
	Desenho	
	Economia Doméstica e Prendas (F)	
OBS.: As letras (F) e (M) indicam as matérias reservadas exclusivamente para os cursos de alunos do sexo feminino e masculino respectivamente.		

Assim, tal qual a Escola Normal dos últimos decênios do período monárquico, mantinha-se a mesma duração do curso e as mesmas exigências para o ingresso. A novidade era a introdução de algumas disciplinas novas como Álgebra e Escrituração Mercantil, Biologia, Educação Cívica e Economia Política, Música e Educação Física. Outra distinção significativa seria a supressão da Língua Francesa e, determinado pelo Decreto nº 34, de 25/3/1890, o banimento da Educação Religiosa do programa de todas as escolas públicas do

⁶¹ Tanuri, *O ensino Normal...* p. 84.

⁶² Conf. Dec. nº 27, de 12/3/1890, art. 8º. *Apud* Tanuri, p. 87.

Estado, o que explicitava o triunfo dos liberais e a conseqüente separação entre Estado e Igreja.⁶³

O conjunto de mudanças empreendidos na instrução pública do período e que ficou conhecido como Reforma Caetano de Campos trouxe anexa à Escola Normal criada, a Escola-Modelo, como instrumento idealizado para a formação profissional. Nela os normalistas poderiam, na observação do trabalho dos mestres, verificar as formas adequadas da instrução a ser destinadas às crianças.

Por meio desta observação sistemática esperava-se que o futuro mestre reproduzisse os mesmos métodos de ensino. A inspeção escolar deveria garantir, por seu turno, a uniformização do sistema a ser implantado.

*Para assegurar a excelência do modelo a ser imitado, Caetano de Campos enumera os ingredientes que garantiriam o sucesso de sua reforma: mestres formados no estrangeiro para os alunos-mestres da Escola Modelo; moderno e profuso material escolar importado; prédio apropriado e ‘criação de bons moldes’ de ensino.*⁶⁴

A Reforma Caetano de Campos teve vida curta e não seria capaz, tal como foi idealizada, de formar, no que tange ao ensino normal, os professores necessários para o atendimento da demanda daquele momento. Gabriel Prestes, deputado participante da Comissão de Instrução da Câmara dos Deputados e um dos principais envolvidos com os debates da reforma de 1892 explicava que, seguindo a média de formandos de 30 professores anuais, como até então ocorria, levaria mais de sessenta anos para atender as necessidades do Estado.⁶⁵

Uma nova reforma, sob a Lei nº 88, de 8.9.1892, se apresentaria com pretensões de equacionar o problema, ainda que ele fosse resolvido, de fato, em 1895. Segundo Tanuri, esta seria a mais completa realizada até então: concebida no governo de Bernardino de Campos e executada, inicialmente, sob a direção de Cesário Mota, titular da pasta do Interior, dividia o ensino primário em dois cursos, o preliminar e o complementar; criava os “ginásios, cursos secundários inexistentes até aquele momento no Estado; e um curso superior anexo à Escola Normal da Capital, o qual deveria formar professores para as escolas normais e para os

⁶³ Tanuri, *O ensino Normal no Estado de São Paulo...* p. 87.

⁶⁴ Carvalho, Marta Maria Chagas de. “Reformas da Instrução Pública”. In. E. M. T Lopes; L. M Faria Filho; C. G. Veiga, (org.) *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 226.

⁶⁵ Tanuri, *O ensino Normal...* p. 90.

ginásios. Logo depois, pela reunião das escolas isoladas herdadas do Império, seriam criados os “grupos escolares”.⁶⁶

O currículo enciclopédico da Escola Normal embora ainda com um curso previsto para três anos⁶⁷, passava a incluir novas disciplinas: Inglês, Alemão, Astronomia Elementar, Anatomia, fisiologia, Higiene, Agrimensura e, pela primeira vez, Psicologia.⁶⁸ Essa conformação do curso foi modificada através da Lei 169, de 7/8/1893, oriunda de um projeto apresentado por Gabriel Prestes. Entre as principais mudanças na estrutura figurava a expansão do curso de três para quatro anos. Em relação ao programa, substituíam-se a cadeira de Alemão pela de Latim e incorporava-se a cadeira de Psicologia e Moral à de Pedagogia e Direção de Escolas.

Tanto a necessidade do estabelecimento de novas escolas normais para o atendimento da demanda quanto o seu elevado custo, consideradas a estrutura adequada a sua efetivação, levou os legisladores a conceberem outra alternativa de escola para a formação de docentes. O caminho encontrado, que inclusive já havia sido parcialmente percorrido por meio da sugestão da Lei nº 88 de 1892, foi o de implementar algumas mudanças no caráter do Curso Complementar de modo que ele pudesse servir de instrumento para a formação de professores preliminares, o que foi efetivamente garantido pela Lei nº 374, de 3/9/1895, que em seus art. 2º, § 3º e art. 3º, § único, propiciou aos formandos do Curso Complementar o direito de serem nomeados como professores preliminares, incluindo as mesmas prerrogativas concedidas aos diplomados pela Escola Normal sendo que, para tanto, deveriam cursar um ano de prática de ensino nas escolas-modelo do Estado.⁶⁹

Cria-se, por este expediente, uma dualidade de cursos, para a formação de professores primários. O da Escola Normal, criado especificamente para isto, e o da Escola Complementar, baseado em uma formação cultural e obtendo a abertura para a preparação ao magistério. Esta oferta foi pensada pelo grupo que controlava o sistema de ensino como uma solução mais econômica para a formação de professores, num movimento de oferta antecipatória como caracteriza a bibliografia.⁷⁰ Do ponto de vista dos candidatos a essa escola criava-se uma oportunidade de trabalho que foi amplamente utilizada, como nos mostrou os exemplos nos quais as complementaristas de Piracicaba estiveram envolvidas procurando por disponibilidade de vagas, movimento esse que pôde ser verificado no decorrer da pesquisa.

⁶⁶ Tanuri, *O ensino Normal...* pp. 90-91.

⁶⁷ O prolongamento do curso da Escola Normal, entre outras mudanças, se deu pela Lei nº 169, de 7/8/1893. *Apud* Tanuri, p. 96.

⁶⁸ Tanuri, *O ensino Normal no Estado de São Paulo* pp. 92-93.

⁶⁹ *Ibid.*, pp. 96-97, 101-102.

⁷⁰ Hilsdorf, *História da educação brasileira: leituras*, pp. 61-62.

Ao levantarmos dados acerca da trajetória de Thales de Andrade encontramos matérias jornalísticas sobre a explosão da demanda, como nos informa um artigo da *Gazeta de Piracicaba* no início do ano letivo de 1909, o qual noticia que as aulas previstas para começarem em 16 de fevereiro seriam perturbadas em virtude da impossibilidade da finalização dos exames de habilitação em tempo hábil, devido à intensa procura das candidatas por vagas. Havia na ocasião, segundo o relato, 21 vagas para o primeiro ano feminino e 87 concorrentes. A solução proposta pelo articulista, dirigindo-se ao Secretário do Interior, foi a criação de uma turma suplementar. Nos anos seguintes o excesso de candidatas em relação ao número de vagas oferecidos continuava grande, o que obrigou a administração local a remanejar as crescentes turmas para outro edifício e desdobrar os turnos das aulas para os primeiros anos.⁷¹

Entre 1895 a 1911 o estado de São Paulo passaria a contar, gradativamente, com cinco escolas complementares. A primeira delas, em 1895, seria a anexa a Escola Normal da Capital. Deveria servir de paradigma às demais como escola de aplicação. Em 1897 instalaram-se a anexa à Escola-Modelo “Prudente de Moraes”, também na cidade de São Paulo, a de Itapetininga e a de Piracicaba [Fig. 3]. Em 1903 surgiram a Escola Complementar de Campinas e a de Guaratinguetá. Esta última foi instalada devido a transferência gradativa da Escola Complementar “Prudente de Moraes”, da capital paulista.⁷²

As cinco Escolas Complementares foram organizadas, do ponto de vista do currículo, com a mesma estrutura enciclopédica da Escola Normal, excetuando-se parte correspondente à formação pedagógica: curso de quatro anos, treze cadeiras (e a mesma quantidade de professores) e mais três aulas com seus respectivos mestres. Este modelo, semelhante ao da Escola Normal da capital, foi entendido como impossível de ser posto em prática e, em nova proposição, a sua forma seguinte seria a estatuída pela Lei nº 374, de 3/9/1895, a qual determinava a distribuição do conteúdo total do programa entre quatro professores polivalentes, um para cada ano letivo.⁷³

Usamos abaixo as informações fornecidas por Reis Filhos, constantes do Decreto nº 397, de 9.10.10.1896⁷⁴, para apresentar as disciplinas que seriam ministradas no Curso da

⁷¹ “Escola Complementar”. *Gazeta de Piracicaba*: 17 fev. 1909; 08 fev. 1911; 31 mar. 1911.

⁷² Tanuri, *O ensino Normal no Estado de São Paulo*, p. 105.

⁷³ Ibid., pp. 105-107.

⁷⁴ Reis Filho, *A educação e a ilusão liberal, passim*. Os dados referentes à Escola Normal são os previstos para o Regulamento dessa instituição. O Plano de Estudo da Escola-Modelo Complementar, por sua vez, foi estendido, por meio da aprovação do Conselho Superior da Instrução Pública, para as demais escolas complementares do Estado, como parte do seu regimento interno, conforme Decreto nº 400, de 6.11.1896. p. 139.

Escola Normal de São Paulo e nas Escolas Complementares, segundo a sua distribuição por série:

Escola Normal e Escola Complementar: distribuição de disciplina por ano letivo		
Ano Letivo	Escola Normal	Escola Complementar
1º ano	Português Francês Aritmética e álgebra Escrituração mercantil (M) Geografia do Brasil História do Brasil Caligrafia e desenho Trabalhos manuais Música	Português Francês Aritmética Geografia do Brasil Caligrafia, desenho e exercícios ginásticos
2º ano	Português Francês (conclusão) Latim Geometria, trigonometria e agrimensura (aplicações [apenas para (M)]) Geografia Geral Desenho (Conclusão) Música (conclusão) Economia doméstica (F)	Português Francês Geometria plana e no espaço Educação Cívica (noções gerais da Constituição Pátria e do Estado) Desenho e exercícios militares Álgebra, até a equação de 2º grau, inclusive, e escrituração mercantil
3º ano	Português (história da língua) Latim (conclusão) Inglês Física e química Astronomia e mecânica Exercícios militares (M); ginástica Exercícios de ensino (Escola-Modelo)	Português Elementos de trigonometria e mecânica Cosmografia Geografia e história geral Trabalhos manuais apropriados à idade e ao sexo, e exercícios ginásticos
4º ano	Inglês (conclusão) História natural Anatomia e fisiologia Pedagogia e direção de escolas História universal Exercícios de ensino	Física Química História natural Noções de higiene Economia doméstica (F); exercícios ginásticos

	(Escola Modelo)	
--	-----------------	--

Como é possível observar no quadro comparativo, o curso complementar diferia significativamente do normal. Nota-se a ausência não apenas das matérias destinadas à formação profissional, mas também de outras como Música, Inglês, História do Brasil e Agrimensura, disciplina ausente de um curso instalado especialmente nas cidades do interior. Assim, podemos dizer, concordando com Tanuri, que o Curso Complementar era bem mais modesto e acanhado. Ele perdera, em virtude das mudanças para a sua implementação, a qualidade prevista por seu projeto original. De imediato sofrera a redução do número de professores a quatro polivalentes e, a seguir, a diminuição do próprio período de estágio, pensado inicialmente em dois anos e tendo se transformado pela Lei nº 861, de 12.12.1902, num período de apenas seis meses.⁷⁵

O curso, nestes moldes, funcionou até o ano de 1911, embora durante todo o tempo tenha sofrido diversas críticas acerca de sua constituição. O fato das escolas complementares terem adquirido função profissional significava, àqueles que a censuravam, “uma ruptura dos padrões de ensino primário e normal formulados pelas primeiras reformas republicanas, além de sua marcante inferioridade em face do único estabelecimento representativo desse padrão, na esfera do ensino normal”⁷⁶, o que não impediu, como vimos, a procura por esses estabelecimentos de curso complementar pelos candidatos a carreira do magistério.

Finalmente, o ano de 1911 marcaria outra modificação em relação às escolas complementares, que a partir de então, seriam transformadas em Escolas Normais Primárias pelo Decreto nº 2025 de 29 de março.⁷⁷ A crescente demanda, tanto pelas escolas complementares quanto em relação à expansão das escolas primárias, criava a necessidade do aumento do número de vagas para o magistério. Outro fator que se interpunha era a dificuldade do provimento de vagas para as escolas rurais do interior. Em busca da solução para a questão procurava-se, por meio da legislação, obrigar os alunos a iniciarem seu exercício por meio de estágios nestas escolas.

Com a transformação das escolas complementares em escolas normais primárias mudava-se a estrutura da grade de disciplinas as quais deveriam ser distribuídas entre onze

⁷⁵ Tanuri, *O ensino Normal...*pp. 106-108.

⁷⁶ Ibid., p. 124.

⁷⁷ Escolas Complementares transformadas em Escolas Normais Primárias: a anexa à Escola Normal da Capital, Guaratinguetá, Campinas, Piracicaba. Em 1911 foram instaladas as Escolas Complementares de Pirassununga e Botucatu e em 1913 as de Casa Branca e do Brás na cidade de São Paulo, esta última apenas para mulheres. Ainda em 1911 foram também instaladas duas Escolas Normais Secundárias nos mesmos moldes da Escola Normal da Capital, uma em Itapetininga e outra em São Carlos. Cf. Tanuri, p. 127.

professores e acrescentava-se uma disciplina específica para a formação profissional, a Pedagogia. Assim, o Plano de Estudo da Escola Normal Primária, segundo o Decreto nº 2025, de 29.3.1911 e aprovado pela Lei nº 1311, de 2.1.1912 ficaria definido da seguinte forma: Português; Francês; Aritmética; Álgebra e geometria; Geografia Geral e do Brasil; História Geral e do Brasil; Noções de Física e Química e História natural com aplicações à Agricultura e à Zootecnia; Pedagogia e Educação Cívica; Música; Caligrafia e Desenho; Ginástica; Trabalhos manuais e Economia Doméstica (a última apenas para as mulheres).⁷⁸

Na análise que faz do período, Tanuri observa a preocupação do legislador com a agricultura e com o atendimento escolar para as crianças das zonas rurais, denotado através da inclusão de Zootecnia e Agricultura no plano de estudo das escolas normais primárias e secundárias.⁷⁹ O objetivo era atender a essa população com um ensino adequado ao meio, já que a importante economia cafeeira exigia a instrução do homem do campo, responsável por parte significativa da produção da riqueza nacional no período. Ademais, tendo geralmente que iniciar a sua prática pedagógica na zona rural, o professor deveria conhecer estas disciplinas.⁸⁰ Ora, como vimos no quadro acima, o currículo da escola complementar não contemplava esses conhecimentos que, ao contrário, eram atendidos pelo componente “Agrimensura” no currículo da escola normal da capital. Com a criação da escola normal primária houve a correção dessa lacuna. Entendemos que isso representou um indício de um recrudescimento na sociedade, e no âmbito dos legisladores, das tendências das linhas ruralistas. Esta interpretação que fazemos pode ser confirmada pela realização de um evento ocorrido nesse mesmo momento que recoloca em discussão, de maneira muito evidente, esses interesses: o Congresso de Ensino Agrícola do Estado de São Paulo.

A Escola Complementar, continuaria a sofrer constantes mudanças que, entretanto, não serão objetos de análise deste trabalho. Interessa, todavia, definir, de maneira geral, o contexto de formação de Thales Castanho de Andrade e é justamente o ano de 1911 uma data emblemática, tanto para a Escola Complementar, que é transformada no decorrer deste ano letivo em Escola Normal Primária, quanto para o educador, que concluiu a sua formação profissional no mesmo período.

Dáí em diante Thales inicia o seu exercício do magistério na escola rural da Estação Banharão, confirmando as diretrizes legais. Não temos informações a respeito, mas cabe

⁷⁸ Tanuri, *O ensino Normal...* pp. 127-28, 130.

⁷⁹ A Lei nº 1341, de 16/12/1912 reformou as Escolas Normais, transformando-as em Escolas Normais Secundárias.

⁸⁰ Tanuri, p. 133.

questionar se houve tempo hábil em sua formação para contemplar os novos componentes de agrimensura, zootecnia e agricultura.

4. O Congresso de Ensino Agrícola e as propostas para o sistema de ensino

Notamos a sensibilidade de Tanuri, ao tratar da questão rural na educação pela via do Primeiro Congresso de Ensino Agrícola do Estado de São Paulo. A abordagem – atenta para a necessidade de um ensino adequado à população rural, do ponto de vista estratégico da economia agrícola – será aqui retomada levando também em consideração o contexto sócio-educativo piracicabano. Ou seja, observamos alguns dos pontos desse congresso tendo em vista que ele ocorreu no momento da passagem da formação dos complementaristas para normalistas e dos possíveis vínculos da comunidade piracicabana escolar com as idéias debatidas na ocasião. Essas idéias provavelmente, repercutiram nas aulas, como nos sugere o título do artigo escrito pelo aluno Thales de Andrade, no mesmo ano, “Instrução e agricultura”, referindo-se à questão, e que apontaremos como um dos elementos de elaboração do livro *Saudade* de sua autoria.⁸¹

O congresso foi convocado em maio de 1911 por Antônio de Pádua Salles, secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, durante o governo de Manuel Joaquim de Albuquerque Lins (1.5.1908 a 1.5.1912).⁸²

De acordo com os dados divulgados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em sua edição de 27.5.1911, à página 6, de onde colhemos algumas informações – especialmente as referentes às falas de Luiz Pereira Barreto – o evento foi realizado na capital paulista e contou com as presenças de figuras ilustres que apresentaram teses de relevo na época para a equação dos pontos relativos ao temário sugerido.

Dentre os nomes dos congressistas, e conforme os destaques de Percin, mencionamos os de cientistas contratados para instituições da época, como Jacques Arié, Arthaud Berther, Rosário Aversa Saccá, Horace Lane, Otto Pittsch e Amos Post. Na presidência do evento estava Assis Brasil e na vice-presidência Luiz Pereira Barreto. Entre os profissionais importantes da agronomia e do ensino citamos Edmundo Navarro de Andrade, Lourenço

⁸¹ Essa hipótese foi sugerida por Thales em diversos artigos publicados na imprensa piracicabana uma vez que o próprio artigo não foi localizado no decorrer da pesquisa.

⁸² Percin, *Os Passos do Saber...* p. 360.

Granat, Gustavo d'Utra, Antônio de Milita, Adalberto Queiroz Telles, Renato Zamith, Emilio Castelo, Domingos Jaguaribe, Oscar Thompson e Clinton D. Smith.⁸³

A Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, na pessoa de Antônio de Pádua Salles, manifestava-se no sentido de proporcionar a discussão dos investimentos para o setor e propor uma revisão geral do ensino agrícola que, naquele momento, conforme avalia Perecin, se apresentava “bastante valorizado sob a ótica da sua importância para o desenvolvimento da agroindústria paulista.”⁸⁴

Conforme a matéria de *O Estado de S. Paulo* o conjunto das perguntas sugeridas para a formulação das teses do congresso abrangia uma série de questionamentos que estavam então em voga e que deveriam responder aos urgentes anseios da educação agrícola pensados até aquele momento. O questionário, distribuído entre as comissões, contava com os seguintes pontos:

- I – No Estado atual da nossa agricultura convém cuidar desde já da organização do ensino agrícola sob os três aspectos, elementar, médio e superior?
- II – O tipo dos aprendizados agrícolas do Estado preenche as condições exigidas para o ensino elementar ou carece de modificações? Quais?
- III – As escolas preliminares das povoações rurais deverão ter no seu programa o ensino elementar agrícola? Qual deverá ser?
- IV – A Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz” de Piracicaba, satisfaz o ensino agrícola médio ou carece de modificações? Quais?
- V – Convém desde já criar no Estado escolas especiais de agriculturas? Quais?
- VI – Há ou não vantagens em desenvolver o ensino nômade agrícola e no caso afirmativo qual será o modo que melhor se adapte às nossas condições?
- VII – Cogitando o governo federal da criação de uma escola superior de agricultura, deverá o Estado cogitar criar outra?
- VIII – Como e onde deve o professorado público habilitar-se para ministrar o ensino de história natural agrícola? Convirá a criação de duas cadeiras, uma de agricultura e outra de zoologia agrícola nas escolas normais e complementares?
- IX – Convém desde já criar um conselho superior de ensino agrícola no Estado?⁸⁵

Luiz Pereira Barreto, médico, intelectual, positivista ilustrado na Europa e defensor da modernização via agricultura, conforme deixou claro em seus diversos artigos publicados na

⁸³ Perecin, *Os Passos do Saber...* p. 374.

⁸⁴ Ibid., pp. 360-61.

⁸⁵ “Congresso de Ensino Agrícola”. *O Estado de S. São Paulo*, 27 maio 1911.

imprensa⁸⁶, foi o primeiro vice-presidente do congresso. Ali destacaria em sua intervenção inicial, relata o *Estado*, a importância dada pelos países estrangeiros ao ensino agrícola nos quais meninos e adolescentes deveriam ter por ponto de partida “um mesmo molde disciplinar”, sendo este, a instrução agrícola.

Definia a agricultura como um campo no qual toda a sociedade teria uma dívida, pois seria ela a geradora das riquezas, das artes, da indústria além de, entre outras benesses, propiciadora das elegâncias da vida moderna. Assim, seria necessário empreender esforços para “vencer as forças brutas da natureza”. Vencidos os obstáculos de acesso a terra, pela via da ciência essas “forças brutas” iriam se transformar em aliados do homem, pondo-se ao seu serviço.

Na continuidade de sua linha de pensamento, Barreto afirmava que se em tempos remotos, nas cavernas, as batalhas se deram com dentes e garras, nos tempos modernos o homem concorreria com outros povos civilizados. Seria vencedor quem mais soubesse, quem mais produzisse, quem mais cercasse a vida social de garantias de alimentos e de conforto. Em seguida, considerando esse contexto, questionava se o Brasil e São Paulo estariam preparados para representar a civilização moderna ou se seriam colocados à margem, devido ao seu despreparo.

Barreto tratava das questões do congresso e se colocava enfaticamente a respeito delas. Recorria ao livro *A Cultura dos Campos*, de autoria de J. F. Assis Brasil. Qualificando-o de “o sacrossanto evangelho da nossa pátria”, nele destacava uma crítica, constante do prefácio, na qual o Brasil apesar de possuir “enormidade de terreno”, importava por ano mais de cem mil contos de reis de produtos alimentícios. Afirmava que sob tais condições não haveria independência nacional e, nesse sentido, aplaudia a iniciativa do Secretario da Agricultura por promover um evento como o Primeiro Congresso de Ensino Agrícola. Tendo em vista a condição do Brasil como país dependente de produtos alimentícios, o orador concordava com a tese que propunha “a organização do ensino agrícola sob os três aspectos, elementar, médio e superior”.

Outro ponto destacado por Barreto, também tese do congresso, é remetido à necessidade das escolas preliminares das povoações rurais contarem em seu programa com o ensino elementar agrícola. Afirmava que se preocupava também com a gradação do ensino para cada idade, e com a inexistência de um corpo docente próprio para tal tarefa, sendo preciso para tanto, formar mestres do dia para a noite. Falou das dificuldades para isso, mas

⁸⁶ Percin, *Os Passos do Saber...* p. 90.

também de sua extrema necessidade, inclusive citando exemplos de outros países, como a França, no final do século XIX, onde foram precisos mais de trinta anos para organizar essa modalidade de ensino e mais dez para surgirem os primeiros resultados. Uma especificidade do caso, que considerou um “verdadeiro milagre”, foi o impulso obtido por este tipo de ensino quando os poderes públicos resolveram premiar os mestres-escola, com quantias de 100 a 300 francos, que se destacassem “pela habilidade em ministrar aos meninos o ensino agrícola elementar”.

Barreto mostrava-se otimista para uma reforma desta magnitude no Brasil até porque não haveria no país a tradição de resistências contra esse tipo de mudança. Apontou como exemplo o sucesso das Escolas Normais, dos Ginásios e dos grupos escolares e fez um prognóstico positivo para o sucesso do ensino agrícola.

Ainda no intento de responder ao secretário outra das teses, a que questionava qual seria o nosso ensino agrícola, Barreto considera a necessidade de fornecer aos mestres um guia prático elementar. Em seguida disserta também sobre a importância do método. Aos mestres caberia mais do que a transmissão de conteúdos aos alunos para que estes os decorassem e os repetissem como papagaios. O mestre deveria se dirigir inicialmente à inteligência dos meninos, despertá-la, exercitá-la, fortalecê-la. “É incompetente todo mestre que não sabe fazer uma lição de coisas, que não percebe os recursos didáticos, que não podem fornecer a observação dos fatos diários da vida agrícola e uma experimentação elementar”. Sugere, então, demonstrações e experimentações simples, para se fazer compreender as condições essenciais da vida das plantas, as razões dos trabalhos ordinários da cultura da terra, os princípios básicos da higiene do homem e dos animais domésticos.

Indica em sua fala que:

*O alvo capital do ensino agrícola primário é iniciar o maior número possível de meninos do campo nos conhecimentos elementares indispensáveis para ler com fruto um livro de agricultura moderno e inculir-lhes ao mesmo tempo o amor à vida campestre e um elevado sentimento de dignidade pela profissão rural.*⁸⁷

Segundo lemos no *Estado* Pereira Barreto sugeria a bibliografia existente direcionada ao ensino elementar. Citou a série de opúsculos do dr. Granato como ponto de partida. Para o ensino elementar superior recorreu novamente *A Cultura dos Campos*, salientando a sua

⁸⁷ “Congresso de Ensino Agrícola”. *O Estado de S. São Paulo*, 27 maio 1911.

importância, pois o livro seguiria a marcha da evolução do ensino científico, conforme a sugestão preconizada já a partir da organização dos seus capítulos.

Referindo-se a tese na qual se questionava da necessidade de formação para ministrar o ensino de história natural agrícola e se conviria a criação de duas cadeiras na área, uma de agricultura e outra de zoologia agrícola nas escolas normais e complementares, Barreto comenta que o ponto capital, decisivo, seria o estudo da física e da química, disciplinas responsáveis, em sua aplicação prática, pelo progresso de países como a Prússia. Aquela região, inicialmente constituída de solos pobres, se tornara vanguarda na produção agrícola. Assim, sugere não apenas as duas cadeiras, mas a propagação de cursos de física e química e ainda a utilização do expediente das premiações, a exemplo da iniciativa do governo francês. Propõe também, para resolver mais rapidamente o problema de formação, seguir a experiência do Japão mandando os jovens à Europa e à América do Norte para aprenderem nas escolas há mais tempo instaladas. Salienta, para tanto, que os jovens, ao contrário dos adultos, teriam mais facilidades de aprendizagem e, nesse sentido, levariam vantagens até em relação aos mestres.

Pereira Barreto se mostra defensor da formação científica para os professores, provavelmente por influência positivista. Em segundo lugar mostra-se afinado com os procedimentos da moderna metodologia do ensino intuitivo ao falar de experimentações e demonstrações como práticas didáticas.⁸⁸ Em terceiro lugar, mais do que o ensino da agricultura e da zoologia nas escolas normais e complementares ele preconizava o estudo da física e da química, espelhando-se nos exemplos dos países que se desenvolveram com base na aplicação dessas disciplinas. Ao verificarmos o plano de estudo da lei nº 1311, de início do ano seguinte, podemos argumentar que ao menos parte de suas reivindicações foram atendidas, já que a lei previa o ensino de noções de física e química e história natural com aplicações à agricultura e à zootecnia. De qualquer modo fica claro que o Congresso, na perspectiva da história da educação tem uma grande importância e pode ser pensado como uma instância que gerou discussões e provocou tomadas de decisões, uma vez que esteve situado entre os dois momentos (Decreto nº 2025, de 1911 e a Lei nº 1311, de 1912) de regulamentação da escola normal primária e que tinham aspectos insuspeitados relativos ao ensino rural.

Thales de Andrade, quarto anista da Escola Complementar não ficaria alheio a essa movimentação de idéias conforme nos sugere o já citado artigo “Instrução e agricultura”,

⁸⁸ Para a apreciação do ensino intuitivo ver Hilsdorf, *História da Educação Brasileira: leituras*, pp. 51-52 e a tese de doutorado de Anaete Regina Shelbauer, Op. Cit., específica sobre o tema.

publicado em *O mentor* da Escola Normal de Piracicaba. Essa sugestiva manifestação pode não ter sido a única. Vimos que o registro de Thales ficou preservado por ter sido ele próprio o construtor de sua memória. Mas a falta de maiores informações a respeito somente seria amainada por uma pesquisa específica que se debruçasse sobre essas questões do ensino agrícola.

5. A Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz”

Uma das pretensões do secretario da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, com o advento do congresso era, de acordo com Perecin, constituir uma assembléia consultiva formada por especialistas em agricultura que, ao formularem e debaterem as teses originadas das questões em pauta, propiciasse, por meio das resoluções do evento, influências nas novas orientações para o próprio ensino agrônomo paulista.

O evento também apresentava suas experiências bem sucedidas, dentre elas, o instituto de ensino agrícola médio através da Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz” de Piracicaba, de onde havia saído agrônomos que difundiam a instrução e a prática agrícola em diversos centros do Estado, como particulares ou como funcionários da Secretaria de Agricultura.

Desta forma a Escola de Piracicaba tinha um papel relevante a desempenhar no congresso e dele participaria ativamente com a sua delegação formada pelo seu diretor, na época Clinton Dewit Smith, o autor da “IV TESE” – analisada pela comissão integrada por Luiz Pereira Barreto, Raul de Resende Carvalho, Gustavo D’Utra, Domingos Jaguaribe, Oscar Thompson e Brant de Carvalho –, e por dois de seus lentes, o Antonio de Pádua Dias e Émile Charropin.⁸⁹

A Escola Agrícola de Piracicaba havia nascido, em 1901, como a realização do sonho do agrônomo e fazendeiro Luiz Vivente de Souza Queiroz.⁹⁰ Foi a terceira escola mais antiga do Brasil voltada para a agronomia. Antecederam-na a Escola Agrícola da Bahia, fundada em 1877 e o Liceu de Agronomia, Artes e Ofícios de Pelotas no Rio Grande do Sul, que surgira no ano de 1888. Esta última seria convertida em curso superior em 1890.⁹¹

⁸⁹ Perecin, *Os Passos do Saber...* pp. 361-63.

⁹⁰ Luiz Vivente de Souza Queiroz (1849-1898), agrônomo formado em Grignon, França e Zurich, Suíça, era herdeiro de famílias tradicionais do interior paulista: os Paula Souza – primo em segundo grau de Antonio Francisco de Paula Souza, criador da Escola Politécnica; e os dos Paes de Barros (lado paterno) – sua avó era irmã de Antônio Paes de Barros, barão de Piracicaba. Após o período de formação retorna da Europa e, aos 24 anos, recebe a propriedade Fazenda Engenho D’Água, por herança. Foi defensor da agronomia, na época uma ciência nascente, pioneiro na educação técnica voltada para a agricultura e na iluminação urbana por eletricidade. cf. Perecin, *Os Passos do Saber...* pp., 109-110.

⁹¹ Ibid., pp. 26-7.

A partir de 1931 a instituição passaria a funcionar como curso superior e seria conhecida, a partir de então, como Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Em 1934, anexada à USP, receberia a nova denominação de Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo.⁹²

Concebida para ser uma agência do saber que pudesse responder aos anseios da modernidade agrícola que era vista, segundo a percepção de parte da *intelligentsia* e dos ruralistas, “como recurso salvacionista do país”⁹³, a Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz” atravessou a sua primeira década de existência vivenciando diversos projetos e fases distintas, sempre no nível médio como nos mostra o trabalho de Perecin que realizou o estudo a respeito e foi por nós aqui amplamente utilizado.

Após os primeiros anos Luiz de Queiroz, percebendo que a sua iniciativa particular não teria apoio oficial, por decorrência da lei nº 26 de 11.5.1892 “que criava no Estado de São Paulo uma escola superior de agricultura, uma de engenharia e dez estações experimentais” – condenando desta forma o seu projeto de *college* em Piracicaba –, decidiu doar a Fazenda São João da Montanha bem como o projeto e a construção do prédio, que haviam sido empreendidos até aquele momento principalmente por sua iniciativa, ao governo estadual com a condição de que no prazo de dez anos se instalasse ali uma escola de agronomia, caso contrário a propriedade seria leiloada e seus proventos entregues à Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba.⁹⁴

Assim, a partir de 1893, um ano após a data da doação, até 1896 os trabalhos para a construção da escola ficaram a cargo do engenheiro agrônomo Leon Alphonse Morimont, formado em Gembloux (Bélgica). A idéia central de Morimont era implementar o ensino prático de agronomia com o perfil de nível médio, conforme os planos originais de Luiz de Queiroz. O curso, de três anos, formaria agrônomos para as administrações de fazendas e para a atuação nos serviços agrícolas do Estado.⁹⁵

A escola, entretanto, conforme nos relata Perecin, não seria inaugurada naquele período. Uma série de fatores concorria para a morosidade do empreendimento. Um deles era resultante da contenção dos investimentos do governo, provocada pela crise cafeeira na fase entre 1896/97 e o questionamento das contas de Morimont pelo Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e obras Públicas, na ocasião, Álvaro Augusto da Costa Carvalho. A política de contenção de despesas e a indisposição do secretário com o

⁹² www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/escagprpira.htm. Acesso em: 7.8.2006. pp. 1-11.

⁹³ Perecin, *Os Passos do Saber...* p. 24.

⁹⁴ Perecin, *Os Passos do Saber...* p. 24, pp. 119-120.

⁹⁵ www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/. Op. Cit. p. 3.

engenheiro, levaria à exoneração deste último no mês de novembro de 1896 e a paralisação das obras.

A crise sofrida pelo projeto da escola refletia outra questão de fundo. Por um lado, a impaciência do próprio Morimont que, apesar de justificar todos os seus gastos, insistia na continuidade das obras e das verbas utilizando-se de sua fina ironia no tratamento dos representantes burocráticos, por outro lado, a incompatibilidade das duas frações do Partido Republicano. Naquele momento (1896-1898) Campos Sales estava na presidência do Estado de São Paulo, gestava a política dos governadores e se posicionava rumo a presidência da República. Prudente de Moraes, então o Presidente da República (1894-1898) não compartilhava com o colega de partido a sua práxis política. O resultado do embate os levaria a ruptura em 1901.

A retomada das linhas gerais propostas no projeto Morimont seria implementada em 1901, com a inauguração da Escola. Este era o prazo final para que a instalação da instituição ocorresse sob pena do Estado perder os direitos de doação do terreno e das benfeitorias deixadas por Luiz de Queiroz.

A escola que se inaugurou efetivamente, punha em prática na “Luiz de Queiroz” a intenção da Secretaria da Agricultura de manter com recursos próprios o ensino agrícola profissional de nível médio, independente da estrutura patrocinada pela Diretoria Geral da Instrução Pública. Os técnicos formados pela Escola Agrícola seriam, dessa maneira, preparados como agentes da modernização para o progresso do estado.⁹⁶

O decreto que empreendera o nascimento da Escola Agrícola, nº 683-A, de 29.12.1900, previa o curso de três anos ao final do qual o aluno saía com o diploma de agrônomo. Desde então, diversas alterações curriculares foram impostas à escola, em 1905, 1908, 1912, 1917, 1919, 1925, 1930 e 1934, quando foi incorporada à Universidade de São Paulo. Em síntese essas transformações resultaram segundo uma perspectiva curricular e programática, numa primeira fase, entre 1901 a 1916, das tentativas de transformar a escola numa instituição-modelo e, em um segundo momento, de 1916 a 1934, da busca pelo reconhecimento da escola como uma instituição de nível superior.⁹⁷

Durante o Congresso de Ensino Agrícola parte dos anseios que haviam movido a escola até a época foram refletidos na resposta de Clinton D. Smith, o seu diretor, à IV Tese:

⁹⁶ Percin, *Os Passos do Saber...* pp. 150-53, 178 e 185.

⁹⁷ www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/. pp. 5-6; Ver também Elza Nadai, *Ideologia do progresso e ensino superior: São Paulo (1891-1934)*. São Paulo: Edições Loyola, 1987, p. 124.

A Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz” de Piracicaba, satisfaz para o ensino médio ou carece de modificações? Quais?

Em seu pronunciamento Smith, afirmava a necessidade de algumas modificações embora, de imediato, respondesse que a instituição tinha todas as possibilidades de atender as demandas do Estado se, para tanto, houvesse o adequado investimento dos recursos financeiros.⁹⁸

Propunha, como alteração, para o curso regular um conjunto de cinco medidas⁹⁹:

1. Ampliação do curso preliminar de um para dois anos com o objetivo de atender às deficiências trazidas pelos alunos, especialmente em aritmética;
2. Acrescer, no curso regular, um ano destinado a especialização;
3. Reconhecer esse curso regular, de nível médio, como superior;
4. Ampliação das instalações;
5. Criar um curso elementar de cinco meses para aqueles que não tivessem condições de se preparar para o curso regular.

Ao final de sua exposição reafirmava que a escola deveria ser reconhecida pelo governo federal e estadual como uma instituição de ensino superior e elementar, recebendo, em consequência os recursos necessários.¹⁰⁰

A ocorrência das escolas agrônômicas e de eventos como o Congresso de Ensino Agrícola promovido pela Secretaria de Agricultura Comércio e Obras Públicas, denotava a afinção de parte do setor agrário com as propostas de educação que pudessem responder adequadamente aos seus anseios, segundo os quais, o progresso do país estaria assentado nas bases do desenvolvimento agrícola. É possível que essa proposição, e o debate dela decorrente, houvesse se estendido para o campo da instrução pública chegando ao alcance dos estudantes e mostrando as possibilidades desses caminhos. Dessa forma, podemos conjecturar que esse ideário influenciou uma parcela desses jovens que, saindo das escolas, passavam a considerá-lo no momento de construção dos seus projetos pessoais. Assim posto, a Escola Complementar de Piracicaba era um desses locais no qual o debate era aproximado ao repertório dos normalistas. Thales de Andrade é um exemplo de como essas questões conseguiram calar fundo em maneira de pensar motivando-o no desenvolvimento de

⁹⁸ Perecin, *Os Passos do Saber...* p. 365.

⁹⁹ Havia na Escola Agrícola desde 1908, instituídos pelo decreto nº 1684, de 21 de dezembro, três cursos: o *preliminar*, com um ano de duração, destinado às matérias preparatórias; o *regular*, com três anos, com ênfase nos trabalhos de campo e de laboratório; o *especial*, com um ano e facultativo aos alunos que desejassem se aprofundar em alguma matéria específica. Cf. Nadai, *Ideologia do progresso...* p. 131.

¹⁰⁰ “These IV” *Primeiro Congresso de Ensino Agrícola, 1911*, São Paulo, p. 139, *Apud*: Perecin, *Os Passos do Saber...* p. 366-7.

projetos pessoais que refletiam esses aspectos de sua formação e de outros colegas como Lourenço Filho e Sud Mennucci.

No nosso entendimento essas propostas do setor agrícola, consubstanciadas na IV Tese, promoviam uma valorização da Escola Prática elevando-a ao nível superior, justificando os investimentos do estado perrepista feitos até aquele momento. Mas, o congresso se encerraria “sem se pronunciar quanto a elevação da ‘Luiz de Queiroz’” à escola superior de imediato.¹⁰¹ Isso deveria ser feito gradualmente. Não ocorrendo essa passagem havia a necessidade de promover o instituto de Piracicaba de outra maneira. Enquanto o curso não era transformado em superior outros mecanismos deveriam ser acionados para que o número de alunos, sempre reduzidos, conforme é possível constatar pelos quadros elaborados no trabalho de Perecin¹⁰², fosse expandido assegurando o sucesso da instituição.

Reiteramos que uma das nossas hipóteses de trabalho é que a mentalidade de Thales de Andrade deve ter sido influenciada de maneira marcante por esses debates. Alia-se a isso a sua condição de aluno complementarista nesse período de renovação do currículo, conforme vimos acima, e a sua vivência de piracicabano afetado pela situação da escola de agricultura local: entendemos, assim, que o aparecimento de sua produção literária, em especial do *Saudade*, estava diretamente relacionada a esse contexto. Da mesma maneira, entendemos que isso também pode ter ocorrido mais amplamente na formação da mentalidade daquela geração contribuindo para as escolhas dos caminhos trilhados por alguns deles e que possibilitaram que se tornassem professores e escritores interessados no debate do ensino rural.

A seguir examinaremos com mais vagar Thales como estudante numa trajetória, segundo a qual ele já experimenta os seus primeiros ensaios em uma perspectiva de autor; ao mesmo tempo acompanhamos a interação dessas figuras no contexto piracicabano.

6. A formação da Escola Complementar

Os primeiros passos de Thales de Andrade em direção à sua formação escolar foram dados no *Kindergarten* do Colégio Americano (Piracicabano). Em seguida freqüentou os grupos escolares “de Piracicaba” (“Barão do Rio Branco”) e “Moraes Barros”, conforme nos

¹⁰¹ Perecin, *Os passos do saber...* p. 369. A avaliação da autora foi que o êxito da IV Tese fora parcial.

¹⁰² Ibid., pp. 322-23. Esses quadros acompanham a evolução do número de matrículas e de formandos entre os anos de 1904 a 1908.

relata Newton Nebel dos Santos, jornalista piracicabano, em um dos artigos que fazem parte de uma série de textos dedicados ao autor.¹⁰³

Usando como fonte o texto *Thales de Andrade, imortalizado sem Academia*¹⁰⁴, concluímos este teria finalizado o primário no ano de 1902, quando recebeu do seu professor o livro *Gramática da Língua Portuguesa*, de Júlio Ribeiro e *Os mártires da ciência*, pelas mãos do Paulo de Moraes Barros, representando o patrono da Escola.¹⁰⁵

Assim, considerando desde os primeiros anos de Grupo Escolar, podemos apresentar o seguinte quadro definidor de sua formação escolar:

Thales Castanho de Andrade – formação inicial e profissional		
Ano	Instituição de ensino	Ano Letivo
1899	Grupo Escolar “Barão do Rio Branco”	1º
1900	Grupo Escolar “Moraes Barros”	2º
1901	Grupo Escolar “Moraes Barros”	3º
1902	Grupo Escolar “Moraes Barros”	4º
1909	Escola Complementar de Piracicaba	2º
1910	Escola Complementar de Piracicaba	3º
1911	Escola Complementar de Piracicaba	4º

Há, como se pode ver no quadro acima, um interstício de sete anos entre o Grupo Escolar “Moraes Barros” e a Escola Complementar. Este fato é explicado por Thales como decorrência de sua opção, frustrada, pela Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz”. O autor afirmou ao jornalista Mauricio Goulart em uma reportagem feita para a *Revista Diretrizes*¹⁰⁶, que desde menino sentia “uma atração irresistível pela vida da roça”. Em 1901, com onze anos incompletos, assistira o início do funcionamento da escola de agricultura de Piracicaba e pensara em se tornar agrônomo, contrariando a orientação dos pais que, sem perceberem futuro naquela carreira, preferiam vê-lo seguindo, como a sua mãe, o ofício do magistério.

¹⁰³ Newton Nebel dos Santos. “Thales Castanho de Andrade – I”. *Tribuna Piracicabana*, 31 jul. 1983.

¹⁰⁴ “Thales de Andrade, imortalizado sem Academia”. *O Diário*, 16 fev. 1978.

¹⁰⁵ Andrade. “Altruísmo e Generosidade: estímulos e incentivos. Do grupo Escolar ‘Moraes Barros’ à Câmara Municipal de Piracicaba. Do professor Sebastião Fischer ao Professor João Chiarini - I”. *Jornal de Piracicaba*. 12 jun. 1967.

¹⁰⁶ Mauricio Goulart, “Um caboclo paulista escreve para as crianças do Brasil”. *Revista Diretrizes*, Rio de Janeiro, nº 71, out. 1941.

Assim, contrafeito, é matriculado na Escola Complementar e, no decorrer do ano letivo, em virtude das “excursões pelo campo”, acaba por extrapolar o limite das faltas, não tendo aproveitamento naquele período letivo. Como “castigo” os pais decidem mandá-lo “para o mato, para umas terras a uma légua da estação de Charqueada, onde um tio está se estabelecendo com uma fazendola.” Lá passaria alguns meses, viu queimadas, plantio de roças, construções de casas, início de criação, instalação do moinho etc.

De volta à cidade é posto a trabalhar junto ao pai numa fabriqueta de doces e bebidas. Ali, de frente ao grupo escolar Thales assistia a movimentação das crianças e passava a considerar a possibilidade de vir a ser professor. Por fim, comunica a decisão ao pai que já o queria como sócio e aos dezoito anos de idade retoma os estudos como complementarista.

Desta forma, apenas em 1909 o localizaremos como aluno no segundo ano daquele curso. Em um dos textos de sua autoria, *Entre colegas*¹⁰⁷, Thales confirma a sua presença de acordo com a informação apurada. Com base nestes dados, determinamos o período de sua passagem pela Escola Complementar.

No quadro a seguir, relacionamos os nomes dos seus colegas de curso desde a composição da turma, em 1908 e que foi acompanhada por Thales de Andrade, a partir do ano seguinte, até a época de sua formatura:

Alunos da turma de 1908 aprovados para o 2º ano da Escola Complementar			
Nº	Seção Feminina	Nº	Seção Masculina
01	Anna Carmen Damy	20	Alfredo Midaglia
02	Aurora Fachada	21	Anísio Godinho
03	Abigail Ferraz	22	Floriano de Menezes
04	Alice Martins	23	Germano Negrini
05	Ambrosina Martins Sodéro	24	Gabriel Pompeu Campos Toledo
06	Alzira Pousa Godinho	25	João Dutra
07	Afrina Silveira	26	Joaquim Firmino de Lima
08	Angelina Verza	27	Julio Ferreira Leite
09	Benedicta Rodrigues C. Rapé	28	João Sampaio
10	Didia Cavalcanti Maranhão	29	Luiz Faria e Souza
11	Elisa Ferraz de Andrade	30	Leonel Vaz de Barros

¹⁰⁷ Andrade. “Entre Colegas”. *A Normalista* [Instituto de Educação “Alexandre de Gusmão”]. São Paulo: maio-junho, 1965.

12	Maria Benedicta Lopes	31	Manoel de Azevedo
13	Maria Garcia Godinho	32	Mario Borges Vaz
14	Maria Julia Silveira Coelho	33	Marino Pinto Barros César
15	Maria Ophelia Damy	34	Odon Cavalcanti Maranhão
16	Maria Vicentina Bocchetti	35	Orlando Dias de Lemos
17	Noemia Krahenbühl	36	Otílio de Meira Lara
18	Otilia Teixeira Camargo	37	Plinio Rodrigues de Moraes
19	Waldomira Ferraz	38	Trajano Rodrigues da Costa Rapé
		39	Gastão Goulart ¹⁰⁸

Parcela considerável dos colegas contemporâneos a Thales de Andrade desempenharia papéis relevantes na vida pública atuando como educadores, jornalistas, artistas etc. Ao acompanharmos a trajetória do educador iremos encontrar nomes, significativos para a cidade e para o estado de São Paulo, que tiveram a sua formação inicial no mesmo ambiente da Escola Complementar de Piracicaba. Desta forma optamos por incluir, dentre eles, o nome de Sud Mennucci, um dos seus mais ilustres colegas que, embora não tivesse frequentado a instituição no mesmo período, já era seu parceiro de escola desde a formação inicial de ambos no Grupo Escolar “Moraes Barros” e posteriormente seria seu companheiro de trabalho no magistério. Assim, ao compararmos a trajetória de ambos obtivemos, para a formação inicial e profissional de Sud Mennucci:

Sud Mennucci – formação inicial e profissional		
Ano	Instituição de ensino	Ano Letivo
1899	Escola Particular Italiana do prof. Aldo Padovani	1º
1900	Escola Particular Italiana do prof. Aldo Padovani	2º
1901	Escola Particular Italiana do prof. Aldo Padovani	3º
1902	Grupo Escolar Moraes Barros	4º

¹⁰⁸ *Jornal de Piracicaba*, 28 nov. 1908.

1903	Grupo Escolar Moraes Barros	5º
1904	Prepara-se para a Escola Complementar – sozinho	-
1905	Escola Complementar de Piracicaba	1º
1906	Escola Complementar de Piracicaba	2º
1907	Escola Complementar de Piracicaba	3º
1908	Escola Complementar de Piracicaba	4º
1909	Grupo Escolar Moraes Barros: Estágio - até agosto ¹⁰⁹	-

Notamos que Thales e Sud estiveram juntos na mesma turma apenas no 4º ano do Grupo Escolar “Moraes Barros”. Depois disso, embora ambos tenham freqüentado a Escola Complementar, não foram colegas de turma.

Além de Sud verificaremos entre os colegas de Thales no mesmo período de sua formação na Escola Complementar: entre os alunos da turma matriculada em 1908 pessoas como Leonel Vaz de Barros, que se tornaria o autor do livro *O Professor Jeremias* e trabalharia junto a Monteiro Lobato em São Paulo, na *Revista do Brasil*, além de escrever para o jornal *O Estado de S. Paulo*; e João Dutra, um dos representantes da tradicional família de artistas piracicabanos.

Na turma do terceiro ano, no mesmo ano letivo, temos a presença, entre outros, de Breno Ferraz do Amaral, a partir dos anos vinte também uma das figuras de destaque na imprensa local e posteriormente da Capital e de Elias de Mello Ayres, que se tornaria professor de geografia e cosmografia em Pirassununga e escreveria para o *Jornal de Piracicaba*¹¹⁰; e para o quarto ano obtivemos o nome de Alípio Dutra, outro artista da família citada. Nesse mesmo ano concluíam o Curso Complementar um total de 23 alunos, sendo 17 moças e 6 rapazes, dentre eles, Sud Mennucci [Fig. 4].¹¹¹

Também são de 1908 as informações abaixo que demonstram o quadro de professores do Curso Complementar:

Professores do Curso Complementar de Piracicaba em 1908
--

¹⁰⁹ Cf.. Ralph Mennucci Giesbrecht, *Sud Mennucci: memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...* [São Paulo]: Imprensa Oficial, [1997?]. pp. 5-20.

¹¹⁰ Hilsdorf, “Lourenço Filho em Piracicaba”, Op. Cit., p. 101.

¹¹¹ “Escola Complementar” *Jornal de Piracicaba*, 28 nov. 1908.

Diretor	Honorato Faustino
Professores	1º ano: João Batista Nogueira e Amélia Gomes Ribeiro 2º ano: Juvenal de Azevedo Penteadado e Lilia Elis Mac Intyre 3º ano: Antonio Firmino de Proença e Idalia Pinto Nobre 4º ano: Carlos Martins Sodéro e Quintina Soares
Obs.: Mudanças ao final do mesmo ano segundo o <i>JP</i> , 24.11.1908. ¹¹²	1º ano: Laura M. de Melo 2º ano: Amélia Ribeiro 3º ano: Antonia de Oliveira Musica: Maestro Celestino Matta Desenho: Henrique Carneiro Seoane Trabalhos Manuais Cândida Sampaio do Amaral

Recorrendo novamente aos registros do próprio Thales de Andrade, e comparando com o quadro de professores para 1908, localizamos os seus professores a partir do segundo ano do curso complementar (1909). Desta forma temos: para o segundo ano, o lente Juvenal de Azevedo Penteadado; terceiro ano, Antonio Firmino Proença; quarto ano, até o período de mudança da Escola Complementar para a Escola Normal, Carlos Martins Sodéro.¹¹³

Em 1911 a *Gazeta de Piracicaba* publica a relação de nomes dos alunos concluintes daquele ano letivo bem como o do paraninfo da turma e do diretor da escola os quais haviam sido retratados por um fotógrafo local. Eram eles:

Turma concluinte da Escola Complementar em 1911	
Diretor:	Honorato Faustino
Paraninfo:	Justino M. Rangel
Alunos:	
Seção Feminina	Seção Masculina
Abigail Ferraz	Alfredo Midaglia
Afrina Silveira	Anísio Godinho
Aida Marques	Bartolomeu L. Santos
Alice Martins	Carlos A. de Lima

¹¹² *Jornal de Piracicaba*, 19 fev. 1908 e 24 nov. 1908.

¹¹³ Andrade. "Altruísmo e Generosidade: estímulos e incentivos. Do grupo Escolar 'Moraes Barros' à Câmara Municipal de Piracicaba. Do professor Sebastião Fischer ao Professor João Chiarini - I". *Jornal de Piracicaba*. 12 jun. 1967.

Alzira G. Pousa	F. Pompeu Piza
Ambrosina M. Sodéro	Floriano Menezes
Angelina Verza	João Dutra
Arminda Almeida	João Sampaio
Aurora Fachada	Joaquim F. Lima
Benedicta R. C. Rapé	Jose C. Raposo
Carmem Damy	José R. C. Sobrinho
Didia Maranhão	Leonel Vaz de Barros
Elisa F. Andrade	Manoel Azevedo
Ercília C. Silveira	Manoel F. Queiroz
Ida M. Barros	Marino P. César
Iracema Borges	Ondon Cavalcanti
Isabel S. Bello	Paulino B. Rolim
Josefina F. Andrade	Plínio R. Moraes
Laura Pedroso	Thales C. Andrade
M. Ophelia Damy	
M. Vicentina Bocchetti	
Maria G. Andrade	
Maria J. L. Moraes	
Maria L. M. Toledo	
Marina Ferraz	
Noemia Krähenbühl	
Otilia de Meira	
Verônica Walder	
Waldomira Ferraz	

O Grêmio Normalista

No cotidiano desses alunos o grêmio escolar esteve presente, desde a época da Escola Complementar de Piracicaba. Acompanhando as mudanças do curso e adequando-se a transformação promovida em 1911, passando a ser conhecido como “Grêmio Normalista”, serviria de veículo de divulgação de um dos textos paradigmáticos de Thales, conforme ele mesmo cita em mais de uma ocasião. Considerada a relevância do grêmio, tanto para o autor

como para a escola, destacamos a seguir dois momentos importantes de sua história: o seu surgimento e a referida publicação do artigo “Instrução e agricultura” em *O Mentor*, revista “semanal” da entidade.

A fundação do grêmio ocorreu, segundo a notícia veiculada pelo *Jornal de Piracicaba*, em 07 de fevereiro de 1909 e constituiu, na ocasião a seguinte diretoria: presidente, Mario Alves Aranha; vice-presidente, Alípio Dutra; 1º secretário, Gentil de Oliveira; 2º secretário, Germano Negrini; 1º tesoureiro, Elias de Mello Ayres; 2º tesoureiro, Gabriel Pompeu de Toledo; procurador, Luiz Faria e Souza e orador João Borges Sampaio.¹¹⁴

Por ocasião da mudança da Escola Complementar para Escola Normal Primária, o órgão seria inaugurado com a nova denominação. Para celebrar o evento os sócios solicitaram ao *Jornal de Piracicaba* que fosse feito por seu intermédio um convite para que comparecesse ao ato o corpo docente dos estabelecimentos de ensino, e as diretorias das associações congêneres. No programa divulgado pela mesma notícia constava uma relação de atividades que seriam desenvolvidas no evento como as récitas de poesias, as músicas tocadas ao piano e cantadas pelos participantes e o discurso oficial do orador do Grêmio, Leonel Vaz de Barros.¹¹⁵

No mesmo ano o grêmio promoveria a revista semanal, *O Mentor* – publicada a partir de outubro.¹¹⁶ Em uma das festas promovidas pela agremiação, para a comemoração da proclamação da República foi divulgado por meio da revista, entre outros, o texto de Thales de Andrade. Na ocasião o orador do grêmio, Leo Vaz, recepcionava o professor Benedicto Tolosa, inspetor escolar que iria proferir uma conferência a respeito do papel do educador. Após o evento foi distribuído o número de *O Mentor* que trazia em seu sumário os seguintes títulos:

A República e o ensino – P. C.; *Esperança* (poesia) – Honorato Faustino; *O Navio* – Alfredo Midaglia; *Onde está a felicidade?* – Davina Ferraz; *Instrução e agricultura* – Thales de Andrade; *A instrução* – (excerto de poema) – Pedro de Mello; *Saber ensinar* – Fessel Junior; *A escola* – Mimi Ferraz do Canto; *Colombo* – Ottilia Hoeppner; *12 de outubro* – (discurso) – Joaquim da S. Santos; *Asilo de órfãos* – Luzietta Soares; *Cena conjugal* – Bartholomeu Lopes; *A morte do poeta* – Breno Ferraz; *Original* – Sud Mennucci; *A primavera* – Branca de Toledo Piza; *Culto íntimo* – Tito Livio Ferreira; – *Noticiário*.¹¹⁷

¹¹⁴ “Grêmio Complementarista”. *Jornal de Piracicaba*, 09 fev. 1909.

¹¹⁵ “Grêmio Normalista”. *Jornal de Piracicaba*, 07 set. 1911.

¹¹⁶ “Grêmio Normalista”. *Jornal de Piracicaba*, 13 out. 1911.

¹¹⁷ “Grêmio Normalista”. *Jornal de Piracicaba*, 16 nov. 1911.

Antes de 1911, porém, Thales já tivera um texto publicado pelo jornal do grêmio de estudantes, então denominado *O Complementarista*. O artigo “Entre Colegas”¹¹⁸, publicado pelo jornal estudantil *A Normalista* do Instituto de Educação Alexandre de Gusmão traz a transcrição dessa “estréia literária” de Thales de Andrade, de acordo com suas próprias palavras.

Conta o autor que após uma seção cultural realizada em maio de 1965 na Câmara Brasileira do Livro, após a fala do palestrante Francisco Marins, também autor de livros infanto-juvenis, foi abordado por três jovens do referido instituto que lhe pediram um escrito de sua autoria para que publicassem no periódico. Ao retornar a sua casa lembrou-se do pequeno trabalho “Meu ideal”, que havia dado a publicar ao jornal da Escola Complementar de Piracicaba ainda no longínquo ano de 1909. Resolve então remeter às alunas que o haviam procurado, o mesmo texto.

Abaixo transcrevemos um trecho:

*O meu castelo, o meu ideal, é modesto, despretenso, humilde: – modesta mansão, em páramos poéticos e tranqüilos, um amor ardente, grande, eterno – a felicidade, finalmente.*¹¹⁹

Aos 19 anos, Thales apresentara este lirismo ao jornal estudantil da Escola Complementar.

A “estréia literária”, comentada pelo autor em 1965, foi seguida por outros textos elaborados na mesma ocasião e avaliados por seus professores como merecedores de publicação. Apresentamos a seguir essas produções com base no levantamento que realizamos no arquivo de jornais do Instituto Históricos e Geográfico de Piracicaba (IHGP) e, particularmente, nos recortes de jornais e revistas selecionados pelo folclorista e jornalista João Chiarini, da imprensa local. Essa pesquisa permitiu-nos descobrir informações como estas, pouco utilizadas até o momento, para estabelecer as primeiras tentativas de produções literárias levadas a efeito por Thales de Andrade ainda no período inicial de sua formação escolar. No cotejamento destes dados com o material mais vulgarizado, a respeito do autor, pudemos construir um texto que servisse como um referencial das primeiras produções de Thales como estudante, ainda que tivessem caráter de trabalhos escolares e de tarefas como as “composições”. O autor aponta, por exemplo, uma na qual o tema “Fazer o bem sem olhar a

¹¹⁸ Andrade. “Entre Colegas”. *A Normalista*. São Paulo: maio-junho, 1965.

¹¹⁹ Ibid.

quem” mereceu destaque do lente Juvenal de Azevedo Penteadó.¹²⁰ Este fato, ocorrido ainda no segundo ano letivo – portanto no mesmo ano 1909 – o levaria ao exercício da escrita e a elaboração de dois outros textos já considerados relevantes pelo autor como “produção literária”. O primeiro, *Argemiro e Florisbela*, uma pretensão de romance, seria mostrado apenas aos seus irmãos. O segundo, *Lembranças do 2º Ano Complementar*, sob a forma de álbum, descrevendo as biografias de professores e colegas, além de escritos destes últimos, teve como público leitor os próprios alunos da Escola complementar e, infelizmente afirma o autor, fragmentou-se sendo conservado apenas em parte. Nada deste material foi localizado nos locais pesquisados.

Ainda no segundo ano letivo, convidado por Leonel Vaz de Barros, um dos redatores do jornal escolar *O Complementarista*, escreveria o referido “Meu Ideal”, texto que também sairia publicado no diário rioclarense *Alfa*.

No ano seguinte receberia novo incentivo por sua escrita feito por outro docente, desta feita, o lente Antonio Firmino Proença ao comentar a “composição” “A Religião”. Este seria, continua Thales relatando no artigo “Entre Colegas”, segundo as palavras do mestre, um trabalho que revelava a sua veia de escritor. O elogio o influenciaria na busca deste objetivo. Assim vemos Thales, em 1965, diante das alunas normalistas, fazer um movimento de recuperação do passado e de reconstrução de sua memória no sentido de valorizar a escola a qual possibilitou a sua formação como professor e autor a partir do exercício de seus primeiros esboços escritos.

Posteriormente, outro convite de Leonel Vaz de Barros, desta vez na redação da revista escolar *O Mentor*, levaria Thales a escrever o já citado artigo “Instrução e Agricultura”, publicado na edição de novembro de 1911¹²¹, logo após o evento do Congresso de Ensino Agrícola. O texto que tinha como tema a análise dos livros de leituras, nos quais os moradores do campo raramente apareciam, ou quando assim ocorria eram representados de maneira depreciativa, conforme nos afirma em um de seus artigos¹²², considerava a conveniência do ensino de noções agrícolas às crianças. Desta forma Thales seguia as discussões promovidas por ocasião do Congresso. Recebeu pessoalmente, pelo trabalho, o cumprimento do Dr. Jacques Ariê, lente da Escola Agrícola “Luiz de Queiroz”. Outras palavras de apreço foram ditas pelo lente de Psicologia e Pedagogia da já então Escola

¹²⁰ Andrade. “Altruísmo e Generosidade: estímulos e incentivos. Do grupo Escolar ‘Moraes Barros’ à Câmara Municipal de Piracicaba. Do professor Sebastião Fischer ao Professor João Chiarini - I”. *Jornal de Piracicaba*. 12 jun. 1967.

¹²¹ “Grêmio Normalista”. *Jornal de Piracicaba*, 16 nov. 1911.

¹²² Andrade. “Gratidão”. *Jornal de Piracicaba*. 23 jul. 1970.

Normal Primária, o professor Justino Marcondes Rangel, por sua “redação” “Jogos Infantis”. O mestre teria lhe dito que tal trabalho mereceria publicação, pois apresentava qualidades literárias e didáticas.¹²³

Consideramos ainda outra informação utilizada por Thales em sua freqüente recorrência ao passado como recurso de construção da memória. O autor recorda que na mesma época, junho de 1911, passara alguns dias em Congonhal, um dos bairros rurais do município piracicabano.¹²⁴ Ali, hospedado no sítio dos pais do colega de curso e amigo Anísio Godinho, planejaram ambos manter um caderno cada, no qual escreveriam e os remeteriam um ao outro como correspondência mensal. O plano se concretizaria posteriormente. A partir de 1912 Thales passou a enviar o caderno do município de Jaú, das proximidades das escolas isoladas rurais, na Estação do Banharão Velho, local no qual iniciou, juntamente com a sua esposa, Maria Garcia de Andrade, a carreira de magistério. O amigo lhe destinava a sua correspondência de Tanquinho, bairro rural do município de Piracicaba. Os cadernos foram nomeados. O de Thales se chamaria “De longe” enquanto o de Anísio receberia o epíteto de “Folhas Soltas”, títulos inspirados, provavelmente, nos livros *De longe* – contos, de Alice Pestana e *Folhas soltas*, de João de Deus¹²⁵, leituras correntes no período. Este método favoreceu a constância do exercício da escrita e foi mantido por algum tempo, já que o autor afirma que ainda mantinha diversos desses cadernos em 1967, época na qual divulgou estas informações. Não temos como saber se essa prática ocorreu por influência direta de um dos seus professores, mas de qualquer modo ela começou no último ano quando Thales ainda era aluno da complementar e foi considerada pelo autor como outro elemento que o auxiliaria no desenvolvimento de sua escrita.

¹²³ Andrade. “Altruísmo e Generosidade...” op. Cit.

¹²⁴ Ibid., “Altruísmo e Generosidade...” op. Cit. “Congonhal” seria o nome atribuído ao sítio construído e que seria o lar da família do protagonista de *Saudade*.

¹²⁵ O primeiro livro não foi localizado, o segundo faz parte do acervo do IEB-USP. Há referência a ambos na internet: disponível em: http://books.google.com.br/books?q=de+longe&as_brr=0 e http://books.google.com.br/books?q=folhas+soltas&btnG=Pesquisar+Livros&as_brr=0. Acesso em 10.2.07.

Capítulo II: Thales, o professor literato

Neste capítulo, o mais longo deste trabalho, continuamos a demonstrar parte do contexto que possibilitou o autor e educador Thales de Andrade realizar os seus projetos literários e demonstramos como, ao mesmo tempo, suas atividades de educador e de literato estiveram relacionadas. A descrição e análise de suas principais obras são também contempladas nesse mesmo período do texto. Por fim, relacionamos e comentamos os livros que foram utilizados na pesquisa.

1. A escola e a cidade: lugares de sociabilidades

O artigo “Instrução e Agricultura” persistiria na memória do autor como a semente que deveria germinar em forma de “livro de leitura para escolares da roça.”¹²⁶ Para o desenvolvimento de seu projeto de livro Thales considerava adequado o ambiente no qual se instalara. O convívio com os seus alunos e os habitantes de sítios e fazendas, permitia-lhe a observação dos costumes, a descoberta de problemas locais e as aspirações dos pequenos.

De acordo com a sugestão acima, o autor oferece-nos um exemplo da percepção das suscetibilidades das crianças do mundo rural. Determinada leitura utilizada em aula, a qual tratava os moradores da roça de forma depreciativa, teria causado indignação aos pequenos. Thales chega a reproduzir os diálogos ouvidos no episódio inclusive dando os mesmos nomes que depois utilizaria em seu livro:

- Ora, ora! Somos bichos do mato p’ra brigar com eco?? Disse o Raul.

¹²⁶ Andrade. “Altruísmo e Generosidade...” op. Cit.

- *E Nem conhecer espelho?! Aduziu o Honório.*¹²⁷

Além do caderno de correspondência, escrito ao amigo, no qual realizavam o exercício da escrita literária, um outro passaria a ser utilizado em suas anotações. Iniciava-se um “pequeno ensaio” no qual Thales demonstrava um novo objetivo. A abertura era justamente a transcrição de “Instrução e Agricultura”. A primeira versão receberia o título de *Vida Campestre*¹²⁸ e seria apresentada inicialmente à sua esposa e não, segundo o caminho usual, ao amigo Anísio em seus cadernos [Fig. 5].

Adequado à conjuntura por meio da qual grande parte dos professores formados no período iniciava a sua prática de magistério nas escolas isoladas, Thales começara com a sua esposa a lecionar nas escolas isoladas da região de Jaú, na Estação do Banharão. No local, desde os primeiros tempos, Thales e Maria Garcia visitavam a fazenda-chácara de Antonio Ferraz de Arruda, o seu Ferraz¹²⁹, em Mineiros de Tietê. Ali, o “agricultor adiantado”, primo de sua mãe, lhe falava com admiração de Luiz de Queiroz e de sua Escola Agrícola. Dizia mesmo que era sua vontade que uma de suas filhas, a Rosinha, por exemplo, lá estudasse. Thales, por seu turno, afirmava-lhe que também gostaria de lá estudar, e o faria ainda que fosse “em sonho, fantasia...” e explica numa dessas oportunidades ao anfitrião, o projeto do livro *Vida Campestre*.

Na mesma ocasião, ao se dirigir à coletoria estadual de Jaú, onde recebia seus vencimentos, conheceu Mario¹³⁰, o filho do funcionário Camilo de Magalhães, que se encaminhava à Piracicaba no intuito de se matricular da Escola Agrícola Luiz de Queiroz. Thales confessa a sua estima pela cidade e pela escola e deseja-lhe felicidades na carreira que pretendia seguir.¹³¹

Posteriormente, em Porto Ferreira – a partir do ano de 1915 – Thales, então professor adjunto do Grupo Escolar daquela cidade, se aproximaria, por intermédio de Sud Mennucci, o seu colega de magistério no mesmo estabelecimento, da família Oliveira. Daniel de Oliveira Carvalho e Constança da Silva Oliveira se tornariam em 1917, parte da família de Sud, quando a normalista Maria da Silva Oliveira, uma das filhas do casal de imigrantes portugueses o desposou em 14 de junho daquele ano. Também no seio desta família o nome

¹²⁷ Andrade. “Gratidão”. *Jornal de Piracicaba*. 23 jul. 1970.

¹²⁸ Ainda é possível encontrar atualmente no IHGP, entre o material deixado por João Quiarini sobre Thales de Andrade, poucas folhas de caderno escritas a lápis contendo o nome de alguns dos episódios planejados para o livro *Vida Campestre*.

¹²⁹ As palavras ou frases grifadas neste período do texto são referências às personagens do livro *Saudade*.

¹³⁰ O nome Mário é uma referência constante do autor ao mencionar episódios nos quais teriam origem o livro *Saudade*.

¹³¹ Andrade. “Altruísmo e generosidade...”. *Jornal de Piracicaba*, 12 maio 1967.

Mário seria reapresentado a Thales de Andrade. Tratava-se de um dos filhos dos Oliveiras, então com aproximadamente dez anos de idade. Giesbrecht, ao escrever as memórias do seu avô, Sud Mennucci, aponta que a forte ligação entre os dois educadores teria possibilitado o convívio de Thales com aquele grupo familiar e levado o autor a se inspirar em algumas das crianças para a criação de outros personagens do *Saudade*. Giesbrecht indica, além de Mário da Silva Oliveira, os nomes de Olímpia e Urbano, irmãos do garoto que, apesar de figurarem no livro, teriam recebido, enquanto personagens, nomes diferentes.¹³²

O projeto de *Vida Campestre*, em determinado momento, deve ter ganhado novo fôlego e foi sendo transformado no *Saudade*, pois Thales acaba por afirmar numa entrevista concedida à *Revista Diretrizes*, que o escreveu em quarenta manhãs. O período vespertino era dedicado às aulas.¹³³

Além de Maria Garcia, Thales submeteria o livro em construção, à opinião dos amigos e colegas Sud Mennucci e Lourenço Filho, este último também seu amigo desde a época de Porto Ferreira, conforme verificamos na entrevista concedida pelo autor à *Revista Diretrizes*:

Quando o livro estava pelo meio, a título de amostra, procedi sua leitura ao Sud e remeti uma cópia ao Lourenço. “Se prosseguir nesse tom e chegar ao fim com igual força, você lançará à publicidade um livro que lhe dará glória e dinheiro”, afirmou o Sud. “Foste além da Taprobana, escreveu-me o Lourenço.

Em 1918, Thales já havia concluído seu livro. Estava pronto e avaliado favoravelmente tanto por sua esposa quanto por seus dois amigos. Todos eles reconheciam o valor da obra e colaborariam para a sua aceitação, de modo especial Sud Mennucci, contribuindo com valiosa crítica após a publicação: o artigo, dedicado ao livro, denominado de “Questão de ensino – *Saudade*” publicado pela *Gazeta de Piracicaba* em 27 de fevereiro de 1920.

Contudo, a estréia de Thales de Andrade como escritor publicado não se daria com o livro *Saudade*. Apesar de pronto e já conhecido por seus companheiros, dos quais contava com o apoio incondicional, não vislumbrava ainda perspectivas para a publicação. Newton Nebel dos Santos indica que tal fato se devia a singularidade da obra. *Saudade* seria um livro

¹³² Giesbrecht, Sud mennucci: memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo... [São Paulo] : Imprensa Oficial, [1997?]. pp. 21-24.

¹³³ Mauricio Goulart, “Um caboclo paulista escreve para as crianças do Brasil”. *Revista Diretrizes*, Rio de Janeiro, nº 71, out. 1941.

inédito em dois sentidos: conseguia “oferecer conhecimento às crianças, de maneira agradável, sem dar a impressão de o estar fazendo e produzir literatura infantil nacional”.¹³⁴

Talvez o principal motivo não fosse o citado por Santos. Embora o livro trouxesse novidades, como veremos ainda neste capítulo, do ponto de vista da linguagem literária e do destino pretendido – a criança leitora –, estava em jogo também a introdução do autor em um novo campo de atuação, a literatura. O professor formado pela Escola Complementar de Piracicaba pretendia alçar novos vãos e para tanto deveria conquistar um lugar no novo espaço a ser ocupado.

A trajetória para a conquista desse espaço estava em gestação desde o período da formação de Thales de Andrade na Escola complementar, conforme pudemos apreciar anteriormente. Com o início de sua prática educativa houve gradativamente a criação de novos vínculos formais garantidos, por um lado, pela característica da sua carreira profissional e, por outro lado, pela convivência com essas mesmas pessoas, que tendo no magistério a sua origem comum, vincularam a sua prática, em alguma medida, com a atuação na imprensa interiorana centralizada em Piracicaba.

No intento de explicar as ações de Thales de Andrade ambientadas em torno desse grupo, o qual daria suporte as suas iniciativas no campo literário, utilizamos aqui a noção de “lugar de sociabilidade” apresentada por Ângela de Castro Gomes em seu trabalho que discute o modernismo e o nacionalismo centrando a sua análise sobre intelectuais cariocas no período entre as décadas de 1920 às de 1940.¹³⁵

A autora circunscreve a sua investigação “na intersecção da história política e cultural, que é sempre social, assumindo uma vertente teórico-metodológica que, na França, vem recebendo a designação de ‘história de intelectuais’”. Para a conceituação de “lugar de sociabilidade” e aos seus aspectos relacionados, lança mão dos trabalhos de autores como Jean François Sirinelli e Michel Trebitsch, ao se referir a formação das redes organizacionais e as sensibilidades aí desenvolvidas, além dos “microclimas”, certas disposições produzidas por eventos e personalidades integrantes desses agrupamentos.

Assim Gomes afirma que a noção é utilizada por ela numa dupla dimensão: a idéia de “rede”, enquanto “estruturas organizacionais, mais ou menos formais, tendo como ponto nodal o fato de se constituírem em lugares de aprendizado e de trocas intelectuais, indicando a dinâmica do movimento de fermentação e circulação de idéias” e os “microclimas” que, secretados nas redes de sociabilidade intelectual, envolvem as relações pessoais e

¹³⁴ Newton Nebel dos Santos. “Thales Castanho de Andrade – I”. *Tribuna Piracicabana*. 31 jul. 1983.

¹³⁵ Gomes, *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo...* Op. Cit.

profissionais de seus participantes. Desta forma, os espaços de sociabilidades são “geográficos” e “afetivos”. Neles são captados vínculos de amizade/cumplicidade, de competição/hostilidade e marcas de sensibilidade produzidas e cimentadas “por eventos, personalidades ou grupos especiais.”¹³⁶

Consideradas essas disposições teríamos, em Piracicaba por volta dos anos vinte do século passado, o denominado “*bloomsbury* caipira”. Esta expressão, cunhada por José Maria Ferreira, jornalista piracicabano, segundo Hilsdorf, fora elaborada tendo por referência os intelectuais e artistas de Londres no início do século XX e era por ele atribuído aos piracicabanos “pois a intensa vida cultural e artística que desenvolviam, além das referências culturais comuns, era atravessada por laços de parentesco, amizade e compadrio que garantiam a coesão e a solidariedade mútua, como acontecia no famoso grupo londrino”.¹³⁷

Assim, de maneira geral, havia composto tal círculo, além do piracicabano Thales de Andrade, antes de saírem da cidade em busca do atendimento de suas ambições literárias ou da colocação em escolas da região, visto que todos eram oriundos da Escola Normal, personalidades como: Leo Vaz, Sud Mennucci, Lourenço Filho, Breno e Pedro Ferraz do Amaral, Cincinato Braga, Hélio Damante, Octacílio Silveira de Barros, Hélio Hoeppener e Jacob Diehl Neto, todos estes, informa J. M. Ferreira, “com passagens mais ou menos longa na redação de *O Estado de S. Paulo*”.¹³⁸

O grupo é ampliado com uma segunda geração, denominada por Ferreira de “Blomsbury II”. Dele teriam participado: Mário Neme, Antonio Oswaldo Ferraz, Jaçanã Altair Pereira Guerrini. Seriam ainda incluídos no mesmo grupo Mercedes Dias de Aguiar, Bento Lordello, Virgínia Del Nero e Orlandina Pereira Soderó, autores de *Histórias e História*, um livro de contos realizado pelos estudantes da Escola Normal de Piracicaba, sob a orientação do então professor Thales de Andrade, também escrito e prefaciado por Marcelino Ritter, naquela ocasião um de seus alunos e posteriormente um dos jornalistas do *Estadão*.

J. M. Ferreira inclui ainda, para não deixar incompleto tal agrupamento, os maestros Fabiano Lozano e Benedito Dutra Teixeira, tendo este último composto uma valsa utilizando o livro *Saudade* como tema, Alípio Dutra – ilustrador da primeira edição de *A Filha da Floresta* – e Pádua Dutra, pintores. Todos se relacionavam e contribuíam mutuamente para tornar públicas suas produções.

¹³⁶ Gomes, pp. 10 e 20.

¹³⁷ Hilsdorf, “Lourenço Filho em Piracicaba”... Op. Cit. p. 96.

¹³⁸ José Maria Ferreira. “Thales de Andrade e o bloomsbury caipira”. *Presença – Suplemento cultural do Jornal de Piracicaba*. 15 set. 1990.

Em torno de um círculo mais íntimo, do qual fazia parte Thales de Andrade, destacamos os nomes de Sud Mennucci, Lourenço Filho e Leonel Vaz de Barros, amigos do autor que se tornaram importantes referências nas áreas da educação, da literatura e do jornalismo.

A seguir procuramos evidenciar estas relações mais próximas resgatando um pouco da história dessas figuras considerando-os componentes exemplares daquelas redes de sociabilidade e microclimas aos quais nos referimos.

Giesbrecht, em *Memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...*, uma biografia a respeito de Sud Mennucci, relata que concomitantemente a sua prática de magistério, iniciada na Escola Masculina do Bairro do Alvarenga em Cravinhos (1910), Sud passara a escrever para *O Jornal* e para *A Gazeta*, ambos de Piracicaba. Ao se tornar professor efetivo do Grupo Escolar de Porto Ferreira, em 1914, já trazia uma razoável bagagem como colaborador de diversos jornais, incluindo os de Piracicaba. Seria na cidade de Porto que se encontraria com Lourenço Filho e, novamente, com Thales de Andrade, desta vez como colegas de magistério no grupo escolar.

O registro de Giesbrecht inclui além dos periódicos citados, até a chegada de Sud a Porto Ferreira, *O Cachoeirense* de Piracaia; *A Fita* e o *Imparcial* dos quais foi o diretor, em Dourado; *O Correio de Belém*, no Pará; e a revista *Fon-Fon*, do Rio de Janeiro. Giesbrecht mapeia assim, a presença de artigos de autoria de Sud por diversos jornais e revistas do interior, da capital de São Paulo e até por outros estados, como o Pará – para onde havia ido, em 1913, nomeado professor da Escola de Aprendizes Marinheiros – e o Rio de Janeiro.

A partir de 1918 Sud passaria a escrever para *O Estado de S. Paulo* na edição da noite, na época denominada de *Estadinho*. Ali manda publicar no mesmo ano às suas expensas, na gráfica daquele jornal, uma série de ensaios de estética denominado de *Alma Contemporânea*. Um outro livro já pensado pelo autor, *Vida Inútil*, não seria editado apesar de ter alguns de seus trechos publicados entre 1917 e 1918 na *Vida Moderna* e em *A Cigarra*, revistas nas quais colaborava. Monteiro Lobato enquanto um possível editor do livro, segundo Giesbrecht, não havia considerado-o vendável. Apesar disso, quando *Alma Contemporânea* foi lançado – e recebido com frieza pela crítica da época – Lobato estava entre os quatro escritores que o prestigiaram. Os outros eram João Ribeiro, José Oiticica e Amadeu Amaral.

Em 1920, Sud seria chamado insistentemente por Sampaio Dória, de acordo com Giesbrecht, para “dirigir, como Chefe, o Escritório Central de Recenseamento Escolar do Estado, sediado à Escola Normal (depois Caetano de Campos) na Praça da República”.

Como registro desta época da vida de Sud, Giesbrescht anexa ao livro *Memórias de Piracicaba...*, do qual retiramos as informações acima, três fotografias com Leo Vaz e Sud Mennucci em visita ao parque do Guapira, na Capital.¹³⁹ Para nós elas representam uma evidência da constância das relações de sociabilidade engendradas desde os tempos da Escola Complementar e confirma a possibilidade de um microclima intelectual e afetivo que permanecia entre os seus integrantes [Fig. 6].

Lourenço Filho por sua vez, preparava solidamente a sua carreira de normalista, como nos informa Hilsdorf. Professor diplomado pela Escola Normal Primária de Pirassununga em 1914 havia complementado sua formação na Escola Normal Secundária de São Paulo em 1917, onde fora aluno de Sampaio Dória. No interregno dessas duas datas esteve lecionando em Porto Ferreira, que era também a sua cidade natal. A seguir ocuparia, indicado por Sampaio Dória, a cadeira de pedagogia e educação cívica na Escola Normal Primária de São Paulo, em 1920. Dominava “o uso da metodologia intuitivo-analítica”; era membro da Liga Nacionalista e participara dos núcleos de Sorocaba e Piracicaba, respectivamente, em 1917 e 1918.

Suas atividades no período entre 1916 a 1920 fizeram-no autor de diversos artigos sobre temas de pedagogia e psicologia que foram publicados pelos jornais da Capital e do interior paulista e o tornaram “companheiro de trabalho e amigo de intelectuais modernistas nas redações da ‘Revista do Brasil’ e do ‘Estado de São Paulo’, de Monteiro Lobato a Oswald de Andrade”.

Assim este jovem educador já construíra uma sólida trajetória quando, em 1921, foi nomeado por Sampaio Dória, no âmbito da reforma da instrução de 1920, para a “cadeira de pedagogia e psicologia, e em comissão, para a de prática pedagógica, da Escola Normal de Piracicaba, as mais importantes da instituição, aquelas que iriam imprimir aos trabalhos escolares as novas diretrizes pedagógicas.”¹⁴⁰

Quanto a Leo Vaz, outro proeminente “ator bloomsburyano”, nascido em Capivari e de formação piracicabana, como vimos, havia sido colega de Thales na Escola Complementar onde o professor Carlos Sodéro vislumbrara suas potencialidades.

Moraes apoiando-se em um relato autobiográfico do autor nos informa que, diplomado professor, Leo Vaz torna-se “*mestre-escola*” em Itápolis entre 1914 e 1918, quando escreve *O Professor Jeremias*. Em 1918 abandona o magistério após pedir licença sem vencimentos. Torna-se jornalista, ainda no mesmo ano, quando é apresentado por Oswald de Andrade a

¹³⁹ Giesbrecht, *Memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...* Op. Cit. pp. 17-26.

¹⁴⁰ Hilsdorf, “Lourenço Filho em Piracicaba”, p. 98.

Monteiro Lobato. Indicado por este último iniciaria a sua carreira no *O Estado de S. Paulo*, órgão no qual chegaria ao posto de redator-chefe em 1945.¹⁴¹

Esta informação, curiosamente, não confere com o registro de Losso Netto o qual afirma que teria sido Thales de Andrade quem apresentou Leo Vaz a Monteiro Lobato.¹⁴²

O Professor Jeremias, publicado em 1920 pelo editor Monteiro Lobato & Cia., é visto por Moraes como uma obra que, utilizando-se da ironia, apresenta – em suas referências à Escola Normal – uma descrição do poder espetacularizado na instituição de ensino.

O romance, de motivação autobiográfica, retrata a vida de um professor primário de São Paulo. Na história o “narrador-protagonista”, Jeremias, professor de Ararucá, apesar de ter tido uma boa formação, com o empobrecimento da família é obrigado a frequentar o Curso Normal. Após casar-se com uma colega do curso e ter um filho, Joãozinho, a quem é dirigido o relato, separa-se e é transferido de Santo André, onde morava e lecionava, para a cidade de Ararucá, provavelmente em decorrência da interferência de sua ex-mulher, também colega de magistério. Ali vive um cotidiano limitado entre sua atividade de magistério, as conversas na farmácia e visitas à professora D. Genoveva. Moraes conclui esta sinopse informando que a mensagem básica do narrador dirigida ao seu filho, é que ele deve “seguir o senso-comum, não ter opiniões formadas e preocupar-se com as aparências.”

O narrador realiza uma crítica contundente à burocracia que acompanha a instituição escolar e a vida do professor, indica que era necessário aos mestres o conhecimento das formalidades, “pois o relacionamento com os órgãos de direção eram estabelecidos por meio de memorandos, requerimentos e informações publicadas nos jornais” e que o critério para avaliar a competência profissional dos mestres seria “a sua capacidade de se relacionar, convenientemente, com a direção do ensino”.

Assim, os professores, argumenta Moraes, são vistos no romance enquanto funcionários públicos inscritos na cena do poder. Um cenário político no qual haveria uma “estrutura de suporte ao espetáculo e a uma linguagem”, onde os professores da Escola Normal moldariam seus alunos para a representação de seus papéis. A linguagem do poder se manifestaria por meio de cerimônias de elogios às autoridades onde toda a realidade da prática docente seria transferida “para um espaço imaginário determinado: os organismos de direção do ensino.” Desta forma, haveria um discurso autorizado e, portanto, o professor não precisaria “entender de assuntos pedagógicos para ascender na carreira”. “As atividades mais

¹⁴¹ Dislane Zerbinatti Moraes, *Literatura, memória e ação política: uma análise de romances escritos por professores paulistas*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 1996, p. 99-100.

¹⁴² Losso Neto. “Os Piracicabanos do ‘O Estado de S. Paulo’” *Jornal de Piracicaba*, 4 jan. 1975.

valorizadas, que se constituíam em verdadeiras aprendizagens da profissão, eram as relacionadas às festas cívicas, comemorações e solenidades.”¹⁴³

Concordamos com as proposições da autora, mas não podemos deixar de mencionar que na perspectiva da nossa análise o livro de Leo Vaz, *O professor Jeremias*, tem certa expressão na realidade piracicabana e apresenta pontos de ligação com a instituição escolar iniciada pelo fato de que a cidade fictícia, “Piraçaguera”, pode ser lida como Piracicaba uma vez que ambas tem a escola agrícola, importante no contexto sócio-cultural da cidade, e a escola complementar, a qual ofereceria, como objetos de representação no romance, parte dos seus integrantes.

O desencanto com a carreira do magistério, explicitado na narrativa, levaria Leo Vaz a procurar a imprensa como o seu novo campo de atuação, apesar do aconselhamento de Lourenço Filho que, naquele momento, não via com bons olhos a opção incerta do jornalismo literário a qual os seus colegas de profissão pretendiam se dedicar, conforme o depoimento de Leo Vaz em *Páginas Vadias*, relato autobiográfico:

*A concorrência e rivalidade do âmbito jornalístico da Capital – dizia-nos a mim e ao Sud Mennucci, o Lourenço Filho, que já por aqui andava iniciando sua fulgurante carreira, eram ferozes e intolerantes; não devíamos, portanto, deixar o magro mas certo, que era o “be-a-bá”, pelo tentador, mas inseguríssimo de uma mesinha de redação.*¹⁴⁴

Sud Mennucci seguiria parcialmente a sugestão, pois apesar de ter começado a escrever para jornais, como vimos, continuaria na área da educação quando em 1910 fora nomeado professor em Cravinhos. Após o censo, Sud foi nomeado, ainda no âmbito da Reforma Sampaio Dória, como delegado regional de ensino, assumindo o 5ª Região em Campinas no final de 1920.¹⁴⁵ Daí em diante, teria sempre uma forte ligação entre as duas áreas e atuaria em ambas. Leo Vaz decidira pelo caminho da imprensa. Tornara-se companheiro de Lobato em *O Estado de S. Paulo* e na *Revista do Brasil*.

Em relação à esfera mais restrita do círculo, da qual faziam parte os nomes acima citados, podemos inferir que, embora Thales tenha permanecido no interior como professor primário, as relações estabelecidas pela rede de sociabilidade o favoreceram no

¹⁴³ Moraes, *Literatura, memória e ação política...* pp. 100-104.

¹⁴⁴ Leo Vaz, *Páginas vadias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957, p. 77. *Apud*. Dislane Zerbinatti Moraes, *Literatura, memória e ação política...* Op. Cit. pp. 99-100.

¹⁴⁵ Giesbrecht, *Memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...* Op. Cit. p. 29.

encaminhamento dos seus projetos literários iniciais. Num primeiro momento ocorrera a apreciação do esboço do *Saudade* e a conseqüente aprovação por Lourenço Filho e Sud Mennucci. Lançamos como hipótese que, nesse meio tempo, estes projetos devem ter incorporado certas idéias dos companheiros e permitiria, possivelmente, o desenvolvimento de certos conceitos do âmbito educacional e literário que no futuro estariam inclusive ligados aos aspectos referentes ao ruralismo identificados como uma das principais bandeiras de Sud e Thales. Procuramos embasar essa idéia de acordo com a teoria dos conceitos de rede de sociabilidade e microclima. A publicação e o patrocínio de *A Filha da Floresta* e *Saudade*, os primeiros livros de Thales pelo *Jornal de Piracicaba*, é outro indício de como o círculo daqueles intelectuais envolveram e foram envolvidos pelo clima cultural da cidade. Mas a rede de sociabilidade bloomsburyana alcançaria também a Capital na figura de Monteiro Lobato que, como editor do mensário *Revista do Brasil*, por volta de 1920, tecia comentários a respeito da intelectualidade piracicabana.¹⁴⁶

Lobato comprara em maio de 1918 a *Revista do Brasil* para torná-la a base editorial que vinha planejando. Desde 1916, entretanto, época do seu lançamento, ele colaborava freqüentemente enviando artigos e em contato com o grupo de paulistas que a havia fundado: Julio de Mesquita, Luis Pereira Barreto e Alfredo Pujol.¹⁴⁷ Contaria, a partir de então, à frente da *Revista*, com Leo Vaz e Breno Ferraz, identificados ao grupo piracicabano. Ao colhermos informações no texto de Cavalheiro, podemos observar a passagem dessas figuras pela *Revista* desde o momento em que Lobato assume o cargo de diretor:

A Revista do Brasil passou durante a sua existência, por diversas modificações no corpo diretor e redacional. Em dezembro de 1918 Pinheiro Júnior é substituído na secretaria por Alarico Caiubi. Em junho de 1919 Lourenço Filho passa a figurar, juntamente com Lobato, como diretor. Em janeiro de 1920, porém, Lourenço deixa o cargo, ficando somente Lobato. Um ano depois assumem a direção da Revista Afrânio Peixoto e Amadeu Amaral. Em setembro de 1921 sai Amadeu, volta Lobato, sai Alarico Caiubi da secretaria, substituído por Moacir de Abreu. Dois meses depois sai Moacir, e em seu lugar de secretário o mensário passa a ter “redator-chefe”, que é Breno Ferraz. Em janeiro de 1922 Afrânio Peixoto deixa a direção; Lobato e Breno Ferraz são os responsáveis pela publicação. Em abril, Ronald de Carvalho vem fazer-lhes companhia, também como diretor. Em janeiro de 1923 os diretores da Revista

¹⁴⁶ J. M. Ferreira. “Thales de Andrade e o boomsbury caipira... Op. Cit.

¹⁴⁷ Edgard Cavalheiro, *Monteiro Lobato: vida e obra*. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1962, 1º Tomo, *passim*.

*são: Paulo da Silva Prado e Lobato. O redator-secretário é Júlio César da Silva, que cede o lugar a Sérgio Milliet em fevereiro de 1924. Poucos meses depois, com a falência da Editora, morria a Revista do Brasil.*¹⁴⁸

Além de Lourenço Filho, em sua passagem pela direção do periódico, percebemos a presença de Leo Vaz desempenhando “as funções de coordenador, organizador e revisor” e Breno Ferraz, que viera a São Paulo trabalhar como jornalista e escreveria o livro *Cidades Vivas* em ar de polêmica com as *Cidades Mortas* de Lobato conforme relata Marcelino Ritter.¹⁴⁹ Ao observarmos diversas edições dos anos vinte é possível perceber que Ferraz se dedicaria, em muitos números, à seção de bibliografia do mensário, onde escrevia as resenhas dos livros lançados no mercado incluindo entre eles, as produções da própria *Revista* e, posteriormente, da Editora Monteiro Lobato & Cia.

Thales, apesar de não ter integrado esse novo grupo da *Revista do Brasil*, passou a conhecer Lobato quando manteve um primeiro contato para solicitar autorização para anexar ao *Saudade* o seu conto *Pedro Pichorra*. Este fora publicado em 1914, na mesma época em que – de acordo com a reconstituição feita acima – Thales elaborava o projeto do livro com temática agrícola o qual viria à luz com o título de *Saudade*. Em encontro promovido para agradecer a gentileza do diretor da *Revista* Thales o informa sobre o surgimento de *A Filha da Floresta* em edição do *Jornal de Piracicaba*. Lobato compra-lhe, então, “os volumes que sobraram da edição” para distribuí-lo por meio da *Revista do Brasil*.¹⁵⁰ Segundo o relato de 1975 de Luis Sartorelli Bovo, no *Diário Popular*, a tiragem inicial de cinco mil ficaria quase que completamente nas mãos do editor, que adquiriu quatro mil e quinhentos exemplares.¹⁵¹ As relações entre Thales e Lobato se prolongariam pelos anos vinte quando este último publicou o *Saudade* por sua editora. A partir dessas constatações, que fazemos neste trabalho, consideramos que o pesquisador que for tratar da história de Monteiro Lobato deve apreciar também a história de Thales de Andrade e de sua relação com o início da carreira do autor e editor Lobato ao redor do ano de 1919.

Assim, tanto o contexto sócio-cultural de Piracicaba quanto as projeções das redes de sociabilidade – que se estabeleciam por outras cidades próximas, e até mesmo na capital paulista – propiciavam, gradativamente, um clima favorável para a emergência e o reconhecimento de diversos artistas e intelectuais, muitos deles também atuando na área

¹⁴⁸ Cavalheiro, Op. Cit. pp. 156-57.

¹⁴⁹ Marcelino Ritter. “Literatura” *O Estado de S. Paulo*, 23 jan. 1965.

¹⁵⁰ Newton Nebel dos Santos. “Thales Castanho de andrade I”. *Tribuna Piracicabana*, 31 jul. 1983.

¹⁵¹ Luis Sartorelli Bovo “Evocando fatos e homens”. *Diário Popular*, 17 ago. 1975.

educacional, que nascidos na região se projetaram, em variada medida, no Estado de São Paulo e no país.

2. “Padrão de livro didático” - Comissão de livros didáticos na *Revista de Ensino*

A trajetória de Thales como aluno complementarista, recebendo as influências dos mestres de seu tempo e a seguir de seus colegas professores e jornalistas, bem como o ambiente social de Piracicaba e sua vivência nos sítios da região, certamente pesaram no direcionamento dado a sua obra. Um outro fator de definição dos caminhos trilhados para a sua nascente literatura pode ter sido as publicações oficiais, que orientavam as diversas facetas de funcionamento do ensino público, incluindo nesse sentido, as prescrições requeridas pelas comissões constituídas para adequar os livros para a leitura e o ensino. Assim, é bem provável que *a Filha da Floresta* e o *Saudade* tivessem sido pensado por Thales também em função ao atendimento das orientações propostas para esse tipo de literatura.

Uma dessas comissões averiguadoras desse tipo de obra, que poderiam ser utilizadas sob a certificação oficial, havia se reunido e divulgado o resultado do seu trabalho às vésperas do surgimento de ambos os livros de Thales de Andrade em 1919.

A *Revista de Ensino* em sua edição de junho a dezembro de 1918 traz um artigo no qual Sampaio Doria, como relator, juntamente com Américo de Moura e Plínio Barreto apresentam os argumentos que embasaram a escolha dos livros de leitura e a relação dos títulos adotados pela Diretoria do Ensino durante o mesmo ano nas escolas públicas do Estado de São Paulo e que fora definida por comissão da qual faziam parte.¹⁵² Apresentam no texto, inicialmente, os requisitos “substanciais” para um bom livro didático. De acordo com o relato, estes seriam três: a boa linguagem, a propriedade do assunto e o método de exposição.

Em relação ao primeiro item, a preocupação da comissão se relacionava a adequação da linguagem à infância, aos solecismos e aos estrangeirismos. Outro alerta, concernente ao mesmo quesito se remetia ao método didático no qual a clareza e a escolha inteligente das palavras eram mencionadas como condições adequadas ao bom escritor. Acrescentava-se ao conjunto de clareza da expressão e da correção gramatical, a linguagem didática revestida de beleza. O estilo deveria ser natural, simples, sóbrio, elegante, ao mesmo tempo em que

¹⁵² A. de Sampaio Doria, (relator). “Um padrão de livro didático”. In: *Revista de Ensino*. Nº. 1-4, junho-dezembro, 1918. pp. 87-98.

deveria abrir mão das formas rebuscadas, declamatórias, utilizadas para suprir a carência de idéias e sentimentos.

O autor didático, por excelência, seria aquele que conseguisse concatenar seus conhecimentos de escritor com o saber relativo às crianças:

*Associai, num só homem, a maestria da palavra, e a posse das leis de evolução mental, e tendes gerado a capacidade de autor pedagógico. Em quem quer que mingue um desses requisitos, não encontrareis o autor didático, e, se ele se meter a escrever para a infância, baterá em falso, fará obra de tamancaria grossa, e jamais um livro primoroso, como, para as escolas italianas, este incomparável “Coração” de Amicis.*¹⁵³

No segundo quesito, sobre a propriedade do assunto, a comissão salienta o papel da moral, fim de toda a educação séria. Nesse sentido as leituras deveriam preparar as crianças para a “vida ampla, produtiva, dentro da moralidade humana”. Desta nasceria o interesse, este também um dos preceitos pedagógicos e, desprezada esta condição, “o livro será falho, quando não for nocivo e o educador será o mais detestado suplício para a alma ingênua das crianças”.

A didaticidade ou método para tratar os assuntos é o terceiro item abordado pela comissão. A mensagem neste caso é que mesmo um tema adequado, ao alcance dos leitores, que permita a leitura clara e corrente, poderá ser mostrado de maneira imprópria ao entendimento infantil. A preocupação se refere às condições tipográficas de saúde visual e de agrado, vinculando-a as questões higienistas e ao método de exposição.

Quanto à primeira questão o texto inclusive destaca o consenso existente no que se refere às disposições de letras, cores, formas grandezas etc., prescrições que os bons livros didáticos, segundo a comissão, não se furtavam de seguir.

Em relação ao método de exposição, ou a maneira de movimentar os assuntos do texto escrito, já não existia tantas certezas, predominaria mesmo muita confusão e incerteza. Uma das idéias que demonstravam os equívocos era a de que a didaticidade era subjetiva e isso seria provado na medida em que determinado livro se mostraria ótimo nas mãos de um professor e sem nenhum valor sob a regência de um outro. Os livros, entretanto, ressalta o

¹⁵³ Dória, p. 88.

texto, não perdem suas qualidades didáticas, de fato o que se comprova com a afirmação seria que um bom mestre supre as deficiências da obra que utiliza.

Os livros verdadeiramente didáticos, explica a comissão, são aqueles que, na medida do indispensável, utilizam a ilustração, as quais substituem a presença das realidades materiais aos sentidos e a seguir filiam sua explicação ao que se presume existir na memória do leitor. Esse trajeto obedeceria às condições fundamentais do conhecimento: o contato da inteligência cognoscente às realidades que se vão conhecer, explicitando “a velha marcha do conhecido para o desconhecido, do velho pra o novo, do fácil para o difícil”. Noutro exemplo o texto se utiliza da idéia de construção do herói a qual o livro irá ensinar: ao desenvolver a narração, encadeando fatos acessíveis à inteligência de seus leitores o livro mostrará a sua didaticidade. Permitirá à criança realizar uma análise espontânea na qual destacará, mentalmente, a heroicidade das personagens de ação. Nesse momento se fala de heroísmo com o fim de preencher uma necessidade, associando a idéia nova à memória do “leitor aprendiz”. Nesse sentido o escritor demonstrou ter método didático e a qualidade de seu livro pois:

*Marchou do concreto para o abstrato, dos fatos individuais para as generalidades do atributo, das coisas conhecidas para o desconhecido e novo, que, então o discípulo assimila, filia e sistematiza com o que já sabe, já aprendeu, já se lhe estruturou no cérebro, e se lhe incorporou no espírito.*¹⁵⁴

Tendo definido os padrões sob os quais se deveriam amoldar as obras didáticas – linguagem progressivamente enriquecida, clara, correta, sóbria, elegante; assunto acessível e adequado à formação intelectual e moral das crianças; método na movimentação dos assuntos de acordo com as leis que disciplinam o conhecimento – a comissão relaciona as obras submetidas à revisão dos livros didáticos, não sem antes mencionar que, a rigor, não teria havido livro que satisfizesse todos os critérios determinados. Alguns dos livros, nesse sentido, apresentaram adequação à linguagem e inconveniência em relação ao método de exposição, outros o inverso. Quase todos apresentavam “falhas lastimáveis”, fatos estes que obrigaram os componentes da comissão a abrandar os critérios de julgamento para não deixar as escolas com poucas obras. Sugerem, contudo, que em futuras revisões se mantivessem o rigor para a análise das novas obras que surgissem.

¹⁵⁴ Doria, p. 91.

Na relação das obras escolhidas – comentadas e com o oferecimento de sugestões aos professores para a sua utilização, e também para as “leituras suplementares e auxiliares” estas últimas, aliás, relacionadas num item a parte – encontra-se os seguintes títulos indicados para cada ano letivo:

1º Ano

Meu Livro – Theodoro de Moraes

Cartilha Infantil – Carlos A. Gomes Cardim

Cartilha Analytica – Mariano de Oliveira

Leitura Preparatória – D. Rita Barreto

1º Livro – João Köpke

2º Ano

2º Livro – João Köpke

1º livro – Puiggari – Barreto

Coração de Crianças – D. Rita Barreto

Minha Pátria – Pinto e Silva (leitura suplementar)

3º Ano

Cousas Brasileiras – R. Puiggari

Corações de Crianças – D. Rita Barreto

3º Livro – João Köpke

Minha Pátria – Pinto e Silva (leitura suplementar)

4º Ano

3º Livro – Puiggari- Barreto

Através do Brasil – Bilac e Bomfim

História do Brasil – Júlia Lopes

Fazem parte da relação das obras denominadas de “leituras suplementares e auxiliares” os títulos a seguir: *Poesias Infantis* de Olavo Bilac, *Leituras Preparatórias* de Rita de Macedo, *Leituras Preparatórias* de F. Vianna e Miguel Carneiro, *Contos Infantis* de Julia Lopes, *Fábulas* de Justiniano da Rocha, *Páginas Infantis* de Mariano de Oliveira, *Cousas Brasileiras* de Puiggari-Barreto, *Páginas Infantis* de F. de Almeida, *Contos Infantis* de Julia Lopes, *Alma infantil* de Francisca Julia, *Histórias de Nossa Terra* de Julia Lopes, *Contos*

Pátrios de Coelho Netto e Olavo Bilac, *Nossa Pátria* de Rocha Pombo, *Contos Moraes e Cívicos* de C. Góes, *Leituras Moraes* de Arnaldo Barreto, *Biblioteca Infantil* organizado por Arnaldo Barreto, *Minha Pátria* de Pinto e Silva, *Pequenos Trechos* de Octaviano de Mello, *leituras Práticas* de João Köpke, *Leitura Manuscrita* de B. P. R., *Moral Prática Elementar* de Emilia Costa, *Meu Livro* de Theodoro de Moraes, *Livro de Leitura* (1º 2º e 3º) de Puiggari-Barreto, *Segundo e Terceiro Livro* de Galhardo, *Primeiro, Segundo e Terceiro Livro* de Francisco Vianna, *Novas Leituras* de Roca e M. Oliveira (1º 2º e 3º), *Coração das Crianças* de Rita de Macedo, *Palestra sobre Plantas* de C. Brilho, *Leituras Intermediárias* de Maria Rosa.¹⁵⁵

Antes ainda de apresentar a relação final das obras revisadas para o ano de 1918 o texto volta a comentar a deficiência da lista – em qualidade e quantidade – e justifica a relação de livros escolhidos tendo em vista as razões do Estado. Esclarece que, “no intuito de cooperar para a boa formação mental e moral da infância, sob certa unidade básica, necessária à coesão nacional” cabe ao Estado a uniformização dos programas fundamentais, dos métodos de ensino e dos livros escolares, mas com os desdobramentos possíveis e a liberdade necessária para que os professores possam ser mais eficazes. Sugere também que os poderes públicos promovessem concursos e premiassem as publicações de obras didáticas.

Voltando ao mérito do exame dos livros, condena a análise gramatical, antes de o aluno ser capaz de fazer a análise do pensamento, da análise lógica que a mente infantil é capaz de realizar. Cita, em seguida, o método intuitivo o qual condena o ensino de abstrações como preposições e conjunções, antes do conhecimento, por parte do aluno, da sentença, fato comum de todos os dias.

Alerta ainda que existiriam poucas obras que despertassem o amor a terra, ao ar livre, à cultura dos campos.

*Sobretudo para as escolas rurais, conviria abolir os livros que surgiram a sedução da cidade, e o desamor à vida produtiva e saudável dos campos. Animar a produção daquelas obras é um benefício prestado às crianças, nascidas e habituadas com as “fazendas”, e uma necessidade de países agrícolas, como o nosso*¹⁵⁶.

¹⁵⁵ Doria, p. 93.

¹⁵⁶ Ibid., p. 96.

Aponta uma grave lacuna no aparelho escolar e a correspondente carência de livros: o atendimento às diferenças e especificidades das crianças das escolas primárias e dos jardins da infância, na educação dos sentidos.

Por fim indica mais uma das necessidades do ensino público que ainda não haveria sido atendida em decorrência da deficiência dos livros didáticos: a confusão dos sistemas ortográficos. Propõe a generalização de um sistema a ser adotado nas escolas primárias, nas quais as crianças se habituariam a ele.¹⁵⁷

Parece-nos que ao menos algumas das sugestões propostas pelo relatório seriam incorporadas às primeiras obras de Thales, pois tanto o conteúdo de seus textos quanto os depoimentos colhidos no período divulgando suas produções iniciais demonstram aproximações com as prescrições sugeridas no relatório apresentado.

Considerando, por um lado, as possibilidades de articulação e encaminhamento de projetos dos intelectuais e artistas favorecidas pelo desenvolvimento do clima cultural instalado em Piracicaba e, por outro lado, as notícias sobre as prescrições a respeito do padrão de livros didáticos que se esperava da produção de seus autores, verificaremos a seguir o contexto do surgimento de *A Filha da Floresta* e do *Saudade*, livros inaugurais de Thales de Andrade.

3. *A Filha da Floresta – contra a devastação das matas*

A Filha da Floresta, que não foi o primeiro livro do autor a ser escrito, embora tenha se convertido no primeiro a ser impresso e é também o volume inicial de uma proposta literária mais ampla, a coleção denominada de “Encanto e Verdade” a qual, no decorrer dos anos vinte, seria editada pela Companhia Melhoramentos.

As informações que utilizamos na apresentação e análise desse livro foram selecionadas na perspectiva de demonstrar como essa produção auxiliou o desenvolvimento da trajetória do autor que era nesse momento um professor iniciando a sua carreira de literato. Thales trouxera os seus primeiros textos para o âmbito dos grupos nos quais estava inserido elaborando, ao mesmo tempo, estratégias de divulgação que circulavam na rede de sociabilidade e nos microclimas ali instalados, conforme as referências propostas por Ângela de Castro Gomes.

¹⁵⁷ Dória, p. 97.

Assim, não trataremos da produção andradeana sob outros aspectos, como os da materialidade do livro ou daqueles identificados com as edições, a não ser para esclarecer pontos que estejam vinculados às suas relações com os agrupamentos nos quais implementavam os seus projetos educativos e literários.

Posto isso é importante lembrar que Thales foi um autor que demonstrou, em sua obra, interesses na agricultura e na decorrente vida do homem do campo e numa literatura preocupada com a educação das crianças do mundo rural.

As fontes que nós utilizamos para a apreciação de *A Filha da Floresta* foram principalmente os jornais do período, e especialmente os de Piracicaba e das cidades próximas, procedimento este que confere ao item uma condição de ineditismo em relação aos trabalhos conhecidos.

A Filha da Floresta é um conto que narra a história de Silvio, filho de doze anos de Samuel e Eunice, vivendo no sítio denominado de Recanto Tranquilo. Numa tarde o menino adormece ao pé de um ipê e sonha com a Filha da Floresta, uma fada e, ao mesmo tempo, uma fonte. Esta lhe conta os segredos dos movimentos e das transformações as quais estavam sujeitas as águas e da proteção que sua mãe, a Floresta, lhe oferecia para se defender contra o vento e o sol. A ameaça imediata é representada pelos homens que destroem a floresta e decretam, desta maneira, a morte das fontes, dos animais e das plantas. Quando retorna ao lar Silvio percebe o pai tratando da derrubada das matas. O fato acarreta a destruição do sítio. Em desespero Silvio recorre à Fada para restituir a floresta original ao seu lugar. Após viver intensas aventuras por meio das quais consegue sementes mágicas para a reconstrução do Recanto Tranquilo Silvio é despertado pelo pai para voltar para casa e lhe faz prometer, que cuide para que os recursos da natureza sejam aproveitados de modo a não degradarem a terra.

Esta obra de Thales Castanho de Andrade serviria de veículo para a edição de sua produção de maior expressão, o livro *Saudade*, que até o ano de 1919, conforme confessa o autor, não teria vindo a público. Assim, decide em 1918 escrever o conto *A Filha da Floresta*, o qual concebe no contexto de uma série denominada de Encanto e Verdade. O livro seria utilizado, desta forma, como uma estratégia de divulgação do projeto literário que tinha em mente.¹⁵⁸

A primeira edição de cinco mil exemplares, rodada nas oficinas do *Jornal de Piracicaba*, descrita como um pequeno livro de 64 páginas, confeccionado, segundo um dos depoimentos abaixo, em bom papel acetinado e com diversas ilustrações de Alípio Dutra,

¹⁵⁸ Thales Castanho de Andrade, *Encanto e Verdade*. São Paulo: Melhoramentos, 1967, p. 5.

artista plástico piracicabano, um dos amigos de Thales de Andrade e professor normalista formado na turma de 1909 da Escola Complementar. O volume seria feito para ser vendido por módico preço, estipulado na época em quinhentos mil reis.¹⁵⁹

Uma segunda edição de dez mil exemplares seria preparada, ainda no decorrer de 1919, pelo mesmo jornal o qual disponibilizava os exemplares de *A Filha da Floresta* para venda em sua papelaria.¹⁶⁰

Os eventos que marcam o surgimento da obra garantiram ao autor a atenção dos jornais piracicabanos e de outros no Estado de São Paulo. É o que atestam muitas das matérias publicadas no período divulgando a edição do “opúsculo” de Thales, para utilizar uma das expressões frequentemente citadas.

Pudemos relacionar diversos títulos de periódicos que trataram do conto em 1919, entre eles: *Jornal de Piracicaba*, *O Estado de S. Paulo*, *O Pimpão*, *Correio Paulistano*, *O São Paulo dos Agudos*, *Jornal do Comércio*, *O popular de Araraquara*, *A Revista Feminina* e a *Gazeta de Capivari*. Escrevem neles figuras conhecidas pelo autor: os amigos, os colegas professores, o diretor da Escola Normal de Piracicaba, Honorato Faustino, o lente catedrático da Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz”, Carlos Mendes, o secretário da União Internacional Protetora dos Animais de São Paulo, algumas alunas do Grupo Escolar Bela Vista, certamente incentivadas por sua professora, Dulce Carneiro, ela própria autora de um livro de versos, *O meu caderninho*, diversos articulistas dos jornais e, pelo menos, entre os textos nos quais identificamos seus autores, um dos antigos colegas da Escola Complementar, Breno Ferraz do Amaral, do círculo do *Estadão*.

Muitas das matérias publicadas se referem ao recebimento do conto, fato que demonstra a preocupação do autor com a divulgação do seu texto que na intenção de torná-lo conhecido havia enviado os exemplares àquelas pessoas. As cartas enviadas à redação dos jornais, não raramente, são utilizadas como uma forma de cientificar o leitor deste fato. Geralmente os textos tecem comentários sobre o tema central da história, a progressiva desertificação provocada pela derrubada indiscriminada das matas, mas também recorrem a outros objetos vistos no conteúdo analisado. Dentre eles, aparecem em algumas das matérias, o ensino intuitivo, as lições de coisas, a referência à moralidade e o recurso ao maravilhoso, utilizado como estratégia da narrativa.

O *Jornal de Piracicaba* esteve envolvido diretamente no processo de divulgação do conto por ter sido o responsável por sua publicação. Nele estão concentrados, no ano de 1919,

¹⁵⁹ Nemésio. “A Filha da Floresta”. *Jornal de Piracicaba*, 25 mar. 1919.

¹⁶⁰ “A Filha da Floresta”. *Jornal de Piracicaba*. 23 ago. 1919.

os primeiros textos que divulgam *A Filha da Floresta* e algumas reproduções de matérias de outros jornais e revistas sobre o mesmo tema.

Uma das notícias que inauguraram o esquema de promoção do conto é dada pelo *Jornal de Piracicaba*, em 25 de março de 1919¹⁶¹, assinada por Nemésio¹⁶², autor já referido acima. O texto é escrito em forma de um “diálogo” entre Thales de Andrade e seus colegas, no qual o futuro autor convida-os a comparecer em sua casa, no dia seguinte, às treze horas, para a leitura de seu livro. Os amigos perguntam se é o *Saudade*. Thales explica-lhes que “trata-se como o *Saudade* de um livro para crianças e de propaganda agrícola”. Salienta, entretanto, que não seria uma obra escolar, para o ensino da linguagem e sim uma história que contemplaria o elemento “maravilhoso”, e no qual haveria reis, fadas, fantasias, componentes estes que, afirmava o autor, exercem encanto entre crianças e grande legião de adultos não habituados “a devorar coisas que ressumam a realismo ou naturalismo”. Na fala atribuída a Thales há ainda uma crítica na qual lamenta-se a ausência de boa literatura destinada à infância, com a exceção de alguns Ali Babá e Simbás, e “outros mais ou menos arábicos”.

Dada a situação, continua o Thales personagem, pensou “não ser má idéia escrever uma série de contos fantásticos, aproveitando-os como veículo de uma propaganda em prol da agricultura que é fonte máxima de todas as riquezas do Brasil, fazendo com que as crianças voltem suas vistas para o campo e considerar quando adultos trocar o ambiente das cidades pelo ar puro e saudável das selvas”. Considera mesmo negativo a preferência das pessoas pelas capitais em detrimento ao pouco labor destinado ao campo. Anuncia o nome dado à série, Encanto e Verdade, e faz uma sucinta descrição dos projetos de cada texto para o futuro:

Ao primeiro deles, sobre as derrubadas, chamei A Filha da Floresta; ao segundo, sobre a proteção dos animais úteis à lavoura, El-Rei, dom Sapo; ao terceiro, sobre a proteção às aves, Bem-te-vi, Feiticeiro; ao quarto, sobre as queimadas, Totó Judeu; ao quinto, sobre a necessidade da fruticultura, Laranjas de ouro; ao sexto, sobre o combate às saúvas, D. Içá Rainha; e assim por diante. Uma série enfim, sobre cada um dos aspectos da vida campesina no Brasil.

¹⁶¹ Nemésio. “A Filha da Floresta”. *Jornal de Piracicaba*, 25 mar. 1919.

¹⁶² Há alguns textos que mesmo assinados não indicam a identidade do autor. Nemésio, por exemplo, é um nome que não aparece em nenhum outro texto consultado. Da forma como foi escrito poderia ser qualquer pessoa da redação do *Jornal de Piracicaba*, inclusive o próprio Thales de Andrade. Outros pseudônimos, da mesma maneira, não contribuem para o esclarecimento da autoria. Temos nesta seção do texto: Nemésio, P.S., e S. (Sud Mennucci?).

A relação conhecida dos títulos da coleção Encanto e Verdade que foram publicados posteriormente manteria os mesmos mencionados pelo autor, com exceção do *Laranjas de ouro*, o qual não aparece nas referências, modificando, conseqüentemente, a ordem das edições efetivamente realizadas.

“Thales” afirma que não somente esboçou as obras, mas que havia já escrito o primeiro e que também havia providenciado, junto ao jornal, uma edição de cinco mil exemplares por um bom preço:

– Sim, coisa barata, papel bom, acetinado, vinhetas a cor, mais de 60 páginas, ilustrações inúmeras e por um preço insignificante: \$500 cada exemplar.

Ainda utilizando o artifício do diálogo, o autor do texto declara que o destino do conto seria a sua venda “às pessoas que, amigos da Agricultura e da Instrução, queiram oferecê-lo à criançada escolar”. Outra característica do livro destacada é o seu engrandecimento pelas ilustrações de Alípio Dutra. Afirma por fim que antes de entregar ao tipógrafo os originais de *A Filha da Floresta*, queria lê-lo aos amigos e daí a idéia da reunião em sua casa.

O texto de Nemésio informa que de acordo com o combinado, teriam comparecido no domingo à casa do autor, as pessoas convidadas para o evento: a sala estava “transformada em cenáculo e repleta quase de cavalheiros e senhoritas”. A leitura teria despertado o interesse da assistência que ao final havia aplaudido, pois o conto, ainda de acordo com a narrativa, atendia às expectativas e contemplava os objetivos propostos: “clareza artística, ao alcance da mente infantil”, harmonioso, “tudo há nele a empolgar os infantes leitores, e colimando um fim educativo”.

Nemésio destaca do conteúdo do livro a sua principal mensagem, a devastação das matas como um grande mal de sérias conseqüências e, continua:

Se porém o governo, os fazendeiros e os particulares se congregassem os esforços numa campanha contra, havia de se conseguir algo. E já a primeira daquelas forças, a oficial cuida de legislar respeito a isso cabe aos particulares auxilia-la eficazmente. E foi o que Thales bem compreendeu.

Segue no texto a transcrição de um excerto do conto como exemplo do “estilo em que é vazado”. A passagem citada está localizada na história logo após o seu início, quando o pai de Samuel lhe pergunta o que gostaria de possuir na terra quando adulto e lhe fornece em

seguida, diante da sua indecisão, informações sobre cada lugar no qual o filho poderia “viver”: o mar, o ar, o campo. O trecho escolhido realiza uma descrição de como é a vida no campo, considerada a opção acertada e a mais adequada.

Após a leitura, foram ouvidas récitas de poesias as quais, contextualizadas ao tema do livro, encerram o evento. Olegário Guimarães recita Ricardo Gonçalves; Yolanda Moretti a composição de Catulo, “O lenhador”.¹⁶³

O artigo, desta maneira, funciona como chamamento ao pequeno livro de Thales e sugere que há, além daquela edição um projeto literário em andamento, pois anuncia já toda uma coleção esboçada além do livro *Saudade* que, pronto, aguardava uma oportunidade para a publicação.

Além disso há, desde este momento, o delineamento da proposta literária do autor, que ao se pronunciar já informa ao leitor o destino tanto do *Saudade* quanto de *A Filha da Floresta*, ambas obras destinadas às crianças e voltadas para a propaganda agrícola.

O autor adiciona um elemento a mais, presente em *A Filha da Floresta*, como novidade na literatura da época feita para as crianças: o “maravilhoso”, a fantasia, fatores que exercem encanto em crianças e adultos. Inclusive aproveita a oportunidade para realizar uma crítica constatando a ausência da boa literatura para o público infantil, a exceção dos contos clássicos como Ali Babá e Simbá.

Os jornais, naquele momento, trouxeram outras matérias a respeito do livro. Algumas delas não apresentavam grandes novidades em relação ao texto acima mencionado, variando em um ou outro aspecto, mas serviam para manter acesa a atenção e a curiosidade a respeito de *A Filha da Floresta*. Outros textos de divulgação abordavam, como temas do conto de Thales, além do principal tratado, as derrubadas das matas e as providências necessárias a serem empreendidas no sentido de debelar a prática da desertificação, outros assuntos: a educação, o patriotismo e o nacionalismo, as práticas educacionais, então em voga, e a discussão do próprio gênero, como já se viu acima esboçado.

O artigo assinado por P. S., por exemplo, também publicado pelo *Jornal de Piracicaba*,¹⁶⁴ procura discutir a narrativa considerando o papel do protagonista, Silvio, como o símbolo de uma nova geração de agricultores que não contariam mais com o cabedal de seus pais e sim com o conhecimento adquirido na escola e o trabalho profícuo. O autor lança mão da idéia de que será este menino, ainda com doze anos, a pessoa que consegue perceber a

¹⁶³ Infelizmente, no decorrer da pesquisa, não encontramos referências aos nomes de Olegário Guimarães e Yolanda Moretti.

¹⁶⁴ P. S. “Encanto e Verdade”. *Jornal de Piracicaba*. 20 maio 1919.

necessidade de proteção e conservação da floresta e dos haveres de seu pai, ainda que seja – no caso do conto – por meio do recurso do sonho.

Informa ao leitor sua expectativa da leitura: inicialmente pensou que iria encontrar algo semelhante à miséria dos cenários caipiras descritos por Monteiro Lobato ou Valdomiro Silveira¹⁶⁵, e ao invés disso, vislumbrou, por meio do encontro do pai de Silvio com Eunice, o início da vida do casal no campo, “longe do luxo que arruína, longe da civilização que corrompe!”.

De maneira geral, o autor apóia a visão que Thales sugere para a vida no campo e até a idealiza em frases rebuscadas:

E como quadrou bem com a virgem das selvas verdes brasileiras, junto à fonte rumorosa, em lugar do pote de massapé nacional, genuíno, como quadrou bem aquela ânfora etrusca com asas arrebitadas, com lavores e gargalo, que o Samuel gentilmente carregou, cheia de água doce, cristalina e fresca.

Honorato Faustino, diretor da Escola Normal desde o tempo da “Complementar de Piracicaba” tem uma carta a respeito do conto dirigida ao seu antigo aluno Thales, que fora também publicada por aquele periódico.¹⁶⁶ Dirige-se ao agora amigo e colega e reitera na missiva, assim como muitos outros comentadores o fizeram, a sua preocupação com a devastação das matas, as conseqüências para clima e para as condições metereológicas e, em decorrência, para a agricultura. Felicita o autor por sua iniciativa de dedicar uma série de histórias para as crianças em um período no qual poderiam ser formadas segundo as novas concepções sobre a verdadeira natureza das coisas. Por fim, salienta que tanto o autor do conto quanto o seu ilustrador honrariam a memória do local no qual haviam sido formados: a Escola Normal de Piracicaba.

O jornal *O Estado de S. Paulo*¹⁶⁷ estampa matéria não assinada evocando os nomes de Köpke, Barreto e Puiggari, Julia Lopes e Bilac para colocar, entre eles, o nome de Thales de Andrade como um dos poucos da época a se preocupar com a produção de livros de leitura infantil. Refere-se à coleção que estava sendo gestada por Thales, à forma amena que seria proporcionada pela leitura dos contos, “sem tom catedrático”. O autor se valeria, ainda segundo o texto, “do pendor inato na criança para as histórias maravilhosas que lhes calam tão

¹⁶⁵ Autor apontado como o pioneiro da literatura regional brasileira, cf.: Luiz Correia de Melo, *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954, pp. 602-03.

¹⁶⁶ Honorato Faustino de Oliveira. “Uma opinião valiosa”. *Jornal de Piracicaba*, 21 maio 1919.

¹⁶⁷ “Tópicos”. *O Estado de S. Paulo*, 22 maio 1919.

fundamente na memória, persistindo ali pelo decorrer de toda a sua existência”. O propósito do livro é novamente lembrado: incutir nas crianças o amor pela vida rural, e pela “defesa das florestas contra o assalto dos fazedores de queimadas”, numa campanha patriótica. O preço “modicíssimo”, ao alcance de todas as crianças, é o último destaque da matéria, atestando assim que este seria mais um dos fatores que contribuiriam para a vulgarização do texto junto ao seu público.

Não podemos determinar quem escreveu de São Paulo a propósito do livro de Thales. Por um lado, a linguagem utilizada poderia sugerir que se tratava de alguém ligado à educação e, nesse caso, especularíamos que seria alguma pessoa próxima de Thales e do magistério e que, além disso, tinha livre trânsito na imprensa da época. O perfil indicaria os nomes de Lourenço Filho, Leo Vaz do Amaral, Sud Mennucci, Brenno Ferraz, Amadeu Amaral etc., para ficar apenas nos personagens de mais destaque daquele momento, por outro lado, o autor usou informações já vulgarizadas por outros periódicos e, portanto, passíveis de serem elaboradas por qualquer leitor de jornal ou revista.¹⁶⁸

Do *Correio Paulistano* registramos a contribuição de Nuto Sant’ Anna. Este articulista destaca que o método educacional difundido naquela ocasião era aproveitado por Thales para contribuir com a formação das crianças. Afirma que na pequena brochura, *A Filha da Floresta*,

*Encontram-se algumas lições de coisas, lições que, mercê do método prático e intuitivo por que são expostas, hão de forçosamente aproveitar a ilustração incipiente dos jovens colegiais.*¹⁶⁹

O artigo é concluído com comentários que reiteram a boa escrita do livro, seu caráter leve e espirituoso, que recreia e instrui, e sua validade por seu conteúdo moral.

Thales havia remetido um exemplar de *A Filha da Floresta* a Carlos Mendes, lente catedrático da Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz”. A resposta ao autor foi publicada

¹⁶⁸ A circulação das idéias em torno da educação também ganharia fóruns específicos. Para o acesso a uma relação extensiva sobre o tema consultar Denice Bárbara Catani; Cynthia Pereira de Sousa (orgs.). *Imprensa Periódica Educacional Paulista (1890-1996): catálogo*. São Paulo: Plêiade, 1999; para o estudo da *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo*, ver: Denice Bárbara Catani, *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003; e Maria Cristina Perez Vilas, *Pensar e escrever a leitura na escola: Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo* (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 2003.

¹⁶⁹ Nuto Sant’ Anna. “A Filha da Floresta, pelo sr. Thales C. de Andrade”. *Correio Paulistano*. 12 jun. 1919.

na edição do dia 18 de junho do *Jornal de Piracicaba*.¹⁷⁰ Nela o professor reafirma a qualidade do livro, sua importância para a literatura infantil e, para a instrução, atenta a necessidade de percepção dos problemas da devastação sem cuidar da agricultura intensiva, a única justificativa para as derrubadas inconscientes das matas. Neste sentido concorda que os professores normalistas teriam um papel fundamental, dado ao seu grande número e a característica inerente ao ofício, o ensino.

A devastação das matas, matéria assinada por S.¹⁷¹, cobra de São Paulo, “o Estado mais progressistas da União”, que empenhe o seu prestígio para conseguir do Congresso Nacional a decretação do “Código Florestal”, única maneira de poupar as florestas remanescentes. Critica o governo e somente vê em sua ação a cobrança dos impostos. Entende, no que diz respeito à instrução, que:

(...) a nossa educação cívica, ainda continua muito atrasada devido à elevada porcentagem de analfabetos, visto o ensino primário não estar disseminado como devia não só em S. Paulo, como nas demais circunscrições da República.

Assim, aplaude o surgimento do livro de Thales de Andrade, que teria como “objetivo incutir no espírito infantil o culto pelas árvores, sendo ao mesmo tempo um hino de admiração à beleza moral da terra”.

A festa das árvores, evento comum nos estabelecimentos de ensino da época, é lembrada como uma das atividades feitas em prol da conservação das florestas. Esta nota, uma republicação pelo *Jornal de Piracicaba* de um texto de *A Cigarra*¹⁷², é escrita para afirmar que ações como essas, seguidas dos ensinamentos dos livros e dos cuidados oficiais contra os atentados às florestas, eram bem conhecidas e cultuadas. Thales de Andrade, porém, introduzia, na opinião do articulista, o assunto por um novo ângulo:

Conquanto, porém, se tenha até agora escrito poesias e sonetos sobre as árvores, ninguém tentou realizar o que pretende iniciar hoje o professor Thales de Andrade com a sua brochura; isto é, uma série de pequenos contos e fantasias, com os quais se considera sugestionar profundamente a criança e infundir no seu espírito, de modo indestrutível, o amor pelas árvores.

¹⁷⁰ Carlos Mendes. “A Filha da Floresta”. *Jornal de Piracicaba*. 18 jun. 1919.

¹⁷¹ S. “A devastação das matas”. *Jornal de Piracicaba*. 19 jun. 1919.

¹⁷² “A Filha da Floresta”. *Jornal de Piracicaba*. 28 jun. 1919.

Breno Ferraz do Amaral escreveu, a respeito de *A Filha da Floresta*, um texto publicado pelo *Jornal do Comércio*¹⁷³. Nele retoma os pontos principais do “diálogo” estabelecido entre Thales de Andrade e seus amigos na reportagem publicada pelo *Jornal de Piracicaba* em 25 de março. A respeito da pouca literatura acessível no país às crianças afirma que, com exceção dos livros didáticos, sobrariam os contos de Schimdt, as *Mil e uma noites*, o *Dom Quixote*. Clássicos que se apresentavam como excelente literatura, no entanto, além de não ser nacional,

aproveita quase sempre ao espírito apenas, as vezes a moral e, nunca, a educação para a vida do trabalho e da ação. Além do mais, quanto não custam esses livros e quantas crianças não se privam de os consultar?

A ausência de bons autores nessa seara estava sendo compensada, segundo Amaral, por Thales de Andrade, que tomara a si “a tarefa de nos dotar de uma pequena biblioteca para a infância”. A seguir classifica *A Filha da Floresta* como um folheto revelador e promissor:

Convencido e, com abundância de razões, de que a fábula é o meio eficacíssimo de inculcar-se no espírito da criança uma noção abstrata, realizou o autor uma obra em verdade meritória com empregá-la em proveito da propaganda agrícola. A criança que a ler não predisporá o espírito para inveterar-se nesse vício nosso do urbanismo, que, aliás, não é tão nosso quanto da civilização contemporânea. E não é só. Vai a ação até o elogio impressionante das grandes verdades sobre as quais repousa o nosso futuro de nação.

No decorrer do artigo, o autor reafirma sua concordância com o escritor em sua “ação pedagógica” por meio do estratagema da “fantasia e do sonho, a serviço da ciência e da moral.” Sem a parábola, continua, “a alegoria, o símbolo a verdade científica é inatingível à criança e ao povo, bem como os melhores conselhos.” Thales, conclui Amaral, escreveu para as crianças, não para as escolas à espera da adoção oficial. Marcaria, portanto, com o primeiro volume de sua biblioteca Encanto e Verdade, “uma nova fase da operosidade do professorado paulista: – a de organização da literatura infantil, paupérrima em língua portuguesa”.

¹⁷³ Breno Ferraz do Amaral. “Literatura infantil”. 09 jul. 1919.

“A infância não sabe amar sem destruir”. Esta afirmação do jornalista Graco Silveira, natural de São Roque, mas com passagem por Piracicaba, onde havia cursado parte do ensino primário¹⁷⁴, é explicada como fruto da curiosidade das crianças que mesmo na derrubada das árvores veria um espetáculo. Teriam, portanto, “todos os maus instintos do homem”. Um livro como o de Thales, continua o articulista, cheio de “fantasia e de verdade vem acariciar-lhe a imaginação para lhe abrir no fundo da alma este sentimento ainda embrutecido: o amor das árvores”.¹⁷⁵

O nacionalismo e o patriotismo são elementos constantes da abordagem do artigo assinado por P. Fco. Cruz, *A Filha da Floresta*.¹⁷⁶ Nele o autor noticia o recebimento de um exemplar do livro e elogia a iniciativa de Thales em escrever para um “nobilíssimo fim”, principalmente em um momento em que tantos, afirma o autor, “se deixam avassalar pelo pessimismo do viver”. Em um momento como este o livro de Thales se mostraria noutra perspectiva, ao “inocular na infância, na alma de uma nova sociedade, o amor à vida, à verdade e à beleza da natureza vegetal sempre pura e educativa”. E escolhendo como musa a flora brasileira, se edificaria o nacionalismo. O autor critica também o internacionalismo como fator prejudicial à harmonização das etnias e o percebia penetrando os “partidos políticos avançados”. Thales, por seu turno, demonstraria com o seu gesto a disposição nacionalista e patriótica e o seu esforço ao utilizar a “pedagogia regeneradora” na interpretação moral da “natureza viva”.

Outra crítica, à ambição de glórias efêmeras de pessoas que se dedicam às ficções, é apontada como negativa na medida em que estas, “ao “dizer e praticar excentricidades”, estariam divorciadas da vida social e distantes do mundo real, portanto, inúteis à coletividade. Salienta que, no caso de *A Filha da Floresta*, o aspecto maravilhoso não obscurece o realismo pretendido pelo autor. Congratula-o pela grande intenção, pelo grande esforço e pelo processo pedagógico do Encanto e Verdade. Finaliza afirmando que a natureza devidamente interpretada leva ao caridoso ideal de Jesus, e que o homem se “retempera” no “encanto e verdade naturais que nada adultera ou macula”.

A educação e, mais propriamente o ensino intuitivo, é o mote de Alceu Viegas para o comentário relativo ao livro *A Filha da Floresta*.¹⁷⁷ Viegas, inicialmente, remete-se ao século XVIII afirmando que dataria desta época a simplificação do ensino. Este autor pretende explicar com a assertiva que a ciência livresca, a qual contribuía com a abstração, havia

¹⁷⁴ Melo, *Dicionário de autores paulistas...* p. 556.

¹⁷⁵ Graco Silveira, “A Filha da Floresta”. *Jornal de Piracicaba*. 10 jul. 1919.

¹⁷⁶ P. Fco. Cruz, “A Filha da Floresta”. *Jornal de Piracicaba*. 20 jul. 1919.

¹⁷⁷ Alceu Viegas, “Encanto e Verdade”. *Jornal de Piracicaba*. 16 ago. 1919.

cedido lugar ao realismo proporcionando conhecimentos intuitivos. Segue afirmando que a criança aprende apenas com o conhecimento ministrado de forma agradável. Cita Spencer para lembrar que a curiosidade é necessária à aprendizagem do espírito em desenvolvimento. Indica Rousseau para demonstrar como o ensino poderia ser disseminado de modo atraente e persuasivo e tendo como princípio educativo a educação dos sentidos.

O passo seguinte, no seu texto, é apontar a escola moderna como o local onde a nova prática educativa seria possível. Ali o professor experimentado insuflaria o estímulo adequado sem esforço, sem intermediários ou hesitações. Viegas afirma que não haveria nada “mais oportuno para o progresso intelectual do menino do que a transmissão metódica dos meios de observação que constituem o objeto essencial das *lições de coisas*”. Acrescenta que era esta uma das partes mais importantes do programa das escolas isoladas. Também argumenta que o motivo que teria levado Thales a fazer o livro poderia ser visto como a tentativa de superar a forma dogmática de explicações de fenômenos como a ocorrência de chuvas e mesmo os males da destruição de árvores.

Em *A Filha da Floresta* linguagem e conceito estariam ao alcance da inteligência infantil. Simples, atraente, encerraria “grande soma de ensinamentos morais e instrutivos”. A criança que lesse o livro desenvolveria três espécies de “intuições”: “a sensível, a intelectual e a moral”. “A primeira é aquela em que, pelo sentido da vista, a criança apreende tudo quanto a intuição mental procura gravar no cérebro”. “Finalmente desenvolve-se a intuição moral pelos exemplos benéficos que falam ao coração e à consciência”.

O conjunto dos textos apresentados por esses articulistas contribui para reafirmar nossa proposição acima, a respeito da criação de uma rede solidária através da qual as produções artísticas e intelectuais ganhariam substância e relevo a partir de sua divulgação e do apoio de seus integrantes. Muitos destes apóiam o ator concordando com a relevância dos temas subjacente ao livro de Thales, contribuindo desta forma para o engrandecimento e vulgarização do livro e de seu autor.

Ademais as opiniões eram proferidas por algumas autoridades do campo da educação, seara na qual o professor Thales militava e, portanto, detentor da legitimidade que o setor lhe conferia. Assim, a publicidade do seu primeiro texto estava adequada ao seu campo de atuação e recebia a certificação dos companheiros que atribuíam relevância ao livro e o contextualizavam segundo as teorias educacionais correntes. Se muitos artigos e autores não chegavam propriamente a desenvolver algum tema correlato ao texto e nem se manifestavam mais do que o necessário para a divulgação do livro, isso não impedia de que eles servissem como interlocutores para os leitores que liam as notícias e os freqüentes comentários a

respeito da obra. Finalmente havia os que além de analisar o livro do ponto de vista educativo, se debruçavam sobre os seus aspectos narrativos e estilísticos, explicitando posições do autor e revelando também suas filiações, incluídas entre elas, os aspectos da moralidade cristã, do nacionalismo e do patriotismo. A recuperação do conto como fabulação é destacada como um dos elementos ricos apresentados por Thales de Andrade.

Thales, como vimos, soube acionar com muita competência a rede na qual estava inserido, pois – como mostrou Ângela Gomes¹⁷⁸, ao se referir à noção de sociabilidade por nós aqui utilizada – os espaços de influência foram ocupados em sua esfera geográfica, quando o autor busca para o seu trabalho o engajamento das figuras conhecidas na cidade e em outras regiões; procura o envolvimento intelectual das autoridades da educação e dos profissionais da escola agrícola e da escola normal; e recorre aos laços de afetividade daqueles que se encontram nas mais variadas localidades, inclusive na capital.

Quanto às crianças tivemos poucas oportunidades de verificar as suas leituras dos livros de Thales de Andrade. Assim, o texto no qual se registram os comentários enviados por meio de cartas de algumas alunas do Grupo Escolar “Bela Vista”, de São Paulo, representa um desses raros momentos do qual dispomos para tentar compreender como um livro deste autor, no caso *A Filha da Floresta*, foi recebido por aquelas meninas e especular um pouco sobre a possível forma de recepção da obra pelas escolas. A matéria em pauta, como a maioria, foi publicada também pelo *Jornal de Piracicaba*.

As cartas, das alunas do 2º ano B, datadas de 5 de junho de 1919, conforme a menção em duas delas, foram assinadas por: Maria de Lourdes Fonseca, Lygia de Aquino e Silva e Ebbe Angelotte.

Em um dos momentos da pesquisa, junto à Biblioteca Municipal de Piracicaba “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”, tivemos a oportunidade de localizar em meio a volumes de recortes de jornais selecionados sob o tema Thales de Andrade, quatro xérox de cartas manuscritas desse mesmo grupo de alunas. Duas dessas missivas não haviam sido transcritas para o jornal. Eram elas a de Alexandrina Barretti e de Antonietta Calline. As cartas podem indicar o atendimento dado por aquelas crianças às solicitações feitas tanto pela professora, Dulce Carneiro, que por meio deste expediente criou um exercício de escrita – explícito na forma homogênea de todas as missivas – quanto pelo próprio diretor do estabelecimento, o sr. B. Borges Vieira, o qual havia trazido para a turma o anúncio da publicação e os livros comprados pelas alunas.

¹⁷⁸ Gomes, *Essa gente do Rio...* Op. Cit., p. 20.

A sugestão de aquisição do livro, por sua vez, aparece de forma clara em duas das missivas:

Estávamos nós muito sossegadas, brincando no recreio, quando nosso diretor trouxe para distribuir às alunas os anúncios de vosso lindo livrinho. Todas cheias de alegria prometeram comprá-lo.

*Ass.: Maria de Lourdes Fonseca.*¹⁷⁹

D. Dulce nos disse que o vosso livro é muito bom e nos aconselhou que o comprássemos. Hoje cedo logo fui á livraria comprá-lo. Mamãe também gostou muito dele.

Os parabéns da amiguinha,

Alexandrina Barretti.

*Aluna do 2º Ano B.*¹⁸⁰

O livro, elogiado em todas as cartas, foi utilizado para o desenvolvimento do tema em aula. As alunas comentam as muitas “sentenças” que conheceram sobre a vida no campo e que, além de já gostarem dos pássaros e das plantas ficaram sabendo, naquele momento, “quanto vale uma floresta”.

É importante lembrarmos que alguns textos de Dulce Carneiro, também ela escritora de literatura infantil, seriam utilizados por Thales de Andrade em seus livros publicados pela Companhia Editora Nacional. Dessa maneira, podemos sugerir que naqueles momentos em que se divulgava *A Filha da Floresta* junto a essas crianças, criava-se condições adequadas para a aplicação dos princípios da rede de sociabilidade, que antes mencionamos, para o alcance da própria produção desta professora e escritora.

4. Saudade

O livro *Saudade* é uma narrativa de Mário, o protagonista de suas memórias. Desde o início fica claro que o tema a ser trabalhado é o da opção pelo campo em detrimento à vida no

¹⁷⁹ “A Filha da Floresta”, *Jornal de Piracicaba*, 23 ago. 1919.

¹⁸⁰ Carta de Alexandrina Barreti, Hemeroteca da Biblioteca Municipal de Piracicaba sob o tema Thales de Andrade.

mundo urbano. Mário retrata o cotidiano de sua família que se vê obrigada, devido às dívidas contraídas, a vender a fazenda e se mudar para a cidade.

O narrador explica que ainda não sabia escrever e Rosinha, sua irmã, mal contava até cinco quando foram obrigados a se desfazer de sua casa e irem para a cidade onde o seu pai iria montar um armazém.

Então, sua vida muda drasticamente: é matriculado no primeiro ano do grupo escolar, tinha que andar “bem vestido” o dia inteiro, se aborrecia com os brinquedos colocados à sua disposição. Os negócios do pai passam a não corresponder às expectativas. Teve prejuízo com os fregueses e a cidade não se mostrava como o sítio, onde “tudo parecia *cair do céu por descuido*.”¹⁸¹ Passam a fazer economias, Mario e a mãe adoecem, e para intensificar os cuidados com o filho arrumam uma empregada para auxiliar nos trabalhos de casa mas, ela se revela outra fonte de despesas e problemas. Todos na casa ajudam e trabalham: o pai, na fábrica de chapéus; a mãe, cozinhando, lavando, passando, engomando, torrando café, e cuidado da casa e dos filhos; Mário encarregado de pequenas tarefas através das quais auxiliava a sua mãe.

Em certas ocasiões a família visitava Seu Ferraz em seu sítio. Ali, sentindo saudades da fazenda, conversam a respeito da possibilidade de voltar a morar no campo. Criticam a cidade, exaltam a vida campestre.

Raimundo, o pai de Mário ouve notícia lida pelo filho a respeito da suspensão de pagamentos pelo Banco de Custeios. O dinheiro restante encontrava-se no Banco Lavoura e Comércio. Decide colocar o dinheiro na Caixa Econômica. Contado o episódio ao Sr. Pontes, o patrão da fábrica de chapéus, do novo emprego arrumado, Raimundo é orientado a procurar o Sr. Gilberto para lhe comprar as terras, ao invés de continuar com o dinheiro no banco. Mário, ao saber da notícia, abandona a construção de um rancho no quintal feito para ser a hospedagem da criançada.

O negócio é concluído com o Sr. Gilberto que facilita a compra das terras. Em uma primeira visita ao local, Mário brinca com Raul e Carmem, moradores da redondeza. Fica sabendo da escola e da professora Alzira, que vive no sítio e ensina em uma das salas do Bertassa, junto ao armazém. O pai de Mario passa a residir próximo ao sítio na residência de seu visinho Pedro Benedito, para preparar o novo local de moradia.

¹⁸¹ Andrade, Op. Cit. p. 17.

Por ocasião do aniversário de Rosinha, nhô Lau, empregado de Raimundo, vem à cidade avisar que o pai dos meninos viria para a festa. Rosinha recebe de seu primo Juvenal, entre os presentes, o livro *A Filha da Floresta*, da Biblioteca Infantil.

Numa visita ao sítio escolhem o seu nome, “Congonhal”, inspirados nessa planta encontrada na região. As terras produzem e Raimundo já é capaz de fornecer seus produtos à sua família e até fazer doações às instituições beneficentes. Assim, decidem mudar-se para Congonhal e levam Tereza, a sua antiga empregada, que reencontram, coincidentemente, na mesma época da mudança.

Os meninos são matriculados na escola próxima da nova moradia. No decorrer das aulas, Mario lê o primeiro livro de João Köpke. A família e as crianças apreciam a vida no sítio, formam novas amizades e desenvolvem as atividades propiciadas pelo mundo rural: Mario planeja uma pequena roça; Emilia, a mãe, passa a criar galinhas *Leghorns*, segundo as indicações da revista *Chácaras e Quintais*; Rosinha cultiva um florido jardim. Juvenal, convalescendo de uma pneumonia, passa uns tempos com Mario no sítio.

Ao fazer uma visita a Zé Feliz, um morador da região, Mario se espanta com o seu estado de saúde e o da sua casa. O pai lhe explica que o vizinho, em viagens pelo sertão, havia adoecido e não teria se tratado adequadamente.

Em outro momento, no qual as crianças conversam a respeito do medo que sentiram em determinada ocasião, nhô Lau, que era um hábil contador de histórias, entrega aos meninos, para que eles leiam num jornal, o conto Pedro Pichorra, de Monteiro Lobato. A narrativa é a história de um menino de 11 anos que tinha ganhado sua primeira faca de ponta e, mandado pelo pai para dar um recado ao visinho, na volta se assusta com uma pichorra d’água, confundindo-a com o saci. O pai lhe toma a faca. A família de Pedro, o menino, seria conhecida no futuro como a de Pedro Pichorra.

Após alguns anos morando no sítio, que já se encontra mudado devido às melhorias promovidas por seus habitantes, Raimundo conversa com Pontes, seu antigo patrão, sobre o futuro de Mário. O rapaz mostrava inclinações para a vida agrícola. Pontes argumenta, diante da indecisão de Raimundo, que não há outra profissão mais honrada e mais brilhante do que a de agricultor. O exemplo de Raimundo bastaria para comprová-lo. A reticência de Raimundo se dá em função das disposições das pessoas em desprezar os roceiros. Pontes justifica que aquilo é erro, injustiça, asneira. A agricultura é nobilíssima. E continua:

O café e a cana-de-açúcar poderiam ser consideradas plantas sagradas no Brasil. Foi a cana que civilizou o norte e o café que enriqueceu o sul. Mas os jovens que

*creceram à sua sombra, em vez de se prepararem para a lavoura, nas escolas agrícolas, vão buscar um pergaminho de doutor nas faculdades.*¹⁸²

A seguir uma notícia lida no jornal entusiasma Raimundo. Uma festa realizada em Piracicaba, na Escola Agrícola “Luis de Queiroz”, comemorava a formatura de mais uma turma de agrônomos. Mário relê a notícia. A festa contava com a presença do Secretário da Agricultura. O orador diplomando lembra os dois caminhos oferecidos pela escola: a burocracia e a estrada prática, que leva ao campo. O paraninfo recorda em seu discurso das palavras de Assis Brasil, através das quais se explica que tudo na agricultura depende do homem, da sua educação, da sua boa vontade, da sua energia. Lembra que muitos são os alunos formados pela escola e o seu trabalho demonstra como, há alguns anos, o ressurgimento da pecuária se dá no país. O secretário da Agricultura também discursa. Lembra o interesse que o governo tem pela escola.

Resolvem encaminhar o filho para a escola de agricultura. Mario aceita de bom grado a responsabilidade e os encargos que teria, segundo o que lhe explica o seu pai. Na semana seguinte o rapaz despede-se da fazenda e dos amigos e rumo para a sua formação na escola agrícola.

Não conseguimos localizar a primeira edição do *Saudade*, apesar dos esforços nesse sentido. A edição verificada, de 1920, é a referida como a 2ª ou 3ª edição, realizada sob a responsabilidade do *Jornal de Piracicaba*, composta e impressa nas oficinas da Cia. Paulista de Papéis e Artes Gráficas, mesma empresa escolhida por Monteiro Lobato para editar o seu *Narizinho Arrebitado*, conforme nos conta Koshiyama:

*Em 18 de dezembro de 1920 Lobato contratou a impressão do Narizinho Arrebitado com a Cia. Paulista de Papéis de Artes Gráficas. O editor queria o livro impresso em papel jornal, com o formato e a encadernação semelhantes aos do Primeiro Livro de Leitura, de João Kopke, editado em 1920, e o tipo e a composição iguais aos do livro Saudade, de Tales de Andrade.*¹⁸³

Lobato, como informa Koshiyama, pretendendo conquistar as crianças com uma literatura específica a elas dirigidas na escola primária, tratava de se adequar ao padrão

¹⁸² Andrade, *Saudade*, p. 283.

¹⁸³ Alice Mitika Koshiyama, *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2006, p. 85.

reconhecido, no livro de Köpke, e ao recente sucesso do *Saudade*. Dessa maneira, a preocupação era “não se destacar, pela aparência, das obras concorrentes, destinadas ao público infantil” e assim acessar cautelosamente o mercado consumidor de livros didáticos.

A edição do *Saudade* que examinamos, mostra na capa, como a de *Narizinho Arrebitado*, desenhos coloridos com representações de crianças [Figs. 7-8]. No *Saudade* a gravura em tonalidade amarela, mostra, em primeiro plano, três crianças. Um garoto de pé e de costas para o expectador; outro do seu lado esquerdo, agachado com a mão sobre um gramado, sugerindo que estão jogando bolinhas de gude; no lado oposto, sentada sobre o mesmo gramado, de meio-perfil, quase totalmente voltada de costas ao expectador, uma menina segurando uma flor. Além do gramado há um canteiro central, rodeado por um caminho circular, ladeado por diversos arbustos e árvores. Ao fundo uma pequena casa se encontra emoldurada por pés de coqueiros e outras árvores.

Na primeira página há o nome do autor secundado pelo título do livro. Ambos os registros estão enquadrados por um ramalhete de flores. Segue-se o prefácio e, nas duas páginas seguintes, algumas gravuras representando Mário e Rosinha, em molduras circulares, antes do texto inicial de Thales, “Uma história... verdadeira”. Adiante encontramos um desenho retratando em moldura os pais de Mário e abaixo os dizeres: “papai, mamãe”, “Saudade” e a assinatura “Mário”. Na página 10 está o poema *Coração* e finalmente, na seguinte, o início do texto principal do livro em seu primeiro episódio: “Deixamos a fazenda”.

No total o livro é composto por 85 títulos, contando o prefácio, de Sampaio Dória, a introdução, os episódios, os contos, um deles o “Pedro Pichorra, de Monteiro Lobato, o texto “Chacarinha” de Max S. Durant e os poemas: “Coração”, de Guilherme de Almeida; “Rosas”, de Luiz Pistarini; “Tarde”, de Paulo Setúbal; “Manhã, de Alvares Azevedo Sobrinho; “A árvore”, de Ricardo Gonçalves”; “As aves”, de Canto Mello; e “A vida no campo”, do célebre poeta português Luiz de Camões. Há 147 gravuras, a maior parte delas representando figuras humanas e, principalmente, paisagens campestres embora haja também ilustrações com motivos referentes à cidade.

Saudade nos mostra, em grande medida, o projeto literário de Thales de Andrade. Ali estão os principais temas, tanto dessa narrativa, quanto as de outros livros escritos posteriormente pelo autor. O tempo de maturação necessário para o desenvolvimento da obra, possibilitou a Thales a incorporação de vários elementos resultantes de sua experiência profissional, como ficou demonstrado anteriormente. Assim, desde o nome de Mário e de outros personagens, o livro está repleto de referências que remetem à vida pessoal e também sua prática educativa.

Na observação do conteúdo também é possível perceber outro aspecto que pode ser considerado um elemento comum à obra de Thales de Andrade. Apesar deste autor se utilizar do elemento maravilhoso em algumas de suas narrativas, como *A Filha da Floresta*, por exemplo, no *Saudade*, assim como em muitos outros, o autor opta pela verossimilhança, a começar pelo título inicial do livro, “Uma história... verdadeira”. A escolha não é alheatória. Thales pretendeu fazer com que seu livro se identificasse o máximo possível às crianças da roça, conforme afirma em seu artigo “altruísmo e generosidade”¹⁸⁴. Esse posicionamento também pode ser explicado em virtude da referência no livro, à Escola Prática Agrícola de Piracicaba e, indiretamente, ao Primeiro Congresso de Ensino Agrícola. Portanto, o autor tratava de divulgar a escola agrícola e demonstrava a aceitação das diretrizes do congresso, que preconizava a instalação e valorização dessa modalidade de ensino em São Paulo, desde o nível elementar até o superior. Ademais, o fato da publicação ter ocorrido sob o patrocínio da Secretaria de Agricultura Comércio e Obras Públicas, com a edição destinada aos alunos das escolas do Patronato Agrícola, como veremos a seguir, demonstra as balizas que o autor deve ter se imposto para elaborar uma obra que pudesse servir de exemplo a este público.

É preciso também, nesse momento, lembrar ainda de uma outra referência incluída no livro. Thales anuncia na narrativa, o conto *A Filha da Floresta* que, à época do lançamento do *Saudade*, já havia sido editado. Esta estratégia de divulgação de seus livros e de outros que o autor considerava importantes, apareceria novamente no decorrer de sua carreira.

Os eventos que envolveram o lançamento e a divulgação do conto *A Filha da Floresta* podem ter contribuído para a facilitação da primeira edição do *Saudade*. Esta é a opinião de Silvio Ferraz de Arruda articulista do *Jornal de Piracicaba*, que nos relata um episódio no qual a atenção do Dr. Candido Nazianzeno Nogueira da Motta, então secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no governo de Altino Arantes, teria sido despertada pelo pequeno livro de Thales.

Arruda narra da seguinte maneira o que teria ocorrido:

Em 1919, Candido Mota, então secretário da Agricultura, acometido de cólica de fígado, repousa em sua casa e procura na Literatura uma maneira de passar as horas de ócio. Um dos livros, “A Filha da Floresta”, recebido há pouco, prende-lhe de tal forma a atenção que logo se recorda de que lhe haviam chegado às mãos alguns meses atrás os originais de um certo “Saudade”, do mesmo autor. A leitura

¹⁸⁴ Andrade. “Altruísmo e Generosidade...” op. Cit.

*dos originais empolga-o tanto que o faz decidir publicá-los por conta do governo de São Paulo. A primeira edição de “Saudade”, de 1500 exemplares, sai em dezembro de 1919, com capa de Wash Rodrigues.*¹⁸⁵

Thales de Andrade narra a sua versão do mesmo episódio na entrevista concedida à *Revista Diretrizes* em sua edição de 30.10.1941.¹⁸⁶ Embora o depoimento traga novos elementos sobre o ocorrido na ocasião, não é mencionado o papel que o conto *A Filha da Floresta* teria tido. Conta-nos o autor, entretanto, que no ano de 1918 entregou uma das duas únicas cópias datilografadas do *Saudade* ao vice-presidente do estado de São Paulo, o Dr. Cândido Rodrigues, por ocasião de sua passagem em Piracicaba para a festa de formatura da turma daquele ano na Escola Luiz de Queiroz. O seu discurso pareceu a Thales uma “opinião que valia por incondicional aplauso às idéias do *Saudade*”. Pensando, que por esta familiaridade de pensamento, teria um “padrinho” para a edição do livro, ao demonstrar o seu conteúdo, envia-lhe através do correio uma cópia e espera ansiosamente, vários meses, pela resposta que não viria.

Decide seguir outro caminho para tornar clara a sua intenção: vai à Capital a procura do vice-presidente e este, por sua vez, acaba por não recebê-lo. Nesse meio tempo, justamente por conta da busca empreendida, já que não fazia idéia sequer do endereço no qual estaria instalado o Dr. Cândido Rodrigues, descobre o nome do titular da pasta da Agricultura Comércio e Obras Públicas, Cândido Motta, e assim, envia-lhe, dessa vez por intermédio de um amigo, Plínio Pompeu Piza, a outra cópia datilografada.

Novamente seguia-se o período de espera e suspense. Em certa ocasião recebe um ofício do secretário marcando uma audiência para o dia seguinte. Durante o encontro Cândido Motta faz comentários elogiosos a respeito do *Saudade* e conta-lhe a mesma história da “cólica hepática” e da lembrança do livro que lhe chegara às mãos. Ao apreciá-lo o considerou merecedor do apoio do governo e, portanto, fazia uma sugestão a Thales: o livro seria editado pela secretaria e destinado “às escolas do Patronato Agrícola”¹⁸⁷, contudo, parte dos custos da edição caberia ao autor.

¹⁸⁵ Silvio Ferraz de Arruda. “Perfis II – Thales Castanho de Andrade”. *Jornal de Piracicaba*. 07 maio 1974.

¹⁸⁶ Mauricio Goulart, “Um caboclo paulista escreve para as crianças do Brasil”... Op. Cit.

¹⁸⁷ O Patronato Agrícola, criado em 1911 por lei estadual, foi uma iniciativa pública do Estado de São Paulo para garantir benefícios sociais, tais como escola pública e assistência à saúde para a população rural. Entre seus objetivos gerais estava a defesa dos direitos e interesses dos operários agrícolas e, especificamente, o fomento à criação de cooperativas para assistência médica, farmacêutica e ensino primário. A sua ação, contudo, ficou restrita a poucas propriedades rurais. Cf.: Rodolpho Telarolli Junior, “Imigração e epidemias no estado de São Paulo.” *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 1996. Disponível em:

Aceita a oferta, o livro é encaminhado para a sua primeira edição.

Em seu relatório de 1919, endereçado ao Presidente do Estado de São Paulo, Candido Motta justificaria a edição do *Saudade* no contexto das realizações da secretaria para aquele ano. Comenta o secretário que o serviço de publicações e biblioteca daquele período havia sido animador, pois devido à crise européia, a qual estimulava as pessoas envolvidas com as questões relativas à produção agropecuária, demonstrava as possibilidades de seus mercados, “ávidos de produtos alimentícios”. Isso contribuiria “para o aumento entre nós dos candidatos à lavoura, e, por conseguinte, para o aumento da procura de publicações, especialmente que tratam de cereais, algodão e criação em geral”.¹⁸⁸

As publicações sob a responsabilidade da Secretaria da Agricultura para aquele ano versavam sobre os mais diversos assuntos: plantas – alimentícias, industriais, forrageiras; criações; adubos; insetos daninhos; inseticidas; silvicultura; cooperativas; acidentes do trabalho; colonização e imigração; viação; estradas de rodagem; terras devolutas; folhetos de estatísticas agrícola e econômica; mapas; cartas econômicas do Estado; estudo sobre o imposto territorial etc., além das publicações periódicas da Secretaria.

Os títulos mencionados no relatório, como destaques, elaborados, editados ou adquiridos compunham-se dos seguintes:

“*Os Suínos*”, por N. Athanasoff, da Escola Agrícola de Piracicaba; “*Adubos Químicos*”, por Gustavo D’Utra, Diretor da Agricultura; “*Destruição dos Carrapatos por meio dos Banhos Carrapaticidas*”, por N. Athanasoff; “*Manual de Física*” por Pádua Dias, lente da Escola Agrícola de Piracicaba; “*2º Congresso de Estradas de Rodagem*”; *Relatório da Comissão fiscal da Estrada de Ferro Sorocabana*; “*Leis, decretos e contratos relativos às concessões vigentes de estradas de ferro, outorgadas pelo Governo de São Paulo*”; “*Adubos Verdes*”, pelo dr. Gustavo D’Utra; “*A Terra do Café*”, por Jorge Mello; “*Saudade*” – cenas da vida rural, por Thales de Andrade; “*Regulamento da Lei de Combate aos insetos nocivos à Agricultura*”; “*Memorial sobre o Segundo Congresso de Expansão Econômica do Rio de Janeiro*”, apresentado pelo dr. Julio Brandão Sobrinho; “*A Glória das Monções*”, por Affonso Taunay e o “*Relatório da Secretaria de 1918, apresentado pelo Candido Motta.*”¹⁸⁹

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701996000200004&lng=pt&nrm=iso>.

Acesso em: 08 jan. 2007.

¹⁸⁸ Relatório Apresentado ao Dr. Altino Arantes, Presidente do Estado, Pelo Dr. Candido Nazianzeno Nogueira da Motta – Secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, ano de 1919. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1920. p. 34.

¹⁸⁹ Relatório Apresentado ao Dr. Altino Arantes... p. 35.

A mesma seção do relatório – *Serviço de Publicações e Biblioteca* – ainda noticiava a preparação de várias monografias, no âmbito de uma publicação oficial ao alcance de leigos ou principiantes, “sobre adubação, moléstias vegetais, pragas, alimentação do gado bovino e suíno, silvicultura e pomicultura, plantas forrageiras e industriais, construções e higiene rurais”, trabalhos confiados a técnicos do instituto Agrônômico, Escola Agrícola, horto florestal, Indústria pastoril etc.¹⁹⁰

Assim, é sob a chancela da Secretaria de Agricultura e neste contexto de apoio às atividades agrícolas pelo governo paulista que *Saudade* teria sido lançado.

Em 1920 o *Jornal de Piracicaba* se encarregaria de uma segunda edição.¹⁹¹

Thales, ainda na mesma entrevista à *Revista Diretrizes*, explica o caminho seguido para as edições seguintes do *Saudade*:

*Depois (...) tudo foi fácil... Até então, além de minha mulher, das crianças do Banharão, do Sud, do Lourenço Filho e do professor Sampaio Doria [que faria o prefácio], o meu Saudade, como trapo inútil, não encontrara o apoio de ninguém. Andara por aí, de mão em mão. Depois o governo editou-o, o público adquiriu os exemplares postos à venda, a crítica teceu-lhe elogios. Choveram, então, propostas de todo lado. Estava desfeito o fantasma da falta de editor... Eu não queria, no entanto, ceder os direitos do livro a ninguém, e, associando-me ao Jornal de Piracicaba, preparei uma nova tiragem de 20.000 exemplares. Foi quando apareceu o Otalles...*¹⁹²

O autor se refere a Octalles Marcondes Ferreira, um dos seus sócios desde a formação da editora Olegário Ribeiro, Lobato & Cia. em 1919. Quando no ano seguinte Lobato e Octalles fundaram uma nova casa editora, a Monteiro Lobato & Cia.¹⁹³ O escritor passaria a se dedicar a “parte intelectual” e o jovem empresário se encarregaria das questões envolvendo

¹⁹⁰ Relatório Apresentado ao Dr. Altino Arantes... p. 35.

¹⁹¹ Melo, *Dicionário de Autores Paulistas*. p. 58, indica uma terceira edição ainda pelo Jornal de Piracicaba. Também informa que a tiragem inicial de *Saudade* foi de um mil e quinhentos exemplares. De acordo com o verbete, a segunda e a terceira edições, teriam sido realizadas pelo JP, quando então o autor haveria cedido os direitos autorais para a Cia. Editora Nacional empresa, na época, de propriedade de Monteiro Lobato. Essas afirmações também contrariam os dados apresentados por Leonardo Arroyo, op. Cit., p. 191, o qual aponta uma primeira edição de quinze mil exemplares e apenas mais uma preparada pelo JP, esta última, de vinte mil exemplares.

¹⁹² Goulart, “Um caboclo paulista escreve para as crianças do Brasil”... Op. Cit.

¹⁹³ Carmen Lucia de Azevedo; Márcia Camargos; Vladimir Sachetta, *Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. p. 65.

os assuntos relativos ao comércio.¹⁹⁴ Portanto, é nesta condição de empresário dos livros que Octalles surge em Piracicaba para comprar os direitos autorais do *Saudade*.

Octalles inicialmente oferece a quantia de cinco contos de reis. Thales argumenta que já havia investido muito no livro: fotografias, desenhos, clichês até a distribuição de exemplares e, portanto, que não se dispunha a vendê-lo. O empresário chega a quantia de trinta contos, condicionando os direitos da editora até os setenta mil exemplares. Thales aceita e, depois de nova combinação na qual se comprometia a escrever outros livros para a empresa, cede totalmente os direitos autorais do *Saudade*.

Assim, este indício e as demais fontes consultadas, sugerem que da 3ª até a 13ª edições o *Saudade* teria sido publicado pela editora Monteiro Lobato e Cia. Stanislavski¹⁹⁵, fazendo um estudo sobre o livro *Saudade* de Thales de Andrade e a sua contribuição para a leitura escolar, nos fornece o dado acima com base no catálogo de 1925 desta editora. Embora sejam poucas as fontes que trazem informações acerca das primeiras edições, além das reportagens dos jornais da época, e das matérias esparsas, como a concedida por Thales a revista *Diretrizes*, encontramos referências também a este respeito no trabalho desenvolvido por Koshiyama tratando de Monteiro Lobato como intelectual, empresário e editor.¹⁹⁶ Há neste livro, publicado pela primeira vez em 1982 através da editora T. A. Queiroz, uma ilustração do *Saudade* estampada na página 124 indicando a 4ª edição e o ano da publicação, 1924.

Ao concordarmos com a tese explicitada pelo próprio Lobato ao seu amigo Godofredo Rangel, o livro de Thales de Andrade teria sido acolhido naquela editora seguindo a lógica através da qual o autor de *Narizinho Arrebitado*, estando endividado, havia decidido intensificar as traduções, as adaptações de clássicos para crianças e a produção de obras escolares. Citando o livreiro e editor Francisco Alves, Lobato apontava a alternativa do livro didático como filão a ser explorado. Resolvera, para este fim, modernizar e ampliar a sua empresa. Mudou de endereço, comprou novas máquinas e – adiando publicações já planejadas, inclusive um livro de seu amigo Godofredo Rangel – começou a preparar-se para a edição de cartilhas, gramáticas, aritméticas, enfim, as obras destinadas às escolas e aos escolares.¹⁹⁷

¹⁹⁴ Koshiyama, Op. Cit., p. 80.

¹⁹⁵ Cleila de Fátima Siqueira Stanislavski, *Saudade: a contribuição de Thales Castanho de Andrade para o campo da leitura escolar*. (Dissertação – Mestrado), Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2006, pp. 106 e 144-45.

¹⁹⁶ Koshiyama, p. 124.

¹⁹⁷ Ibid., pp. 92-3. Ver também Laurence Hallewell, *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Edusp, 2005, p. 337.

As indicações encontradas, que confirmam o empreendimento de Lobato, posto em prática a partir de 1924, registram as produções destinadas a educação e à escola. Dentre elas, além de *Narizinho Arrebitado* e *Fábulas – leitura para o 2º ano elementar e 1º médio*, de Monteiro Lobato e o livro de Thales de Andrade em sua 4ª edição.¹⁹⁸

O jornalista Mauricio Goulart informa no início da reportagem na qual apresenta a entrevista feita com Thales de Andrade que em 1890 seu avô, João Köpke, havia vendido os direitos do seu livro *Leituras morais e instrutivas* à livraria de Teixeira & Irmão, de São Paulo. Alguns anos depois esta empresa seria adquirida por Francisco Alves. Por cerca de quarenta anos a obra teria se vendido “às centenas de milhares, pelo Brasil inteiro”. A renda do livro deve ter rendido aos editores, segundo o jornalista, cerca de mil contos. O avô o vendera por quatro. Goulart havia perguntado ao avô se ele não se arrependera da transação. Köpke lhe dissera que não havia escrito livros para ganhar dinheiro e sim para cumprir uma obrigação, para ser útil ao país.

Vinte anos depois Mauricio Goulart repete a mesma pergunta, feita ao avô, desta vez para Thales de Andrade:

– Não sente remorsos de o haver vendido?

– Não. Sou até grato ao Otales, que continua a ser um dos meus grandes, maiores, melhores amigos. O essencial para mim, àquele tempo, era dar o *Saudade* numa grande edição acessível a todas as bolsas, era difundi-lo por todo o país, era, enfim, pô-lo ao alcance das crianças brasileiras, para as quais o escrevi. Ligava, então, como ligo ainda hoje, minha vida a esse livro. Ele significa muito para mim, muito mais do que uma fonte de renda. Ali estão, em suas páginas, os meus sofrimentos e alegrias de menino, os meus sonhos, as minhas lutas, as minhas esperanças de anônimo... Além disso, antes de aparecer o Otales, houve um editor, uma vez, que não quis saber do *Saudade* nem de graça, e com um conto de reis por cima, que me propôs a dar-lhe, para auxiliar as despesas de impressão...¹⁹⁹

Vimos anteriormente o contexto no qual ocorreu a publicação do *Saudade* que envolveria toda uma movimentação que pode ser vista como um conjunto de eventos funcionando como estratégia de efetivação do lançamento, que incluiu desde o auxílio da rede

¹⁹⁸ Koshiyama. pp. 94 e 124; Hallewell, p. 338.

¹⁹⁹ Goulart, “Um caboclo paulista escreve para as crianças do Brasil”... Op. Cit.

de amizades de Thales de Andrade junto à escola e à imprensa até o envolvimento da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas na sua primeira edição.

Os acontecimentos foram noticiados largamente pelo *Jornal de Piracicaba*, fato que nos proporcionou, na coleta dessas informações, a construção de um painel no qual diversos depoimentos procuram atestar a importância da obra, por ser representativa ao grupo que a defendia e por sua característica de explicitar didaticamente certas posições defendidas pela intelectualidade ligada ao mundo rural e ao campo educacional. Assim, tendo em vista os diversos vínculos estabelecidos pelo autor com a cidade, procuramos entender como o livro foi recebido na época e como foi direcionado, através dos discursos da imprensa, ao seu público leitor.

No dia 27 de dezembro de 1919 o *Jornal de Piracicaba*²⁰⁰ noticiava o aparecimento do livro *Saudade* e as circunstâncias em que ocorrera o evento. Ali o texto informa que a edição, fora executada por conta do Governo Estadual, e que, adotada nas escolas agrícolas, seria destinada também às escolas preliminares.

O texto caracteriza a obra – na qual incluía como fio condutor, a vida rural, e o seu destinatário: as crianças e os que se interessavam “pelas coisas da vida campestre”. O livro é indicado para a leitura da “pequenada” – pelo estilo simples, natural – e também para “a delícia de toda a ‘gente grande’ que o ler”. Com o objetivo de justificar sua natureza didática, o artigo faz referências ao prefácio de Sampaio Dória. O educador é destacado no texto, conforme escreve o articulista, por ter sido o relator da comissão nomeada pelo Governo para “revisar” a lista dos livros aprovados para as escolas do Estado.

O texto, que se refere à primeira edição do *Saudade*, informa que o livro é recomendado principalmente aos piracicabanos e incluiria, fotografias locais e os desenhos de Alípio Dutra, João Dutra e de João Pfuhl.

Novamente os antigos companheiros de Thales impunham-se à tarefa de comentar, a exemplo do que ocorrera por ocasião do lançamento de *A Filha da Floresta*, a nova produção do colega e amigo.

Sud Mennucci escreve o artigo *Questões de Ensino – Saudade*.²⁰¹ Este texto do educador e jornalista, enviado de Porto Ferreira em 24.12.1919 e publicado na edição da *Gazeta de Piracicaba* 27 de fevereiro de 1920, serviria de base para futuros comentários relativos ao livro de Thales e em algumas ocasiões foi reproduzido em outros veículos da imprensa.

²⁰⁰ “Saudade”. *Jornal de Piracicaba*. 27 dez. 1919.

²⁰¹ Sud Mennucci. “Questões de ensino: Saudade” *Gazeta de Piracicaba*. 27 fev. 1920.

Para Sud Mennucci, o autor e a sua obra se apresentavam ao público como grata surpresa. Afirmava que o livro era uma novidade no campo didático e que Thales soubera traduzir como poucos, para a linguagem infantil, a narrativa que pretendia fazer chegar ao entendimento do intelecto das crianças.

Em seu texto Sud considera diversos aspectos do livro: 1) do ponto de vista literário é apontado como inovador, na linguagem – fácil, fluída, espontânea; 2) em referência a descrição dos personagens apresenta-os firmes, vigorosos, críveis, pois “tão humanos como os que encontramos, diariamente, aí pelas esquinas”; 3) no que diz respeito aos episódios informa ao leitor a ausência de artifícios para a sua ligação, processo esse resultante da vivência do autor no campo, o que lhe permitiu conhecer os seus tipos para lhe “apanhar a psique”, observar e analisar a vida de forma objetiva e inteligente; 4) do ponto de vista moral entende que a propriedade dos assuntos abordados além de alcançar a percepção infantil faz com que lhe apareçam como verdades. É que, acrescenta, nada encantaria mais “essas pequenas almas que a atitude de alguém que os conversa a sério, sem lhe lhes mostrar que as considera crianças”. Soma ao tópico a idéia de que *Saudade* escaparia inclusive a dois defeitos apontados em livros considerados os padrões da época: “a pieguice quase melosa” do *Cuore* de Amicis, derramada em sentimentalidades e a “secura um tanto hierática” dos livros de Kopke; 5) ao abordar o método, descreve uma escala, uma lenta graduação na qual o próprio leitor não se aperceberá, a não ser para observar o nível inicial e o alcançado ao final dos ensinamentos novos apreendidos que, entretanto, “não foram ditos, mas que ficarão gravados no sub-consciente infantil a marcas de fogo”.

Ainda ao tratar do método Sud Mennucci menciona que a intenção de Thales não havia sido a de criar propriamente um livro de leitura, o que já colocaria as crianças de sobre aviso, mas sim uma história de quem teria vivido a experiência que narra, prendendo desta forma a atenção de crianças, moços e velhos. O cuidado com o seu acabamento – gravuras, fotografias, ilustrações, papel, tipo – é outro ponto destacado por Sud para demonstrar o cuidado e a qualidade do livro que foi destinado aos leitores.

Ainda que fosse um livro de propaganda, “uma obra didática destinada a insuflar o amor à agricultura”, *Saudade* não incorrera, como os demais desta seara, em dois dos defeitos clássicos: “a pose declamatória do entusiasmo verborrágico e a mania das preleções técnicas, o ar de grã senhor que nos damos todos para mostrar a profundidade de nossa erudição e a distância que nos separa do mísero ignorante que nos lê”.²⁰²

²⁰² Mennucci, Op. Cit.

O valor principal do livro, relata Sud, seria a capacidade do autor em reabilitar, por meio da narrativa, a gente da roça. Explica que até então, nos compêndios escolares, era comum a depreciação do caipira e habitantes das fazendas. Considera mesmo, em função da recorrência de tais citações, algo como uma campanha hostil à vida no campo. Para exemplificar o seu argumento recorre a dois exemplos de livros de leitura de uso corrente no período, sem, entretanto, mencionar os seus títulos. O primeiro – também citado por Thales de Andrade no artigo *Gratidão*²⁰³ e mencionado anteriormente – diz respeito ao livro que narra um episódio no qual a criança desconhece o espelho e depois disso “troca insultos” com o eco. No segundo um caipira vai à cidade passear e comete, em seu itinerário, uma série de gafes.²⁰⁴

Por fim indica ainda uma outra qualidade de *Saudade*, necessária em um país em formação como o Brasil: sua feição nacionalista. Livro brasileiro no enredo, nos episódios, nas cenas e paisagens, nos tipos, nos sentimentos que desenvolve e exalta e, especialmente, na língua eminentemente brasileira em que foi escrito.

O articulista conclui com uma frase que se tornaria lapidar aos que a utilizaram como futuras referências: “*Saudade* fica sendo de agora em diante, indiscutivelmente, o padrão de nossa literatura didática”. A referência é utilizada frequentemente por muitos comentadores de Thales, que procuram exaltar o livro deste autor.

Diversas outras figuras da imprensa tratariam do *Saudade*. Em janeiro de 1920 surgia no *Jornal de Piracicaba* a matéria que Pedro Ferraz escrevera de São Paulo sobre o livro.²⁰⁵ Ferraz tece comentários acerca da adequação da linguagem, simples e despretensiosa e da narrativa “bem servida” aproximando o leitor de sua memória da infância. Destaca também o aspecto nacionalista e patriótico, aos quais serviriam a obra. Afirmava que Thales de Andrade, com o *Saudade*, muito faria de patriótico aos meninos da época e aos homens do futuro no sentido de prepará-los para o cultivo da terra e não para serem doutores “ocos” a espera de algum lugar “de amanuense de repartição pública”. O livro, segundo o articulista, teria maior valor para Piracicaba, pois todo ele era piracicabano: assunto, personagens, autor; referências, desde o Congonhal à Escola Agrícola, passando pelos demais cenários, num apanhado feliz do autor que, assim como o articulista, era piracicabano.

²⁰³ Thales Castanho de Andrade, “Gratidão”. *Jornal de Piracicaba*. 23 jul. 1970.

²⁰⁴ Mennucci, Op. Cit.

²⁰⁵ Pedro Ferraz. “Saudade”, *Jornal de Piracicaba*. 04 jan. 1920.

Monteiro Lobato, ligado ao campo das editoras, escreve de São Paulo a respeito do *Saudade*.²⁰⁶ Para este autor, até então inédito em trabalhos voltados à infância, o livro de Thales demonstraria vivência, capacidade de reminiscência fiel e ingênua da meninice e, por esta via, do realismo transpirado de sinceridade, conquistava como públicos adultos e crianças. Considerava Lobato que elaborar literatura infantil significava colocar a imaginação em consonância com a das crianças o que poucos conseguiam fazer. Da quantidade formidável de obras didáticas produzidas até então, via Lobato bem poucas que houvessem sobrevivido. Da Itália citava o *Il Cuore*, de Amicis, “obra prima sem par em outro país”, um livro que teria alcance universal, não fosse a preocupação principal a formação de italianos. Da Inglaterra recorda a obra prima de Daniel Dafoe, *Robinson Crusoe*, que ao invés de ingleses, fazia homens “de alta potencialidade pela alta confiança nas próprias forças”.

Segundo o autor, no Brasil, país no qual a literatura didática se convertera em objeto de rendosa indústria, ainda não haveria aparecido nada comparado às obras citadas. “A preocupação de uma pátria verbal – pátria de parada ou de fachada – estraga a maioria deles”.

Posto desta maneira, *Saudade* apresentaria inovações em diversos aspectos: fora dos moldes “estabelecidos e aborrecidos”, era original pela sinceridade; novo pela forma e disposição adotada; encantador no estilo; audacioso pela língua escrita. O destaque atribuído à língua é esmiuçado. Lobato explica que foi feita a opção pela linguagem falada de norte a sul por todos os brasileiros. Thales teria tido a coragem de se libertar da subserviência da antiga metrópole e ter dado vazão as modificações necessárias que se impunham a transformação da língua.

Em um artigo²⁰⁷ para o mesmo jornal dedicado a Thales de Andrade, Lourenço Filho, apesar de não se remeter diretamente ao livro *Saudade*, informa ao leitor como o tema da obra era adequado e oportuno, tendo em vista os objetivos que se pensava para a educação e, mesmo, como um caminho do desenvolvimento econômico e social para o Brasil da época.

Tendo isso em vista o educador inicia o seu texto descrevendo a escola desde a antiguidade. Em seguida explica que no Brasil, “país próprio para a indústria pecuária e para a indústria agrícola”, a escola deveria incutir nas novas gerações as tendências que as encaminhassem à vida rural. “A escola devia ser uma forja de almas de criadores e de lavradores”. Estaria, entretanto, criando tendências opostas na medida em que cada unidade rural teria se convertido numa “verdadeira bomba de sucção para a vida urbana”. Mestres e

²⁰⁶ Monteiro Lobato, “Saudade”. *Jornal de Piracicaba*. 24 fev. 1920. Transcrição do artigo de Lobato do jornal *O Estado de S. Paulo*, s/d.

²⁰⁷ Lourenço Filho, “A Escola e a vida rural”. *Jornal de Piracicaba*. 26 fev. 1920.

livros traziam descrições das maravilhas das capitais. O professor também contribuiria com tal quadro ao sair antes e voltar dias depois do período de férias. Quando falava do campo execrava e estigmatizava a vida do lavrador. Os castigos, ao utilizarem os exemplos da vida na cidade, depreciavam os alunos. Chegavam a afirmar para alguns que eles serviriam apenas para “puxar enxada”. Assim, as crianças mal aprendiam a ler já pensavam em ir para a cidade para qualquer ocupação, mesmo que fosse para ser ladrão: “É muito mais elegante”.

Em inquérito feito em uma escola agrícola o autor constatava: de uma turma de vinte e sete alunos, nove pretendiam ser negociantes ou caixeiros, doze ambicionavam o magistério, influenciados em uma escola instalada na região, cinco queriam ser oficiais de diversos ofícios e apenas um declarou envergonhado ao educador que “teria sempre de ficar no sítio do pai, plantando milho e feijão, assim mesmo porque o pai era muito pobre e não o deixava sair.”

Lourenço Filho conclui que:

A escola assim, longe de ser um bem é um perigo social evidente. Ela visa desviar no próprio lugar de origem, as forças indispensáveis ao desenvolvimento econômico da região. Criada em nome da comunidade, vivendo a custa dos suores da comunidade, ela não atende as necessidades de quem representa e lhe paga os funcionários.

Em seu texto *Saudade*²⁰⁸, para o mesmo periódico piracicabano, Alceu Viegas, mais uma vez escrevendo sobre uma obra de Thales, também destacaria a importância do livro como veículo de propaganda do mundo rural. Citando Oscar Thompson comenta que aquele educador em um dos seus relatórios afirmava que elementos como livros de leitura, lições orais, exercícios escritos, desenhos, quadros que ornamentam a sala de aula, deveriam buscar, preferencialmente, os seus motivos em cenas da vida agrícola do país. E, segundo Viegas, devido à qualidade e adequação a vida infantil, não haveria melhor livro para influenciar a vocação da criança pela vida na roça do que *Saudade*.

Saudade teria por mérito, lembrado por Viegas, incutir também nos meninos da cidade o mesmo amor ao campo que era direcionado para as crianças que viviam na roça. A estas últimas o livro contribuía para a realização de uma tarefa específica: impedir o êxodo de futuros lavradores para a agitação das cidades.

²⁰⁸ Alceu Viegas, “Saudade”. *Jornal de Piracicaba*. 23 maio 1920.

É possível verificar que todos os textos comentando o *Saudade* o recomendavam enfaticamente: por sua qualidade – desde os aspectos relativos ao acabamento, até em relação à linguagem e ao estilo; como exemplo de livro didático; por sua urgência, em um país que necessitava de exemplos de reforço aos aspectos relativos à nacionalidade e ainda; por sua adequação à leitura, tanto das crianças do mundo urbano quanto as do mundo rural. Assim, no conjunto, esses artigos representavam uma importante propaganda para o livro e para o autor, favorecendo a disseminação da obra e contribuindo para que Thales se tornasse, a partir de então, uma referência importante como escritor de literatura infantil.

5. O conjunto da obra

Embora não componham o nosso objetivo de estudo, delimitado ao entendimento das condições de produção das suas primeiras obras, ao longo da década de 1910, os livros escritos posteriormente por Thales de Andrade são apresentados aqui com a finalidade trazer informações contextualizadas, na medida do possível, para o conhecimento do conjunto da obra deste autor. É necessário, todavia, fazer um alerta desde já: nem sempre foi possível a verificação satisfatória desses dados, pois se em determinados casos, como o do *Saudade*, dispúnhamos de uma considerável gama de notícias a respeito, devido a alguns fatores, entre eles a própria delimitação da pesquisa, não acompanhamos na mesma medida os lançamentos posteriores desses livros. Assim, para alguns títulos, não dispomos de outros dados exceto os constantes das próprias edições. Em outros sequer chegamos a localizar algum exemplar. Nesses casos a principal referência é apenas a menção ao título.

Devido às vultuosas dimensões da obra e da sua dispersão por editoras e épocas diferentes, optamos por considerá-la em seu conjunto e apenas sugerir temas, aspectos relacionados com as edições e possíveis conjunturas nas quais foram elaboradas formando, desta maneira, uma mostra da produção andradeana para que possa servir como uma das fontes facilitadoras de futuras investigações ao eventual pesquisador nela interessado, que realize para tanto as delimitações necessárias e a metodologia adequada para o seu estudo.

Muitos dos livros escritos por Thales de Andrade foram localizados e examinados durante a composição deste trabalho. Entretanto, não encontramos dados acerca de diversos títulos, embora tenhamos notícias esparsas deles em alguns registros. Apesar disso, procuramos apresentar aqueles que acessamos tecendo os comentários circunscritos ao enquadramento determinado no âmbito desta dissertação.

5.1. A Coleção Encanto e Verdade

Já vimos que quando Thales de Andrade escreveu *A Filha da Floresta – contra a devastação das matas* pensou a história como a primeira de uma série de contos que abordariam, cada um deles, um determinado aspecto da vida no campo. No momento em que o apresentou já anunciava o preparo de mais sete títulos havendo a sugestão de que não ficariam restritos a este número. O sucesso do primeiro volume permitiu ao autor o desenvolvimento do projeto e a longevidade da coleção a qual chegaria a um total de vinte e cinco títulos registrados como integrantes da série.

COLEÇÃO ENCANTO E VERDADE		
Volume	Título	1 ed. ²⁰⁹
1	A Filha da Floresta	[1919]
2	El-Rei Dom Sapo	[1922]
3	Bem-te-vi Feiticeiro	[1923]
4	Dona Içá Rainha	[1924]
5	Bela, a verdureira	[1926]
6	Totó Judeu	[1929]
7	Árvores Milagrosas	[1930]
8	O Pequeno Mágico	[1928]
9	Fim do Mundo	
10	Caminho do Céu	
11	O Sono do Monstro	
12	A Rainha dos Reis	[1930]
13	Praga e Feitiço	[1934]
14	A Fonte Maravilhosa	[1932]
15	Capitão Feliz	
16	A Bruxa Branca	
17	O Castelo Maldito	
18	O Grito Milagroso	
19	O Gigante das Ondas	[1938]
20	Morto e Vivo	
21	A Cadeira Encantada	
22	O Mistério das Cores	
23	A Estrela Mágica	[1941]

²⁰⁹ As referências às datas estabelecidas para a primeira edição são oriundas de: Marisa Lajolo; Regina Zilberman, *Literatura infantil brasileira: história & Histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2002. pp. 167-171.

24	O Melhor Presente	1947
25	Flor de Ipê	1957
Reedição	Encanto e Verdade	1967

Alguns títulos da coleção receberam diversas edições desde os anos vinte, todas elas – excetuando as duas primeiras edições de *A Filha da Floresta*, publicadas pelo *Jornal de Piracicaba* – foram realizadas pela Companhia Melhoramentos [Figs. 9-20]. A forma encontrada pelo autor para concretizar o empreendimento foi a cessão dos direitos autorais à Companhia Melhoramentos de São Paulo, de Weiszflog Irmãos Incorporada.

No prefácio de *Encanto e Verdade*, um volume preparado em 1967 por essa editora, com uma seleção de seis dos contos da série original organizada pelo próprio Thales, ele nos explica o que o motivou na decisão:

*Sem dúvida, julguei ser, para mim, um fato feliz, a edição de Encanto e Verdade por esta editora. Já nesse tempo era magnífico o conceito a que ela fizera jus e provinha do reconhecimento público por sua obra, principalmente nos setores educativo e escolar. Realizava, in totum, os superiores objetivos a que se destinara na edição de livros, quer quanto a excelência dos textos, quer quanto ao feitio material, quer quanto à modicidade dos preços. Mestres e discípulos, jovens e crianças, beneficiaram-se com os seus compêndios, mapas e livros, como os da série Erasmo Braga, Biblioteca Infantil, a cartilha de Mariano de Oliveira e a Cartilha Proença. Assim, consideravam-na pioneirista e modelar.*²¹⁰

De fato, a Weiszflog Irmãos, empresa que precederia a Editora Melhoramentos, iniciara por volta de 1915 suas atividades concentrando as suas publicações na área de livros infantis. *O Patinho Feio*, de Hans Christian Andersen ilustrado por Francisco Richter [Figs. 21-22], inaugurava uma colorida série de livros infantis denominada de “Coleção Biblioteca Infantil”.²¹¹

Leonardo Arroyo ao comentar a coleção diria que esta foi no seu tempo a mais popular e a mais extensa dedicada à leitura das crianças chegando a uma centena de títulos distribuídos em milhões de exemplares pelo Brasil. Anos mais tarde a coleção seria revista

²¹⁰ Thales Castanho de Andrade, *Encanto e Verdade*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967. p. 6.

²¹¹ Laurence Hallewell, *O livro no Brasil: sua história...* p. 334.

pelo professor Lourenço Filho que objetivava simplificar o vocabulário e “expungir as estórias de certas passagens menos satisfatórias, por inspirarem sentimentos de medo, ou terror. Esse trabalho de Lourenço Filho se constata pelo confronto entre as edições originais até 1926, e as reedições a partir dessa data.”²¹²

O livro de Anderson fora lançado no mês de outubro de 1915. Adaptada por Arnaldo de Oliveira Barreto, então o gerente da empresa editora, a obra, apesar de já ser conhecida no Brasil por meio das edições portuguesas, recebia a sua primeira tradução brasileira.

Em 1916 a editora criava a Seção Escolar como parte de uma estratégia para difundir o livro entre as camadas média e popular. Publicava-se então *A Gramática Latina*, de Ladislau Peter, os *Quadros para o Ensino da Leitura, Linguagem e Aritmética*, de Mariano de Oliveira, Arnaldo Barreto e Ramon Roca Dordal. O final de 1917 trazia diversos títulos didáticos, entre eles o *Nossa Pátria*, de Rocha Pombo, e os mapas Geral do Brasil e Geral do Estado de São Paulo. Em 1918 a área de história ganha maior influxo. Publica-se *História do Brasil*, de frei Vicente do Salvador e *História do Brasil*, de Rocha Pombo.²¹³

Hernani Donato nos informa que por essa época o catálogo criado pelos Weiszflog contava com uma gama de livros e material didático abrangendo diversas áreas do conhecimento. Salienta, entretanto, que o maior mérito da editora teria sido abrigar dentre os seus autores aqueles que estavam mais em evidência naquele momento e contribuía para a discussão do método que deveria ser utilizado: analítico ou sintético. Destacavam-se entre essas figuras Arnaldo de Oliveira Barreto, Mariano de Oliveira, Erasmo Braga, Antonio F. Proença, Lourenço Filho.

Portanto, não foi um ambiente estranho à educação o local que abrigaria a coleção de Thales de Andrade. Donato explica-nos, inclusive que a série Encanto e Verdade havia sido acolhida como uma forma de aproximar os livros da Biblioteca infantil à temática nacional, pois embora “seus 28 títulos [até então publicados], configurasse nítido êxito editorial, ela falava de um mundo atraente e universal, mas estranho à realidade brasileira.”²¹⁴

Desta forma, a coleção Encanto e Verdade, ilustrada por artistas como Francisco Richter, Storni, Villin, Pedro Ric e Belmonte, ao ser encomendada a Thales de Andrade mostrava uma reorientação da linha da Biblioteca Infantil direcionando-se para os temas nacionais.

²¹² Leonardo Arroyo, *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990, pp. 186-87.

²¹³ Hernani Donato, *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, [1990], pp. 50-52.

²¹⁴ *Ibid.*, p. 55.

Assim, Thales chamava atenção, no relançamento da coleção em 1967, para a importância da série, voltada para a literatura infantil, com temas nacionais e ilustradores reconhecidos.

Ele foi levado a ceder os direitos autorais, a exemplo do que faria em relação ao *Saudade* quando, por volta de 1920, realizaria uma transação semelhante com a editora de Monteiro Lobato. Nas duas oportunidades o autor salienta a importância do acesso das crianças aos livros, proporcionados por uma grande editora e, no caso do *Encanto e Verdade*, destacava a “modicidade dos preços” de cada volume.

O contrato entre o autor e a editora foi celebrado a 6 de novembro de 1919, portanto, no mesmo ano do lançamento da primeira edição do *Saudade*, na ocasião, patrocinado pela Secretaria da Agricultura. A edição de *A Filha da Floresta* receberia as ilustrações de Francisco Richter e seria seguida de nove outros volumes contratados na mesma época. Após este período, mediante um novo contrato, a série foi ampliada.²¹⁵

Inicialmente todos os livros receberam uma mesma estampa para a capa: uma menina e um menino num campo lendo um livro. Ambos acompanhados por um cão que olha em direção ao expectador [Fig. 23]. O Sucesso da coleção é indicado pelas palavras de Newton Nebel dos Santos que num artigo da *Tribuna Piracicabana* em 1983 informa que “todas as crianças da época tinham alguns ou todos esses livrinhos”.²¹⁶

Os livros da série, especialmente o primeiro, tiveram o propósito de abrir o campo literário para Thales de Andrade ao mesmo tempo em que anunciavam a sua identificação com a temática principal, a propaganda do mundo agrícola. De fato, os primeiros volumes foram dedicados a esse universo, embora os títulos posteriores, sem nunca perder esse referencial, tenham abordado uma diversidade de temas, incluindo episódios da história universal e do Brasil.

Entre os primeiros a temática principal, a vida campestre, é complementada com a escola, outra constante referência em quase todos os volumes examinados. Em *El-Rei Dom Sapo (contra o analfabetismo)* há inclusive uma primeira versão na qual a escola é colocada em destaque, conforme indica o subtítulo. Esse texto inicial, não localizado nas publicações, é referido por Pimentel Gomes em um artigo da *Gazeta de Piracicaba*.²¹⁷ A narrativa “é a história de um menino de nove anos que tendo sido muito fraco na primeira idade, à força de cuidados, fortificou-se e vai para a escola pela primeira vez.” O pequeno estranha o ambiente

²¹⁵ Andrade, *Encanto e Verdade...* Op. Cit. p. 6.

²¹⁶ Newton Nebel dos Santos. “Thales Castanho de Andrade – I” *Tribuna Piracicabana*. 31 jul. 1983.

²¹⁷ Pimentel Gomes. “El-Rei Dom Sapo (contra o analfabetismo)”. *Gazeta de Piracicaba*. 04 jan. 1921.

escolar, foge dali e é acolhido por uma senhora rica que lhe explica “os benefícios inestimáveis da escola”. Numa segunda parte, preservada nas versões posteriores como o texto integral do volume, narra-se a história do menino Agapito. Aqui também é tratado da questão do analfabetismo. O garoto que não respeita animais ou plantas é levado à escola para que nela possa ser instruído e aprender a importância da convivência adequada com as pessoas e com a natureza.

Na mesma história – a primeira edição é de 1922 – há a referência as transformações vividas por Piracicaba por ocasião da Reforma Sampaio Dória. No conto um dos personagens recebe a visita de um professor que faz o recenseamento das crianças em idade escolar; o recenseamento foi, justamente, uma das marcas dessa reforma, tendo sido desenvolvido por Sud, o amigo de Thales. Esta ocorrência se converte na ponte que permite o contato entre a cidade e o sítio no qual mora o protagonista e que acaba por propiciar aos sitiantes o conhecimento das ações do governo que oferece a população a oportunidade de escolarização a todas as crianças. Há, ainda, mais um livro no qual a escola é o assunto principal: *O melhor presente*. Nele novamente há a junção dos dois temas. Um menino vivendo em uma fazenda recebe a visita de seu padrinho Tomás Galhardo que lhe ensina as primeiras letras e o deixa com uma série de livros que o auxiliará em sua formação e provocará a transformação da própria região. O nome do padrinho é uma clara referência ao conhecido escritor de livros de leitura, os quais haviam sido usados por Thales como aluno e professor.²¹⁸

Os mesmos temas, em maior ou menor grau, percorrem os demais volumes da série. Temos assim, relacionados ao campo e à natureza: árvores, plantas, aves, agricultura, os primeiros sete títulos e o nono, respectivamente: *A Filha da Floresta*, *El-Rei Dom Sapo*, *Bem-te-vi Feiticeiro*, *Dona Içá Rainha*, *Bela, a Verdureira*, *Árvores Milagrosas*, *O Pequeno Mágico* e *Fim do Mundo*²¹⁹ [Figs. 24-27].

O número oito *Totó Judeu* – não localizado – é uma “história sobre o flagelo da destruição da flora e da fauna pelo homem” como nos informa Stanislavski.²²⁰

²¹⁸ Thales Castanho de Andrade “Gratidão”. *Jornal de Piracicaba*, 23 jul. 1970.

²¹⁹ Quatro desses livros – *El-Rei Dom Sapo* (1999); *Fim do Mundo* (2001); *A Filha da Floresta* (2003); *Bem-te-vi Feiticeiro* (2004) – foram novamente relançados por iniciativa da Associação Amigos de Thales Castanho de Andrade de Piracicaba que tem como objetivo, resgatar este autor piracicabano destacando para tanto os textos que demonstravam a preocupação com formação das crianças direcionada para a consciência ecológica.

²²⁰ Stanislavski, *Saudade* (1919): *A contribuição de Thales Castanho de Andrade para o campo da leitura escolar...* pp. 138-39. A autora usa como fontes na apuração das informações acerca da obra de Thales os arquivos da Secretaria de Estado da cultura de São Paulo – Departamento de Museus e Arquivos – Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes de Piracicaba”. As informações da mesma dissertação foram utilizadas também como referência para os outros títulos não localizados: *Praga e Feitiço*, *O Gigante das ondas*, *Morto e Vivo*, *A Cadeira Encantada* e *A Estrela Mágica*.

Com um conteúdo explicitamente de fundo moral há dois títulos: *O Caminho do Céu*, no qual se demonstra a relação do homem com os elementos da natureza dentro de uma visão cristã e *O sono do monstro*, volume cujo tema central é a pacificação.

O trabalho é o assunto tratado em *A Fonte Maravilhosa*, livro que também indica o primeiro de maio como data comemorativa.

Aliás, a utilização das datas enquanto dispositivo utilizado para o chamamento dos assuntos tratados é uma estratégia comum em muitos desses livros dedicados à História, outro dos temas que ocupou os volumes da coleção a partir do número doze. Dessa forma temos: *A Rainha dos Reis*, tratando do constitucionalismo – tema desenvolvido posteriormente em outro livro de Thales denominado de *Ensinando a Constituição* – e indicando o dia 24 de fevereiro; *Praga e Feitiço*, cujo conteúdo narra o episódio envolvendo Tiradentes e marcando o 21 de abril; *O Capitão Feliz*, relacionado ao dia 22 de abril, é a narrativa sobre Cabral e o descobrimento do Brasil; *A Bruxa Branca*, tratando da escravidão e, portanto, indicando o 13 de maio; *O Castelo Maldito*, relacionado ao episódio da queda da Bastilha, em 14 de julho, da Revolução Francesa e abordando as questões a respeito do absolutismo e do despotismo; *O Grito Milagroso*, tratando da independência do Brasil – indicando o sete de setembro; *O Gigante das ondas*, sobre Colombo e o descobrimento da América em 12 de outubro; *Morto e Vivo*, o culto aos mortos em 2 de novembro, dia de finados; *A Cadeira Encantada*, relacionado a democracia e a república presidencialista, indicando o 15 de novembro; *O Mistério das Cores*, que trata da instituição das cores da bandeira nacional e aponta o dia 19 de novembro e *A Estrela Mágica*, indicando o 25 de dezembro e a passagem do natal.

O último título da série, *Flor de Ipê*, foi publicado em 1957. A narrativa, ambientada no campo, é centralizada em torno de um triângulo amoroso, mas ali estão as marcas da literatura desenvolvida por Thales de Andrade: a presença afirmativa da família, a preocupação em definir o universo campestre como o local ideal para a vida saudável, as providências no sentido de dirimir os males causados pelas pragas na agricultura [Fig. 28].

A obra de Thales ganharia nova sobrevida com a reedição, em 1967, de uma seleção dos contos da série *Encanto e Verdade*. Naquele momento Piracicaba passava pelo seu bicentenário. A ocasião foi lembrada pelo folclorista João Chiarini um dos amigos do autor, que solicitou pelas colunas do *Jornal de Piracicaba* e da *Folha da Noite* o aproveitamento da data para a reedição da Coleção *Encanto e Verdade*. Ocorre que era projeto da Editora Melhoramentos, segundo informações colhidas pelo autor junto a Francisco Marins, o autor

da série *Taquara-Poca*, da mesma editora, reeditar os contos em um novo formato, “grande e de feitiço especial”.²²¹

Assim, foram selecionados – com “emendas” feitas pelo autor – para a ocasião, “para emparceirar-se com as ESTÓRIAS MARAVILHOSAS, de Hans Christian Andersen, na coleção” editados em um volume único, reunidos, os títulos: *A Filha da Floresta*, *El-Rei Dom Sapo*, *Dona Içá Rainha*, *O Mistério das Cores*, *O Sono do Monstro* e *Caminho do Céu*.²²²

É o próprio livro em sua materialidade que nos permite observar algumas peculiaridades da edição. O prefácio e as orelhas do volume demonstram as distinções que o cercaram. O nome do prefácio, “Recordando e Agradecendo”, é uma recorrência à memória, um dos elementos frequentes nos textos escritos por Thales de Andrade. Essa característica já aparece no título de sua principal obra, o *Saudade* e continua no título da coluna que publicou pelo *Jornal de Piracicaba* nos anos de 1970: “*Fumaças...*”.

O autor prefacia o livro relembrando o tempo em que lançou sua obra mais conhecida e o faz relacionando-a a colaboração de Monteiro Lobato que cedeu um dos seus contos, *Pedro Pichorra* para compô-lo. Destaca no mesmo texto a figura de Hans Christian Andersen, seu “parceiro” naquela edição especial preparada pela editora Melhoramentos e nomeia, além dessas duas personalidades da literatura – uma nacional, outra uma referência universal da escrita para as crianças – as pessoas que estiveram envolvidas com ele e com a sua obra desde as primeiras publicações: caso do maestro Benedito Dutra o qual havia preparado uma valsa inspirada no conto *A Filha da Floresta*; de Alípio Dutra, o primeiro ilustrador desse conto, publicado em 1919 com “cinco mil exemplares”, frisa o autor; de Francisco Richter, o ilustrador da primeira coleção editada pela Cia. Melhoramentos; e o seu amigo e incentivador João Chiarini, incentivando-o na reedição do volume através de seus artigos nos jornais. São ainda citados como animadores de sua trajetória Lourenço Filho, Sud Mennucci e Pedro Krahenbull, intelectuais identificados com a imprensa e a educação e ligados afetiva e profissionalmente a Thales e à Piracicaba.

O discurso do autor revela no prefácio, desta maneira, a preocupação de manter a posição conquistada no campo literário²²³ na medida em que sua fala busca autenticar sua legitimidade por meio da reafirmação de parcerias com personalidades do meio e em particular com aquele longínquo grupo “bloomsburiano” de educadores e artistas constituído há mais de meio século, com ressonâncias entre os meios intelectuais locais e nacionais. Esse

²²¹ Andrade, *Encanto e Verdade...* Op. Cit. pp. 6-7.

²²² Ibid., p. 7. Destaques do autor.

²²³ Pierre Bourdieu, “Algumas Propriedades dos Campos”. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983, pp. 89-94.

discurso também situa o leitor a respeito do que vai ler e elege o seu público, pois ao mesmo tempo em que valoriza a casa editora e indica, implicitamente, a qualidade de sua produção, ao salientar alguns dos nomes publicados por aquela empresa, anuncia os parâmetros nos quais se encontram as histórias que ora faz publicar: “os setores educativo e escolar”. É também nessas palavras iniciais que o autor denota um dos aspectos que ele pretende que sejam verificados em alguns dos seus contos: o posicionamento emocional diante do leitor, quer seja pela evocação de aspectos da religiosidade católica (pede Graças pela oportunidade de ver a edição do volume *Encanto e Verdade*), quer seja no sentido de se mostrar em harmonia com os amigos e os seus leitores (quando menciona os diversos amigos, indica os “aplausos” e as notícias publicadas pelos jornais que o elogiam).

Nesse sentido, poderíamos identificar essa estratégia como um recurso retórico de louvor a sua própria obra, pois como salienta Moraes²²⁴ este gênero – demonstrativo –, um dos três da arte retórica²²⁵ objetivava louvar ou censurar. Está claro que no sentido disposto no texto a intenção do autor é angariar a simpatia do leitor, persuadir a respeito da relevância da sua produção literária recorrendo para isso aos testemunhos reconhecidos pelos leitores e pelos parceiros do próprio campo.

O livro, de capa dura, envolvido por uma sobrecapa com uma das ilustrações de Francisco Richter – referência à história *O Mistério das Cores* –, traz na contracapa a relação dos contos do volume e mais um dos desenhos, este último, a figura das duas crianças já mencionada anteriormente. [Fig. 29].

Nas orelhas são relacionados os contos seguidos de um breve comentário a respeito do enredo de cada um deles. Ao final o leitor é alertado que as seis narrativas foram escolhidas pelo autor e que se trata de uma reedição de suas histórias ilustradas por Francisco Richter. O texto é finalizado com a seguinte afirmação dos editores:

*Temos certeza de que os pequenos leitores de hoje se deliciarão com “Encanto e Verdade”; e os que foram pequenos leitores há 30, há 20 anos, vão relê-los com saudade, aquela saudade que tão bem caracteriza o sentimento da gente brasileira.*²²⁶

²²⁴ Dislane Zerbinatti Moraes, *Literatura, memória e ação política: uma análise de romances escritos por professores paulistas*. São Paulo, (Dissertação de Mestrado): FEUSP, 1996.

²²⁵ A autora apóia-se em Roland Barthes e em Armando Plebe para descrever esses conceitos da retórica: “De acordo com os fins do discurso existiam três gêneros retóricos: o judiciário, o deliberativo e o demonstrativo. O gênero judiciário visava acusar ou defender, o deliberativo pretendia aconselhar ou dissuadir e o demonstrativo objetivava louvar ou censurar”. p. 21.

²²⁶ Andrade, *Encanto e Verdade...* Op. Cit.

O objetivo é angariar a atenção para mais de uma geração de leitores. Isso fica evidente na medida em que apela para a atenção daqueles que já o leram a vinte ou trinta anos passados. Outro recurso para induzir o adulto à releitura é a descrição indicando que a publicação do volume conta com as ilustrações originais da coleção e daí a importância da referência do nome de Richter, o ilustrador das primeiras edições.

Este artista havia se tornado uma importante referência para os leitores, como nos conta Willy Correia de Oliveira em um depoimento emocionado. Ao encontrar em um sebo parte da coleção Biblioteca Infantil, ilustrada por Franta Richter²²⁷ adquire alguns volumes e selecionando parte das ilustrações a elas adiciona sete cânticos, também ouvidos na infância, transformando-os em sete peças para pianos, como se estivesse musicando suas memórias com as duas formas de arte. O autor se expressa nos seguintes termos em parte da apresentação do livro:

*Peço que aceitem essas sete minúsculas peças como desmaiadas fadadas ilustrações. Talvez, no máximo com gravuras da história de uma infância; ou à maneira de um reencontro com as queridas ilustrações de Franta Richter. Ou ainda que se transponha para um possível reencontro com as imagens de algum livro escondido, extravagado na memória.*²²⁸

5.2. Os livros editados pela Companhia Editora Nacional

A relação de Thales de Andrade com a Companhia Editora Nacional (CEN) é iniciada com o acordo, celebrado entre o autor e Octalles Marcondes Ferreira, representando, naquela ocasião, a editora Monteiro Lobato & Cia., no qual os direitos autorais relativos ao livro *Saudade* é negociado com aquela casa editorial. Na oportunidade a transação esteve vinculada à preparação de outros livros os quais deveriam ser escrito por Thales. O contrato, assinado a 15 de dezembro de 1922, seria renovado nas novas razões sociais da empresa até chegar à denominação de Companhia Editora Nacional.²²⁹

Ficava estabelecido por meio dos contratos que o autor deveria produzir um total de sete títulos para formar a série “Tales de Andrade”. Na versão contratual de 26 de julho de 1926 os títulos figuravam da seguinte maneira:

²²⁷ O nome original do ilustrador.

²²⁸ Willy Correia de Oliveira, *Com ilustração de Franta Richter, Sete Pequenas Peças para Piano*. São Paulo: Com-Arte, 1996.

²²⁹ Contrato celebrado entre Thales de Andrade e a Companhia Editora Nacional em 26 jul. 1926.

1. Cartilha na roça – 1º livro
2. Sapeca – leitura intermediária
3. Sorrisos – 1º livro de leitura
4. Trabalho – 2º livro de leitura
5. Na oficina – 2º livro de leitura
6. Saudade – 3º livro de leitura
7. Saúde – 4º livro de leitura

O Catálogo da Companhia Editora Nacional, provavelmente do ano de 1932, o qual divulga a produção da 19ª edição de *Saudade*, afirma que todos os livros da série já publicados e ali anunciados haviam sido aprovados e adotados pela Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo, Paraná, Espírito Santo, Ceará, Rio grande do Norte e outros Estados. Nele há o registro dos títulos – e dos projetos de livros – que na época deveriam fazer parte da referida coleção:

Série Thales de Andrade

1. **LER BRINCANDO** (cartilha) – *1ª edição*. É a última palavra em matéria de cartilhas. Por ela qualquer um ensina a ler, suavemente e depressa.
2. **AS ROCINHAS DO RAUL** (Leituras preparatórias). No Prelo – Livrinho que instrui e deleita, desenvolvendo um centro de interesse de ruralização.
3. **ESPELHO** (Leitura intermediária) – *2ª edição*. – Suas páginas são doces conselhos dados entre beijos e sorrisos.
4. **SONHOS** (2º ano) – No Prelo. São mimosas historietas que têm o condão de criar nos pequeninos o hábito da leitura e o amor pelos livros.
5. **TRABALHO** (2º ano) *3ª edição*. É um livro sentimental, cheio de lições de paciência, perseverança, trabalho, economia...
6. **SAUDADE** (2º e 3º anos) – *19ª edição*. “‘Saudade’ fica sendo, de agora em diante, indiscutivelmente o *padrão da nossa literatura didática*” – Sud Mennucci, “Estado de S. Paulo, Jan. de 1920”.

□ □ □ □ □ (4º ano) Em Preparação. Um livro de nacionalização e de civismo.

Desta forma, concluímos que a série Thales de Andrade era constituída na medida em que os livros iam sendo escritos. Os sete títulos efetivamente publicados pela editora,

seguindo a intenção original da composição dos livros, foram: *Ler Brincando* (cartilha); *Espelho*; *Alegria*; *Vida na Roça*; *Trabalho*; *Na Oficina*; *Saudade*²³⁰ [Figs. 32-37]. Não foram, portanto, todos os livros planejados que saíram na coleção, embora, relação ao número de títulos, seja possível estabelecer essa correspondência.

O contrato de 1926 e o catálogo mencionado levam-nos a apresentar como hipótese a sugestão de que Thales de Andrade teria sido, na CEN, tratado como autor didático e não de literatura infantil, como apareceu originalmente na Melhoramentos. A coleção é destinada à leitura e mesmo o *Saudade* apareceria desde a edição feita na época da Monteiro Lobato & Cia., como livro didático, conforme indica o trabalho de Stanislavski.²³¹

Toledo, em um trabalho no qual analisa a coleção “Atualidades Pedagógicas” da Companhia Editora Nacional informa, a respeito de suas coleções, que desde o início a CEN utilizava os fundos editoriais da empresa que a precedera – a Monteiro Lobato e Cia. – mantendo os “padrões de edição por ela estabelecidos”.²³²

*As obras, como herança das estratégias usadas na fase anterior são ordenadas em séries ou coleções, ou seja, o acervo editorial é classificado e organizado em função das fatias do mercado aos quais estava destinado.*²³³

Cada coleção seria definida por um público visado ordenando-se, desta maneira um espaço de leitura. Toledo aponta 20 coleções diferentes, constantes do catálogo de 1939. Entre estas estavam as séries “Literatura Infantil” e a “Livros Didáticos”, que abrigariam, posteriormente, os livros escritos por Thales, ambas fazendo parte da Biblioteca Pedagógica Brasileira. Como diz a autora, a coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira foi lançada em 1931 sob a coordenação do educador Fernando de Azevedo em um contexto segundo o qual se depositariam “na escola e no professor, bem como no livro – as missões de nacionalizar a cultura brasileira pela conquista do público leitor para a literatura nacional, de instrumentalização de uma escola remodelada em prol da civilização e de produzir uma nova opinião pública sobre a política e a cultura nacional.”²³⁴

²³⁰ Conforme informações verificadas junto ao acervo consultado para este trabalho na própria CEN.

²³¹ Stanislavski, *A contribuição de Thales Castanho de Andrade para a leitura escolar*. (Dissertação de Mestrado). Marília: UNESP, 2006, p. 114.

²³² Maria Rita de Almeida Toledo, *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial 1931-1981*. (Tese de Doutorado). São Paulo: PUC-SP, 2001.

²³³ Ibid., p. 50.

²³⁴ Ibid., p. 59

Algumas dessas obras já faziam, portanto, parte do acervo da editora antes da constituição da BPB. Outras foram sendo escritas no decorrer dos anos e sofreram alguns deslocamentos durante o período em que foram editadas, entraram em diferentes séries da editora e foram indicadas para a leitura em anos diversos. Em alguns casos, como por exemplo, os livros *Na oficina* e o *Campo e Cidade*, fugiram da concepção original da série.

Analisando as edições da série de Thales editadas pela Companhia Nacional, vemos que, confirmando nossa hipótese acima, o livro *Saudade*, além das mudanças no formato e na capa, seria indicado para diferentes turmas desde a sua chegada à editora e recebido diversas classificações [Fig. 38-44]. Stanislavski resgata essa trajetória em sua análise dos catálogos desde a época da Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato. Assim, no ano de 1925 a 8ª edição do livro é classificada como didática e indicada para o 2º ano do Curso Preliminar e o 1º ano do Curso Médio.²³⁵ De 1932 a 1937 os catálogos indicam o *Saudade* para o ensino da leitura no Curso Preliminar e, em cada edição, as séries que o abrigam variam e se alternam da seguinte forma: Livros Escolares, 1927/35; Thales de Andrade, 1935; Escolar Primário, 1936/39; Didático Primário, 1941; Livros Primários, 1944/48; Livros Infantis, 1949; Livros Primários, 1949/52; Livros Infantis, 1952/56; Livros Primários, 1958; Literatura Infantil, 1962; Infantis, 1966/67; Literatura Infantil, 1967; Infantis, 1969; Literatura Infantil, 1969; Infantis, 1971/74; Infante Juvenil, 1977. Há nesse caso, como observa a pesquisadora, um gradual afastamento da intenção didática pensada inicialmente para a obra.²³⁶

*Espelho*²³⁷, publicado inicialmente em 1928, é indicado como 1º Livro de Leitura. O exemplar que examinamos, a 3ª edição de 1932, traz na capa informação sobre a série a qual pertence, Thales de Andrade, e na folha de rosto indica que o livro havia sido aprovado e adotado pela Diretoria Geral de Instrução Pública de São Paulo.

O volume, a exemplo dos demais, é ambientado no mundo rural. Nele o autor retrata diversas crianças interagindo em torno questões como as relativas à agricultura, ao cuidado com as plantações e os “animais úteis” e com o trabalho. Embora seja ricamente ilustrado, não há referência ao nome do artista. Nele encontram-se textos em prosa e em versos. No primeiro caso há episódios – de um total de 53, incluindo as poesias – nos quais a narrativa é desenvolvida de acordo com as ações dos personagens. Em muitos deles são as próprias

²³⁵ Stanislavski, *Saudade (1919): a contribuição de Thales Castanho de Andrade...* p. 114. A mesma indicação é atribuída para a 4ª edição, conforme é possível observar no anúncio da Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato em Hallewell, *O livro no Brasil: sua história...* Op. Cit. p. 338.

²³⁶ Stanislavski, pp. 112-13.

²³⁷ Para os títulos *Espelho*, *Trabalho*, *Ler Brincando* e *Alegria*, da série planejada, utilizaremos como referência principal na determinação da primeira edição as Fichas de Movimento de Edição da CEN, com exceção de *Na Oficina*, e *Vida na Roça*. O primeiro por não termos localizado a Ficha e o segundo por conter uma discrepância: a Ficha aponta a primeira edição em 1932, enquanto um exemplar localizado indica o ano de 1933.

crianças que contam as histórias e, nesses casos, são precedidos por uma observação que discrimina qual personagem a narrou.

Entre os do segundo tipo, geralmente quadrinhas, há diversos assinados por pessoas conhecidas no meio escolar, como, por exemplo, Arnaldo Barreto, Dulce Carneiro, Presciliana Duarte, Francisca Júlia e Honorato Faustino.

Em 1930 surge *Trabalho*. Na capa, verde da 1ª edição, há apenas algumas informações descrevendo objetivamente: a série – Thales de Andrade; e o ano escolar ao qual é destinado, 2º Livro – (1º semestre). As ilustrações, de acordo com a indicação em destaque no verso folha de rosto, são do Professor Octavio Prates.

De acordo com a inscrição da página de rosto, *Trabalho* “é a história de Pedrinho contada por ele mesmo”. De fato o narrador-protagonista é um menino pobre que conta ao leitor as edificantes experiências de trabalho envolvendo seus colegas, amigos e familiares. Os amigos, crianças como ele, estudam em escola noturna para, durante o dia, ajudar aos pais. Durante a narrativa são descritos diversos tipos de atividades, todas elas sendo motivo de orgulho para os que trabalham. O relato termina com a advertência de Pedrinho que sua história está pela metade e que o livro *Trabalho na Oficina* a completaria.

Ler Brincando – Nova cartilha é editada em 1932. A coleção indicada na capa é a Biblioteca Pedagógica Brasileira, série II – Livros didáticos – vol. VII. Não há índice e nem referência ao ilustrador.

No prefácio o autor afirma que nos vários anos em que lecionou para as primeiras turmas utilizou-se das mais conhecidas cartilhas e que ainda experimentou diversos métodos, ensinando “a ler sem cartilha, formando as lições em classe, com os nomes dos alunos e tendo por assunto as ocorrências do dia, na escola”. *Ler Brincando*, segundo Thales de Andrade, é o fruto de toda a sua experiência, além de procurar “e elevar ao máximo a atividade infantil, de acordo com as leis da Psicologia e, tanto quanto possível, visa tornar um brinquedo a aprendizagem da leitura.” O autor informa, antes de concluir, que cada lição da cartilha será acompanhada de um texto explicativo com instruções e sugestões.

A cartilha é composta por pequenas frases e palavras acompanhadas de ilustrações. Ao final do livro há uma seção denominada de “Explicações e sugestões para o desenvolvimento das lições da cartilha”. Nela autor apresenta o texto dividido em onze fases indicadas por algarismos romanos. Para cada fase há sugestões que se remetem às lições.

O livro *Vida na Roça*, devido ao conteúdo do seu prefácio, permite-nos conhecer um pouco melhor o pensamento do autor a respeito da relação escola-agricultura. Esta obra

surge em 1933. Na capa, estampada na parte superior, o nome Thales de Andrade informa a série e é seguido da indicação: primeiro livro de leitura. O tema principal é, novamente, o campo. O projeto “As rocinhas do Raul” ganha neste livro o seu formato definitivo. A divisão interna dos textos prevê além do prefácio, endereçado “Aos Colegas”, 58 pequenos capítulos que podem ser definidos também, em sua maioria, como episódios por meio dos quais o cotidiano da vida campestre é descrito. Alguns desses textos são poesias retiradas de outros livros, muitas vezes apenas trechos de poemas. Os seus autores são, mais uma vez, aqueles referidos ao universo piracicabano de Thales e que o identificavam também com o mundo rural: Cornélio Pires, Honorato Faustino, João Köpke, Antonio Faria, Dulce Carneiro e Mello Ayres. Ao final de cada episódio há uma “sugestão” ao pé da página. Em seu conjunto essas sugestões explicitam os temas tratados no livro e remetem-se novamente ao texto questionando-o ou exigindo do leitor – ou daquele que se encarregará de explicá-la – um aprofundamento do assunto tratado. Dentre essas sugestões algumas como as intituladas ou as que se referem aos temas “Educação Moral” e “Determinismo” que aparecem com maior frequência.

No prefácio dirigido “Aos Colegas”, Thales de Andrade explica os objetivos do trabalho e a sua crença relativa a uma obra dessa natureza. Diz-nos que dentre os muitos requisitos exigidos pelo livro destinado ao ensino da leitura, torna-se imprescindível “não desprezar o enlevo do pequenino leitor. A criança deve gostar do que lê.” O autor vê o livro escolar como instrumento para a aprendizagem da leitura e alerta que ele deve também ser “o melhor meio disponível para dar às crianças o hábito da leitura”. A seguir afirma que em seus livros sempre procurou, “no conjunto e nas partes, despertar na criança o gosto pelas lições ministradas.” O livro de leitura escolar, é um “espelho mágico” exercendo grande influência na alma infantil. Assim, para que “sirva em vez de deservir há de ser, forçosamente, uma fonte de inspiração moralizadora e nacionalizadora.” Para tanto, afirma o autor, se esforçou neste, como nos demais livros que escreveu, em cada página, dar “estímulos morais, cívicos e patrióticos.” Acredita, entretanto, que apenas isso seria insuficiente como fim do livro para o ensino da leitura, pois “cada coletividade teria exigências supremas pelas determinações fatais das suas condições geográficas e históricas”. O livro deveria estar afinado com as exigências da coletividade e, no caso do Brasil esta sintonia seria representada com uma das “atividades extraordinária de nossa gente”, a agricultura. A agricultura, “pedra angular” da economia brasileira seria, segundo o autor, de conhecimento de todos. Assim é apontada como função importante do livro de leitura “não desorientar as crianças nas suas tendências e conveniências mesológicas. Afirmo que pretende com o livro alcançar este objetivo assim como teria feito

em *Saudade*. Thales de Andrade lembra que “a ciência da educação, depois de hipóteses e de experiências, apresenta, em sua metodologia, novos processos de ensino mais fáceis, agradáveis e eficientes”. Menciona que estaria “em voga” na educação, os centros de interesse, e os programas globalizados. Salienta que a sua contribuição está vinculada à escola nova ou escola ativa e que desejou concorrer com sua “partícula” de contribuição para a “renovação do ensino que se processava vitoriosamente por toda parte.” A seguir o autor esclarece o objetivo principal do seu livro e explica como o professor deveria utilizar-se das sugestões nele incluídas:

Os capítulos que compõem este livro, como que formando um feixe de “excertos” ou “trechos” adequados, são uma série de trabalhos escritos especialmente para um determinado centro de interesse e na ordem natural do seu desenvolvimento.

Tais lições, girando em torno de um pivô – O MILHO – (planta de toda parte), tratam do seu cultivo, desde o plantio à colheita, associado às suas lavouras similares e isso em caráter de meio-trabalho e meio-brinquedo, tendo por principais personagens meninos de escola, na roça.

Pelas sugestões que as acompanham, (destinadas exclusivamente aos que ensinam), poderão os Colegas ampliar-lhes a significação, transformando-as, por sua vez, uma por uma, em novos pequeninos centros de interesse, conforme exemplificarei ao final do livro, em “Notas à margem”.²³⁸

Curiosamente essa edição – e a 13ª também verificada – não apresenta as “Notas à margem”. As únicas indicações – direcionadas ao profissional da educação ou ao leitor ao qual é destinado o livro – aparecem, como já foi mencionado, nas “sugestões” ao pé das páginas e não ao final do livro conforme indicação no prefácio.

O livro é dedicado “às crianças da 1ª classe de leitura corrente: classe que é, às vezes, a de um 1º ano, e que é, sempre, a do 2º ano, desde o seu início.”

Há em seguida, numa nova seção do texto, outras informações na qual Thales recorre as suas lembranças do início da carreira do magistério:

²³⁸ Thales Castanho de Andrade, *Vida na roça*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1933, p. 9. Os destaques são do autor.

Como professor de escola isolada, na zona rural (Bairro de Banharão, município de Jaú), tive a satisfação de ver que, atendendo às sugestões dadas na escola, há crianças que se iniciam nos trabalhos da terra, fazendo as “suas” rocinhas. A lição intitulada “A roça do Raul”, que aparece à página 125 do “Saudade” que agora desdobrei nas 58 lições deste livro, não foi só ficção, mas apenas, a realidade, redourada um pouco.

Como adjunto do Grupo Escolar Modelo anexo à Escola Normal de Piracicaba (zona urbana), experimentei por à prova o interesse das crianças citadinas pelos trabalhos do solo, sugerindo-lhes o aproveitamento dos quintais para hortas, rocinhas de milho e de feijão, leiras de batata, talhões de mandioca, etc.

Admirei-me com o resultado dessa “brincadeira”. Que se chamou “Clube Infantil de Horticultura”.

Cerca de 300 hortas novas foram feitas pelas crianças e, na “Festa do Milho” que elas realizaram, só em benefício da Caixa Escolar, entregaram 13.469 espigas de milho do seu cultivo.²³⁹

O autor conclui afirmando a sua esperança de que o livro *Vida na Roça*, desenvolvendo um “centro de interesse de ruralização” – de evidente inspiração em Decroly, pedagogo de larga aplicação nas reformas do período²⁴⁰ – seja “útil à nossa infância da roça e na cidade: lá, encaminhando-a para a agricultura; aqui, dando-lhe um campo de diversão e de trabalho nos quintais e criando-lhe a necessária simpatia pelo cultivo do solo.”²⁴¹

Consideramos que a narrativa de *Vida na Roça*, reflete parte da experiência do professor Thales de Andrade. A menção ao clube infantil de horticultura e o detalhamento de sua atividade envolvendo o cultivo do milho apontam um momento da sua prática educativa que poderia ser entendida como o desenvolvimento de um projeto nascido ainda nos anos vinte, quando sugeriu a criação do clube no contexto das aplicações da reforma Sampaio Doria na cidade.²⁴² Thales também iria ilustrar as possibilidades de prática de educação escolar voltada para a agricultura no volume *Bela, a verdureira*, que havia lançado na coleção Encanto e Verdade, da Melhoramentos, conto no qual a protagonista ajuda a manter a sua família graças ao cultivo de uma horta.

²³⁹ Andrade, *Vida na roça*, pp. 9-10.

²⁴⁰ Esteves, As prescrições para o ensino da caligrafia e da escrita na escola pública primária...p. 47.

²⁴¹ Andrade, p.10.

²⁴² Andrade. “Infantil Clube Horticultor Piracicabano”. *Jornal de Piracicaba*. 20 e 21 abr. 1920.

Alegria é um lançamento de 1937. A edição consultada e aqui comentada é a 11ª de 1942, conforme descrição na página de rosto. A capa é composta pelo nome do autor seguido do título em destaque. Abaixo, entre parênteses, lê-se a indicação “Leitura Intermediária” e na parte inferior o nome da editora e o local da publicação: Companhia Editora Nacional – São Paulo. Não há informação na capa ou folha de rosto a respeito da série Thales de Andrade.

O índice informa a presença de 38 lições. Após cada texto há um “Vocabulário” seguido da proposição de “Exercícios” e de “Sugestões par conversação e explicação”.

As lições ambientam o local no qual a narrativa será desenvolvida – uma “escola mista, isolada” – e a época do ano, o final das férias escolares, no período das festas Santo Antonio, São João e São Pedro. Os alunos falam sobre a escola, suas leituras, inclusive sobre a cartilha *Ler Brincando*, que um deles usou. Notamos que o autor, a exemplo do que havia feito em *Saudade*, quando em meio à narrativa indicava outro de seus livros, *A Filha da Floresta*, volta a utilizar aqui também este recurso de divulgação de sua obra.

As demais lições fazem referência à escola e a sua importância, chamam a atenção para o abecedário e a combinação das letras, formando palavras, trazem histórias contadas pelos próprios personagens, sempre as crianças, referem-se a diversas coisas que alegam as crianças e que formam, na última lição, um álbum feito pela professora a partir das histórias contadas pelos alunos e por ela colhida para a lembranças de todos da turma.

Em 1953 é lançado *Na Oficina*. Este é outro livro de leitura que inclui um dos textos do autor se dirigindo aos leitores e, portanto, conta desta maneira com alguns preciosos dados para a sua contextualização. Ao contrário dos demais, a capa não indica o seu pertencimento a qualquer coleção e nem mesmo à CEN. Talvez a edição tenha sido preparada pelo próprio autor que poderia ter entrado em entendimento com a editora para uma possível segunda edição, segundo a sugestão no aviso ao final do livro:

NA OFICINA

Aparecerá em próxima edição na COMPANHIA EDITORA NACIONAL incluída na série de livros de leitura escolar

“Tales de Andrade”

Trazendo, em cada lição, o respectivo suplemento de exercícios.

Composto e impresso na Ind. Graf. José Magalhães Ltd.

*R. Spartaco, 215 – SP.*²⁴³

²⁴³ Andrade, *Na oficina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

Não obtivemos informações a respeito da Gráfica José Magalhães e não temos condições de averiguar o motivo da opção de Thales por esta empresa. Questionamos se se tratava de uma tentativa do autor de mudar de editora. Por outro lado sabemos que por volta da década de 1950 a Nacional gozava de uma excelente situação financeira – segundo demonstra Hallewell, ao comentar o processo de expansão daquela casa editora, que em meado de 1950 chegou a produzir cerca de sete milhões de exemplares ao ano²⁴⁴ –, o que descartaria a possibilidade de rejeição da edição de *Na oficina* em virtude de alegações de contenção de despesas. Todavia não registramos a segunda edição aventada o que nos leva a especular sobre o real interesse daquela editora em continuar publicando as obras de Thales.

O livro traz na capa o nome do autor seguido do título e, na parte inferior, como única indicação do ilustrador – F. S. Moraes – a sua assinatura no desenho que mostra uma menina e um menino segurando, cada qual, um brinquedo. Ela, uma “baianinha de pano”, ele um boneco que “faz sortes a girar em barbante”, conforme é possível constatar no decorrer da narrativa.

Na contracapa há outras informações que poderiam estar indicando os novos projetos literários de Thales de Andrade, visto que os títulos ali relacionados não foram localizados entre as obras do autor. O anúncio dos novos livros comporiam a série “Trabalhadores” e contariam com os seguintes volumes: *Em casa* – 1º livro de leitura; *Na escola* – 2º livro de leitura; *Em toda parte* – 3º livro de leitura; *Numa profissão* – 4º livro de leitura; e ainda o *Catecismo do Trabalhador*.

O livro, nos explica Thales, é a continuação da história de Pedrinho contada por ele mesmo. *Trabalho*, como visto acima, havia sido a primeira parte da narrativa. Todo o projeto teria nascido, segundo o autor, em uma conversa que havia tido com alguns amigos editores. No texto Thales não nomeia essas pessoas e não informa quantas estariam presentes na ocasião. Segue informando que, ao perguntarem-lhe se havia novo projeto de livro, lhes contou a respeito de *Trabalho*, um livro para a leitura escolar, talvez para o 2º ou o 3º graus. Os editores, ao saber do tamanho do livro, semelhante ao do *Saudade*, condicionaram para a sua publicação, a divisão do seu conteúdo em dois volumes.

Thales a contragosto teria resolvido, mentalmente salienta, dispor o assunto a ser desenvolvido em duas partes. *Trabalho*, o primeiro volume, foi escrito e publicado. *Na oficina* permaneceria “no tinteiro”. Antes de *Na oficina* ser publicado as edições de *Trabalho*

²⁴⁴ Hallewell, O livro no Brasil: sua história... p. 371-72.

se sucederam e muitos leitores aguardavam o outro livro cobrando do autor pessoalmente ou por escrito. Em 1953, ao concluir e mandar editar o segundo volume, Thales atendia a antiga promessa.

A oficina citada na história, pertencente ao padrinho do protagonista, é onde Pedrinho passa a trabalhar desenvolvendo uma série de brinquedos que irá servir como pretexto para criar seu próprio negócio, juntamente com os amigos sendo que cada um deles usará para tanto, as suas aptidões.

O trabalho nesse volume ganha nova perspectiva para a discussão. No anterior mostrava-se a sua importância edificando-o. Em *Na oficina* além de salientar a sua relevância a questão ganha novas nuances. É visto como atividade que merece atenção do governo, o qual cria leis para garantir o direito daqueles que trabalham. O tema seria retomado em outro livro de Thales, *Ensinando a Constituição*. Em ambas as narrativas o trabalho é relacionado aos personagens vinculados ao campo.

Optamos pela inclusão *Campo e Cidade* na relação aos demais livros do autor editados pela CEN por conta dos vínculos identitários que a obra guarda tanto com o *Saudade* quanto com os demais da série Thales de Andrade dessa editora. Essa publicação, tardia em relação aos demais da série dedicada à leitura, ocorre apenas em 1964 e pretende representar, como indica o título, a aproximação entre esses dois universos. Trata-se, como veremos adiante, de uma continuação do *Saudade*. As semelhanças entre os dois livros podem ser observadas já a partir da capa ilustrada por J. G. Villin. Nas edições mais recentes do *Saudade*, o jovem Mário, antes de deixar o Sítio Congonhal observa-o ao pé de uma colina e ao lado de uma paineira. Dali vislumbra em um vasto campo a sua casa e os arredores. A mesma idéia é repetida na capa de *Campo e Cidade*. Também de uma elevação, ao lado de uma árvore na mesma disposição do desenho anterior, o jovem contempla desta vez a Escola Agrícola Luiz de Queiroz [Fig. 45].

As orelhas do volume dizem respeito apenas ao *Saudade*. Ali estão reproduzidas mensagens que antes já haviam sido impressas nas primeiras páginas do livro citado. A primeira se refere: a Medalha de ouro comemorativa do 30º aniversário da obra em 1949; as Moções de louvor e congratulações do Senado Nacional pelas quatro décadas do livro servindo “à instrução brasileira”, segundo o requerimento assinado pelo senador Auro de Moura Andrade em 29.11.1959. A segunda é outro requerimento no qual o livro é elogiado por Tufi Coury. Por ocasião do 40º aniversário da obra no ano de 1959 esse professor da Escola superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” destaca a importância do *Saudade* “para a grandeza do ensino agrônômico do Estado de São” e tece algumas considerações: o objetivo

que a obra tem para “esclarecer e orientar o rurícola”; o empreendimento “justo visando assisti-lo e elevá-lo”; a característica de ser uma obra “correta em prol da dignificação da profissão do agricultor”; o meio “nobre adotado para conhecimento da Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’ e do seu reconhecido valor”. Por fim proclama em ata que a Congregação congratula o autor piracicabano. O espaço final da segunda orelha é preenchido com um pequeno poema de Corrêa Júnior dedicado ao 40º aniversário de *Saudade* e que teria sido transcrito de *A Gazeta* da edição de 30.12.1959.

A folha de rosto traz o nome do autor, o título, a indicação da 1ª edição de cinco mil exemplares e o nome da Editora Nacional como a responsável pela distribuição. Na página seguinte há o nome dos dois ilustradores do volume: J. G. Villin e F. S. Moraes além do aviso da reprodução de ilustrações de J. U. Campos, Rasmussen e Paim, artistas que contribuíram com os seus desenhos para as primeiras edições do *Saudade* e que por conta das freqüentes referências a esse livro tiveram novamente alguns dos seus trabalhos reproduzidos em *Campo e Cidade*.

Nos agradecimentos, ao final do volume, Thales sugere que o projeto fora iniciado a partir da solicitação das “professorandas” da Escola Normal Oficial “Carlos Gomes” de Campinas em 1948. O autor, a seguir agradece as colaborações que tornaram possível o livro: a revisão, feita pelo professor José Rafael Pero Sobrinho; a biografia de Luiz de Queiroz, de autoria do engenheiro agrônomo Edmar José Kiehl; as fotografias da Escola Agrícola, cedidas pelo Diretor, o qual não é nomeado; e os apoios da Companhia Editora Nacional, da São Paulo Editora S. A., que imprimiu a obra e de Augusto Joaquim Pires, responsável pela Gravotécnica. A forma disposta para os agradecimentos sugere que o livro teria sido preparado às expensas do autor: a editora é apresentada apenas como distribuidora; o autor agradece o seu apoio, assim como o da São Paulo Editora, local onde se imprimiu o volume; outras pessoas são nomeadas por alguma ação que tornou possível o aparecimento de *Campo e Cidade*.

Novamente a questão da edição da obra de Thales pela Nacional se apresenta de maneira semelhante ao título anterior, *Na oficina*. A editora, ligada ao autor por contrato desde os anos vinte, não demonstra maiores esforços para produzir o seu novo livro. Embora possamos acreditar que não houvesse maiores problemas nas relações entre as duas partes, se considerarmos a distribuição como um gesto de boa vontade, o mesmo não podemos afirmar em relação ao interesse da empresa em continuar, findo o compromisso contratual, a editar as obras do autor. Talvez os responsáveis pelos projetos de edição houvessem avaliado que as novas produções de Thales não mais correspondiam aos objetivos correntes da empresa e,

devido aos antigos vínculos, apenas se colocassem a disposição para distribuir *Campo e Cidade*.

Em relação ao conteúdo da narrativa veremos que a história de Mario, que no *Saudade* fora concluída com a sua saída do sítio onde vivia para estudar na Escola de Agricultura “Luiz de Queiroz”, é retomada em *Campo e Cidade* a partir desse ponto. Boa parte do referencial da obra anterior é aproveitada no enredo da nova. O mesmo tom emocional e saudoso, o recurso à memória, a descrição idílica dos ambientes e das pessoas dão continuidade ao semelhante fluxo narrativo incluindo, dessa vez, a concretização da promessa do autor que afirmara, ainda no período em que lecionava na Estação do Banharão, em Jaú – conforme nos referimos no início deste capítulo –, que ingressaria na Escola de Agricultura pela literatura, já que não o havia feito quando manifestara aos pais essa vontade ainda em sua infância.²⁴⁵

Campo e Cidade é um relato emocionado do jovem que se vê afastado de sua família para estudar em Piracicaba, seguindo o destino de tantos outros rapazes do Brasil que pretendiam se tornar agrônomos. Esse caminho, sugerido por Thales, era retratado tanto em *Saudade* como no *Campo e Cidade*, obras comprometidas também com a tentativa de educar o leitor para observar a importância e a necessidade da escola agrícola na formação dos jovens para a lide com o campo. O autor, por esse caminho, colocava em prática um dos dispositivos da sua prática literária: a educação pela literatura.

Outra idéia básica, proposta pelo autor, a de complementaridade, atravessa a narrativa e é explicitada desde o título. O campo e a cidade desta vez são apresentados como elementos interdependentes. Na estrada os jovens estudantes observam a passagem de carros que levam para o campo os produtos que ali são indispensáveis e que, entretanto, são produzidos nas cidades. O caminho inverso é também objeto da observação dos futuros estudantes da Escola Agrícola. Do campo sai em direção às cidades o que ela não é capaz de produzir.

O rádio, o automóvel e até mesmo a sugestão de uma forma de transmissão de imagens são apresentados como sinais de progresso e possibilidades de conforto que os moradores do campo poderiam ter acesso. São símbolos da modernidade admitidos para o uso dos moradores do mundo rural na visão de jovens estudantes que convivendo em um ambiente urbano não abrem mão de sua opção pela vida rural, sem descuidar das benesses que a cidade pode lhes oferecer.

Essa síntese proposta entre esses dois ambientes, o campo e a cidade, é pensada pelo autor aos setenta anos de idade e em 1964, outro momento da história, marcado pelo início do

²⁴⁵ Andrade. “Altruísmo e Generosidade...” op. Cit.

desenvolvimento tecnológico e já distante dos conteúdos ideológicos que afirmavam que o caminho do desenvolvimento econômico brasileiro estaria assentado na base agrícola. Para Thales, todavia, o tema era inevitável. Ele continuava ruralista por conta de diversos fatores que o acompanharam desde o tempo da sua formação profissional no magistério, quando passou a se interessar e desenvolver sua literatura defendendo os valores do mundo rural. Essa trajetória o levaria a outros momentos importantes em sua carreira, como a ocasião na qual assumiu os cargos de Inspetor Técnico de Ensino Rural e de Assistente Técnico do Ensino Rural, em 1943.²⁴⁶ Deste modo, para o autor, o equilíbrio sugerido entre o campo e a cidade, não é mais do que a atualização do seu pensamento que, fundamentado na defesa do ambiente rural, percebia as transformações sociais mas não abandonava os antigos projetos de educar pela via da literatura, mantendo ainda o seu principal tema, o campo.

5.3. Obras avulsas

Estamos denominando de obras avulsas os livros escritos por Thales que mesmo tendo sido lançado por uma grande editora, não estão incluídos particularmente numa coleção, não fazem parte de uma série de publicações com uma identidade específica, como no caso de *Encanto e Verdade* ou dos livros lançados pela CEN voltados para a leitura escolar e centrados na questão rural. Ademais algumas peculiaridades foram relacionadas a esses livros: diversos deles não foram localizados e, assim, não temos maiores informações a não ser os seus próprios títulos – alguns já mencionados em outro local deste texto; outros foram editados, como sugerem as marcas do próprio impresso, pelo autor e/ou por patrocinadores. E há, ainda, os que sugerem o desenvolvimento de um projeto literário ou ainda, no caso de *Histórias e História*, revelam uma de suas práticas educativas durante o exercício do magistério.

Quando era professor de História da Civilização e do Brasil da Escola Normal de Piracicaba Thales de Andrade desenvolveu um trabalho junto aos seus alunos que teve como desdobramento a edição de *Histórias e História – contos: pelos alunos da Escola Normal de Piracicaba*. Essas histórias, conforme já mencionado, são narrativas romanceadas da história do Brasil preparadas e escritas pelos normalistas e publicadas em 1929. Na apresentação, Thales expõe as motivações para o surgimento do livro. Em 1922, ano do centenário da independência do Brasil, o então professor da Escola Normal de Piracicaba propõe no

²⁴⁶ “Assistência Técnica do Ensino Rural”. *Folha da Manhã*, 10 fev. 1944.

decorrer das aulas uma atividade que assinalasse a passagem da data. Solicitou aos normalistas que compusessem contos desenvolvendo idéias colhidas durante as lições de história pátria. Desde aquele momento ficava determinado que alguns deles seriam “enfeixados num volume, editado e publicado sob o título que se escolhesse”. O passo seguinte foi a escolha de temas considerados mais adequados para o desenvolvimento das histórias e o estabelecimento dos planos de trabalho. Aqueles que demonstrassem maior consistência até essa etapa continuariam a ser desenvolvidos até a conclusão da tarefa.

Thales comenta, em tom de satisfação, o interesse despertado entre os alunos na realização da atividade proposta e na investigação do conteúdo da história pátria para conclusão do projeto:

Quais jovens garimpeiros, liam e reliam os compêndios, de vários autores, fariscando o diamante de um tema, rebuscando notas, confrontando fatos, afim de harmonizar em seus trabalhos a ficção literária e a realidade documentada.

Destaca o envolvimento dos alunos com os conteúdos, percebido nas discussões motivadas pela tarefa e informa que o desenho da capa do volume, de autoria de Francisco Richter, reproduzindo uma sala de aula na qual há um jovem casal ocupado – o rapaz, próximo à mesa, consulta o globo enquanto a moça sentada a sua frente folheia um livro [Fig. 46] – não é nada mais do que a representação de um flagrante percebido por ele durante a execução do projeto.

O professor Thales afirma que a sua tarefa, diante do trabalho, foi a de auxiliar na função de crítico “sem demasiada exigência”. Ao termo a coletânea de contos chegou ao número de doze títulos, embora apenas seis deles, que ficaram prontos antes dos demais, tenham sido editados no livro. Ficaram de fora os contos: “Efemérides”, de Francisco T. Mendes; “Transfiguração”, de Aracy Camponeza do Brasil; “Governar”, de Octavio Martins de Toledo; “Palmatória”, de Joaquim O. Gusmão; “Engua-Guassu”, de Maria Meira de Godoy; “Prata”, de Maria Antonieta de Camargo, Oscarlina Bueno de Moraes e Leonor Negreiros.

O trabalho parece ter tido uma considerável repercussão, segundo atesta o evento descrito por Thales. Houve uma “sessão literária especial” no salão nobre da escola, presidida por Amadeu Amaral, na qual os autores leram as suas histórias.

Apesar das expectativas o livro não seria editado na época determinada. A obra surgiria apenas em 1929. Na oportunidade realizava-se a Terceira Conferência Nacional de

Educação e os autores, segundo a versão que é relatada por Thales na apresentação do volume, consideraram oportuno lançar o livro naquele momento como uma maneira de homenagear a conferência e comemorar o 7 de setembro, a mesma data pensada originalmente para a passagem do centenário de independência.

A capa, para os mil exemplares publicados, havia sido uma cortesia da Companhia Melhoramentos de São Paulo. Dois dos normalistas, Octavio Martins e Mercedes D. de Aguiar, haviam remetido a Melhoramentos uma carta na qual solicitavam a editora a contribuição para a realização do projeto. A empresa respondeu a missiva em 29 de novembro de 1922 e enviou a Thales de Andrade, já então o autor de alguns títulos da coleção Encanto e Verdade, uma caixa contendo as capas prometidas aos alunos, ainda em agosto de 1923.

Conforme nos informam os autores, em um segundo agradecimento ao final do volume, alguns artistas plásticos piracicabanos ofereceram quadros de sua autoria para uma “tômbola em benefício da edição de *Histórias e História*”. Foram eles: Joaquim Bueno de Mattos, Joaquim Dutra, João Dutra, Antônio Pádua Dutra e Archimedes Dutra, a família de pintores de Piracicaba que vinha colaborando com Thales desde os seus primeiros empreendimentos literários. Sabemos que todos esses artistas, em algum momento também lecionaram e mantiveram vínculos com a Escola Normal, com exceção de Joaquim, o pai dos irmãos Dutra. João se formara na mesma turma de Thales e Antonio e Archimedes também se diplomaram no mesmo local, o primeiro em 1923 e o segundo em 1927. Joaquim Bueno de Mattos era professor²⁴⁷, assim como João Dutra, convocado para a implantação local da reforma Sampaio Dória, no final do ano de 1920.²⁴⁸

Mas as ilustrações da obra foram feitas por professores e colegas dos normalistas: os contos “Evocação”, “Ibirapitanga” e “Efemérides”, este último não publicado, ficaram por conta, respectivamente, dos professores Nelson Nóbrega e Antônio Pádua Dutra. Dois jovens artistas, Gerson Pinheiro e Ruy Souza da Costa, contribuíram com os seus desenhos para os contos “chicotadas”, “Sedução do Tietê” e “Deslumbramento”. A normalista Áurea Verderezzi desenhou um mapa que é uma referência ao conto “Pindorama”.

O prefácio do volume foi deixado a cargo de Marcelino Ritter, um dos autores “prata da casa” que, ao se encaminhar para o jornalismo e atuar em jornais como *O Estado de S. Paulo*, já se encontrava distanciado de sua própria produção literária, experimentada nos seus anos de estudante piracicabano. Assim, será a partir de uma nova perspectiva – enquanto

²⁴⁷ Augusto Carlos Ferreira Velloso, *Os artistas Dutra, Oito gerações: Presença de mais de dois séculos na arte do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ SOCIARTE – Sociedade dos Amigos da Arte de São Paulo, 2000, pp. 38, 72, 84 e 98.

²⁴⁸ Cf. Hilsdorf, “Lourenço Filho em Piracicaba”, Op. Cit. p. 99.

jornalista – que tece considerações a respeito do entusiasmo que os movia naquele momento. Afirmar que à época haviam sido empurrados pela “ufania da publicidade”, da notoriedade com que o mestre acenara a todos a partir da idealização do livro. E quem resistiria, completa Ritter, “naqueles bons tempos que gente procura inutilmente esquecer, tal oportunidade de por o talento à mostra, como um desafio aos mais desfavorecidos desafetos?”

Passada a ocasião, o entusiasmo, a jovialidade e a ingenuidade que guiou o grupo o ano de 1929, data do lançamento, iria revelar, segundo Ritter, os seus “crimes literários”. Diverte-se ao comentar que outras pessoas, além dos colegas poderiam comprar o livro e a eles deveriam ser pedidas desculpas. Acrescenta, que se apesar delas percebessem “em seus lábios um sorriso de mofa ou zombaria”, exclamariam “então, torcendo o sentido e ‘quebrando’ o pé do lindo verso siciliano:

‘Giovinezza, giovinezza, che m’ai fattu fari?!’”²⁴⁹

Thales promovera com os seus alunos uma importante experiência na Escola Normal. Apesar de todas as dificuldades pelas quais passaram a turma, como é possível perceber pelo relato que tanto o professor Thales como os demais autores que se pronunciam deixam entrever, a edição é finalmente consumada sete anos após o seu projeto inicial. Parte dos trabalhos desenvolvidos não puderam ser publicados e isso certamente deve ter gerado um sentimento de frustração entre aqueles que se empenharam, como Octavio Martins que remeteu a carta solicitando ajuda à Cia. Melhoramentos, juntamente com Mercedes Aguiar e, entretanto, não teve a sua história publicada na coletânea. Apesar desses contratempos, o resultado final se tornaria significativo para aqueles alunos e para a memória da cidade, pois o evento seria comentado tanto pela imprensa da época como em outros momentos nos quais se recorre à trajetória de Thales de Andrade. Thales soube aproveitar a sua posição enquanto autor publicado canalizando esse capital para beneficiar o projeto que desenvolvia. Mobilizou amigos, alunos, escola e editoras em busca das condições para a produção, inclusive procurando aproveitar datas emblemáticas para a concretização do projeto. O plano inicial, calcado nas comemorações do 1º Centenário da Independência do Brasil, não chegou a sensibilizar setores ou figuras que pudessem financiar a experiência. Isso, entretanto, seria contornado em novas tentativas, ainda que tardias, até a chegada de um outro momento emblemático, a 3ª Conferência Nacional de Educação, ocasião na qual viria à luz o livro dos normalistas.

²⁴⁹ Andrade, (org). *Histórias e História – contos: pelos alunos da Escola Normal de Piracicaba*. Piracicaba: Irmãos Perches & Cia., [1929], pp. 13-15.

A seguir relacionamos os contos do volume, seus autores e a sinopse de cada:

<i>Histórias e História – contos: pelos alunos da Escola Normal de Piracicaba</i>	
Título	A Sedução do Tietê
Autor	Mercedes Dias Aguiar
Ilustradores	Gerson Pinheiro e Ruy Souza da Costa
Sinopse	O Rio Tietê, visto como importante fator para o transporte e comunicação dos colonos, facilita a penetração para o interior do território, para onde os aventureiros paulistas navegam ávidos, na ânsia de desvendar os seus segredos e em busca de riquezas.
Título	Chicotadas
Autor	Jaçanã Altair Pereira
Ilustradores	Gerson Pinheiro e Ruy Souza da Costa
Sinopse	As pretensões imperialistas de D. Carlota Joaquina para a conquista das colônias espanholas na América do Sul são frustradas graças ao seu mau gênio e a delação de Lord Strangford, diplomata inglês que recebera, por ordem da rainha, em determinada ocasião em que queria demonstrar o seu poder, as referidas chicotadas.
Título	Pindorama
Autor	Antonio Oswaldo Ferraz e Bento Lordello
Ilustrador	Áurea Verderezzi (mapa do conto)
Sinopse	A visita de três jovens estudantes a um museu de história serve como pretexto para a exposição dos episódios iniciais que marcam a chegada dos europeus nas terras que seriam o Brasil. A narrativa, construída inicialmente sob a perspectiva dos nativos, compreende também o episódio da Confederação dos Tamoios.
Título	Evocação
Autor	Virginia Del Nero
Ilustrador	Nelson Nóbrega
Sinopse	Uma estudante que freqüentava a residência de sua ex-professora – aposentada – ouve suas memórias a respeito de um acontecimento do seu tempo de Escola Normal. Na ocasião as alunas receberam a visita do artista plástico ituano Almeida Junior que lhes fala sobre a nacionalidade e deposita

	nas mãos dos professores a esperança de um Brasil melhor. O artista propõe as normalistas que busquem na história do Brasil exemplos que possam ser utilizados para alcançar o que entende ser seu principal objetivo: o de “formadores da alma brasileira”.
Titulo	Deslumbramento
Autor	Marcelino Ritter
Ilustradores	Gerson Pinheiro e Ruy Souza da Costa
Sinopse	O bandeirismo é também o tema deste conto. As margens do Rio Tamanduateí, em seu casarão, o bandeirante Alexandre Garcia conversa com o sertanista Pascoal Moreira Cabral a respeito de suas pretensões de conquista do oeste do continente, dominado pelos castelhanos. É organizada por iniciativa dos dois a bandeira e durante o seu percurso são descobertas as minas de ouro de Cuiabá, fazendo com que o objetivo inicial do projeto seja abortado para a decepção de Garcia.
Titulo	Ibirapitanga
Autor	Orlandina Martins Sodéro
Ilustrador	Nelson Nóbrega
Sinopse	Dois degredados vindos com a frota cabralina são deixados aqui após o navegador seguir em direção as Índias. Auxiliados por outros dois grumetes desertores das embarcações descobrem na floresta os “brasis”, madeira muito apreciada na Europa. Preparam um grande carregamento para a próxima esquadra na esperança de um pedido de perdão e possibilidade de retorno a Portugal. O nome da madeira se sobrepõe ao antigo título de “Terra de Santa Cruz” dado pelos portugueses ao Brasil.

As narrativas são desenvolvidas em torno de temas da história do Brasil Para tanto, como sugere Thales, foi preciso realizar uma pesquisa nos compêndios em uso na época. Verificamos que todos os trabalhos trazem citações da *História do Brasil* de Rocha Pombo, aparentemente o livro mais utilizado. Outros historiadores e personalidades da literatura, assim como o *Dicionário Contemporâneo Aulete* também são mencionados.

Entre os autores estão: Afonso D’ E. Taunay; Oliveira Lima; Pero Vaz de Caminha; Camões, que embora não tenha o seu nome citado é mencionado indiretamente em passagem textual de *Os Lusíadas*; Alfredo Ellis Junior; Monteiro Lobato; Felipe José Nogueira Coelho.

O livro *Como nasceu a Cidade Maravilhosa* editado pela Melhoramentos e cuja primeira edição é de 1944, conforme a indicação de Lajolo e Zilberman²⁵⁰, é relacionado por alguns dos memorialistas de Thales de Andrade como o nº 25 da Coleção Encanto e Verdade, como se pode constatar no texto *Reflexões de fim de semana* de João Chiarini ou no livro de Hugo Pedro Carradore dedicado ao autor.²⁵¹ Ocorre que, ao verificarmos a numeração disposta para a série proposta pela Editora Melhoramentos, não localizamos esse volume. Talvez houvesse, inicialmente, sido pensado para tal propósito, mas em virtude de alguma variável – quem sabe o número de páginas, 77 no total enquanto os demais da coleção Encanto e Verdade giravam em torno de 30 a 50, dependendo da edição? – não tenha sido incluído na coleção.

Como nasceu a Cidade Maravilhosa foi ilustrado por Belmonte e consagrado pelo autor, “à comemoração de 20 de janeiro de 1567, data da fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”.

Não tivemos oportunidade de examinar uma maior quantidade de dados externos ao texto que pudessem complementar as informações extraídas do exemplar examinado, a segunda edição, sem data. Temos, além das informações acima, apenas mais um elemento importante ao final do volume, as notas bibliográficas indicadas pelo autor. Por meio de sua observação foi possível determinar a leitura feita por Thales para o desenvolvimento dessa história. Entre os autores citados destaca-se, em número de citações, o nome de Rocha Pombo com a sua *História do Brasil*. Temos ainda: Max Fleiuss, *História da Cidade do Rio de Janeiro*; Barão do Rio Branco, *Efemérides*; Osório Duque Estrada, *História do Brasil*; Conde Afonso Celso, *Por que me ufano do meu país*; e uma menção a uma Enciclopédia e Biblioteca Internacional.

A narrativa insere figuras históricas como personagens para descrever os episódios que envolveram o nascimento da cidade do Rio de Janeiro. Parte da chegada de três naus na baía da Guanabara em janeiro de 1502, sob o comando do Capitão André Gonçalves, continua com a menção à segunda expedição e a passagem de outros navegadores pelo local, a expulsão dos franceses que haviam ocupado a região e a denominada de França Antártica e, finalmente, a fundação da cidade em 1567.

Thales, em sua obra, tratou também da transmitir a idéia de Constituição. Para tanto se dedicou a escrever, sob encomenda, o livro *Ensinando a Constituição*, no qual recorre à

²⁵⁰ Marisa Lajolo; Regina Zilberman, *Literatura Infantil Brasileira: história & histórias*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 172.

²⁵¹ João Chiarini. “Reflexões de fim de semana”. *Jornal de Piracicaba*, 04 set. 1963; e Hugo Pedro Carradore, *Uma história verdadeira*. Piracicaba: Editora Degaspari, 2004, p. 42.

imagem da professora que em um arraial principia o desenvolvimento deste conceito entre os seus moradores. A edição, ilustrada por Orlando Mattos, não é datada e foi publicada para a Campanha de assistência ao Estudante, Divisão de Educação Extra-Escolar, Departamento Nacional de Educação, Ministério da Educação e Cultura.

Em 1930 Thales já havia escrito um dos volumes da coleção Encanto e Verdade dedicado ao assunto. O subtítulo do livro, de *A Rainha dos reis*, indicava que ele era “consagrado” à Constituição de 24 de fevereiro de 1891, primeira do regime republicano no Brasil. Em seu texto explicava os conceitos de absolutismo e de ditadura ao mesmo tempo em que mostrava a sua superação e substituição pelos estados constitucionais. Em outro volume da série, *O melhor presente* o tema volta a aparecer e, finalmente, é retomado nesse *Ensinando a Constituição* nessa oportunidade tratando exclusivamente da questão de forma didática e mais uma vez optando pela narrativa ficcional em seu desenvolvimento.

Relacionado à natureza, ao folclore e ao índio brasileiro verificam-se – seguindo as pistas deixadas por Newton Nebel dos Santos²⁵² e a publicação de 1956, “em edição do autor”: *Itaí, o menino das selvas* – os livros dessa série. Ao primeiro volume se seguiriam outros com o mesmo personagem: *Itaí, na taba de Coqueiral*; *Itaí, no monte encantado*; *Itaí, na Cidade Maravilhosa*; *Itaí, entre os cariocas*; *Itaí, no palácio do Catete*; *Itaí, em Brasília*; *Itaí, entre irmãos*, todos supostamente ilustrados por F. S. Moraes. Esses livros não foram localizados e provavelmente apenas alguns deles vieram a lume. Um indício disso é a relação apresentada pelo autor na última página de *Campo e Cidade*. Ali encontramos os seguintes títulos da série, indicados como Romance Juvenil: 1) *Itaí, o Menino das Selvas*; 2) *Itaí fora das Selvas*; 3) *Itaí com os Cariocas*; 4) *Itaí-Itaguaçu*. Provavelmente naquele momento, mais do que os livros o autor anunciava a sua intenção de desenvolvê-los, pois a seguir, na apreciação do volume *Itaí, o menino das selvas na cidade maravilhosa*, se constata que houvera uma modificação nos títulos e no projeto: nesse livro há, antes da narrativa principal, o resumo de: I – *Na Taba do coqueiral*; e II – *No Monte Encantado*. Ocorre que esses dois títulos são, na verdade, parte da primeira narrativa, *Itaí, o menino das selvas*. *Na Cidade Maravilhosa* somente se constituiria em um terceiro volume da série se o primeiro houvesse sido desdobrado em dois, o que não deve ter ocorrido já que não encontramos nada que pudesse confirmar a hipótese.

²⁵² Newton Nebel dos Santos. “Thales Castanho de Andrade”. *Tribuna Piracicabana*, 25 dez. 1983. (P597).

De qualquer maneira, desse conjunto de livros anunciados tivemos a oportunidade de verificar apenas os dois primeiros, *Itaí, o menino das selvas* e *Itaí, o menino das selvas na Cidade Maravilhosa*.

O *Itaí, o menino das selvas* [Fig. 48] é, de acordo com os dados examinados no exemplar, uma publicação realizada sob a responsabilidade do autor. As marcas da edição esclarecem, em alguma medida, como teria ocorrido a sua vinda a público. O livro apresenta em sua capa o nome do autor, o título e a simples indicação “São Paulo” na parte inferior, sem menção de editora. Na primeira folha repete-se o título e em seu verso consta uma relação dos livros escritos por Thales: das obras publicadas pela Melhoramentos há a referência a coleção Encanto e Verdade e das da Companhia Nacional à série Thales de Andrade de Leitura Escolar. Abaixo das duas relações informa-se ao leitor que ambas as editoras seriam proprietárias das obras e indicam-se, ainda, os títulos *Senhora Pernilongo* (publicado pelo *Diário Carioca*); *Irmãos* – que seria inédito; e *Flor de Ipê* – na época no prelo, conforme inscrição, mas publicado posteriormente dentro da série Encanto e Verdade das Edições Melhoramentos.

Na página de rosto segue o nome do autor, o título, a menção de que se trata de um romance juvenil e o nome do ilustrador F. S. Morais. A edição é de 1956, realizada em São Paulo pela Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda., conforme indicação na última folha.

O autor, em mensagem na página 5, manifestando o seu estilo característico de escrita, homenageia os educadores Sampaio Dória e Lourenço Filho, os “estadistas” dr. Candido Motta e Diógenes Ribeiro de Lima e ainda a cidade de Ouro Preto. Constam como patrocinadores os nomes de: Dr. Lino Morganti, Dr. Numa de Oliveira, Dr. Mario Beni, Dr. José Benedicto de Camargo, Dr. Oswaldo Ribeiro Junqueira, Sr. Lysias de Oliveira, Sr. Francisco João Beraldi, dr. Milton Castanho de Andrade.

Thales ainda agradece a colaboração de intelectuais, especialistas e indigenistas que contribuíram com elementos para a elaboração do livro.

Na apresentação agradece as palavras da professora Lenyra Fraccaroli, Presidente da Associação de Bibliotecários e Chefe de Divisão das Bibliotecas Infantis da Prefeitura Municipal de São Paulo que escrevera algumas palavras sobre *Itaí*, após a sua leitura. O autor explica as circunstâncias nas quais apresentou o livro a Lenyra Fraccaroli. Afirma que após o retorno da professora dos Estados Unidos, onde ela havia realizado conferências sobre bibliotecas infantis a convite do governo daquele país, foi cumprimentá-la. Na ocasião Fraccaroli lhe perguntou se ele havia escrito algo novo. Em resposta Thales lhe apresenta os

originais de *Itaí* e lhe pede que após a leitura lhe diga, de viva voz, duas palavras a respeito.

Segundo Thales a professora afirmara ter passado um final de semana agradável na companhia do indiozinho, fez referências as florestas, seus habitantes e as personagens do folclore. Salientou que o livro deveria fazer sucesso, pois fora escrito por um dos mestres da literatura infantil brasileira e que a sua forma – linguagem, tema, interesse – proporcionaria um novo rumo na literatura juvenil por possuir qualidades exigidas por idade tão difícil, a das crianças e adolescentes. O autor encerra o texto agradecendo as palavras.

O enredo mostra as aventuras do pequeno Itaí, o qual nasce e cresce protegido pelos animais da floresta e, ao mesmo tempo também os protege. O ambiente é repleto de magia. As atitudes do menino são reconhecidas e aplaudidas por entes do folclore nacional como o Curupira, protetor da floresta, a Iara, protetora das águas e de seus viventes, O Boitatá, protetor dos campos e bosques contra o fogo. A família, os membros da tribo, a Nuvem, o Vento ensinam a Itaí diversas coisas a respeito do mundo. Por esse modo e ouvindo, em segredo, a conversa do cacique e do pajé fica sabendo da existência de outras civilizações, incluída entre elas a dos “brancos”. Decide, sem a licença devida, empreender uma jornada em busca do contato com os brancos, pois nascido com um sinal de estrela acreditava-se predestinado a cumprir a missão do encontro pacífico e proveitoso entre os dois povos. Vive a sua aventura na qual é enganado pelos animais que são seus inimigos e pelas entidades más. Ao final é transformado em pedra, parte do pico Itacolomi²⁵³, de Minas Gerais.

A menção a essa formação rochosa ajuda-nos a entender parte do caminho que pode ter sido percorrido pelo autor para conseguir lançar o segundo volume da série *Itaí*. No primeiro a referência ao estado de Minas Gerais aparece apenas ao final da história em consequência da localização geográfica do Itacolomi. No volume seguinte, além de Minas outro estado, o Rio de Janeiro, é destacado como “o centro do *adiantamento* brasileiro” nas palavras de um personagem da história²⁵⁴. O autor, assim, lança mão da localização geográfica para situar a continuidade da saga de Itaí, iniciada em lugar indeterminado. Reforça a referência a Minas, antes da narrativa, incluindo a menção a onze bancos sugerindo desta maneira o local de onde poderiam ter saído os recursos patrocinadores da edição. A informação se torna mais explícita com a mensagem preparada pelo autor antes da divulgação

²⁵³ O termo é conceituado pelo autor em nota ao final do volume *Itaí, o menino das selvas*. Recorrendo aos autores Theodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional* e Veiga Cabral, *Corografia do Brasil*, explica que Itacolomi é uma corruptela de “ita-curumim”, o menino de pedra. Acrescenta que o Pico Itacolomi é uma alusão as formações rochosas que sugerem a presença de duas figuras humanas, sendo o menor deles o filho. A sua localização, em Minas Gerais, na Serra da Mantiqueira, na Serra do Espinhaço, no maciço de Ouro Preto e o dado sobre a altitude, 1752 metros, completam a referência.

²⁵⁴ Andrade, *Itaí, o menino das selvas na cidade maravilhosa*. São Paulo: Edipe, Artes Gráficas, 1968, p. 81.

dos nomes dessas empresas. Nela Thales consagra o livro “à lembrança e à glória da interiorização da civilização brasileira, obra por excelência nacional, e culminantemente, mineira” e felicita os “lídimos representantes mineiros a serviço do Brasil, na economia, na lavoura, na indústria, no comércio e na cultura (...)”²⁵⁵.

A capa desse livro, ilustrado por F. S. Moraes, representa uma das cenas finais da história. Nela Itaí se encontra ainda petrificado e transformado em estátua por um escultor do Rio de Janeiro que concluiu, dessa forma, a tarefa de “erigir certo monumento dedicado às crianças e ao Brasil primitivo”. A pedra havia sido transportada por personagens da narrativa – o “Vento” e a “Nuvem” – para a Ilha do Governador até o topo de um outro monte denominando de Itacolomi. Assim fizeram para atender aos anseios do indiozinho que pretendia conhecer “os *adiantados*” [Fig. 49].

Outras marcas da edição caracterizam o volume:

- Uma foto-montagem na segunda página mostrando a herma do autor – que se situa na Praça Jorge Tibiriçá de Piracicaba –, inúmeras crianças, denominadas em legenda por “crianças do Brasil” e outra pequena foto, em destaque ao lado da herma, identificada sob a legenda “Sônia de Cássia Camargo e suas patriciazinhas”²⁵⁶;
- Na página de rosto o nome do autor é secundado por inscrição informando que Thales era sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e que recebera as medalhas: Cruz do Mérito Educação Cívica e Marechal Rondon. Seguem o título, o nome do ilustrador, o ano e o local da edição;
- Nas duas páginas seguintes o radical “Ita” é lembrado por fazer parte do nome de diversas cidades brasileiras. São listadas o total de 73;
- Thales homenageia a seguir, páginas 6 e 7, diversos amigos e conhecidos qualificando-os segundo a sua ocupação profissional.

A edição, assim caracterizada, demonstra que o autor se sentiu a vontade para se referir as pessoas que considerava próximas de si e, ao mesmo tempo, incluir o nome de figuras e de empresas que haviam se envolvido com o projeto do livro. Aponta também a continuidade do plano serial, segundo o qual a história não ficaria reduzida ao “IV volume”. Há, em uma das páginas finais o anúncio do próximo exemplar que seria *Itaí entre os cariocas*.

²⁵⁵ Andrade, *Itaí, o menino das selvas na cidade maravilhosa...* p. 8.

²⁵⁶ Sonia é filha de Thales de Andrade.

Os livros da série Itai apresentam, em seu conteúdo, a continuação do estilo literário de Thales de Andrade que incluía aspectos do mundo rural, embora em referências esparsas nesse texto; a recorrência à história, já que a menção ao pico Itacolomi é, de certa maneira, o resgate de parte das narrativas dos expedicionários paulistas em busca das riquezas no interior do país e a permanência das sugestões em torno da formação moral do leitor, elemento constantemente tratado em diversas obras do autor.

No livro *Campo e Cidade* Thales havia relacionado três títulos qualificando-os como: Gênero “Entre-Quadrinhos”. Fariam parte do conjunto o conto *As princezinhas dos Olhos*, e três folhetos da série “Café”: 1) *O Irmão Café*; 2) *Cafezal Assim, sim*; 3) *Brasilinda, a Rainha Mundial do Café* [figs. 50-51].

No que se refere ao conto e ao terceiro título da série “Café”, não tivemos notícias durante o período desta pesquisa. Os outros dois, *O Irmão Café* e *Cafezal Assim, sim* são folhetos de 16 e 40 páginas respectivamente, no gênero das histórias em quadrinhos. Ambos foram localizados e objetos dos comentários a seguir.

O irmão café de 1959, realizado por uma edição de onze mil exemplares, reporta-se à cultura racional do produto, enquanto o outro título, com mais de 30 mil exemplares editados, aborda o método da policultura e poliprodução do café.²⁵⁷

As ilustrações de *O irmão café*, foram realizadas por F. S. Moraes. O folheto em quadrinhos louva a cultura cafeeira como fator de desenvolvimento e teria sido inspirado em um discurso do presidente da República Juscelino Kubitschek, que alertava para o perigo de manter essa cultura como a única destinada à exportação. Na última página do volume há uma indicação de que a série sobre o café continuaria, pois, segundo o pequeno anúncio, o título definido a seguir seria *O Catecismo do café*.

Cafezal assim, sim, é patrocinado pelas empresas Manah S. A, Refinaria Paulista S.A., Casas Pernambucanas, Ao Gaúcho, M. Dedini S.A., Cia Química Rhodia Brasileira, Agrobbras S.A. e Willys-Overland do Brasil S.A. que, conforme informação ao pé da primeira página, foi feito “em homenagem aos Instituidores e Empreendedores da racional renovação da lavoura cafeeira deficitária e para a distribuição gratuita aos dignos Fazendeiros e Sitiantes de Café”. Provavelmente foi publicado em 1961, conforme indica a notícia da *Folha de Piracicaba*.²⁵⁸ Nele é divulgado o sistema de renovação dos cafezais desenvolvido pelo Instituto Agrônomo de Campinas, que seria empreendido por técnicos, em geral, formados pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, de Piracicaba. O folheto, a exemplo

²⁵⁷ Newton Nebel dos Santos. “Thales Castanho de Andrade – VII”. *Tribuna Piracicabana*, 11 jan. 1984.

²⁵⁸ “Thales de Andrade visitou a ‘Folha’”. *Folha de Piracicaba*. 24 set. 1961.

do anterior, também é ilustrado em quadrinhos por Francisco S. de Moraes. Ambos os títulos verificados deixam transparecer poucas informações externas ao conteúdo e não indicam as datas da publicação.

Em nota ao final do volume Thales informa uma peculiaridade referente às ilustrações de Francisco Moraes: os traços fisionômicos de alguns personagens da narrativa construída são os da sua família e dos seus amigos.

Newton Nebel dos Santos relata²⁵⁹ que por iniciativas dos filhos do autor foi impresso o livro *Escrevendo*, de 1961 – sem informação sobre a editora –, uma coletânea do material de arquivo de Thales sobre a sua produção literária. Trata-se de uma brochura que reúne uma diversidade de informações a respeito do autor. A coletânea apresenta, em sua maior parte artigos de jornais, mas inclui diversos outros tipos de documentos. Não há textos explicativos sobre as notícias dispostas no impresso. Em sua maioria esse material é disposto como recortes: aparecem frases publicadas de jornalistas e de outras personalidades que lhe fazem referência; menção as diversas homenagens recebidas; fotografias do autor e de periódicos no qual ele havia sido o motivo principal da capa; notícias que acompanham a sua carreira e comentam as suas visitas em diversos locais ao mesmo tempo em que anunciam o cargo que ocupava; curiosidades; epítetos dados a Thales; manifestos; opiniões; reprodução de páginas e das capas de alguns dos seus livros; inaugurações; eventos patrocinados pelo próprio escritor etc. Enfim, uma miríade de dados – uma *memorabilia* – sobre Thales que podem sugerir ao pesquisador interessado no autor algumas pistas para encontrar informações sobre o tema.

Determinados títulos, como alertamos acima, não foram localizados, embora haja referências a alguns deles. Assim, sem podermos contar com outro tipo de auxílio optamos por mencioná-los de acordo com os poucos e dispersos informes encontrados, como o da edição de *Itaí, o menino das selvas*, o qual anuncia o livro *A Senhora Pernilongo*, editado em capítulos pelo *Diário Carioca* e direcionado a uma campanha contra a febre amarela; a menção, feita no mesmo exemplar, ao livro *Irmãos* – inédito naquela ocasião, segundo a mensagem; e o artigo de Gouvêa, que trabalha com alguns textos do autor, comentando o livro *Pérola da manhã*, editado pela Companhia Melhoramentos em 1919.²⁶⁰

²⁵⁹ Newton Nebel dos Santos. “Thales Castanho de Andrade – VII”. *Tribuna de Piracicaba*, 11 jan. 1984.

²⁶⁰ Maria Cristina Soares de Gouvêa. “Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica”. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n 1, pp. 79-91, jan./abr. 2005.

Parte II

Capítulo III: Projetos de literatura e de educação

Neste capítulo, apresentamos, num primeiro momento, a concepção de literatura infantil desenvolvida por Thales de Andrade, por ocasião de um curso ministrado sobre este assunto no Instituto Monteiro Lobato da capital paulista. O autor em sua intervenção, elabora o seu tema, “A arte de escrever para a infância”, tendo em vista os princípios segundo os quais seria necessária a conjunção dos conteúdos recreativos e educacionais na composição destas narrativas. A seguir, traçamos um quadro comparativo entre Thales de Andrade e Monteiro Lobato, no intuito de demonstrar as distinções e as aproximações entre esses dois autores, levando em consideração as suas trajetórias e os seus projetos literários e educativos. Finalmente, num terceiro momento, nos dedicamos à análise da obra de Thales tendo em vista as imagens da escola e da educação que este autor encerra em sua obra.

1. Concepção de literatura infantil

O professor Antenor Santos de Oliveira, também autor de cartilhas e livros de leitura, promoveu a publicação por sua editora, no final da década de 1950 – data aproximada –, a publicação do livro *Curso de literatura infantil*²⁶¹, obra decorrente de uma série de aulas realizadas na Biblioteca Municipal da Capital e organizada pelo Instituto Cultural Monteiro Lobato sobre o tema. Na contracapa do volume há uma relação das obras publicadas pelo

²⁶¹ Antenor Santos de Oliveira, *Curso de literatura infantil*. São Paulo: Santos de Oliveira, s/d.

autor: uma cartilha e quatro livros de leituras, denominados de *Dias Felizes*. A propaganda menciona, além dos preços de cada volume, que esses livros teriam sido aprovados pelo Departamento de Educação de São Paulo de acordo com o informe do *Diário Oficial* de 28 de fevereiro de 1958, o que nos sugere que o *Curso de literatura infantil* tenha sido publicado por volta dessa época. Outra notícia do jornal *Diário do Povo*, de Campinas contribui para corroborar a aproximação da data. Essa matéria informa que naquela cidade teria ocorrido o mesmo curso, em setembro de 1960.²⁶²

O curso, que daria origem ao livro, foi direcionado, segundo o prólogo da publicação de autoria do mesmo Antenor Santos de Oliveira, aos formandos do Curso Normal e aos professores e a carência de uma bibliografia específica na área o teria levado a editar a obra com as preleções dos palestrantes do evento.

Os textos são, pela ordem, incluindo o próprio organizador do volume, os seguintes: Antenor S. Oliveira – “A literatura infantil através dos tempos”; Thales Castanho de Andrade – “A arte de escrever para a infância”; Consuelo da Silva Dantas – “Aspectos da literatura infantil na escola primária”; Aldo de Assis Dias – “Influência da má literatura na infância e juventude”; Júlio de Gouveia – “Teatro infantil”; Lenyra C. Fraccaroli – “Organização e funcionamento de uma biblioteca escolar”; Hernani Donato – “O folclore – base da literatura infantil”.

O professor Thales de Andrade, por ocasião do curso ministrado, já havia passado por diversas experiências na área educacional. Após a época na qual havia lecionado em Jaú, trabalhou como professor em Piracicaba, em diversos estabelecimentos, mas principalmente na Escola Normal, onde atuou por mais de três décadas, chegando nesse ínterim, à direção daquele estabelecimento. Nos anos de 1940 é nomeado para o serviço de Assistência Técnica do Ensino Rural, a partir de 1943. Em 1947, foi nomeado para a direção geral do Departamento de Educação. No ano seguinte, responderia a pasta da Secretaria da Educação, votando em 1948 à direção do Departamento de Educação, cargo no qual permaneceria até a sua aposentadoria, em 1955.

Durante todo esse período Thales escreveria livros de literatura infantil, embora tenha concentrado a sua produção entre os anos vinte e trinta, do século passado.

Assim, é acumulando suas experiências de professor e de autor de literatura infantil que se apresenta para desenvolver o seu tema no curso de literatura infantil: “A arte de escrever para a infância”. Dessa maneira, entendemos que Thales aproveitava essa

²⁶² “Sempre na lição”. *Diário do Povo*, Campinas, 30 set. 1960.

oportunidade para refletir sobre as suas práticas, como professor e autor, aplicadas à literatura, ou seja, sem ser teórico, incorporava além dos aspectos resultantes da sua formação profissional, a sua vivência como professor e a observação que fizera do seu pequeno leitor, a partir de um local específico, o magistério.

Em seu texto o autor afirma que tão logo as crianças se mostram aptas a entender histórias revelam-se ávidas por ouvi-las, chegam a exigir que lhes contem e passam a repeti-las às outras pessoas, especialmente entre aqueles de sua idade. O passo seguinte, após a alfabetização, é o de ler as próprias narrativas. É neste ponto, de acordo com o autor, a fase propícia para o desenvolvimento do hábito de ler e de consolidação do leitor.

Thales compreende que a literatura destinada à infância seria aquela que atende as crianças até a época da puberdade. Entretanto, os diferentes estágios de desenvolvimento intelectual são considerados para efeito de produção de obras adequadas para cada uma das fases.

O autor define a literatura como arte e, assim, como arte, teria o poder de arrebatá-lo ao ser humano. Oferece uma série de exemplos demonstrando a presença da arte, nos afazeres do lar, na indumentária, no cuidado estético com o corpo, nas manifestações religiosas e até nos ritos que envolvem a questão da morte. A seguir comenta a própria conformação da natureza que, vista como arte em transformação, necessita de sua dinâmica específica e não conhece limites de criação.

Essa ausência de limites criativos também ocorre com a literatura e as suas obras. Para a sua efetivação essa forma de arte caminharia por “trilhos especiais”, seguiria a disciplina de uma pauta estabelecida, observaria preceitos previamente determinados.

Thales recorre a Monteiro Lobato para demonstrar como aquele autor havia sintetizado tais preceitos. Transcreve a frase na qual Lobato afirma que a literatura infantil ideal seria aquela que fosse realizada pela própria criança, embora reconhecesse a sua impossibilidade. A dificuldade se imporia, por outro lado, com o adulto, que já com a mente consolidada pretende alcançar com a sua imaginação o grau de exigência imposto pelos pequenos leitores. Adiante afirma que, na hipótese de as crianças produzirem tal literatura, que estaria centrada no aspecto lúdico, esta não seria ideal, pois “encerraria erro gravíssimo e uma lacuna inadmissível, como obra vazia de sentido educativo. Como elemento apenas de prazer, faltaria a uma das suas essenciais finalidades.”²⁶³

²⁶³ Thales Castanho de Andrade, “A arte de escrever para a infância” In: Oliveira, *Curso de literatura infantil...* p. 47.

O autor considera que posta desta maneira a questão se encontraria entre dois extremos, cada qual possuindo duas polaridades, em ambas contidas o certo e o errado. Em uma delas se agradariam as crianças, embora não as educasse, em outra apesar de instruí-las, educá-las e edificá-las, não as agradaria. A alternativa proposta por Thales é evitar as duas: o de “*educar sem agradar*” e o de “*agradar sem educar*”. A “fórmula” proposta é “*agradar+educar*”.²⁶⁴

A tarefa imposta não é simples, comenta o autor, implicando o difícil trabalho de escrever como criança, a fim de agradá-las e, ao mesmo tempo, educá-las.

Qual seria, todavia, as normas adequadas para “aviar” tal “receita”? A resposta de Thales é voltada para a exploração do universo infantil:

*Escolhamos e reunamos como elementos úteis os que pertencem à vida da criança, são do seu conhecimento, do seu uso, do seu tratamento, do seu alcance, da sua predileção. Serão coisas de que gosta, em que pensa e com as quais sonha... Serão outras crianças, serão animais, brinquedos, gulodices, presentes, passeios, novidades, curiosidades, festas, viagens...*²⁶⁵

Neste contexto as ações poderiam priorizar situações cômicas, os fatos curiosos, os personagens, protagonistas e heróis que agradassem as crianças e as induzissem à emulação.

A realização do impossível é outro elemento selecionado pelo autor: possibilidades de criar situações nas quais os pequenos são vistos como adultos, os adultos como crianças, a personificação de seres inanimados, a corporificação da imaginação, enfim, a construção de formas de apreciação do mundo infantil pontilhando-o com a fantasia, tornando-o assunto que impressione “discreta e suavemente, a alma infantil.”

Outros cuidados estão sob a mira do autor: a abordagem de temas “que enleve, interesse e seja útil às crianças; evitar – sem se pronunciar a respeito – brinquedos ou diversões “condenáveis”; a adoção de formas literárias como a história, a narração, o conto; o emprego da linguagem simples, clara, correta mas de uso corrente das crianças e que “deve parecer a mesma falada” por elas; a utilização de temas, títulos, nomes, apelidos que despertem e excite a curiosidade, que interesse intensamente desde o início e que as mantenha em suspense continuamente, a espera de uma surpresa. A divisão da matéria apresentada, a

²⁶⁴ Andrade, “A arte de escrever para a infância” Ibid., pp. 47-8.

²⁶⁵ Ibid., p. 48.

qual deve ser pequena, pode incluir capítulos convenientemente intitulados e que apresentem em si unidades com início e fim.

Thales salienta que a criança gosta de imitar e fazendo-o se integra aos personagens, “vive” cenas que a empolga na leitura e as gravam indelevelmente. Daí a importância de criar uma literatura que não contribua para incutir-lhe “idéias perniciosas, desenfreando-lhe os sentimentos maus, encaminhando-a a perversão.” A arte de escrever para a infância, reafirma o autor, somente será digna e fiel a si própria na medida em que empregar “todos os meios e recursos para o império do bem.”²⁶⁶

Também informa ao leitor que as crianças vêm nos adultos aqueles que estão constantemente mantendo-as sob vigilância e admoestando-as de modo que, para elas, aqueles são sempre “do contra”.

*Portanto, a literatura infantil, precisando ser, irremediavelmente, dos adultos para os pequeninos, não pode transparecer que o seja. Há de instruir, educar e edificar, como se o não estivesse fazendo: como arte, disfarçará em doces os remédios que ministra. Suas lições devem brotar espontâneas, palpitar nos próprios fatos relatados e permanecer inapagáveis nos conhecimentos historiados.*²⁶⁷

Assim, deve tal literatura, em defesa de sua eficácia, a descrição de um mundo que não contemple tão somente a bondade e a presença de anjinhos.

O autor reafirma os princípios da sua tese – escolha de personagens como crianças e bichos; a utilização do fantástico “feito realidade”; a realização do impossível; o uso da linguagem clara e simples, ao modo da meninada; a preferência pela história como forma narrativa – e exemplifica, na análise do modelo, com algumas obras que se tornaram ícones da literatura infantil: *O Soldadinho de Chumbo*, de Andersen, *O Gato de Botas* de Perrault, *Branca de Neve*, dos Irmãos Grimm, *A Narizinho*, de Monteiro Lobato. Em seguida, para explicar o sucesso entre as crianças de alguns escritores locais na utilização do cânone citado oferece ao leitor alguns dos nomes que considera como pessoas responsáveis pelo enriquecimento da literatura nacional: “Elza Moraes Barros Kirilos, Mario Donato, Hernani Donato, Menotttil Del Picchia, Francisco Marins, Antenor Santos de Oliveira, Corrêa Junior. Rafael Grisi, Judas Isgorogata, Sólon Borges dos Reis, Marina Tricânico, Consuelo da Silva,

²⁶⁶ Andrade, “A arte de escrever para a infância” p. 51.

²⁶⁷ Ibid., p. 52.

Renato Sêneca Fleury, Cecília Meireles, Regina Mellilo...”.²⁶⁸ Thales se refere em sua intervenção, como aqui ao citar Antenor Oliveira e Consuelo da Silva, a alguns dos nomes dos componentes do curso como modelos de literatura infantil a serem seguidos.

Thales explica que a arte de escrever para a infância também requer outros elementos para dar corpo e extensão a esta literatura, participando da empresa outras artes como a ilustrativa e a editorial e dependente das atividades de impressores, bibliotecários e livrarias.

Por fim destaca o movimento de estudo da literatura infantil no qual estão engajados os professores o que, segundo o autor, lhe traria boas novas como o aparecimento de novos talentos e a reiteração da boa literatura infantil. O exemplo que evoca na luta contra a “literatura malsã” é o de Aldo de Assis Dias, outro dos articulistas do volume.²⁶⁹

O movimento referido pelo autor era aquele que o próprio curso de literatura realizava naquele momento. De modo geral os artigos tratam da mesma forma a literatura infantil. Entendiam que ela seria recreativa e educativa e que deveria ser direcionada para que pudesse oferecer às crianças e adolescentes livros de qualidade, incluindo, nesse sentido, os padrões morais adequados. Assim, a lembrança de Thales ao nome de Aldo de Assis Dias, um dos palestrantes, juiz de menores da capital paulista, não é apenas uma homenagem como fazia freqüentemente às pessoas que por algum motivo admirava. O autor concordava com as afirmações de Dias que, entre outras proposições, afirmava ser a leitura um poderoso meio de aprimoramento e elevação da personalidade e do nível cultural, exigindo assim, na sua elaboração, bons padrões morais. Dias alertava que, quando mal orientada, tal literatura poderia também contribuir para a degradação dessas personalidades em formação e, portanto, defendia a promoção de campanhas contra a “literatura malsã”, que podia ser acessada em diversos locais públicos, e a aplicação das medidas legais para a coibição dos abusos, tanto dos que a produziam, em forma de livros, brochuras, revistas, periódicos etc., até aqueles que às distribuíam em bancas de jornais, estações rodoviárias, ferroviárias, aéreas etc.²⁷⁰

Quanto à caracterização da literatura infantil, Thales acreditava em seu caráter educativo, conforme deixa claro em sua explanação. O recurso que o autor faz a Lobato, em referência a produção de uma “literatura ideal”, que pudesse ser escrita por crianças, é ressaltado logo a seguir quando explica que tal produção seria impossível, pois interessaria às crianças apenas o aspecto lúdico da escrita e, para Thales, haveria a necessidade de aliar tanto o aspecto de recreação quanto o educativo. Assim, trata-se de utilizar um instrumental que

²⁶⁸ Andrade, “A arte de escrever para a infância”... p. 53.

²⁶⁹ Ibid., p. 55.

²⁷⁰ Aldo de Assis Dias, “Influência da má literatura na infância e juventude”. In: Oliveira, *Curso de literatura infantil*. São Paulo: Santos de Oliveira, s/d., pp. 80-93.

consiga aliar os dois pólos citados sem abrir mão da qualidade e da exigência reclamada pelas crianças.

2. Literatura e mundo rural

Devido à coincidência da época, as primeiras décadas do século XX; dos temas, o mundo rural, as crianças escolarizadas, a fabulação; e do entendimento e das práticas do gênero, a literatura infanto-juvenil, é inevitável a comparação entre os autores Thales de Andrade e Monteiro Lobato que já estava instaurada como o exemplo acima mostra, procedimento, aliás, promovido pelo próprio Thales quando discute a sua definição de literatura infantil. Podemos até comentar que essa estratégia beneficiava o autor pois a repercussão de suas obras não havia atingido a mesma das do autor de *Narizinho*. A seguir tecemos algumas considerações envolvendo aspectos da produção literária e o contexto nas quais as obras desses dois autores se realizaram com a perspectiva de, por um lado, matizar essas produções, muito dimensionadas, no caso de Monteiro Lobato e extremamente reduzidas, no que diz respeito a Thales de Andrade, e por outro lado, fazendo conhecer melhor a produção andradeana, perceber certas nuances de sua obra que se distinguem, entre outros fatores, justamente pela atuação conjunta de Thales de Andrade como professor e como literato.

Verificamos, em um dos artigos publicado pelo *Jornal de Piracicaba* uma primeira distinção – reportada ao ineditismo – da obra de Thales em relação à de Monteiro Lobato. Um dos autores representantes da Academia Paulista de Letras, Pedro Ferraz do Amaral, em sessão de 13 de outubro de 1977, ao prestar homenagens ao escritor e educador Thales de Andrade, menciona o seu “pioneirismo” na produção da literatura infantil no Brasil. Amaral observa que o conto *A Filha da Floresta* antecedeu em três anos a publicação de *Narizinho Arrebitado*, de 1921. O registro é utilizado também para salientar a ausência do autor naquela casa ainda que, nas palavras do escritor e jornalista Pedro Ferraz do Amaral, “a Academia Paulista de Letras – soube cultuar a memória de Thales de Andrade, um escritor que teria ingresso ali, se sua modéstia não o tivesse impedido de lhe bater às portas”.²⁷¹ Sabemos, todavia, que Lobato lançou ainda em 1920 um conto que denominou *A menina do narizinho arrebitado*. O livro mencionado por Pedro Ferraz trata-se, portanto, de uma segunda versão da mesma história, editada no ano seguinte.

²⁷¹ Pedro Ferraz do Amaral. “Thales de Andrade – o iniciador da literatura infantil no Brasil”. *Jornal de Piracicaba*, 25 nov. 1977.

Após *A Filha da Floresta*, marco fundamental da literatura de Thales de Andrade, como sabemos, seria lançado *Saudade*, ainda no mesmo ano de 1919, um presente de natal para as crianças, segundo os cronistas da época.

Leonardo Arroyo²⁷² comenta que o *Saudade* de Thales de Andrade e *Através do Brasil* de Manoel Bonfim e Olavo Bilac foram as únicas obras do período da “literatura escolar” – no qual teria havido uma reação brasileira às traduções e mesmo aos originais portugueses – que haviam resistido ao seu tempo.

O pesquisador inclui entre esses livros o *Narizinho Arrebitado* de Monteiro Lobato, ressaltando, entretanto, que esta obra já apresentava outras características, não se limitando aos aspectos pedagógicos ou intencionalmente educativos, embora apareça “por uma questão de técnica talvez até editorial” como literatura escolar.²⁷³

Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em seu trabalho *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*, também descrevem os marcos iniciais da literatura infantil brasileira, no momento em que os primeiros escritores dedicados especialmente ao gênero, dentre eles, além de Thales de Andrade e Monteiro Lobato, Godim da Fonseca com o seu *O reino das maravilhas* de 1926, passam a se projetar no cenário nacional.²⁷⁴

Ao mencionarem a construção do projeto literário de Thales de Andrade no qual, julgam as autoras, a imagem do Brasil se realizaria por intermédio da agricultura, acrescentam, ao exame de *Saudade*, duas facetas percebidas no livro: a idílica, relacionada à “mitologia tradicional” de “raízes arcádicas” e enaltecedora da vida fora dos centros urbanos, e a prática, identificada às ações patrióticas. Nessa perspectiva, se explicaria a importância da agricultura na qual se encontraria a história (o passado) e a salvação (o futuro) do país.²⁷⁵

O patriotismo detectado no livro de Thales, segundo sua visão, reduziria o caráter realista da obra na medida em que, pela via do otimismo, aproximaria *Saudade* do idealismo. Comentam que haveria uma denúncia “à revelia” do êxodo rural, ao valorizar a profissão do lavrador, pois – cita Lima Barreto e o seu *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* – somente haveria possibilidade de reter o trabalhador no campo “a custa de algumas desilusões e muito idealismo.”²⁷⁶

A utilização que Lobato faz do universo rural, como descrevem as autoras, teria, se comparada à de Thales, alguns diferenciais. Embora se utilize dessa paisagem como cenário

²⁷² Arroyo, *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

²⁷³ Ibid., pp. 187-88.

²⁷⁴ Lajolo; Zilberman, *Literatura Infantil Brasileira: história & histórias...* Op. Cit. p. 46.

²⁷⁵ Ibid., p. 60.

²⁷⁶ Ibid., p. 61.

de suas narrativas ela não seria veículo da reprodução rural na medida em que seu projeto político e literário contemplaria outras preocupações, mais identificadas com o processo de urbanização – e suas alternativas econômicas – e as considerações relativas à inviabilidade agrícola para o país, em conformidade com os escritores da geração de 1930.

*Nesse aspecto, Lobato é fiel à sua geração e dissidente em relação ao nacionalismo eufórico. Também dissidente é o Brasil de Macunaíma, cujas reações cortam os mais diferentes rincões da pátria, mostrando como estes estão infestados de saúvas, doenças e misérias. Na mesma linha, o romance de 30 explora, até exaurir o veio temático, os males do Brasil rural. De modo que as ilusões são postas de lado.*²⁷⁷

Para Thales, entretanto, não se trata de ilusões. Este autor acredita que o caminho para o país é a agricultura e a sua obra reflete essa crença em diversos momentos, mostrando como o conhecimento posto a serviço do mundo agrícola torna o projeto viável.

Lobato, entretanto, mantém a visão idílica do Sítio mas apóia-se na modernidade, o que lhe permite, segundo as autoras, dar um tratamento inovador a sua obra, do ponto de vista gramatical e apreciar os elementos da cultura internacional, como o cinema e a história em quadrinhos. Esses “produtos estrangeiros” se naturalizam ao chegar ao Sítio na apropriação antropofágica do autor.²⁷⁸

*Todos esses aspectos assinalam e, simultaneamente, justificam a porosidade do sítio que, por decorrência absorve o que o mundo atual criou de mais interessante e digno de ser incorporado. Este é o sentido da modernidade nessa obra, que concilia o nacionalismo com um desejo de equiparação do sítio (leia-se: da nação) com as grandes potências ocidentais. Por isso, ele é tanto mais moderno, quanto mais rural, porque é este último fator que assegura a nacionalidade do espaço. Fosse ele mais urbano, e os atributos internacionais viriam à tona. Assim, Lobato trata de ignorar que as duas virtudes – modernização internacional e nacionalismo – não conseguem andar juntas, pois, de fato, elas se expõem reciprocamente.*²⁷⁹

²⁷⁷ Lajolo; Zilberman, *Literatura Infantil Brasileira: história & histórias...* pp. 56-57.

²⁷⁸ Ibid., p. 58.

²⁷⁹ Ibid., pp. 58-59.

Assim, a idealização do Sítio entraria em concordância com a literatura modernista do período, as quais, “procuraram situar a modernização no campo, sem que este deixe de ser rural ou selvagem ou primitivo. O resíduo de brasilidade deve ser preservado, mas em consonância com o mundo moderno, que é inevitavelmente internacionalista, quer se deseje ou não”.²⁸⁰

As autoras salientam que os modernistas revelavam os processos de aceleração urbana, industrial e capitalista sentido no país e de modo especial em São Paulo. Ninguém desejaria o retorno ao Brasil rural, mas não renegariam o passado, “sob pena de, no mínimo, contradizer o projeto artístico e ideológico e, no máximo, capitular definitivamente ao imperialismo ocidental.” O resultado da equação teria favorecido o fortalecimento “de uma tradição literária nova, que serviu de molde e inspiração a toda uma produção literária brasileira, incluindo a infantil, o que não apenas indica a unidade entre os gêneros que a compõem, como também o papel que eles exercem perante a sociedade”.²⁸¹

Considerada a trajetória de Lobato, segundo a configuração proposta pelas autoras, verificamos, em referência aos caminhos trilhados por Thales de Andrade, alguns pontos importantes para serem observados. Um primeiro aspecto, que não chega a ser propriamente uma distinção, é o seu pioneirismo na publicação de certo tipo de texto destinado às crianças e marcado como inovador, devido ao tratamento dado à linguagem de acordo com a confirmação do próprio Lobato em artigo escrito à época do lançamento de *Saudade* e presente no registro de Leonardo Arroyo:

*Devemos tratar com interesse o artigo de Monteiro Lobato, escrito quando ele ainda não publicara nenhum livro infantil. Nessas linhas lança o escritor, já, as preliminares de sua futura obra, além de conterem observações curiosas em torno da reação ao espírito português ainda dominante entre nós, na época. No livro de Tales de Andrade via Monteiro Lobato a coragem de contrariar os “moldes estabelecidos e aborrecidos” somada à sua originalidade e audácia “pela língua em que está vazado”. Neste particular chegava a escrever que “é escrito na língua que todas as crianças deste país falam, que do Norte ao Sul todos nós falamos, mas que, por força duma congenial subserviência à velha metrópole não temos ainda coragem de reduzir à escrita”.*²⁸²

²⁸⁰ Lajolo; Zilberman, *Literatura Infantil Brasileira: história & histórias...* p. 59.

²⁸¹ *Ibid.*, p. 59.

²⁸² Arroyo, *Literatura infantil brasileira...* p. 188.

Como vimos, Lobato concordava com a forma de escrever de Thales e lançaria logo a seguir, com um tratamento semelhante na linguagem, *A menina do narizinho arrebitado*, o seu livro inaugural para os pequenos. De acordo com o artigo de Luis Sartorelli Bovo, comentado anteriormente, a respeito das reminiscências de Thales, Lobato chegara a afirmar para aquele autor que ele havia sido o padrinho de *Narizinho*. A afirmação é contextualizada pelo momento no qual Thales apresentara o *Saudade* e *A Filha da Floresta* a Lobato e este confessara sempre acalantar o desejo de escrever para as crianças.²⁸³

É importante perceber, em segundo lugar, o contexto histórico no qual *Saudade* está enquadrado. A época em que Thales de Andrade começa a desenvolver o seu universo ficcional está situada no ambiente do nacionalismo rural dos anos de 1910 e também foi marcada pelas influências, sofridas por este autor, decorrentes de sua formação profissional na Escola Complementar de Piracicaba e das idéias em torno da defesa da Escola Prática Agrícola de Piracicaba. As manifestações do patriotismo e do nacionalismo, identificados à ideologia do Brasil como país essencialmente agrário, parece ter encontrado nos escritos de Thales, um instrumento de divulgação deste ideário, como atestam diversos de seus livros entre o final da década de 1910 e 1920, dentre eles o *Saudade* e muitas das histórias da coleção Encanto e Verdade.

Essa questão, iluminada por Marta Carvalho²⁸⁴, diz respeito a defesa do modelo agrário para o país, candente daquele momento, traduzia a necessidade de mão-de-obra abundante e disposta a colaborar com a edificação da proposta. Dessa forma a circulação de idéias que defendiam a permanência do homem no campo e, ao mesmo tempo, propiciasse condições de manter sob controle o fluxo de imigrantes ainda sem as balizas adequadas para a sua identificação com a nação brasileira eram constantemente reforçadas na imprensa e encontraram espaço para a sua concretização na esfera da educação. Seria preciso, segundo as lideranças da época, regenerar a massa popular e essa tarefa deveria ser compartilhada tanto por agraristas como por industrialistas. É obvio que a educação deveria cumprir, nesse sentido, um papel fundamental e evidentemente os laços identitários com o novo sistema de governo deveriam ser fortalecidos.

Interessava aos dois grupos minimizar os efeitos considerados perniciosos dessa massa popular no cotidiano das cidades. À escola caberia o papel da satisfação de ambos os anseios: deter o fluxo migratório, promovendo uma política agrária capaz de vitalizar a produção, para

²⁸³ Luis Sartorelli Bovo. "Evocando fatos e homens". *Diário Popular*, 17 ago. 1975.

²⁸⁴ Marta Carvalho, *A Escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989, pp, 9-14.

a fixação do homem no campo e dinamizar a economia de base industrial por medidas educacionais que incorporasse as “levas de ociosos” à produção, tendo como denominador comum, o equacionamento dos grupos resistentes à nova ordem republicana.

A escola republicana representaria no Estado de São Paulo, “o emblema da instauração da nova ordem, o sinal da diferença que se pretendia instituir entre um passado de trevas, obscurantismo e opressão e um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o Progresso”.²⁸⁵

Sabemos que a obra de Thales de Andrade está compromissada e diretamente relacionada à escola: o conjunto de seus livros tem como forte referencial o campo e a educação, assim, nada mais coerente, em sua proposta, do que a defesa da atuação do homem do campo na transformação e aproveitamento do seu espaço, o que denota a crença do autor no modelo, segundo o qual, o Brasil agrário era uma opção viável.

Identificamos, no período em questão, a filiação de Thales com os projetos educacionais em desenvolvimento e a sua escolha pela literatura como fator essencial de sua prática enquanto educador. Assim o autor une tanto o ideário agrário divulgado na época quanto os projetos educacionais, gestados na mesma ocasião, na sua produção literária.

Conforme vimos anteriormente, desde a sua formação o autor esteve sintonizado às correntes nacionalistas que defendiam um tipo de desenvolvimento que fizesse com que o país aproveitasse as suas potencialidades agrícolas. Esse era o ideal de figuras como Pereira Barreto e Assis Brasil, por exemplo, que construíam o discurso que auxiliou a concretização de empreendimentos como a Escola Agrícola “Luiz de Queiroz” de Piracicaba.

Do ponto de vista educacional Thales se vinculava as concepções propagadas por Sampaio Dória, como as defendidas em sua reforma, que planejava atender as populações marginalizadas do processo de alfabetização²⁸⁶; por Lourenço Filho, que se pronunciava a favor da manutenção das crianças na zona rural, o seu lugar de origem, oferecendo a elas uma educação de qualidade e possibilidade de transformar o modelo seguido pela maioria, de abandono da região atraídos pela sedução das cidades²⁸⁷; e pelas idéias ruralistas que compartilhara com Sud Mennucci, ainda que este último, só fosse desenvolver propriamente uma teoria a respeito do ruralismo, em um período não alcançado por esse trabalho, a década de 1930.²⁸⁸ Todos eles, cada um atuando a sua maneira, concordavam e defendiam o conjunto

²⁸⁵ Marta Carvalho, *A Escola e a República*. p.23.

²⁸⁶ Cf. Heládio C. G. Antunha, *A instrução pública no Estado de São Paulo. A reforma Sampaio Dória*. São Paulo: FEUSP, 1976.

²⁸⁷ Lourenço Filho. “A escola e a vida rural”. *Jornal de Piracicaba*, 26 fev. 1920.

²⁸⁸ Cf. Giesbrecht, *Sud Mennucci: memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...Op. Cit.*

desse ideário, como a extensão da alfabetização e o ensino de qualidade em todo o país, inclusive nas áreas rurais, ali permitindo que essa educação fizesse com que tanto o mestre como os seus alunos de fato vislumbrassem o país sob uma nova perspectiva, ou seja, estando no campo, seria necessário que as condições de vida e de educação incentivassem os estudantes e moradores a permanecer no campo e ali trabalhar dignificando a sua existência da mesma forma que fariam os moradores da zona urbana. Thales pretendeu realizar esse projeto de educação na zona rural, inicialmente, por sua prática educativa e, posteriormente, pela via da literatura.

Uma terceira questão proposta para a análise, ainda contrapondo as obras de Thales e de Lobato, caberia ao considerarmos o contexto de transição entre os anos vinte e trinta. A argumentação poderia ser desenvolvida nos seguintes termos: em que medida podemos verificar o grau de aproximação entre o projeto literário de Monteiro Lobato e o de Thales de Andrade, ao observarmos o período histórico em uma perspectiva que contemple as idéias lançadas sobre o mundo rural e, ao mesmo tempo, os projetos nacionalistas derivados dos diversos agrupamentos de intelectuais que atuavam naquele momento?

É necessário afirmar que o objetivo do questionamento é matizar os rumos da literatura produzida por ambos os autores, pois entendemos que a sua preocupação era a mesma: alcançar as crianças por meio de um gênero específico, muito embora tenham, para isto, trilhado caminhos diferentes e impostos a si objetivos distintos.

Lobato, apesar de não ter publicado ainda nenhum livro infantil até o ano de 1920, data da primeira edição de *A menina do narizinho arrebitado*, já se preocupava com o assunto desde 1916, segundo o informe de Vieira²⁸⁹, que recorrendo às cartas do autor remetidas a Godofredo Rangel, explica que a observação de Lobato das leituras de sua mulher lhe serve como fonte de inspiração para a estrutura a ser apresentada nos textos do Sítio:

*O quadro apresentado por Lobato, de Purezinha contando histórias para seus filhos, se repete dentro das histórias do autor. Nas histórias do Sítio temos dona Benta ou Tia Nastácia no papel de Purezinha, e as crianças e bonecos do Sítio em posição homóloga à dos filhos de Lobato.*²⁹⁰

²⁸⁹ Adriana Silene Vieira, "O livro e a leitura nos textos de Lobato" In: Eliane Marta Teixeira Lopes et. Al. *Lendo e escrevendo Lobato*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 45.

²⁹⁰ Ibid., p. 46.

Thales, por sua vez, manifesta esta preocupação em um depoimento que se remete ao ano de 1912, quando, iniciou o exercício do magistério e percebeu a ausência de livros contemplando a vida das crianças moradoras da zona rural.²⁹¹

A preocupação do autor com a questão é, aliás, mais antiga, como já tivemos oportunidade de observar em outra seção deste texto. O seu projeto literário – escrever para as crianças moradoras do campo – que culminaria com o surgimento de *Saudade* esteve relacionado à publicação do artigo “Instrução e Agricultura”, de 1911, escrito quando ainda estudava na Escola Complementar de Piracicaba. Reiteramos que o processo de urbanização era visto, naquele momento, como uma ameaça à agricultura, considerada, então, o destino do Brasil. Será a partir daí, ao concluir os seus estudos e começar a trabalhar em uma escola rural que Thales pensa em escrever o seu livro. Outra fonte de motivação para o autor teria origem ainda em sua infância, quando esteve vivendo por um curto período em sítios, ocasião em que acompanhou a formação de uma destas propriedades em suas diversas etapas. Assim, para Thales, sua relação com o mundo rural decorreria tanto em função de sua experiência no campo quanto em relação às aproximações que teria com o tema no período de sua formação.

Por seu turno, Monteiro Lobato vivencia o campo em outra perspectiva e realidade. Passiani²⁹² nos informa que o autor pertenceu a uma família que “viveu na pele a derrocada do Vale do Paraíba em decorrência da crise da cultura do café na região”²⁹³ Entretanto, o fato de ser neto de visconde e possuidor de muitas terras não representou vantagens do ponto de vista financeiro, haja vista a baixa produtividade do Vale do Paraíba que, imerso na crise da cafeicultura, deixaria, em seu rastro, segundo Lobato em seu relato, “apenas cidades mortas”.²⁹⁴

Formado em advocacia e contribuindo com traduções de artigos para o jornal *O Estado de São Paulo*, enquanto exercia o cargo de promotor público em Areias, Lobato se viu obrigado em 1911, com a morte do seu avô a abandonar, momentaneamente, sua atividade literária e assumir a administração das terras e fazendas herdadas. Essa experiência não se revela ao autor muito proveitosa se a considerarmos como um empreendimento de um fazendeiro. Desde a época em que cursava a Faculdade de Direito do Largo São Francisco Lobato estava motivado com o ofício da escrita e, durante a sua estadia na fazenda Buquira, o

²⁹¹ Thales Castanho de Andrade. “Gratidão” *Jornal de Piracicaba*, 23. jul. 1970. “Fumaças”.

²⁹² Enio Passiani, *Na trilha do Jeca – Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru: Edusc, 2003.

²⁹³ *Ibid.*, p. 110.

²⁹⁴ *Ibid.*, p. 112.

que refletiu sobre a terra e o homem que a cultivava não teria correspondido às suas ambições, embora tenha alimentado a sua verve de escritor.²⁹⁵

*O meio que o circunda vai se tornando sua fonte de inspiração literária. Começa a refletir nas condições do Vale do Paraíba, naquelas “cidades mortas” cuja própria história acabou condenando-as, e principalmente passa a observar o caboclo local.*²⁹⁶

Lobato pretende opor outra imagem do caboclo, eivado pelo idealismo desde Alencar: em sua nova caracterização ele o faz trazendo desta vez um novo elemento a ser incorporado no retrato do Jeca Tatu, o fatalismo. Este se apossa de Lobato ao narrar a condição do homem do campo.

Um exemplo disso pode ser verificado em uma das passagens recolhidas por Cavalheiro:

*É o Jeca que principia a ganhar contornos, ele [Lobato] já o tem delineado, quase pronto: “começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêmdea, no útero de uma cabocla suja por fora e inçada de superstições por dentro. Nasce por mãos de uma negra parteira, senhora de rezas mágicas de macumba. Cresce no chão batido das choças e do terreiro, entre galinhas, leitões e cachorros, com uma eterna lombriga de ranho pendurada no nariz. Vê-lo virar menino, tomar o pito e a faca de ponta, impregnar-se do vocabulário e da “sabedoria” paterna, provar a primeira pinga, queimar o primeiro mato, matar com a pica-pau a primeira rolinha, casar e passar a piolhar a serra nas redondezas do sítio onde nasceu até que a morte o recolha”.*²⁹⁷

Esse estado de espírito em relação ao caboclo o faz refletir sobre o meio rural e a questão nacional, inspirando-o a escrever um livro, segundo informa a Godofredo Rangel, que denotasse a realidade nacional, que estivesse “despido de qualquer influência européia, seja em relação à temática desenvolvida, seja em relação à linguagem utilizada”.²⁹⁸

²⁹⁵ Passiani, *Na trilha do Jeca* p. 119-120.

²⁹⁶ Ibid., p. 120.

²⁹⁷ Cavalheiro, *Monteiro Lobato...* Op. Cit. p. 141.

²⁹⁸ Passiani, p. 120.

Do delineamento deste projeto literário nasceriam os artigos “Velha Praga” e “Urupês”, denunciando a “deformação romântica do homem do campo”.²⁹⁹

Esta visão de Lobato representava, além de sua própria opinião, a reação de “todo um setor consideravelmente importante da sociedade paulista, uma oligarquia rural em crise”, o que explicaria, segundo Passiani, a boa aceitação do autor “nas páginas d’ *O Estado*”, jornal que encampava a oposição oligárquica que teria a legenda do PD, fundado em 1926, como futuro abrigo.³⁰⁰

Ao mesmo tempo em que o seu nome ia se projetando no campo literário, Lobato se ressentia com as “várias tentativas frustradas de recuperar economicamente a fazenda Buquira” e assim, vende-a estabelecendo-se na capital a partir de 1917 e tornando-se editor da *Revista do Brasil* no ano de 1918.

Os caboclos ou caipiras também foram objetos da análise de Pereira e Queiroz³⁰¹ que ao lançarem mão dos conceitos de Maria Sylvia Carvalho Franco³⁰² e de Antonio Candido³⁰³ o definem e apontam suas regiões características. Desta forma, essas pessoas foram denominadas como pequenos produtores rurais, uma categorial intersticial de homens livres, pobres, mestiços de maneira geral, que ocupavam pequenas unidades de povoamento, chamadas de “bairros rurais”, nos quais a vida em sociedade estava limitada às mínimas condições de subsistência.³⁰⁴

Pereira e Queiroz lembram que a publicação do artigo “Velha Praga” no *O Estado de S. Paulo* além de denunciar a velha prática das queimadas utilizadas pelos “agricultores-posseiros” serviria também a outro propósito.

Devido à impossibilidade de alertar as autoridades a respeito dos responsáveis pelas queimadas, já que eram todos eleitores do governo que em troca da fidelidade partidária gozavam “do direito de queimar o mato alheio”, não restava outra alternativa a não ser a via da imprensa, a qual se tornou recurso regular desde essa época para dar vazão a uma das futuras ocupações de Lobato, as letras.³⁰⁵

²⁹⁹ Passiani, pp. 121-122. Cavalheiro informa-nos a data do surgimento destes artigos no jornal *O Estado de S. Paulo*: “Velha Praga”, denominado de “Uma Velha Praga”, aparece em 12/11/1914; “Urupês”, em 23/12/1914. Notas ao capítulo “O Soturno Personagem”. In: Cavalheiro, *Monteiro Lobato...1º tomo*, p. 148.

³⁰⁰ Passiani, pp. 122-124. Sobre o Partido Democrático ver Carlota Boto, *Rascunhos de escola na encruzilhada dos tempos*. (Dissertação de Mestrado) São Paulo: FEUSP, 1990.

³⁰¹ J. B. B. Pereira; R. S. Queiroz, “Por onde anda o Jeca Tatu?”. *Revista USP*. São Paulo: USP, mar./mai., 1989. pp. 7-13.

³⁰² Maria Sylvia Carvalho Franco, *Homens livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: IEB-USP, 1969.

³⁰³ Antonio Candido, *Os parceiros do Rio Bonito: um Estudo sobre o Caipira Paulista e a Transformação de seus Meios de Vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

³⁰⁴ Pereira; Queiroz, “Por onde anda o Jeca Tatu?”... p. 8.

³⁰⁵ Monteiro Lobato, “Prefácio”. *Urupês*. 24 ed. São Paulo: Brasiliense, 1980, pp. 137-38.

Para Lobato, a causa das grandes queimadas na Serra da Mantiqueira em 1914, data na qual veio à luz pela primeira vez o texto, se devia à ação “de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o ‘Argas’ o é aos galinheiros ou o ‘Sarcoptes mutans’ à perna das aves domésticas.”³⁰⁶ A esta caracterização acrescenta detalhes sobre o modo de vida do caboclo, sua peculiaridade de semi-nômade, sua inadaptação à civilização e a opção por viver “na penumbra das zonas fronteiriças”. Após descrever a extrema simplicidade com que constrói sua choça, caça os animais com a sua pequena espingarda “pica-pau”, atea fogo à mata para preparar a sua pequena plantação, conclui o autor que o caboclo é uma “quantidade negativa”. Exaure a terra para dela extrair o mínimo para a sua subsistência e a de sua família.

*Quando se exaure a terra, o agregado muda de sítio. No lugar fica a tapera e sapezeiro. Um ano que passe e só este atestará a sua estada ali; o mais se apaga como por encanto. A terra reabsorve os frágeis materiais da choça e, como nem sequer uma laranjeira ele plantou, nada mais lembra a passagem por ali do Manoel Peroba, do Chico Marimbondo, do Jeca Tatu ou outros sons ignaros, de dolorosa memória para a natureza circunvizinha.*³⁰⁷

Na crônica “Urupês”,³⁰⁸ Monteiro Lobato apresenta novas facetas do Jeca Tatu: segundo o autor, nada o esperta, “em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se”; leva à feira “coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher”; traz como repertório mental a superstição; desconhece noções de pátria e de país mas vota, sempre no governo e o faz como “o fato mais importante de sua vida”; de sua medicina aponta a pinga como “veículo usual das drogas”, aqui também predomina a superstição, as mesinhas; apresenta-o como fatalista diante de sua visão religiosa; ao contrário do mulato, lembrado como o representante das manifestações de arte popular o caboclo não é visto como capaz de criar:

O caboclo é soturno.

Não canta senão rezas lúgubres.

Não dança senão o cateretê aladainhado.

³⁰⁶ Monteiro Lobato, “Velha Praga”. *Urupês*. 24 ed. São Paulo: Brasiliense, 1980, pp. 140-41.

³⁰⁷ *Ibid.*, p.144.

³⁰⁸ Lobato, “Urupês”. *Urupês*, pp. 145-155.

Não esculpi o cabo da faca, como o cabila.

Não compõe sua canção, como o felá do Egito.

No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisíaca em escachôo permanente, o caboclo é sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.

Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.

*Só ele, no meio de tanta vida, não vive...*³⁰⁹

O biógrafo reconhece, no relato de Lobato, certo grau de injustiça na descrição do caboclo, mas informa que o problema não poderia passar em brancas nuvens.³¹⁰ Todavia Lobato não teria se arrependido do retrato traçado para o Jeca:

Corre por aí a falsa noção de que o autor de “Velha Praga” reconheceria mais tarde o erro em que teria caído ao retratar o Jeca Tatu. Não é verdade. Ao publicar “Urupês”, em volume, na explicação que reconhece “desnecessária”, pede perdão ao Jeca, dizendo ignora-lo doente. Na segunda edição, publicada durante a epidemia de gripe, que então assolava o País, mantém as mesmas explicações. Na quarta tiragem, no entanto, aumenta substancialmente a “explicação desnecessária”, conservando, porém, o mesmo tom, isto é, continua dizendo ignorar ser o Jeca tal como ele o retratara devido às doenças que o consumiam. “Está provado, acrescenta Lobato, que tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não”. Do que o escritor se arrepende é de tê-lo culpado por ser assim quando outros eram os responsáveis. Os “que falam francês, dançam o tango, pitam havanas e, senhores de tudo, te mantêm nessa geena infernal para que possam a seu salvo viver vida folgada à custa do teu dolorido trabalho, esses, Jeca, têm n’alma todas as verminoses que tu tens no corpo”. Os culpados eram aqueles que fingindo ignorar a verdade, iam às tribunas, inclusive de sociedade científicas, gritar “contra os exageros contidos na obra do Sr. Monteiro Lobato”. Quando no meio do alarido, o ilustre Dr. Álvaro Osório de Almeida localizou a causa da tristeza, da preguiça e do depauperamento do

³⁰⁹ Lobato, “Urupês”. *Urupês*, p. 155.

³¹⁰ Cavalheiro, p. 142.

*Jeca como consequência da anquilostomíase, não faltaram vozes contrárias, e nem quem afirmasse, em alto e bom som, que “como organização sanitária a nossa é modelar, muito superior à da própria França”.*³¹¹

Lobato procura, desta forma, outros responsáveis pela condição do Jeca sem, entretanto, alterar a sua imagem.

Esta revisão na figura do Jeca Tatu esteve relacionada com outra campanha empreendida pelo autor. O ilustre médico Miguel Pereira já comparara o Brasil a um grande hospital e propunha uma ampla campanha de saneamento. O livro *Saneamento do Brasil* de Belisário Pena expõe, em seguida, “o Brasil desconhecido, um País doente, cheio de mazelas.” O trabalhador, o homem da roça, estava condenado às moléstias instaladas.

*Vozes autorizadas afirmavam que o problema vital do Brasil não era o de uma simples reforma constitucional, como apregoava a oposição, nem a simples modificação dos nossos costumes políticos, ou a militarização da mocidade, como vivia pregando o poeta Olavo Bilac. O problema número um do País, na opinião de sábios como Miguel Pereira, Osvaldo Cruz, Belisário Pena, Carlos Chagas, Álvaro Osório de Almeida, Artur Neiva e outros, residia no saneamento do País.*³¹²

Lobato passa a liderar o movimento. Escreve artigos reforçando os argumentos dos higienistas; dá caráter popular à campanha; é amplamente comentado; torna o tema obrigatório nos assuntos em discussão. Era então o ano de 1918 e o autor se convencera que a grande questão nacional era o saneamento.

É neste contexto que resgata o Jeca, desta vez para defendê-lo:

Mostra, então, o trabalho realizado em Taubaté, por alguns frades agricultores, em terras que foram de seu pai, na antiga Fazenda “Paraíso”. Esses frades trapistas chegaram à beira do Paraíba, e contra a opinião de todos que lhe asseguravam a impraticabilidade da agricultura naquelas terras cansadas, exauridas de seiva e humo, ali plantaram uma propriedade modelar, produtiva, altamente rendosa. Como? Em primeiro lugar, pegaram o restolho humano que modorrava nos grotões, gente alquebrada pela má alimentação, roída pelo ancilóstomo exaustivo, e em lugar de

³¹¹ Cavalheiro, pp. 169-170.

³¹² Ibid., pp. 184-5.

*botá-las logo na enxada, como o faziam todos os demais fazendeiros, ele inclusive, tiveram a luminosa idéia de proceder às avessas: alimentaram aqueles parias com abundante comida, abrigaram-nos em casas higiênicas, construídas em lugares secos, e ao mesmo tempo os libertaram das verminoses. O resultado? Uma ressurreição. “Das carcaças opiladas onde morrinhava a indolência do pobre Jeca Tatu, saiu pelo equilíbrio alimentar, um homem resistente; pela cura das mazelas, um homem ativo; pela noção de relativo conforto, um homem constante que “parava” na Fazenda, e criava amor à faina agrícola”.*³¹³

Lobato entende desta maneira, que o Jeca curado irá participar ativamente da sociedade em pé de igualdade aos demais. Para a sua cura prevê a necessidade de grandes mobilizações e não se limita a expressar a sua opinião. O código sanitário, elaborado em decorrência também do alcance e influência de suas intervenções, é acompanhado por Lobato. Junto a Artur Neiva – orientador da campanha de saneamento em São Paulo – visita algumas localidades nas oportunidades das inspeções. Constata com desalento o triste quadro da saúde pública. A série de artigos sobre o assunto ganha forma de livro ainda no mesmo ano de 1918, patrocinado pela “Sociedade Eugênica de São Paulo” e pela “Liga Pró-Saneamento do Brasil”.³¹⁴

O movimento se tornou sobejamente conhecido. Cavalheiro informa que:

*Todos quantos residiam no Interior de São Paulo, nessa época, ainda estarão lembrados das repercussões da campanha, sobretudo quando, pelas Vilas e Fazendas, surgiram os elementos do serviço sanitário na ingrata tentativa de curar o Jeca, salvá-lo do “amarelão”, ensinar-lhe medidas higiênicas, calçá-lo. Abriram fossas, distribuíram pastilhas, martirizavam com sapatões, pobres pés esparramados. Nas escolinhas mistas, inspetores sanitários faziam preleções, indicavam meios e maneiras de acabar com a indolência e a cor amarelada dos caboclinhos. A doença fora amenizada, mas a miséria não foi extinta. As causas das mazelas físicas transcendiam o simples impulso sanitário. Eram mais profundas. Suas origens provinham, como mais tarde Lobato se daria conta, de fundo antes econômico que científico.*³¹⁵

³¹³ Cavalheiro, p. 188.

³¹⁴ Ibid., pp. 189-190.

³¹⁵ Ibid., p. 190.

A reabilitação da figura do caboclo, a partir de 1918, era acompanhada pelas afirmações nacionalistas em oposição aos estrangeirismos franceses, então em voga.³¹⁶ Na oportunidade, contrapunha a sua imagem à do fazendeiro do café, mais afeito à cidade do que ao campo, local no qual estava a sua fonte de riqueza provinda do cultivo extensivo da monocultura cafeeira. O outro fator destacado na reabilitação, a atribuição da indolência do Jeca à ancilostomose, ao amarelão, à doença que o impedia de se dedicar com afinco ao trabalho e, portanto, de se tornar próspero em suas atividades agrícolas, completavam, naquele momento, a mudança de perfil a ser atribuída ao caboclo, ao Jeca Tatu de Monteiro Lobato.

Podemos dizer – após essa passagem longa, mas que consideramos necessária, para situarmos a trajetória de Lobato permitindo desta maneira mais uma aproximação à figura do Thales – que a concepção original lobateana já calara fundo no imaginário de importantes setores da população responsáveis pela divulgação de idéias relativas ao cultivo da terra, à educação e ao meio político. Mesmo que se reconhecesse o suposto *mea-culpa*, declarado a posteriori, a referência ao Jeca Tatu era constante ao se tratar da questão do homem do campo. Algumas notícias veiculadas pelos jornais da época davam conta de como se alastrara a imagem do Jeca.

Lourenço Filho, em um artigo do *Jornal de Piracicaba* de 1919³¹⁷ a respeito da desnacionalização, nos dá um exemplo de como a caracterização construída do caboclo por Monteiro Lobato estava viva naquele momento. Afirmava o educador que a descrição do Jeca, pintado por Monteiro Lobato em *Urupês* como “o símbolo mais próprio, mais sugestivo, e, portanto, o mais exato, do povo nacional”, como “a expressão animada” dos defeitos e fraquezas do tipo brasileiro, já que reuniria “num mesmo padrão toda a miséria física do opilado e toda a estreiteza mental do homem abandonado a si mesmo, sem governo, instrução sem moral, sem direito e sem higiene”, vinha sendo adotada largamente pela imprensa e pela “massa cosmopolita”.

Entretanto, o educador fazia um alerta naquela oportunidade:

Poucos terão percebido, ao certo, o que significa a aceitação dessa figura regional de brasileiro, estilizada na caricatura do Jeca Tatu, como a encarnação do

³¹⁶ Pereira; Queiroz, *Por onde anda o Jeca Tatu?* Op. Cit. pp. 9-10.

³¹⁷ Lourenço Filho. “A desnacionalização”. *Jornal de Piracicaba*, 17 set. 1919.

Brasil ou de seu povo, e porque, sendo ela o Brasil, só agora a percebemos e a estigmatizamos.

Lourenço Filho busca explicações para tal aceitação. Afirma em seu artigo que apenas à medida que se distancia, a partir da necessidade que sentia de ocupar maiores espaços, maior quantidade de terras conquistadas e se colocava na condição de invasor é que o “mestiço caucaseo da cidade viu o mestiço americano do sertão”. Então era possível enxergar os seus defeitos, seus males, sua rudeza, mazelas que deveriam implicar necessariamente em sua extinção.

Relata que as pessoas moradoras das cidades se identificam mais com o estrangeiro do que com o indígena. O país estaria aberto, sem organização nacional, sem qualquer tipo de proteção ao povo. Mas, questiona Lourenço Filho, se o país é o Jeca Tatu, desprotegido, o que seriam os outros, os que não são caboclos?

Os brasileiros se sentiriam mais como estrangeiros do que como nacionais. Define os não-caboclos como uma “mescla heterogênea e informe de elementos estratificados que nenhum plano político ou social tratou de fundir num bloco inteiriço”.

E, como consequência:

Atenuados os elementos naturais de raça, de costumes e até de língua, as conglomerações existentes no país perderam, infelizmente, quase que por completo o caráter comunitário, e o perigo de secessão não está muito longe.

Nesse contexto, quem ainda manteria a bandeira do país – diante da “avalanche estrangeira, em primeira e segunda geração, cada vez mais temível e mais perigosa porque cada vez mais desnacionalizada” – seria o Jeca Tatu, aquele do qual rimos e reprovamos, além de não contribuir para a sua educação e saúde, reconhecendo-o como irmão.

Temos como hipótese que esse importante redimensionamento proposto por Lourenço Filho da imagem do brasileiro, a partir das referências do Jeca, e tendo como base o alerta contra a desnacionalização seria contemplado também no texto de Thales de Andrade. No *Saudade* encontramos o caipira integrado ao campo e incorporando, por meio da escola, o conhecimento adequado para levar a frente o empreendimento agrícola de maneira satisfatória.

Thales de Andrade, leitor de Lobato, se refere ao caboclo em algumas passagens do *Saudade*. Um deles é do próprio Lobato que havia cedido o conto *Pedro Pichorra*, de 1914,

para o autor incluí-lo no livro. Nesta história, contida em *Cidades Mortas*, a caracterização é filiada às descritas em outros contos de *Urupês*. Uma rápida vista do sítio de Pedro Pichorra é suficiente para demonstrar o modo de vida ao qual se submetia o personagem:

*Quem dobra o morro da Samambaia, com a vista saturada pela verdura monótona, espairose na Grota Funda ao dar de chapa com uma sitioca pitoresca. E passa levando nos olhos a impressão daquela sépia afogada em campo verde: casebre de palha, terreirinho de chão limpo, mastro de Santo Antonio com os desenhos já escorridos pela chuva e a bandeira rota, trapejante ao vento. Dois mamoeiro no quintal apinhados de frutos; canteiros de esporinhas com periquito em redor e manjericões entreverados. Um pé de girassol, magro e desenxabido, a sopesar no alto a rodela cor de canário; laranjeiras semimortas sob o toucado da erva-de-passarinho.*³¹⁸

A narrativa, embora aborde o período de transição de uma criança para a adolescência, envolvendo um episódio no qual o pai lhe entrega a sua primeira faca de ponta, “sonho de toda criança da roça”, e exija provas da virilidade do filho, frustrada pelo medo deste último fundado na superstição, serve ao nosso propósito de inserir a representação do caipira no livro de Thales de Andrade.

Poderíamos dizer que figura de Zé Feliz, descrita por Mário, o protagonista de *Saudade*, ao seu pai por ocasião de uma visita ao sitiante é a representação dos mesmos caboclos, Pedro Pichorra ou o Jeca Tatu, que surge em Lobato:

(...) Vimos lá tanta sujeira e tanta miséria! A morada do Zé Feliz é pequena e baixinha, muito mal coberta, mal barreada, e o barro já está caindo. Não é assoalhada, nem atijolada; é chão esburacado. Uns caixões, muitos sujos, servem de armário e de mesa. Uns dois cepos servem de cadeiras. Há na casa uma canastra velha e as camas, que são de jirau, tem por cima uns colchões magros com uns farrapos. Vêem-se na parede, a imagem de Santo Antonio, num quadro cheio de teias de aranha, uma folhinha encardida e sem block, uma espingarda, um facão, uma patrona e uma viola. Na cozinha, o pilão e um varal cheio de cascas secas de laranja,

³¹⁸ Monteiro Lobato, *Cidades Mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

*umas espigas de milho-pipoca e uns pedaços de couro de porco. Há também, na prateleira, umas tigelinhas e uns pratos de ágata, descascados.*³¹⁹

A justificativa de Raimundo, pai de Mário, em virtude do espanto do filho diante da miséria, é também a síntese que realiza Thales de Andrade ao incorporar as leituras iniciais em relação ao Jeca Tatu e somá-la à re-elaboração levada a termo por Lobato ao se envolver com a campanha higienista, “curando” o caboclo, como já dissemos.

Assim, Raimundo explica que Zé Feliz está doente. Havia contraído amarelão e maleita no sertão, de onde teria vindo, há pouco. “É isso. Não se tem tratado como era preciso. Ora, um doente é sempre um desanimado...” E embora o sítio Zé Feliz fosse descuidado, não tendo roça, pomar, horta, criação, jardim, era ainda, na opinião do pai, melhor que a cidade, onde haveria situações parecidas e ainda piores: “casebres miseráveis: sem o leite de cabra [que havia na casa de Zé e dava-lhe meio litro por dia], sem as batatas, sem o milho-pipoca, sem a lenha, sem a água abundante, quase sem ar.” Mário, concordando, lembra que no campo não vira ainda nem um mendigo.³²⁰

Curado das moléstias e da “lombeira”, Zé Feliz prospera e passa a figurar como um dos moradores do sítio Congonhal da família de Mario, mostrando que a sua situação era transitória e devia-se antes ao seu estado de saúde do que a disposição para o trabalho, já que é incorporado como um dos empregados.

Temos no registro acima, além da reafirmação do campo – tema central do livro – a reabilitação do caboclo e a sugestão de que sua produtividade seria potencializada por adequadas condições de vida.

Há ainda, entre as passagens do livro que nos sugerem os ecos de leitura de textos de Monteiro Lobato e da preocupação com a saúde, aquela na qual a professora Alzira alerta seus alunos – por ocasião de um acidente com um caco de vidro envolvendo um deles – para a necessidade de andarem calçados, evitando assim os perigos das cobras, cacos, insetos, frieiras “e de outras doenças terríveis, como o amarelão, doenças que seriam evitadas, se o pé estivesse dentro de um calçado, embora esse calçado fosse bem grosseiro.”³²¹

Essa síntese do caboclo: saudável, educado e empreendedor é constantemente re-trabalhada por Thales de Andrade em outros textos que, no decorrer dos anos ou na seqüência, vai encaminhando à publicação. Em *El-Rei Dom Sapo*, o Agapito também faz o seu sítio

³¹⁹ Andrade, *Saudade*. Op. Cit. pp. 181-82.

³²⁰ Ibid., pp. 183-84.

³²¹ Ibid., p. 27.

prosperar quando toma consciência, através da escola, do mal que causava aos “bons animais” do sítio Campestre. No conto *Dona Içá Rainha* o Sr. Manuel Lourenço – numa clara referência e homenagem do autor ao educador e amigo Manuel Bergstrom Lourenço Filho –, graças ao seu conhecimento de como lidar com as saúvas consegue manter adequadamente as suas terras. Em outra história da coleção Encanto e Verdade, *O melhor presente*, a idéia da educação e do conhecimento é tema da formação de um dos moradores do sítio no qual se passa a narrativa. É por meio do estudo, orientado a princípio e continuado por conta do protagonista a seguir, que a prosperidade chega a ele e a toda a região. E, principalmente, devemos nos lembrar que a Escola Prática de Agricultura é o ícone, por excelência, utilizado para a representação definitiva do tipo ideal do homem do campo a ser preparado.

A questão do trabalho no campo mereceria um estudo a parte. Embora não o façamos aqui, mencionamos a questão para lembrar outro elemento de distinção entre a obra de Thales de Andrade e a produção lobateana. O autor de Narizinho dirige a sua atenção para a fábula e para os aspectos do lúdico, ao se referir ao mundo infantil. Thales, por sua vez, contempla estes elementos em alguns dos seus livros, mas acrescenta a questão do trabalho que é, efetivamente, praticado pelas crianças. Neste autor o tema está presente nas narrativas que retratam a vida da criança e ali é visto como fator motivador e formador. Não se desvincula do mundo infantil, faz parte de sua realidade e é um dos componentes do cotidiano. É incentivado e não tratado como empecilho à constituição da infância.

Enfim, podemos dizer então, que ambos os autores tiveram no início de sua formação literária uma forte ligação com o mundo rural ainda que tenha sido, desenvolvida, em certa medida, de maneiras diferenciadas. Thales cresceu e se formou em um ambiente urbano, embora diversos episódios de sua vida o houvesse aproximado gradativamente do campo. Desde a época de sua formação se identificou e valorizou, como já mencionamos, o mundo rural. A esse contexto o educador somaria, em sua atuação, o desenvolvimento dos projetos literários, no que foi auxiliado pelas relações estabelecidas em sua cidade com os intelectuais de sua área, da cultura e da imprensa local e paulistana. O principal tema de sua literatura, o campo, talvez tenha sido um dos objetos motivadores de sua permanência em Piracicaba. Ou seja, as relações construídas sob a perspectiva da divulgação dos projetos agrícolas, entre eles a Escola Prática de Agricultura, e os vínculos estabelecidos em sua prática educativa, aliadas as suas disposições pessoais, que incorporaram, em parte, a caracterização do “caipiracicabano” – como sugere Silvio Ferraz de Arruda, outro conterrâneo, em um artigo

escrito em 1974 no *Jornal de Piracicaba*³²² – podem ter contribuído para a opção de Thales em continuar, durante boa parte de sua carreira e de sua atividade literária, em sua cidade.

Lobato, por sua vez, embora tenha também a lembrança do tempo em que viveu na roça, em sua meninice,³²³ tem a sua experiência, até certo ponto, marcada pela frustração como fazendeiro e se volta, gradativamente, em seus artigos para outro aspecto da realidade: a identificação da inviabilidade da produção agrícola, nas bases em que estava assentada. Não encontrando perspectivas de melhoria para o país pela vertente de um projeto calcado na agricultura utiliza-a como referencial para a sua obra posterior, sem, entretanto, considerar a sua aplicabilidade como um dado da realidade.

O caminho deste autor, oriundo de Taubaté, pode ser compreendido “como uma trajetória em direção à cidade”. Formado em direito na capital, Lobato regressaria à sua cidade, passaria por um período em Areias, interior de São Paulo, de onde remeteria artigos ao jornal *O Estado de S. Paulo* e outros periódicos, até retornar novamente à capital paulista na condição de jornalista e de editor, mantendo ao mesmo tempo sua atividade de escrita e, a partir dos anos vinte a de escritor de literatura infantil. Tomar como referência o texto de Bomehuy, endende como a cidade levou Lobato à modernidade. A cidade representava a modernidade que ele trouxe para a literatura.

Os dois autores se aproximariam da educação e da escola. Lobato o faria por meio de sua literatura. Como nos informa Edreira, Lobato procura se servir da escola, pois ao produzir literatura infantil pensava, coerentemente, que o seu principal público estaria nos bancos escolares.³²⁴

Edreira, sustentando a sua argumentação em autores como J. R. Whitaker Penteado, Rose Lee Hayden e Nelly Novaes Coelho, considera que em sua relação com a modernidade Lobato pretendia formar as crianças em determinados valores, como os referentes à família, ao Estado, à religião, ao progresso etc. Essa empreitada se daria pela via da literatura, através das situações que criava em suas histórias, nas quais pretendia romper com o sistema de vida tradicional questionando as convenções estabelecidas e a autoridade dos adultos.³²⁵

Também compartilhava as concepções pedagógicas e de modernidade pregadas pelo grupo de educadores ligados à Escola Nova. O pesquisador informa que Lobato se aproximaria de alguns educadores escolanovistas como Fernando de Azevedo e,

³²² Silvio Ferraz de Arruda, “Perfis II – Thales Castanho de Andrade”, *Jornal de Piracicaba*, 7 maio 1974.

³²³ Cavaleiro, *Monteiro Lobato: vida e obra...* Op. Cit. p. 143.

³²⁴ Marco Antonio Branco Edreira, *À Caça do Sentido: Práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infanto-juvenis (1926-1946)*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 2003, p. 197.

³²⁵ *Ibid.*, pp.199-201.

especialmente, Anísio Teixeira que foi o seu principal interlocutor com a escola e com quem demonstrava profundas afinidades em relação às questões educacionais.

Mas a relação de Lobato com a escola apresenta outros aspectos. O autor se aproximou da instituição para distribuir as suas edições no mercado escolar e também, por meio dos textos, seria identificado a ela por conta de uma “certa concepção pedagógica” como nos explica Edreira. Certos ambientes e personagens e a forma de utilizar a fantasia, aproximariam Lobato de determinados princípios da Escola Nova e da crítica à escola formal. Além disso, a utilização das disciplinas escolares em temas dos livros, como: *História do mundo para crianças*, *Emília no país da Gramática*, *Aritmética da Emília* e *Geografia de Dona Benta*, é outro fator que contribui na demonstração dos usos que Lobato fazia da escola.³²⁶

3. Literatura e docência

Para Thales de Andrade, este vínculo com a escola se daria em outra dimensão. Por conta de sua própria condição de professor, suas ações partiam do interior da instituição escolar. Assim, também a literatura de Thales, conformada em livros de leitura, em cartilhas, nos livros realizados sob encomenda, ou na coleção de contos Encanto e Verdade, como pôde ser verificada, esteve diretamente relacionada à sua prática educativa. Parcela significativa de seus textos está identificada à escola e à criança escolarizada. Aí estava o seu leitor ideal e o seu público privilegiado. Seguidor dos referenciais da sua formação e atuação profissional como docente nas escolas de Piracicaba e de cidades próximas, Thales trouxe para os seus livros diversos aspectos das suas atividades de ensino e a aprendizagem, os quais foram traduzidos em suas narrativas vindas a público desde a época do lançamento de *A Filha da Floresta* em 1919.

A principal perspectiva do autor é o tratamento de temas relativos ao mundo rural ou outros deles decorrentes, como a importância da manutenção da família unida com o mesmo objetivo da produção agrícola; a presença da escola no campo ou voltada para o ensino agropecuário – um ensino fundado na racionalidade gerando maior produtividade; a valorização do trabalho, dos princípios da moralidade e da religiosidade como fatores vinculados à educação e a formação. Este projeto literário e educativo seria desenvolvido entre as balizas de sua formação.

³²⁶ Edreira, *À Caça do Sentido*, pp. 201-10.

Conforme vimos pelos relatos do autor em diversas passagens deste trabalho, desde a sua infância Thales se encaminhou, em várias oportunidades, para o universo rural e gradativamente se direcionaria para a educação. Na trajetória diversas influências foram formando o professor e o literato. Do ponto de vista intelectual se aproximaria aos grupos representantes do nacionalismo, o qual se manifestaria no caso da educação em algumas de suas experiências didáticas, também estas eivadas dos sentimentos patriota e nacionalista.

Bittencourt mostrou em seu trabalho sobre o ensino de história nas décadas iniciais do século XX qual conhecimento histórico foi produzido para a escola e a prática utilizada para a sua efetivação na sala de aula.³²⁷

Em sua pesquisa, a autora mostra que o movimento nacionalista de inspiração bilacquiiana, desdobrado nos ideais da Liga Nacionalista de São Paulo, fundada em 1917 – de culto à pátria, aos seus valores, à língua e às instituições –, que teve entre outros representantes no estado os educadores Oscar Thompson e Sampaio Dória, foram pressupostos para os programas de ensino das escolas oficiais e particulares do Estado de São Paulo.³²⁸

Nesse período, de 1917 a 1920, ano da Reforma Sampaio Dória, os saberes escolares deveriam, segundo os poderes públicos, ir além da alfabetização. Era necessário que eles fossem capazes de moldar o novo cidadão republicano.³²⁹

Esse espírito nacionalista, no qual a pátria é edificada, está fortemente marcado nos trabalhos de *Histórias e história*, uma principais referências que temos da atuação do professor Thales de Andrade. Em diversos contos há passagens que acentuam o conceito e mostram como a “História Pátria”, conforme se referiu o autor ao apresentar o volume, trazia em seu bojo o ideário perseguido, bem como denotava a expressão desses conteúdos pelos alunos da Escola Normal em suas produções literárias. A atividade desenvolvida por Thales, nesse sentido, é pródiga por mostrar em que medida o autor respondia às prescrições da instrução pública e qual modelo literário disseminava, tanto em seus próprios livros quanto em sua prática educativa.

Além dos vínculos estabelecidos entre a escola e o mundo rural, desde o período inicial da produção literária andradeana observa-se nas primeiras obras, tanto no *Saudade* quanto nos títulos iniciais da coleção Encanto e Verdade: *A Filha da Floresta*, *El-Rei Dom Sapo*, *Bem-te-vi Feiticeiro*, *Dona Içá Rainha*, *Bela, a verdureira* etc., nascidas praticamente

³²⁷ Circe Maria Fernandes Bittencourt, *Pátria, civilização e trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939)*. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 18.

³²⁸ Ibid., p. 26.

³²⁹ Ibid., p. 95.

na mesma época, diversos elementos relacionados à educação, alguns refletindo, inclusive, aspectos da reforma da instrução pública de 1920.³³⁰

Mesmo os livros que surgiram no decorrer dos anos trinta, e posteriormente, não abandonaram a sua filiação com a formação de crianças e jovens. Ao contrário disso, assumiriam a sua condição didática, haja vista os volumes editados pela Companhia Editora Nacional, estes localizados, em grande medida, na Série Thales de Andrade, destinada à escola e elaborada especialmente para a aprendizagem da leitura.

Além desses, todavia, outros abordaram diretamente, ou não, a questão da educação e mesmo da formação de maneira geral acompanhando, em algumas ocasiões, as questões discutidas ou apresentadas em nível nacional, como é o caso de *Vida na Roça*, o qual indicava diretamente o seu propósito de contribuir para os “centros de interesses decrolianos”, e o *Ensinando a Constituição*, objetivando a vulgarização do conteúdo da Carta para o seu aproveitamento junto aos estudantes.

Entretanto, os elementos das narrativas que dizem respeito à educação não estão restritos à passagem pela escola. A formação das crianças descritas nos textos de Thales de Andrade ocorrem também em quase todas as oportunidades nas quais as variadas personagens interagem, na maioria das vezes, no cotidiano da vida campestre.

Outra forma encontrada pelo autor para fazer com que os seus livros estivessem a serviço da educação foi elaborá-los sob a perspectiva do ensino da História Universal e da História do Brasil. Segundo depoimento de uma ex-aluna de Thales, esse expediente teria sido utilizado também como um dos elementos didáticos de suas aulas.³³¹

O primeiro livro que incluiu presença física da escola e se refere aos seus aspectos cotidianos, à sua organização, à didática e, inclusive, e de escolarização da sociedade foi o *Saudade*. Nele Thales deixa clara a sua concepção de educação no que se refere ao atendimento de seus usuários considerando o ambiente no qual estava inserido: o campo.

Mário, o protagonista de *Saudade* e sua irmã Rosinha, são retratados no início da narrativa como crianças que, ao se verem forçados a mudar para a cidade, estariam em idade escolar. Ele ainda não sabia escrever e Rosinha mal contava até cinco.³³²

Assim o autor anuncia não apenas a primeira mudança sofrida pelo protagonista, mas já apresenta parte do seu universo, a escola na qual seria matriculado tão logo chegasse à

³³⁰ Grande parte da produção literária de Thales de Andrade está concentrada entre os anos vinte e trinta do século XX.

³³¹ Nair Barbosa. “Encanto e Verdade”. *Pasta de Recortes de Jornais da Biblioteca Municipal de Piracicaba* (P598, p.19). Sem indicações do veículo e da data da publicação. Este recorte, como se verá adiante, faz parte de um conjunto de documentos pesquisados para esta dissertação.

³³² Andrade, *Saudade*, Op. Cit., p. 11.

cidade. Daí em diante haverá muitas referências à escola, desde os primeiros passos após o início de Mário como aluno, até a sua continuidade dos estudos no retorno ao sítio e a sua saída de lá para o ingresso na Escola Prática de Agricultura “Luiz de Queiroz”.

Após o período no qual esteve na cidade a família retorna ao campo e a presença da escola se torna mais importante. Em determinado momento da narrativa, Mário descreve a sala destinada aos estudos das crianças da região do bairro Capão Bonito, onde está localizado o sítio Congonhal:

Não era grande a sala. Um, dois, três... dezesseis bancos! Bastavam para trinta e duas crianças, entre meninos e meninas. A escola era mista.

*Duas lousas na parede. Achei pouco; habituado, como estava, com as do grupo, que eram enormes (...).*³³³

Também informa em detalhe a disposição de mapas, armário, mesa, papéis e outros utensílios presentes na sala, mostrando desta forma o cuidado e a organização daquele espaço. Ao sair da sala, acompanhado por nhô Lau lhe diz que esteve admirado, pois ouvira dizer que no sítio a escola era relaxada, o que a visita comprovou ser mentira.

É ainda na mesma seção que se descreve a matrícula de Mário e de sua irmã, as anotações efetuadas pela professora em “livro largo, de capa amarela”, a apresentação de ambos para os seus colegas de turma e as primeiras lições tomadas por Dona Alzira, a mestra, com o primeiro livro de João Kopke.

O comportamento da professora também é objeto da observação de Mário: a sua atitude a respeito de Eugênio, aluno que dorme durante a aula, é explicada por Raul, colega do protagonista, como resultante de sua percepção da dura vida do menino:

*- Coitado do Eugênio! Nós sabemos que anda doentinho e se levanta às 3 ½ da madrugada, todos os dias, para ajudar o pai a tirar leite. Dona Alzira não é esquisita, Mário. É boa de coração.*³³⁴

A professora, moradora da região, conhece e entende a vida dos seus alunos. Está integrada a vida da comunidade. Segundo a fala de Raimundo, pai de Mário:

³³³ Andrade, *Saudade*, pp. 103-04.

³³⁴ Ibid., p.112.

(...) - Não despreza os trabalhadores da roça. Faz a norma de um requerimento para um, resolve um problema difícil para outro e vive, assim estimada de todos. Certa ocasião pretendeu remover-se, mas, tanto se lastimaram, que ela não achou outro jeito senão o de desistir da idéia. Sei que, se por acaso, alguém se levantasse para molestá-la, ver-se-ia contra cinquenta que a defenderiam.³³⁵

A representação da escola e da professora é um dos pontos importantes de outra narrativa, a história intitulada de *El-Rei, Dom Sapo*.³³⁶ Este conto apareceu originalmente com uma primeira parte ausente das edições posteriores e outro subtítulo (*contra o analfabetismo*). Naquela versão foi apresentada a “história de um menino de nove anos que tendo sido muito fraco na primeira idade à força de cuidados, fortificou-se e vai para a escola pela primeira vez.”³³⁷ Atrapalhado, foge do local de estudo e é acolhido por uma menina rica que o leva para casa, onde sua mãe lhe falará da importância da escola para a vida.

A segunda parte, que prevaleceu nas demais edições, narra as desventuras de Agapito, um menino negro³³⁸ que, adotado por um casal de velhinhos, *nhô* Fidélis e *nhá* Vicência, residentes no Sítio Campestre veio a se mostrar durante a sua infância um garoto maldoso – o terror de plantas e animais – e de tal forma que acabou por condenar às pragas o sítio no qual vivia.

Agapito, responsabilizado pela degradação do local, é enviado posteriormente à escola – vislumbrada como a solução devido à chegada de um recenseador, o professor Augusto. No decorrer das aulas descobre que causara grande prejuízo ao sítio ao afastar os “bons animais”. Volta para casa e muda o seu comportamento atraindo novamente todos os bichos que afastara restabelecendo assim a harmonia no Sítio Campestre.

Além da valorização da escola em duas menções significativas: a sua exaltação, na primeira parte feita por pessoas distantes do mundo do garoto analfabeto e que, segundo o julgamento implícito, saberiam o seu real valor e o recenseamento, fato ocorrido efetivamente em Piracicaba por ocasião das providências destinadas a reforma da instrução pública sob a responsabilidade de Sampaio Dória e próximo à época em que o livro foi editado, podemos

³³⁵ Andrade, p. 125.

³³⁶ Andrade, “El-Rei Dom Sapo”. In: Thales Castanho de Andrade, *Encanto e Verdade*. São Paulo: Melhoramentos, 1967. pp. 41-61.

³³⁷ Pimentel Gomes. “El-Rei Dom Sapo (contra o analfabetismo)”. *Gazeta de Piracicaba*, 04 jan. 1921, (P599, pp. 10-11).

³³⁸ A respeito de personagens negros na obra de Thales de Andrade ver o trabalho de Maria Cristina Soares de Gouvêa, “Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica”. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 1, pp. 79-91, jan./abr. 2005.

salientar o papel determinante da professora e da sua aula, para a “tomada de consciência” de Agapito ao se perceber como o pivô dos males surgidos no Sítio Campestre.

A escola é posta, desta maneira, como instrumento necessário para a educação daqueles que destituídos de seus ensinamentos elementares não podem conviver em harmonia com a natureza, considerados os limites do que se entendia como imprescindível para a boa convivência entre os homens e os animais considerados úteis. Da mesma maneira trata-se de oferecer para Agapito os rudimentos do que se entende por bom ou mal para o adequado aproveitamento da terra. De fato, a mudança de comportamento lhe propicia a reversão do problema e a sua futura prosperidade.

Em *O melhor presente*³³⁹, outro conto ambientado no campo, desta feita na Fazenda do Retiro, ocorre uma intervenção semelhante à descrição da aproximação do homem do campo com a educação. Na região, às vésperas da festa de São João, chega à moradia dos empregados, nhô Vadô e nhá Veva, o padrinho de Aristarco, apelidado de Tataco, o seu último filho do casal que iria completar dez anos no dia seguinte.

Embora não tivessem costume de receberem presentes, Tataco recebe do Sr. Galhardo³⁴⁰ o que de melhor poderia ser oferecido: a educação.

Diante das palavras do padrinho o menino pensa que lhe havia faltado com educação e um mal estar se instala na casa. Galhardo esclarece a situação, dizendo-lhe que ele “é atencioso, gentil e obediente”, um “modelo de boa educação” e que seus pais poderiam se orgulhar disso. Continua afirmando que educação exige, porém, mais do que obediência e delicadeza:

*É educado quem aprendeu a ser são e forte e recebeu instruções a respeito do mundo, do homem, dos animais, das plantas, dos seres inanimados... Está educado quem se habituou a aperfeiçoar o corpo, a inteligência e os sentimentos. Educou-se quem aprendeu a vencer as dificuldades da vida, sabendo escolher as melhores coisas e o melhor caminho (...).*³⁴¹

O conceito de educação, neste livro está mais abrangente. Na fala de Galhardo aparecem outras idéias relativas ao tema que, ditas ao leitor e ao menino expõe também a concepção do autor naquele momento.

³³⁹ Andrade, *O melhor presente*. São Paulo: Melhoramentos, 1947.

³⁴⁰ Tomas Galhardo. Mesmo nome do educador e autor de cartilhas e livros de leituras.

³⁴¹ Andrade. Op. Cit. p. 17.

Desta forma, somos informados por meio da leitura que “a educação é o aperfeiçoamento completo de nós mesmos” e que “deveria principiar o quanto antes, no início de nossa existência.”³⁴²

A escola, em sua forma física, não está presente nesta narrativa. Entretanto, o próprio Galhardo se encarrega de ensinar os primeiros passos para o Aristarco, oferecendo-lhe inclusive todo o material e livros necessários para a sua instrução. A descrição é como a de uma aula introdutória na qual a criança tem diante de si os principais instrumentos que utilizará nesta jornada.

Assim, são lhe apresentados diversos objetos como a cartilha, o Primeiro livro, o Segundo livro, o Terceiro livro etc. Também é explicado ao menino a necessidade de gradação na leitura, iniciada pela cartilha. Guiado por alguém, continua o mestre, aprende a ler, após isso, como a criança que se exercita nas primeiras caminhadas, também se aprende a se desenvolver na leitura.³⁴³ O padrinho afirma-lhe que o acompanhará na cartilha mas que tem certeza que o menino lerá os demais volumes deixados e salienta que os livros são verdadeiros mestres. Na relação de livros encontram-se, entre os mencionados, com pequenos volumes da Biblioteca Infantil, *O Brasil, Os Brasileiros, O Guia da Saúde, O Guia do Lavrador*.³⁴⁴

O resultado da intervenção na vida do menino tem os melhores resultados. Além de se educar com suas leituras também ensina aos pais, orienta todos os moradores da fazenda, promove benfeitorias que se estendem para a área da saúde, das construções e das plantações. Por fim, ao se tornar adulto, é convidado pelo próprio dono do Retiro para se tornar administrador do local e, a seguir, sócio do empreendimento. O seu maior sonho é, todavia, a instalação de uma escola pública. O sonho é realizado com a inauguração de uma escola mista no Retiro. Especialmente convidado para o ato, o educador Tomás Galhardo discursa para os pequenos salientando a importância da educação.

Thales recorre nesta narrativa ao nome do educador Tomaz Galhardo, para ele, uma das referências da maior importância. Além de utilizar os seus livros nos primeiros anos de formação e posteriormente em sala de aula, conforme relatou no artigo “Gratidão”³⁴⁵, resgata

³⁴² Andrade, *O melhor presente*. p. 17.

³⁴³ Ibid., p. 21.

³⁴⁴ Ibid., pp. 21-23.

³⁴⁵ Andrade. “Gratidão”. *Jornal de Piracicaba*, op. Cit.

a própria figura do autor numa homenagem que o transforma em um dos personagens de seu livro.³⁴⁶

Há no conto *A Rainha dos Reis*³⁴⁷ uma peculiaridade, se o compararmos aos demais que abordam questões relativas à escolarização de maneira objetiva. Esta história exige dois momentos para a análise. Inicialmente ela destaca a escola da mesma forma que as outras citadas anteriormente. Ou seja, há um protagonista que, envolvido de alguma maneira pela escola, expõe a sua importância diante de outros personagens e do leitor e, num segundo momento, ele próprio ou, neste caso, dois secundaristas, Luís e Maria, alunos do ginásio que foram passar as férias na fazenda de seus pais, tomam a si a tarefa de narrar as histórias que pretendem levar ao conhecimento do seu público.

Por meio deste recurso estilístico do autor é que iremos encontrar os principais personagens diante das crianças moradoras da fazenda. É Luís quem principia a explanação sobre os assuntos de cunho científico. Assume, informalmente, o lugar do professor, pois antes de sua chegada as crianças cuidavam de brincar de mestre e alunos, como sempre faziam, reproduzindo desta maneira, “as lições aprendidas em tempo de aula na escola do bairro.”³⁴⁸

Atendendo aos pedidos dos pequenos, motivados por uma explicação a respeito da lua, Luís e Maria passam a relatar histórias de rainhas e reis: São Luis, da França, um exemplo de um rei virtuoso e Nero, imperador romano, um rei tirano.³⁴⁹

O episódio também serve para introduzir o conceito de absolutismo e indicar uma alternativa de governo, por meio da qual é introduzido um dispositivo de controle contra os abusos. Nesse sentido, a história de um outro rei, João-Sem-Terra³⁵⁰, ilustra o nascimento da Constituição. A conclusão dos assistentes é que os reis mandam, mas são governados. Luis completa o raciocínio afirmando que a constituição representa a vontade do povo, está acima dos soberanos, é a Rainha dos reis. Na república ela seria o presidente dos presidentes.³⁵¹ A “lição”, não acaba ali, pelo menos para Maria que em outra oportunidade, ainda na fazenda,

³⁴⁶ O nome Aristarco, atribuído ao protagonista, lembra por sua vez, o diretor do Ateneu que é um personagem de Raul Pompéia calcado na figura histórica de Abílio César Borges: o barão de Macahubas, autor conhecido de uma série de livros didáticos que ainda circulava nas primeiras décadas do século vinte. Sobre o barão de Macahubas, conferir Diane Valdez, *A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio César Borges: o barão de Macahubas (1856-1891)*. (Dissertação de Mestrado), São Paulo: FEUSP, 2006.

³⁴⁷ Andrade, *A Rainha dos Reis*. 3ª ed. Revista. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1947.

³⁴⁸ Ibid., p. 11.

³⁴⁹ Ibid., p. 56. Ao final de cada história contada a respeito dos reis são indicadas as fontes que serviram de inspiração ao autor: “Pe. Croiset. *Ano Cristão*, Vol. VIII, pp. 315 a 324, para S. Luís e César Cantú. *História Universal*, Vol. V, pp. 35 a 56, para Nero.

³⁵⁰ Fonte citada: César Cantú. *História universal* Vol. X, pp. 304-310. Ibid., p. 56.

³⁵¹ Andrade, *A Rainha dos Reis*, p. 28.

conversa com Luis que a propósito de um formigueiro – volta de passagem ao argumento do conto *Dona Içá Rainha* – retomam o assunto da monarquia absolutista.

Quando os personagens voltam à escola, ainda mais uma vez o tema seria retomado, servindo de pretexto, desta vez, o comentário do diretor a respeito da modificação de uma lei que permitiria aos alunos uma segunda chamada para os exames. Chama a atenção do caráter das leis que ao apresentarem defeitos são reformuladas. A oportunidade seria também propícia, segundo o diretor, para falar algumas palavras a respeito da constituição, a lei de todas as leis.³⁵²

Neste ponto a explicação é aprofundada pela fala autorizada do diretor do ginásio. Ele afirma que para se evitar divergências e conflitos é preciso a presença de um governo, de alguém que exerça esta função sem que, entretanto, tenha poder absoluto. Para que não se torne caprichoso, despótico, tirano deve obedecer à constituição, na qual se encontram as declarações de seus deveres e suas atribuições. Uma sociedade para viver e prosperar, continua o diretor, precisaria de estatutos e diretoria: governo e constituição. Essa constituição, todavia, deve ser modificada em conformidade com a experiência adquirida e as necessidades impostas pelo progresso. No caso brasileiro, por exemplo, na passagem da monarquia para a república, era necessário mudar a constituição e mesmo durante o novo regime o Brasil sentiu a necessidade de melhorar a sua *lei magna*, realizando, para tanto, as devidas alterações.³⁵³

Esse procedimento é passível de ser observado também em outras histórias que escreveu. O exemplo a seguir ilustra a afirmação e resgata o tema da constituição.

O livro *Ensinando a Constituição*³⁵⁴, feito sob encomenda ao autor pela Divisão de Educação Extra-Escolar do MEC, no início dos anos de 1960 trata da mesma idéia de apresentar a Carta Magna às crianças e jovens. Nele os mesmos conteúdos são re-trabalhados pelo autor que agora ambienta a história no Arraialzinho do Campão, outra localidade campestre.

No enredo, Patrícia, professora que vai se iniciar no magistério em uma escola isolada, criada pelo governo no interior, matricula a gente do lugar e da região do entorno. Em visita a um dos ranchinhos próximos a jovem mestra explica a um rapaz que pratica a caça porque aquele ato é proibido por uma lei decorrente da constituição. Diante da curiosidade geral a respeito das leis e de dos direitos que elas garantem aos cidadãos, combinam de se encontrar

³⁵² Andrade, *A Rainha dos Reis*, pp. 48-50.

³⁵³ Ibid., pp. 50-51.

³⁵⁴ Andrade, *Ensinando a Constituição*. Campanha de Assistência ao Estudante, Divisão de Educação Extra-Escolar, Departamento Nacional de Educação, Ministério da Educação e Cultura, s/d.

no ranchinho e posteriormente, aos domingos na vila para aprenderem mais sobre o conteúdo e o significado da Constituição.

A comunidade se organiza, consegue cópias da carta constitucional e passa a se encontrar no salão da escola aos domingos e feriados por volta do meio dia para as “conversações” orientadas pela professora.

Determinada a origem da carta magna, a exemplo do livro *Rainha dos Reis* e citando a mesma fonte bibliográfica, passa-se à explicação do conceito de constituição, das condições para a sua instalação e os conteúdos trazidos pela lei.

Durante os encontros as explicações são enriquecidas por analogias trazidas pelos moradores os quais se ancoram em situações de uso comum ou cotidianas. Deste modo a forma sucinta do documento, que cabe num livrinho, é exemplificada por um dos moradores como algo semelhante aos Dez Mandamentos, “uma espécie de constituição para os cristãos”³⁵⁵ e pensando a propósito da elaboração da carta pelos representantes do povo, encontram um exemplo no clube local no qual parte de seus afiliados prepararam o estatuto que orienta o seu uso e funcionamento.

Os assuntos das conversações são abrangentes. Consideram, além da pertinência da constituição para um Estado organizado e os seus variados aspectos legais, as questões dos direitos dos cidadãos garantidos na carta. Abaixo dois destaques demonstram como o autor reitera os temas que eleger.

Um dos primeiros, ainda no rancho visitado, trata dos esclarecimentos a respeito dos direitos dos lavradores, “os mais numerosos do país, deles dependendo os habitantes das cidades”, segundo a explicação da professora. Assim, a opção pela ambientação campestre não está reduzida à caracterização da comunidade do Arraialzinho do Campão. As discussões serviriam para que as pessoas soubessem que na constituição há garantia de direitos para todos e, conseqüentemente, o compromisso de propiciar a melhoria das condições de vida dos moradores da roça incluindo, nesse sentido, o direito à propriedade e a assistência do governo para os empreendimentos agropecuários e a para a educação.³⁵⁶

O analfabetismo é outro tema vinculado aos interesses expostos tanto na narrativa quanto no conjunto da obra do autor. A questão é apresentada aos moradores segundo a perspectiva constitucional, a qual expõe a solução do problema como uma decorrência do

³⁵⁵ Andrade, *Ensinando a Constituição*, p. 18.

³⁵⁶ *Ibid.*, pp. 19-20.

exercício da cidadania, esta, entendida como a possibilidade de eleger e ser eleito, excetuando-se os casos previstos em lei.³⁵⁷

Entretanto, mesmo o texto constitucional não é entendido como uma limitação às possibilidades de representação, ou segundo os depoimentos, “de poder ajudar a escolher as pessoas que devem governar”, pois outro de seus dispositivos prevê a solução.

Recorrendo à Carta a professora destaca o Capítulo Segundo, Artigo 168, Itens 1, 2 e 3, os quais declaram a obrigatoriedade do ensino primário, ministrado em língua nacional e gratuito para todos e que “ ‘as empresas industriais, comerciais e agrícolas, em que trabalham mais de cem pessoas, são obrigadas a manter ensino primário gratuito para os seus servidores e os filhos deles.’ ”

Aprovada a explicação pela assistência a professora acrescenta que o governo promove uma “intensa e extensa campanha de ‘extinção do analfabetismo’ em todo o território nacional”.

Justificadas as providências tomadas pelo governo, em acordo com a legislação, é eximida a sua responsabilidade, ainda mais que um dos moradores cobra a contrapartida da população que tem o dever de “querer aprender”, e de “incutir esses propósitos na cabeça de todos os que não sabem ler e escrever”.

A alfabetização é vista, desta maneira, como um problema em vias de solução, bastando para tanto a boa vontade da população, pois a Constituição garante, do ponto de vista legal, o direito aos estudos de todos os brasileiros até o ponto necessário ao exercício da cidadania. Por sua vez, o depoimento da mestra demonstra que a viabilidade do empreendimento depende menos das ações governamentais, as quais se efetivam através da campanha de alfabetização, do que da boa vontade das pessoas que se recusam a aprender. Os problemas sociais, decorrentes da distribuição de renda ou condições de vida e de trabalho não são abordados na narrativa e, portanto, não oferecem argumentos para o contraponto. Entretanto, a flagrante contradição aparece tão logo conhecemos o Arraialzinho do Campão, o distante local onde foi trabalhar a professora, em uma Escola Isolada. Para tanto, utilizamos o diálogo de um dos seus moradores, o Sr. João Serafim, que assim descreve a região:

– Arraialzinho é lugar por onde passa o córrego Campão, assim chamado porque vem de um campo enorme. É ainda novo, padecendo falta de muita coisa: cartório, eletricidade, telefone, cinema, cemitério, posto de polícia... Por felicidade,

³⁵⁷ Segundo a Carta de 1946, base para o texto do *Ensinando a Constituição*, os brasileiros – natos ou naturalizados – alfabetizados e maiores de 18 anos poderiam ser eleitores. Conf. Art. 131 e Art. 132, Havia ainda outra exclusão do quadro de eleitores: os denominados de “praças de pré, salvo os aspirantes a oficial, os suboficiais, os subtenentes, os sargentos e os alunos das escolas militares de ensino superior”. Art. 132, § único.

*não padecerá mais a triste falta de escola para a “turma” de meninas e meninos – alguns já taludos. Pois eles vão aprender a ler, a escrever e a contar com a Senhora.*³⁵⁸

Também é possível inferir que a propalada campanha nacional de alfabetização não havia atingido ainda o Arraialzinho, pois durante a matrícula a professora verificou que diversos pais não sabiam ler e se propôs a organizar um curso especial em horário adequado para o seu atendimento. A idéia seria aceita como dádiva:

*De braços abertos e com as duas mãos, como se fala, aceitaram-lhe o oferecimento.*³⁵⁹

As distâncias entre o seu local de origem e a escola que pretende lecionar poderiam ainda ser comparadas à descrita no romance de Dora Lice, ainda em meados dos anos vinte, embora o conforto e rapidez da viagem seja completamente diferente de um caso para o outro. No livro de Dora Lice a professora e o filho viajam horas a fio sobre um trole em estradas esburacadas e poeirentas, enfrentando chuvas e muitas outras adversidades.³⁶⁰

Patrícia, por sua vez, já no início dos anos sessenta, desembarca de um avião, após “hora e tanto” de vôo, toma um ônibus e ao final da linha, depois de passar por vilas, cidades, fazendas e sítios, ainda faltando “mais de légua” para a chegada ao Arraialzinho, encontra-se com o casal e a filha que a aguardam de jipe para levá-la ao seu destino final.³⁶¹

A semelhança entre os dois casos ocorre, evidentemente, não na forma de vencer as distâncias, mas no fato de que o preenchimento do cargo ainda se dava, de acordo com o enredo, em situações pouco adequadas. Temos que considerar, entretanto, que a história está repleta das reminiscências do autor que viveu a situação de professor de escola isolada no início de sua carreira. Porém essa opção na narrativa é outro dos elementos que denuncia, contraditoriamente, o quadro descrito de que a escola estaria alcançando, sem maiores atropelos, todos os recantos do país.

³⁵⁸ Andrade, *Ensinando a Constituição*, p. 10.

³⁵⁹ Ibid., p. 12.

³⁶⁰ Dora Lice, *O calvário de uma professora*. São Paulo: Estabelecimento Gráfico irmãos Ferraz, 1928. O livro descreve as vicissitudes de uma professora de escola isolada e de grupos escolares do interior paulista. O enredo propicia a visão da organização do ensino público de São Paulo no período e procura demonstrar em que condições de trabalho eram submetidas as professoras. Ver também: Moraes, *Literatura, memória e ação política...* Op. Cit. Na dissertação a autora analisa quatro romances escritos por professores. Além do livro de Dora Lice, há *O professor Jeremias*, de Leo Vaz; *Alegrias, Agruras e Tristezas de um professor*, de autoria de Raimundo Pastor; e *O professor policarpo*, de Máximo de Moura Santos.

³⁶¹ Andrade, *Ensinando a Constituição*, p. 9.

Toda essa produção literária que apresentamos acima oferece exemplos de vínculos com o ambiente escolar. A seguir mostraremos que a educação também se dá por meio dos acontecimentos vividos e dos exemplos de pais, familiares e moradores da roça. Desta maneira temos a idéia de educação ampliada. É preciso pensar que a educação de Mário também acontece para além da humilde sala na qual Dona Alzira, a professora retratada no *Saudade*, ensina aos meninos os rudimentos da leitura, da escrita e outras lições nas quais as crianças aprendem a se comportar de maneira solidária ou como se prevenir de acidentes calçando apenas um par de sapatos haveria espaço de aprendizagem também no cotidiano. Mário e o seu leitor seguem uma trajetória específica. Não estão apenas se escolarizando. Estão aprendendo, ao mesmo tempo, a cultura escolar e vivenciando a experiência de vida no mundo rural.

Assim, a roça também oferece lições. Visitando um dos sítios da redondeza Mário vê pela primeira vez uma criação de abelhas. Gabriel, o filho de Alexandre, o dono do sítio local explana sobre a lida com as colméias e os segredos da produção do mel e da cera. Mário garante que levará ao pai a idéia do empreendimento.

Em “A Roça do Raul”, seção do texto posteriormente ampliada em outro livro de Thales³⁶², vemos o primo Juvenal e Mário conversando com seu visinho Raul que lhes explica como cuida de sua produção e o quanto esta lhe rende anualmente. Afirma que recebe orientação do pai naquilo que é pouco prático. O encontro inspira Mário a fazer ele também a sua roça.

A educação do homem do campo também chega ao protagonista pelas assinaturas de revistas e jornais de Raimundo. Uma delas, a revista agrícola *Chácaras e Quintais*, ensina “métodos modernos” ao pai de Mário e orienta a criação de galinhas de sua mãe, Dona Emília.

Ouvir o pai na sua lida diária também é proveitoso ao menino Mário. Numa dessas ocasiões ele presencia a chegada de mudas doadas pelo governo. Admirado com o acontecimento Mário quer saber mais e o pai não se faz de rogado. Afirma ao filho que é obrigação dos governos fazerem o possível para auxiliar os lavradores e criadores. A seguir detalha as providências dos governantes para atender o homem do campo em suas necessidades:

³⁶² Andrade, *Vida na Roça*. Op. Cit.

*Fornecem, gratuitamente, mudas de árvores frutíferas, florestais e ornamentais. Remetem sementes selecionadas, de todos os cereais e plantas úteis. Concedem prêmios aos melhores agricultores e criadores. Distribuem publicações em folhetos e livros com ensinamentos sobre plantas e animais. Pagam uma turma de inspetores agrícolas, que percorrem a lavoura, combatendo pragas e modos atrasados de cultura. Não cobram impostos sobre máquinas agrícolas, animais de raça e materiais para adubos. Criam e mantêm, escolas superiores de agricultura, aprendizados agrícolas, núcleos coloniais, campos de cultura, campos experimentais, hortos florestais, postos zootécnicos, ensino agrícola ambulante...*³⁶³

E se há um trabalho tão diligente por parte dos governantes, o que ocorre com gente como Zé Feliz que vive na miséria em uma casinha pequena, baixinha, mal coberta, mal barreada, tal como o retrato de Jeca Tatu, pintado por Monteiro Lobato?

Conforme vimos anteriormente, Raimundo justifica as desventuras do vizinho relatando a Mário a doença de Zé Feliz contraída no sertão. Assim, a sua condição o deixaria indisposto para o trabalho, embora ali no sítio, e no estado em que se encontrava, ainda tivesse o mínimo de subsistência e uma qualidade de vida melhor do que na cidade, onde a penúria fatalmente o atingiria.

Outra forma de aprender as coisas da roça, mais distante das elaboradas justificativas para o ensino das vantagens de morar no campo, seria acompanhar nhô Lau em suas caminhadas ou ouvi-lo contar seus causos. Juvenal e Mário aprendem como fabricar utensílio usando os recursos do campo e ouvem o empregado contar histórias que sempre lhes traz algo de novo.

Os meninos também aprendem a ser patriotas com a visita de uma “Companhia de Guerra” acompanhada de algumas “patrulhas” de escoteiro a região. Os escoteiros conversam com a criançada, lhes explicam que aprendiam tudo o que era útil ao espírito e ao corpo, que se tornavam “bons, pacientes e dedicados, mas fortes e destemidos”. Em seguida assistem a formação, a chegada da bandeira, o rufar dos tambores, a banda de música tocando o hino nacional.³⁶⁴

De forma geral, vimos como em Thales de Andrade a literatura está a serviço da educação. Suas narrativas estão sempre sintonizadas à ambientação rural, escolhida como mote pelo autor, e contextualizadas ao universo infantil, na maioria dos casos. Poderíamos

³⁶³ Andrade, *Saudade*. Op. Cit. pp. 176-77.

³⁶⁴ Ibid., pp. 237-40.

também arriscar dizer, que essa produção literária construiu a própria idéia do mundo rural como uma Cena – em um paralelo com o Sítio do Lobato? – servindo como um dos instrumentos educativos da obra, servindo como lugar privilegiado de desejo do autor para o desenvolvimento e uma das suas principais características estilísticas/estruturais.

Capítulo IV: a cidade e os perfis de Thales de Andrade

É nosso objetivo nesta parte do texto tecer algumas considerações na forma de um último capítulo que propicie o avanço da análise, completando o estudo proposto sobre Thales Castanho de Andrade, e ao mesmo tempo, ao modo de uma conclusão, que avalie o resultado do próprio trabalho de pesquisa.

É o momento de abordarmos a questão da produção da memória sobre Thales. Utilizando como matéria-prima para a pesquisa textos literários do autor e matérias dos principais jornais piracicabanos do período focalizado, pudemos apresentar uma interpretação da vida e a obra do autor. Mas, nos questionamentos realizados a partir da confrontação dessas fontes, tivemos também a oportunidade de verificar que a própria cidade de Piracicaba apresentou condições para a observação de cenários e personagens que remetem a essa memória. A cidade das primeiras décadas do século XX, compreendida em sua área rural e urbana, se tornou um dos componentes deste trabalho e foi acompanhada durante toda a trajetória desta análise: os documentos investigados fazem referências à cidade e aos seus personagens – ela própria sendo um personagem nesta pesquisa³⁶⁵.

Ora, verificamos, ainda, que esses discursos sobre o autor, a sua obra, e a sua cidade, foram retomados e reatualizados num período posterior, de maneira que retornam na produção das últimas décadas de e sobre Thales conservada em acervos da cidade. Durante o desenvolvimento da pesquisa ficou evidente a intenção destes autores que escreveram mais recentemente sobre Thales de conservar uma ligação entre o passado, especialmente aquele que destaca o Thales porta-voz do mundo rural, e o presente da cidade, e, simultaneamente,

³⁶⁵ M.L.S. Hilsdorf utilizou essa perspectiva para construir seu artigo “Lourenço Filho em Piracicaba”... Op. Cit.

que o fizeram, pelos seus procedimentos de destacar, recortar e aprofundar certos tópicos, construindo eles também um olhar e uma memória sobre aquele passado, colocada à disposição de seus leitores atuais e futuros. A nossa hipótese a esse respeito é que ao longo do tempo a cidade vem construindo a associação “Thales, o autor e educador caipiracicabano”, e se construindo como o lugar desse Thales.

Considerando essas questões, colocamos em destaque nesta seção do texto esse tipo particular de fonte que já viemos frequentemente pontuando, mas que é aqui retomado de maneira sistemática, quase como um objeto de pesquisa. Trata-se então, da análise de três volumes da hemeroteca da Biblioteca Municipal de Piracicaba “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”, denominados a partir de agora de *pastas de recortes de jornais*.³⁶⁶

Ao apreciarmos estas *pastas*, organizadas pelos funcionários da biblioteca, pretendemos demonstrar certos aspectos da construção da memória de Thales de Andrade que delineiam os seus perfis mais conhecidos e divulgados. Os conteúdos principais da análise são remetidos aos discursos dos cidadãos piracicabanos divulgados pela imprensa, e ao autor em questão.

1. Em busca das fontes sobre Thales de Andrade: fragmentos de memória

O conjunto de recortes conformados sob o tema Thales de Andrade para a hemeroteca, e denominados de *pastas*, ao serem extraídos do veículo de imprensa do qual faziam parte, adquirem nesta outra forma de organização um novo estatuto. Não são mais tão somente textos jornalísticos. Recortados dos seus antigos suportes passam a constituir outra materialidade, um novo objeto cultural, o qual guarda marcas da sua produção e dos seus usos enquanto material de imprensa.³⁶⁷ Não são, porém, um impresso. Os percursos de produção e distribuição de impressos são invertidos na configuração de *pastas*. Teriam ocorrido antes, ainda quando eram jornais. Mas agora, reunidos aleatoriamente sem ordenação temática ou cronológica, por exemplo, aparecem como uma coletânea reduzida a um único assunto, Thales de Andrade, e organizada pelos funcionários da instituição municipal.

³⁶⁶ Inicialmente os recortes eram acondicionados em pastas A-Z. Com o passar do tempo foram reorganizados em volumes encadernados. Entretanto, a antiga denominação de *pastas* perseverou entre os funcionários da Biblioteca e assim continuam a serem identificados.

³⁶⁷ Cf.: Maurilane Souza Biccas; Marta Maria Chagas de Carvalho, “Reforma escolar e práticas de leitura de professores: a Revista do Ensino”. In: Marta Maria Chagas de Carvalho; Diana Gonçalves Vidal. (Org.). *Biblioteca e formação docente: percursos de leitura (1902-1935)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 63.

Ao contexto de produção das *pastas* soma-se outra forma de apropriação dos conteúdos gerando novos produtos culturais pela via das *pastas* e não pelo caminho dos acervos dos jornais originais. Tem-se então outro objeto da cultura, que é algo como um impresso reconfigurado sendo oferecido como uma nova fonte à pesquisa.

As *pastas* assim compostas também apresentam especificidades no que diz respeito ao seu uso. Devido à sua localização, pública e acessível, a Biblioteca Municipal, podemos dizer que elas ocupam um lugar privilegiado no que se refere à criação de uma estratégia, a saber, a de deixar ler, na delimitação do tema, uma seleção de discursos que colaborariam na formação da memória de Thales de Andrade. Por outro lado, os conteúdos destes textos também oferecem indícios para a apreensão das possibilidades de consultas do acervo.

As questões decorrentes da abordagem relativa aos perfis recuperados a partir dessa fonte, ou seja, as *Pastas de Recortes de Jornais* da hemeroteca da Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba apresentam algumas características semelhantes àquelas identificadas às especificidades das poliantéias, conforme nos informa Catani em relação à *Polianteia Comemorativa do 1º Centenário do Ensino Normal em São Paulo*. A autora, nesse texto, menciona suas funções de celebração do campo educacional e de colaboração “para a instauração de uma memória harmônica do espaço profissional”³⁶⁸. No caso das *pastas*, utilizadas na presente análise, ocorre fato semelhante, se bem que, desta vez, com a memória construída a respeito do escritor e educador Thales de Andrade e não apenas relacionada ao campo educacional³⁶⁹.

Assim, se por um lado há a celebração do autor, conforme será averiguado em alguns dos textos examinados, por outro lado também será possível vislumbrar, em alguma medida, a prática pedagógica e literária do educador Thales de Andrade, ainda utilizando como fonte o mesmo material. Thales, embora tenha sido a um só tempo professor e escritor de literatura infanto-juvenil, teve projetado mais o seu trabalho literário do que o seu legado como educador. Entretanto, na leitura dos textos selecionados para as *pastas* deparamos, como já foi dito, com comentários e depoimentos de ex-alunos sobre as suas aulas, fato que permite o levantamento de questões a respeito do seu pensamento e atuação relativos às questões da educação escolar.

³⁶⁸ Denice Bárbara Catani, “A memória como questão no campo da produção educacional: uma reflexão”. *História da Educação*. Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, nº4, 1998, p. 124.

³⁶⁹ O conceito de campo utilizado neste trabalho, para auxiliar a caracterização das duas esferas de atuação de Thales Castanho de Andrade: educação e literatura, é o mesmo definido por Pierre Bourdieu, “Algumas Propriedades dos Campos”. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983, pp. 89-94.

Além das *pastas*, na verificação dos perfis de Thales de Andrade, foi consultada, a bibliografia referenciada e o arquivo de jornais do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) para completar e localizar as informações que aparecem truncadas nos recortes. Esse procedimento foi acionado para tentar solucionar este aspecto da fragmentação da memória que ficou evidenciado quando realizamos a investigação com esse tipo de fonte.

Ao chegar a Piracicaba, o pesquisador, em um primeiro momento, ao buscar material relativo ao autor em locais públicos de fácil acesso, naturalmente encontrará na Biblioteca Municipal o lugar mais indicado. Ali, em questão de minutos, terá em suas mãos as *pastas* da hemeroteca contendo recortes de jornais locais.

Organizada por temas variados, a hemeroteca dispõe de recortes que tratam desde questões referentes à história de Piracicaba, de suas personalidades e demais assuntos correlatos até problemas do cotidiano. O material é recolhido durante o ano e selecionado em virtude de sua relevância. Se considerado pertinente, pelos funcionários, é confeccionada uma nova “pasta”.

Em algumas delas é possível colher muitas informações acerca de Thales considerando que a imprensa local serviu de base para a guarda de parte relevante de sua memória.

A projeção nacional e internacional que ganhou o autor não deixou alheios os piracicabanos – há trabalhos a respeito do autor resultantes de pesquisas nos jornais – e a cidade mantém vestígios de sua presença em algumas referências locais: busto em praça pública, livros publicados, datas comemorativas. Desse modo, todo esse contexto de informação e rememoração pode ser facilmente remetido às *pastas*, ou materiais a elas análogos, perfazendo desta maneira um significativo conjunto de dados que encerram a memória relativa a Thales de Andrade. Memória esta, entendida como aquelas formas descritas por Jacques Le Goff dentre as quais estariam previstas “a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável”, enfim da inscrição do autor, mas também a memória que considera o “documento/monumento” como suporte. Ampliando o conceito, a memória, ainda segundo este mesmo autor, é vista como um “fenômeno individual e psicológico” vinculado à vida social, variando de acordo com a presença ou a ausência da escrita e sendo “objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado, produz diversos tipos de *documento/monumento*, faz escrever a história, acumular objetos. A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social e político: trata-se da

aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo”.³⁷⁰

Não nos foi possível determinar o início preciso da prática da hemeroteca e nem das *pastas* dedicadas ao tema Thales de Andrade, embora a concentração de matérias dos anos de 1970 indique ser essa a época provável. Nesse sentido, não há quaisquer registros que mencionem a data de tombamento das *pastas*, até porque os próprios números de tombamento variam de acordo com as determinações dos funcionários que substituíram os anteriores no sistema de rodízio realizado junto a este setor. Assim, pode-se dizer que, apesar de tratar da memória da cidade, não houve a preservação da própria memória do acervo. A hemeroteca é também caracterizada por sua transitoriedade. Esta é justificada pelos funcionários da biblioteca devido a fatores como limitação do espaço físico e ausência de recursos que pudessem conservar todo o material, como a microfilmagem ou a digitalização. Desta forma, determinou-se o critério da seleção do acervo da hemeroteca: os recortes são preservados enquanto forem considerados relevantes e apresentarem atualidade, sendo descartados tão logo os temas dos quais tratam apareçam em outros tipos de publicações, exceção feita às notícias sobre Piracicaba, dentre os quais aparecem os concernentes a Thales de Andrade.

Os recortes sobre Thales, encadernados em três volumes espiralados³⁷¹ em tamanho ofício e encapados em plástico transparente e preto – capa e contracapa, respectivamente – são, até onde foi possível verificar, de jornais piracicabanos publicados entre os anos 1970 a 1996, sendo que dezenove textos datam dos anos 70, época do falecimento de Thales de Andrade, em 2.10.1977. Outro período rico em informação é a década de 80, com quinze textos, nove dos quais pertencentes a uma série sobre o autor escrita por Newton Nebel dos Santos e seis compostos para outra série a cargo de João Chiarini. O ano das comemorações do centenário do nascimento do autor, 1990, deixou dezesseis registros escritos sobre Thales nas *pastas* consultadas. Apenas um deles tem data de 1996. Portanto, apesar do início de sua carreira profissional ter sido nos anos vinte, os registros datam das décadas de 1970, 1980 e 1990. Encontra-se nas *pastas* somente uma matéria datada de 20 de maio de 1919, mesmo

³⁷⁰ Jacques Lê Goff, *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão... [et al.]. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, pp. 419, 427-29.

³⁷¹ Identificados na biblioteca conforme relação a seguir: P597, com 50 páginas numeradas no canto inferior direito; P598, com 30 páginas sem numeração; P599, sem numeração até a página 13 e numeradas a partir daí até a página 30. A letra “P” identifica os volumes com textos relativos à Piracicaba e os números identificam a ordem de tombo. Esses volumes estavam, na ocasião da primeira visita a Biblioteca, entre os dias 19 e 21 de julho de 2004, identificados pelos números nº. 2842, nº. 2845, nº. 2846 na folha de rosto de cada um deles. Em visita mais recente – entre os dias 18 a 21 de julho de 2005 – foi constatada a substituição desses números por esta outra forma de identificação. Por ocasião da redação deste trabalho, em nova consulta aos funcionários da biblioteca, soube-se que a numeração havia novamente sido alterada.

assim essa data é uma referência ao dia em que foi escrita e não o de sua publicação. Posteriormente, ao ser confrontado com o jornal, arquivado no Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, foi possível verificar a sua origem: trata-se do texto *A Filha da Floresta*, de autoria de Dr. Ozório de Souza, publicado na edição de 22.5.1919 da *Gazeta de Piracicaba*.

Há dezoito textos sem registro de datas, alguns deles sem identificação de origem dificultando, desta maneira, a determinação do dia da publicação ou do veículo de onde ele foi retirado.

No conjunto de recortes se encontram noventa e seis matérias escritas. São artigos (a maior parte deles), crônicas, notícias, notas, pequenas reportagens, poesias, cartas remetidas ao autor, a reprodução de uma página de um dicionário de autores paulistas com biografia de Thales e, em outras quatro folhas, a mesma informação datilografada, um editorial, repetido cinco vezes com diferentes datas, um discurso do Presidente da Câmara Municipal de Piracicaba, um cartão postal e outros textos de autores não identificados. As *pastas* contam também com algumas ilustrações sugerindo páginas de rosto de matérias, de cadernos e de suplementos especiais sobre o tema. Um ou outro texto é acompanhado por ilustração ou fotografia.

As fotografias retratando as situações referentes aos anos de 1970 em diante, somam um total de trinta e duas e apresentam como tema recorrente homenagens ao autor. Assim como os registros escritos, ocorrem as repetições das fotografias e ilustrações. Parcela significativa delas tem como motivo o rosto de Thales o qual, repetido em duas ou três versões diferentes, constitui um dos ícones do autor e da sua obra.

O primeiro volume, P597, contendo 50 folhas, numeradas no canto inferior direito à caneta e identificado da mesma forma pelo número 1 ao cabeçalho, apresenta na página de rosto uma biografia datilografada do autor, intitulada “Tales Castanho de Andrade”. A sua procedência é indicada pela referência ao final da folha e reproduzida da seguinte forma: MELO, Luiz Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954. p. 58. Cópias da mesma informação são distribuídas por dois dos três volumes como se segue: P597, p. 1, 3; P599, p. 4³⁷² (neste caso como cópia impressa da página do dicionário com o verbete mencionado), 9 e 20. Consultada a respeito, a bibliotecária informou desconhecer a procedência dessas páginas datilografadas

³⁷² Consideradas as inconstâncias da numeração das páginas, as referências seguirão a ordem crescente a partir da página de rosto nas três *pastas* consultadas.

com a biografia do autor. No entanto é inquestionável a escolha do verbete desse dicionário como página inicial da *pasta* para a legitimação e autenticação da expressividade de Thales de Andrade e do valor da sua obra, como um autor das letras paulistas.

São ainda do volume P597 três matérias assinadas pelo próprio Thales, sendo que duas delas são identificadas como parte de uma série denominada “Fumaças...”. Outros autores piracicabanos se destacam pelo número de textos neste primeiro conjunto de recortes: Silvio Ferraz de Arruda, Hugo Pedro Carradore, Helly de Campos Melges, Mário Pires e o já citado Newton Nebel dos Santos apresentam dois cada, sendo que deste último estão os dois primeiros de uma série de nove textos distribuídos entre o volume P597 e P599. Os textos de João Chiarini, num total de sete deste conjunto, também compõem uma série relacionada a Thales.

O segundo volume, P598, é identificado na página de rosto por “Piracicaba – Thales Castanho de Andrade ‘Personalidades’ – 1990”. Contém 30 páginas sem numeração. Tem como destaque a repetição por três vezes do editorial de Losso Netto, denominado de “Os oitenta e três anos de Thales de Andrade”. Originalmente o texto foi escrito para o *Jornal de Piracicaba* em 15 de novembro de 1973. Há duas reproduções datadas de 26 de agosto de 1990 e uma sem data. Outro texto repetido é “O Centenário de Thales de Andrade” de Adriano Nogueira, artigo da edição de maio de 1990 do encarte “Linguagem Viva” do jornal *A Tribuna Piracicabana* e publicado também pelo *Jornal de Piracicaba* no dia 27 do mesmo mês e ano.

Neste mesmo volume há diversos recortes de 15 de setembro de 1990. Trata-se do caderno denominado “Presença”, editado em comemoração ao centenário do nascimento de Thales de Andrade. Apesar do recorte com o subtítulo “Suplemento Cultural do Jornal de Piracicaba – nº 14 Ano II” e ilustrações à página 07, marcando o início da publicação, os textos não se encontram identificados, nem por nome do jornal nem por data, dificultando determinar quais deles fariam parte do mesmo material. Somente se pôde identificar a origem e verificar a ordem das matérias, de acordo com a edição original, a partir da confrontação com um exemplar completo localizado posteriormente em mãos de uma autora do Suplemento. Na ocasião foi possível observar que todos os textos desse caderno, apesar de recortados, estavam reorganizados na *pasta* no mesmo sentido de diagramação do jornal, exceção feita a uma caricatura do autor e ao título do Suplemento, ausentes no conjunto de recortes.

No terceiro volume, P599, há a reprodução em xérox das quatro cartas manuscritas de alunas de uma escola pública de São Paulo – que demos destaque num dos capítulos acima

como um vestígio da recepção da obra de Thales pelas crianças – comentando e elogiando o livro *A Filha da Floresta*, escritas em 5 de junho de 1919, conforme as indicações em duas delas. Essas cartas não estão acompanhadas de qualquer informação que possa identificar a sua origem. Ao lado de uma delas há uma reprodução de um marcador de página, identificado como tal, impresso pela Companhia Melhoramentos de São Paulo anunciando a coleção Encanto e Verdade e uma pequena nota que acusa o recebimento do conto *A Filha da Floresta*. Junto à outra missiva se observa uma pequena notificação relatando a publicação de alguns livros de Thales. Em ambas não há menção de autor, nome do jornal ou data de publicação.

Quando consultamos o acervo do IHGP, foi possível verificar a origem das cartas a partir da leitura de um texto do *Jornal de Piracicaba* tratando justamente do seu envio ao autor³⁷³. Por essa via foi possível saber que na ocasião o jornal selecionou (com Thales de Andrade?) três missivas recebidas e as publicou, são elas as de autoria das alunas Maria de Lourdes Fonseca, Lygia de Aquino e Silva e Ebbe Angelotte. As duas últimas constam na referida *pasta* acompanhadas das cartas de Alexandrina Barretti e de Antonietta Calline. Desta forma, somando-se todas, chega-se a um total de cinco cartas recuperadas.

Marcam também este volume peculiaridades como as duas últimas reproduções do editorial já citado de Losso Netto, o texto do Dr. Ozório de Souza, *A Filha da Floresta*, datado – conforme confrontação com o artigo original da *Gazeta Piracicabana* no IHGP – de 22 de maio de 1919, sete crônicas da série “Fumaças” de Thales de Andrade e os oito textos seriados de Newton Nebel dos Santos.

2. Os usos das *Pastas de Recortes*

No que se refere aos usos das *pastas* de recortes para a presente análise observamos algumas das opções feitas por José Cláudio Sooma Silva em seu trabalho *A Reforma Fernando de Azevedo: tempos escolares e sociais (Rio de Janeiro, 1927-1930)*.³⁷⁴ Ao realizar o seu estudo, Silva afirma que duas motivações o levaram a utilizar notícias de periódicos: “(1) os periódicos enquanto instrumentos de construção de representações [...]; (2) os periódicos como veículos de circulação de representações”.

³⁷³ “A Filha da Floresta”, *Jornal de Piracicaba*, 27 ago. 1919.

³⁷⁴ José Cláudio Sooma Silva, *A Reforma Fernando de Azevedo: tempos escolares e sociais (Rio de Janeiro, 1927-1930)*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 2004.

Tanto a primeira quanto a segunda opção são também passíveis de serem aplicadas ao caso desta verificação de possibilidades de construção do perfil de um autor. No caso de Silva, as consultas em recortes de jornais e revistas serviram para dar voz às pessoas que construíram representações acerca da educação, sendo que havia uma grande diversidade de profissionais naquela empreitada: educadores, médicos, engenheiros, arquitetos etc. Em relação à observação do potencial de construção de perfis de Thales de Andrade, também é possível verificar uma considerável diversidade de pessoas escrevendo a respeito de um só assunto, ainda que desta vez, não seja, como no caso do autor do Rio de Janeiro, a educação e sim um educador e escritor de literatura infantil.

Da mesma forma, os veículos consultados sugerem que foram atingidos os objetivos de fazer circular as representações e de fazer emergir diferentes apropriações – formas, maneiras de se ler e outros produtos de leituras. As matérias publicadas pelos diversos jornais, presentes nessa coletânea organizada pelos funcionários da Biblioteca de Piracicaba, dão o testemunho de como esse material foi realimentando e consolidando visões sobre Thales de Andrade, por meio dos discursos de seus concidadãos e, por consequência, por sua cidade.

Neste aspecto observamos um determinado tom repleto de elogios e homenagens o qual, aparentemente, não é o reflexo de uma seleção intencional do próprio Thales como no caso verificado pelo trabalho de Silva, quando menciona que os recortes de jornais doados por Fernando de Azevedo ao IEB-USP, devem ter passado pelo crivo desse educador antes de serem entregues ao instituto. No caso do conjunto de recortes temáticos referentes a Thales – provavelmente sem a sua interferência – o resultado poderia estar mais identificado com o próprio trabalho de coleta deste material, com as opções metodológicas utilizadas para o seu preparo e, possivelmente, com a disponibilidade dos jornais piracicabanos – eleitos para a confecção das *Pastas de Recortes* – que se dedicaram ao tema Thales de Andrade.

Uma última observação relativa à utilização da conceituação mencionada por Silva diz respeito ao caráter subjetivo dos discursos. Os elementos que servem à reflexão são compostos, afirma o autor, no embricamento das informações da memória individual com outras perspectivas oferecidas sobre a época. O assunto Thales de Andrade apresenta, nesse sentido, uma peculiaridade ao se tentar estabelecer um diálogo com o texto de Silva. Neste, têm-se discursos que, embora caminhem favoravelmente no sentido da divulgação da Reforma da Instrução de Azevedo, encontram uma voz dissonante³⁷⁵ que propicia, já a partir

³⁷⁵ Trata-se de uma crítica de Jayme Pombo Bricio Filho, professor de Química do que era anteriormente a Escola Normal e que foi, na administração de Azevedo, afastado do cargo. O professor se posiciona contra a

deste momento, a matização das informações dadas. O mesmo parece não ocorrer, quando se aborda o assunto Thales de Andrade. Todos os discursos, independentemente do fato de terem sido gerados por veículos diferentes, parecem convergir para a formação de um único bloco de representações do que significou a presença deste autor como educador e como escritor de literatura infantil para a cidade. Nesta perspectiva parece mesmo ser um discurso único da própria Piracicaba em relação a Thales Castanho de Andrade.³⁷⁶

Essa convergência de pronunciamentos, de acordo com a nossa análise nos capítulos anteriores, indica uma estratégia de formação de ações solidárias e de fortalecimento dos laços entre os agrupamentos de intelectuais piracicabanos mostrando, desta forma, mais uma confirmação da atuação e da força desses mecanismos. É possível observar esse mesmo movimento feito por Thales ao fazer homenagens às personalidades da região em seus textos – destacados abaixo – também publicados pela imprensa da cidade, mostrando que a influência também vinha dele e do grupo para a cidade. Assim, em certa medida, o próprio autor colabora para a elaboração dos seus perfis. Essas proposições indicam alguns dos caminhos que foram percorridos na análise desses recortes e na observação da sua composição como documento de consulta e pesquisa.

A síntese de vozes destas construções discursivas é retratada nos jornais e posteriormente nas *pastas*, mas sem deixar de estar marcada por sua origem na educação – ex-alunos, professores e demais elementos da carreira do magistério – e na literatura que também, em última instância, está imbricada com os agentes do campo da própria imprensa. Em outras palavras, podemos dizer que na construção dos perfis relativos a Thales de Andrade, mediada pela imprensa, encontramos um determinado número de pessoas que se aproximaram do autor por caminhos que convergiram para ambos os campos de atuação.

3. O discurso da cidade/Biblioteca: a reiteração da memória

É notório que a História é feita de fatos que são perpetuados por meio de monumentos, objetos, documentos, manuscritos, livros e principalmente, de

reforma, utilizando-se do jornal *O Globo*, no qual tinha uma coluna. Cf. Silva, A Reforma Fernando de Azevedo... pp. 19-21.

³⁷⁶ Considerando o trabalho de Silva talvez fosse possível realizar um levantamento das mesmas marcas de construção de um discurso da cidade em relação a Azevedo. O seu objetivo, entretanto é outro, o de considerar as representações dos tempos escolares idealizados em virtude das mudanças empreendidas no Rio de Janeiro na década de vinte do século passado para a análise e discussão do que esteve envolvido nas divergências de propostas de reestruturação escolar no período e no ambiente urbano daquela cidade.

*depoimentos dos próprios personagens que deles participaram. Os dados apresentados em nossos “Perfis” são colhidos exatamente dos depoimentos pessoais das personalidades e dos currículos por eles apresentados. Portanto, invadir a nossa seara, qual seja a da pesquisa histórica e não científica, para formular críticas atinentes a dados que nos foram diretamente fornecidos e em hipótese alguma posteriormente alterados, não tem qualquer fundamento.*³⁷⁷

A quem é dirigida a crítica acima, escrita por Silvio Ferraz de Arruda em 1974 para a série *Perfis II*? Provavelmente a resposta a essa pergunta seria encontrada a partir do acompanhamento das edições do *Jornal de Piracicaba* ou de outro periódico da imprensa local que indicasse a seqüência das discussões relativas à apresentação desses “perfis”. Entretanto, é de outra ordem o problema que pretendemos destacar. Ao invés de solucionar a questão, é possível argumentar que a dificuldade de obter esta resposta está justamente no fato de ser o referido artigo o resultado de uma seleção composta pelo novo contexto das *Pastas de Recortes* definida pelo tema Thales Castanho de Andrade.

Podemos também questionar a visão positivista do autor, quando defende a não intervenção ou análise interpretativa de dados apresentados. Mas, também aqui, não interessa essa discussão a não ser para salientar que as informações vindas a público estão a serviço da apresentação de “perfis”, como os nomeia o autor. É nesse sentido que ganha relevância a asserção de Arruda, pois oferece indícios das formas de construção dos perfis sugeridos e demonstrados reiteradamente.

O texto de Arruda, embora esteja completo na P597, recebeu – como muitos outros das *pastas* – nova composição em decorrência do recorte do jornal: há antes do título: “Thales Castanho de Andrade”, o nome “Perfis” seguido do numeral “II”, o que indica obviamente uma seqüência. Nos limites impostos pela seleção não nos foi possível verificar qual teria sido o “perfil” anterior, se houve outro a seguir, quantos foram escritos ou ainda, quais seriam as personalidades objeto dessas produções. De qualquer modo, o conteúdo do texto é semelhante a diversos outros encontrados nas três *pastas*: apresenta a biografia de Thales Andrade; sua trajetória profissional, como professor e escritor; e os temas eleitos pelo autor presentes em suas diversas publicações, como por exemplo, o destaque para o tema rural. Neste sentido, também são objetos desta e de outras matérias os epítetos que vão sendo atribuídos a Thales:

³⁷⁷ Silvio Ferraz de Arruda. “Perfis II – Thales Castanho de Andrade”. *Jornal de Piracicaba*, 07 maio 1974, (P597; p. 11).

“alma de criança”, “a maior criança grande do Brasil”; e a sua obra *Saudade*: “O evangelho do Ruralismo”.

Percebemos que o termo “perfil” surgira já em outra voz da imprensa piracicabana e na mesma *pasta* P597, na notícia publicada pelo jornal *O Diário* em 11 de novembro de 1973³⁷⁸. Sob o título de “O II Concurso de Poesias ‘Thales de Andrade’” lê-se, além dos dados referentes ao acontecimento em sua segunda edição, no subtítulo “Perfil de Thales”, uma pequena síntese biográfica seguida de informes sobre as ações do autor como diretor – nos anos 30 – do “Grêmio Normalista ‘Sud Mennucci’”, uma das entidades promotora do evento. Portanto, trilhando este caminho do acolhimento de matérias que se assemelham por apresentar e re-apresentar idéias em processos de reiteração e atualização, os quais solicitam legitimação em informações anteriormente publicadas, expandindo os limites da memória, evidenciamos a possibilidade da sedimentação de perfis construídos com base em um mesmo tipo de discurso originário da imprensa piracicabana. Neste sentido, a Cidade representada por jornalistas, escritores, artistas, enfim intelectuais que de alguma forma delimitam o espaço de atuação em sua própria urbe, contribui para a edificação de uma de suas personalidades. Daí o conceito de discurso da própria Piracicaba em relação a um dos seus concidadãos, conforme tentaremos verificar nos exemplos a seguir.

Ao desembarcar do trem da Companhia Paulista na estação de São José do Rio Preto às dezenove horas e trinta minutos, meia hora adiantado ao horário combinado, um senhor observa que na referida estação ninguém o está aguardando. Do outro lado da rua vê, através de uma janela, uma sala de aula e uma professora escrevendo em um quadro negro. Atravessa a rua, chega até a porta e observa o interior da sala. A professora volta-se e indica-lhe a carteira onde deve sentar-se enquanto aguarda os procedimentos para a sua matrícula. O senhor assim procede. Após alguns minutos chegam à sala diversas autoridades, dentre elas o delegado de ensino e o prefeito da cidade. A professora exclama que é uma honra recebê-los em visita a sua classe. O prefeito lhe informa então que ali estão todos, pois vieram ao encontro do senhor Secretário da Educação, o professor Thales Castanho de Andrade, o qual se encontra de pé no fundo da sala.

O relato acima se encontra no livro *Thales de Andrade: uma história verdadeira* de Hugo Pedro Carradore³⁷⁹, escritor piracicabano e um dos memorialistas de Thales de Andrade. A sua narrativa identifica-se com as informações apresentadas pelos demais

³⁷⁸ “O II Concurso de Poesias ‘Thales de Andrade’”, *O Diário*, 11 nov. 1973. (P597: p. 09).

³⁷⁹ Carradore, Op. Cit.

veículos de informação de Piracicaba, ao se referir ao escritor e educador Thales de Andrade. Ademais, as fontes subsidiárias para o livro de Carradore são, de maneira geral, as diversas publicações da cidade reproduzidas nas *pastas*, além de sua própria memória, já que este escritor se tornou amigo do autor, como informa ao leitor no mesmo livro:

Conheci Thales em São Paulo em 1940, no terceiro ano do curso primário do Colégio Rio Branco, quando minha inesquecível professora dona Soledade Santos colocou-me nas mãos um livro chamado SAUDADE.

Depois, nos idos de 1950, em Piracicaba, tive a ousadia de me apresentar a Thales e me tornar seu amigo.

Noutra passagem, salientando o caráter de seu texto, Carradore menciona a sua preocupação em ser o mais didático possível a fim de facilitar a leitura dos jovens e que

*A crítica da produção literária continente [do livro], é uma antologia de depoimentos feito por educadores, escritores, poetas, jornalistas, em suma, de figuras nomeadas nas letras, nas artes e na educação.*³⁸⁰

Qual memória é trazida pelo registro acima? Certamente, não apenas a de Carradore. Embora este autor tenha convivido com Thales, o evento mencionado se passa noutro tempo e é descrito por outras pessoas. Pode ser lido como um texto de memória coletiva e também um discurso sobre uma representação do perfil de um educador, com o seu tom de celebração e sacralização, como sugere o estudo de Catani, verificado a partir da análise de dois escritos biográficos – o de João Lourenço Rodrigues, *Um Retrospecto: alguns subsídios para a história pragmática do ensino público em São Paulo* e o de José Feliciano de Oliveira, *O Ensino em São Paulo: algumas reminiscências* – e um documento de celebração, a *poliantéia Comemorativa do Primeiro Centenário do Ensino Normal em São Paulo 1846-1946*).³⁸¹ Embora a autora trate em seu texto da formação do campo educacional, e nesse sentido da “instauração de uma memória harmônica do espaço profissional”, há também referências à exaltação de professores, como o que ocorre no caso de Thales de Andrade, quando os que escrevem sobre ele colaboram para a conformação de sua memória a partir das representações construídas a seu respeito.

³⁸⁰ Ibid., p. 17-18.

³⁸¹ Denise Bárbara Catani, (1994). “Memória e Biografia: ‘O poder do relato e o relato do poder’ na história da educação”. In. Denise Bárbara Catani, *Ensaio sobre a Produção e Circulação dos Saberes Pedagógicos*. Tese (Livre Docência) – FEUSP: São Paulo, 1994, pp. 77-93.

Na grande maioria dos textos presentes nas *pastas* percebe-se um tom de exaltação à figura de Thales de Andrade. Exemplo típico é o editorial do jornalista piracicabano Losso Netto³⁸², no qual são feitos comentários comparando *Saudade* com o *Cuore* do escritor italiano D'Amicis, “pela poesia que ressuma, pela pureza que destila, pela inspiração quase divina de sua mensagem”. A comparação, já anteriormente realizada, dentre outros, por Monteiro Lobato³⁸³ em 1920, serve também para atribuir à obra uma dimensão universal. Essa recorrência ao livro do autor italiano surge em diversos outros textos das *pastas* como exemplo similar em qualidade, conforme tratamos no decorrer do segundo capítulo.

Ainda no editorial de Losso Neto, verificamos outro aspecto relativo à exaltação. O jornalista comenta o *Saudade*, relacionando-o à região de Piracicaba, às crianças e à escola e comenta a seguir não ser exagero afirmar “que Thales de Andrade é uma instituição piracicabana”. Desta vez enfatiza o caráter regional da obra sem descuidar, todavia, do alcance geográfico, pois segue afirmando que Thales, “professor predestinado – alma ingênua (...) conseguiu o milagre da comunicação com todas as crianças brasileiras (...)”. Informa ser *Saudade* um livro no qual Piracicaba está retratada em seus ribeirões, casas, terreiros, nas “caçadas ingênuas dos meninos pelas capoeiras” e onde a escola “Luiz de Queiroz” “ali se encontra enquadrada carinhosamente como a ‘mais importante escola agrícola da América’”. Da mesma forma que Thales de Andrade fazia referências à cidade de Piracicaba, Losso Neto faz referências à cidade para falar de Thales.

A atenção às crianças e à escola “Luiz de Queiroz” aparece em diversos outros textos, como no caso de “Thales – O piracicabano de dimensão nacional”³⁸⁴, escrito por Helena Rovay Benetton – na época diretora do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes – no qual lembra a admiração de Thales pela atual Escola Superior de Agronomia “Luiz de Queiroz” e os muitos alunos que ali estudaram estimulados por seus livros. Além de resgatar a trajetória de vida e profissional do autor, elemento comum a grande maioria dos textos, Benetton menciona a participação de Thales na Revolução Constitucionalista de 1932³⁸⁵, as

³⁸² Losso Netto. “Os 83 anos de Thales de Andrade”, *Jornal de Piracicaba*, 26 ago.1990, *Estante*, (P598, p. 05); *Jornal de Piracicaba*, 26 ago. 1990, (P598, p. 09); *Jornal de Piracicaba*, 15 set. 1973, (P599, p. 13); *Jornal de Piracicaba*, 15 nov. 1973, (P599, p. 29).

³⁸³ Monteiro Lobato. “Saudade”. *Jornal de Piracicaba*, 24/2/1920.

³⁸⁴ Helena Rovay Benetton. “Thales – O piracicabano de dimensão nacional (cognome que lhe deu o Jornal de Piracicaba)”. *Jornal de Piracicaba*, 12 ago. 1990. (P598, p.04); *Jornal de Piracicaba*, 12 ago. 1990, (P599, p. 24).

³⁸⁵ Newton Nebel dos Santos também informa no artigo *Thales castanho de Andrade – III*, publicado na *Tribuna Piracicabana*, 02 out. 1983: “Em 1932, Thales de Andrade, foi membro do M.M.D.C., de Piracicaba. Como voluntário serviu no Batalhão dos Professores durante o período todo da ‘Revolução Constitucionalista’”. (P599, p. 33).

suas atividades como promotor da “Festa do Milho” e sua iniciativa para a fundação do curso de “Alfabetização de Adultos”. “Com os seus alunos normalistas promoveu o lançamento da ‘Histórias de História’”. Cita ainda a sua faceta “ecológica”, descreve algumas das homenagens e lista uma série de livros publicados por Thales de Andrade.

No mesmo artigo, Benetton recorre também a um procedimento já apontado neste texto, a saber, o de aproveitamento de informações anteriormente citadas. Neste caso trata-se da utilização da série de textos de Newton Nebel dos Santos. Este articulista, por sua vez, relata que o envolvimento de Thales na fundação do Clube infantil de horticultura, “ensejou à Sociedade de Alberto Torres, a Instituição Nacional dos Clubes Agrícolas Escolares”, que entre as décadas de trinta e quarenta, se multiplicariam de forma significativa. Santos descreve o empreendimento de Thales na criação da revista *O Colibri*, órgão voltado para a divulgação dos clubes³⁸⁶.

Observou-se que o termo ecologia, relacionado ao escritor, surge em muitas das produções dos autores locais. Segundo o comentário de José Maria Ferreira no texto “Thales de Andrade: Escritor e Mestre-Escola”³⁸⁷, isso indicaria o seu posicionamento em relação às coisas da terra. Nesse sentido, ecologia para Thales demonstraria a um só tempo a sua defesa do meio ambiente e de uma “agricultura racional”. Adriano Nogueira em “Thales de Andrade – Centenário de Nascimento”³⁸⁸, tratou do tema de forma semelhante. Ao mencionar *A Filha da Floresta* afirma que o autor, “em linguagem singela” mostra ao seu público “o mal que causam as derrubadas, a necessidade da proteção aos animais e às aves, o carinho com que devem ser tratadas as árvores, as fontes, e a natureza”. Seguindo uma das marcas recorrentes nas *pastas*, a de atualização dos temas, é preciso salientar que o termo ecologia referido a Thales começa a aparecer nos recortes datados a partir da década de 1970, estando, a maior parte dos comentários, nas matérias do ano de 1990. Antes desses períodos, as referências a terra e as coisas da terra são remetidas a interesses como a defesa das matas e incentivo ao reflorestamento, à organização dos clubes de horticultura, à festa do milho e àqueles identificados com o ruralismo.

Outro expediente é utilizado em um dos recortes para a consolidação da imagem do autor. Trata-se da menção a uma personalidade reconhecida. No texto “Thales de Andrade –

³⁸⁶ Newton Nebel dos Santos. “Thales Castanho de Andrade – IV”, *Tribuna Piracicabana*, 06 nov. 1983, (P599, pp. 40 e 41).

³⁸⁷ J. M. Ferreira. “Thales de Andrade: Escritor e Mestre-Escola”, *Linguagem Viva*, ago. 1990, (P599, pp. 25, 26).

³⁸⁸ Adriano Nogueira. “Thales de Andrade – Centenário de Nascimento”, *Linguagem Viva*, maio 1990, (P599, p. 28).

centenário de nascimento”³⁸⁹, Adriano Nogueira comenta a fala de Antonio Cândido em 1985 em um evento promovido pela UBE (União Brasileira de Escritores) a respeito da memória de sua formação intelectual:

(...) sobre os livros que mais influenciaram na sua formação intelectual citou “*Saudade*”, e sobre a obra e seu autor – Thales de Andrade – proferiu palavras carinhosas, recordando quanto de prazer, na sua adolescência, a leitura desse livro lhe proporcionou.

A manifestação de Antonio Candido pode ser vista como uma exceção nesse acervo: os conteúdos das *pastas* possibilitaram articulações em torno do grupo de intelectuais piracicabanos, contemporâneo de Thales e da atualidade. Esses intelectuais produziram discursos que reforçavam a construção de perfis do autor. Essas vozes da cidade, refletidas nas *Pastas de Recortes* da Biblioteca³⁹⁰, apresentam exemplos de aproximação de Thales com o *Jornal de Piracicaba* e alguns indícios de como pode ter sido utilizado este veículo para a divulgação de seu trabalho literário além da sua aproximação com outro campo de atuação diferente da educação, a própria imprensa.

No editorial já mencionado³⁹¹, Losso Netto aponta a ligação histórica daquele autor com o jornal, pois além de realizar a primeira edição de *Saudade*, o periódico o tinha como colaborador, ao lado de Sud Mennucci, Leo Vaz, Pedro Crem, João Silveira Melo, Pedro Krahenbuh, André Tarsia e Lourenço Filho.

Também já tratamos neste trabalho da reportagem de J. M. Ferreira, parte do conjunto de recortes das *pastas*³⁹², que aborda os laços de amizade e solidariedade que unia no grupo que denominou de *Bloomsbury Caipira*. Este artigo, como vimos, demonstra com riqueza de detalhes as diversas ligações que envolveram o autor e muitas das personalidades piracicabas.

As referências da aproximação ou identificação de Thales de Andrade aos intelectuais piracicabanos também surgem nos registros relativos aos seus vínculos com as entidades institucionalizadas em Piracicaba e em São Paulo. A Academia Piracicabana de Letras

³⁸⁹ Adriano Nogueira. “Thales de Andrade – Centenário de Nascimento”, *Linguagem Viva*, maio 1990, (P599, p. 28).

³⁹⁰ A coleção de recortes e, portanto, a Biblioteca Municipal de Piracicaba, também se manifesta como uma dessas vozes na medida em que dá visibilidade a um conjunto de documentos reforçando os diversos discursos e assim, recriando o seu próprio.

³⁹¹ Losso Netto. “Os 83 Anos de Thales de Andrade”, *Jornal de Piracicaba*, 15 set. 1973, (P599, p. 13).

³⁹² Jose Maria Ferreira. “Thales de Andrade e o Bloomsbury Caipira”, *Jornal de Piracicaba*, 15 set. 1990. *Presença*. (P598, pp. 10, 11).

aparece como referência no texto de Evaldo A. Vicente de *O Diário*, publicado em 1972³⁹³, no qual o autor informa que, por ocasião de sua instalação³⁹⁴ por iniciativa do folclorista João Chiarini, um dos 85 acadêmicos, Silvio Ferraz de Arruda escolheu Thales Castanho de Andrade para patrono. O próprio Arruda em outro artigo comenta o posicionamento do autor em relação à academia:

*Por ocasião da constituição da Academia Piracicabana de Letras [Thales] abdicou de sua cadeira em prol de nosso nome “para estimular o ingresso da juventude” naquele novel sodalício. Sem o querer mais uma vez confirmava o feliz epíteto criado pelo saudoso professor Joaquim do Marco: Imortalizado sem academia.*³⁹⁵

Em outro texto selecionado para as *pastas*, o acadêmico da entidade paulista, Pedro Ferraz do Amaral, em sessão de 13 de outubro de 1977, ao prestar homenagens ao escritor e educador Thales de Andrade, menciona o seu “pioneirismo” em relação à produção da literatura infantil no Brasil, conforme a afirmação anteriormente verificada na qual o autor apontava a antecedência do livro *A Filha da Floresta* em relação a *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato. O registro também salienta a ausência do autor naquela casa ainda que, nas palavras do escritor e jornalista Pedro Ferraz do Amaral, “a Academia Paulista de Letras – soube cultuar a memória de Thales de Andrade, um escritor que teria ingresso ali, se sua modéstia não o tivesse impedido de lhe bater às portas”.³⁹⁶

Outras referências esparsas nos recortes relacionam Thales às academias. Seguem dois exemplos delas: uma anunciando homenagens recebidas por ele na Academia Paulista de Letras e na União Brasileira de Escritores, no texto de Adriano Nogueira, “O Centenário e a obra de Thales de Andrade”³⁹⁷; e, outra, reportando uma sessão magna em homenagem ao autor, na qual seria dada a posse a trinta novos acadêmicos³⁹⁸, na Academia Piracicabana de Letras.

³⁹³ Evaldo A. Vicente. “Thales por que você deixou Piracicaba?”, *O Diário*, 19 mar. 1972, (P597, pp. 6, 7). Data verificada posteriormente junto ao IHGP. No volume P597 apenas partes do nome e da data deste jornal piracicabano estão legíveis no topo da página.

³⁹⁴ Segundo a edição de *O Diário*, 14 mar. 1972, verificada junto ao IHGP, a instalação da Academia Piracicabana de Letras ocorreu em 11 mar. 1972.

³⁹⁵ “Thales de Todas as crianças”. *Tribuna Piracicabana*, 12 out. 1977, (P597, p. 26). Na *pasta* sem indicação de data ou jornal. Verif. IHGP.

³⁹⁶ Pedro Ferraz do Amaral. “Thales de Andrade – o iniciador da literatura infantil no Brasil”, *Jornal de Piracicaba*, 25 nov. 1977, (P597, p. 29).

³⁹⁷ Adriano Nogueira. “O Centenário e a Obra de Thales de Andrade”. *Jornal de Piracicaba*, 15.09.1990, *Presença*, nº 14, ano II, p.6, (P598, p. 15).

³⁹⁸ “Thales de Andrade, imortalizado sem Academia”. *O Diário*, 16 fev. 1978, (P597, p. 30).

Da mesma forma que os jornalistas acima destacam a figura de Thales como um homem das letras, este autor salienta aspectos que considera relevante nos perfis que ele próprio constrói em textos escritos para jornais da cidade. A série “Fumaças...”, publicada principalmente no *Jornal de Piracicaba*, abrange o período de 22/02/1970 a 23/07/1970, segundo a ordem a seguir:

Veículo impresso	Título	Data
O Diário	Um Valente	22/02/1970
Jornal de Piracicaba	Maestro ao Mestre-Maestro	26/02/1970
Jornal de Piracicaba	Um Salvador	18/03/1970
Jornal de Piracicaba	Candura	04/04/1970
Jornal de Piracicaba	Supremo	13/05/1970
Jornal de Piracicaba	Bem-Aventurado!	04/06/1970
Jornal de Piracicaba	Templo do Saber	12/07/1970
Jornal de Piracicaba	Gratidão	23/07/1970
Jornal de Piracicaba	Diamante-Brilhante	Não Consta
Jornal de Piracicaba	Saudades Sempre Vivas ³⁹⁹	05/02/1975

Aos diversos tipos de materiais relacionados nas *pastas*, que vão erguendo e mantendo pelas referências cruzadas os perfis de Thales de Andrade, podemos acrescentar a sua própria memória descrevendo experiências pregressas de aluno, de professor e de autor de literatura infantil. Além dessas memórias pessoais, encontramos descrições e homenagens feitas a pessoas de sua convivência ou evocações de figuras do passado em diversas homenagens. Assim, o próprio autor aparece como um dos “construtores” de perfis.

A maior parte desta produção, oito dos dez textos identificados – três inseridos no volume P597 e sete no volume P599 –, foi publicada no ano de 1970. Um dos textos não está datado no volume P599, embora tenha uma diagramação semelhante às outras, o que também poderia indicar o seu pertencimento ao mesmo período. A última matéria relacionada como sendo de autoria de Thales é datada de 1975.

Assim, suas produções, recortadas para as *pastas*, se originaram de maneira geral, numa mesma época, sugerindo que, em certa medida, as descrições de determinados

³⁹⁹ Não é identificado como parte da série “Fumaças” entretanto tem o mesmo objetivo: lembrar pessoas que considerava dignas de homenagens. Em questão, a ex-aluna Antonieta Losso.

elementos de seus próprios perfis foram por ele produzidos ou resultariam, em alguns casos, das diversas e reiteradas proposições atribuídas ao autor e a sua obra desde os anos vinte.

As homenagens, uma das características básicas dos textos, são eleitas como um dos temas considerados relevantes pelo autor e assim surgem como referência: à produção agrícola, quando se menciona José Vizioli e Mário Dedini; à música, no caso dos maestros Luiz Dutra e Antão Fernandes; à escola, quando em “Candura” relembra o diretor do colégio em que estudou as suas primeiras séries do ensino primário e ao mencionar o Diretor Geral do Departamento de Educação, José Mário Paes (sic) Azanha. Amadeu Castanho, combatente florianista também recebe uma homenagem estando o tema, desta vez, identificado aos valores do nacionalismo.

No texto “Templo do Saber”, a respeito da Escola Complementar de Piracicaba, Thales de Andrade faz uma aproximação com o ruralismo: o momento em que narra o encontro da “Noiva da Colina” – Piracicaba – com um “Senhor” – “Pretérito, Presente, Porvir” – este último lhe diz: “Convido-a para visitarmos uma ESCOLA de sua PIRACICABA – **Constituição, Meca do Ruralismo, Terra do Amor**”.⁴⁰⁰,

Nesta mesma matéria, a educação, outro tema caro ao autor aparece com clareza. Passeando pela cidade, as duas personagens visitam “O Templo do Saber”, a escola que tornou possível a formação de milhares de pessoas mencionadas no texto por suas diversas profissões. Por suas portas assistem a saída de numerosos jovens “exprimindo júbilo, apresentando pergaminhos nas mãos levantadas”. São os “ELEITOS para o MAGISTÉRIO”. Ao final da narrativa o autor expõe um cálculo aproximado de quantos alunos teria formado como professor considerando o seu tempo de magistério. Conclui em nota que ignora “o número de diplomas, desde a primeira turma [formada na escola], em 1900” e afirma a seguir: “o autor destas linhas, no curso primário, secundário, normal e de contabilidade, deu aulas a 5.200 alunos”.⁴⁰¹

Thales de Andrade, noutro texto, aborda ainda as suas intenções ruralistas articuladas com o tema da educação. Em “Gratidão”, de 23.07.1970⁴⁰², descreve a sua trajetória – já conhecida por nós – como professor, e também os motivos da escolha dos temas que desenvolveria em seus textos. Conta que, ainda no 4º. ano da Escola Normal primária de Piracicaba, em 1911, escreveu para *O Mentor*, a revista escolar, um artigo “lembrando a conveniência de haver algum entrosamento, nas escolas da zona rural, entre INSTRUÇÃO E

⁴⁰⁰ Andrade. “Templo do Saber”, *Jornal de Piracicaba*, 12 jul. 1970. Com a intenção de manter o estilo de escrever do autor, mantivemos todos os seus grifos e palavras em caixa alta (P597, p. 4).

⁴⁰¹ Ibid., “Templo do Saber”, *Jornal de Piracicaba*, 12 jul. 1970, (P597, p. 4).

⁴⁰² Andrade. “Gratidão”, *Jornal de Piracicaba*, 23 jul. 1970, (P597, p. 5).

AGRICULTURA”. A seguir afirma que o fato de ser neto de lavradores, de haver passado temporadas em sítios e ainda de “nutrir desejo de cursar a ‘Luiz de Queiroz’, possivelmente influíram de modo a simpatizar-me pela gente e pelas coisas dos campos”. É neste texto que ele resgata o episódio ocorrido em seu início no magistério em Jaú, quando na “Escola Rural da Estação do Banharão” teve “para a leitura dos meninos o livro **achincalhador** do roceirinho”. Embora não tenha prevenido a sua turma constata “o espanto, a indignação e os ‘estrilos’ contra a ‘mentirosa’ caçoada que os atingia”. Continua lembrando a observação que fez da “exclusão de crianças camponesas nos livros escolares infantis”. Dessas reflexões, explica, nasceria o livro que faria essa inclusão. Ele próprio fala do êxito de *Saudade*:

*Publicado em 1919 e adotado, a seguir, nas escolas do país inteiro, consagram-no moções, medalhas, músicas, poesias, teatralizações*⁴⁰³, comemorações, festas, versões para “Braille”, Latim e Tirolês.⁴⁰⁴

Este êxito também pode ser medido no assunto referente ao título do texto. O seu objetivo seria fazer um agradecimento ao então Diretor Geral do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, o educador José Mário Paes (sic) Azanha. Na oportunidade o livro *Saudade* foi escolhido “por uma comissão de doutos vernaculistas” que o examinou e “acolheu-o, extraiu-lhe trecho para texto de exame de Português à admissão aos ginásios estaduais”.⁴⁰⁵ Assim, o resgate da trajetória profissional do autor e do livro, nesta ocasião, foi apresentado para ilustrar a sua importância que, após “MEIO SÉCULO” de existência continuava a servir como material de trabalho para a educação.

Em “Candura”⁴⁰⁶ o autor recorre à memória da infância para, a um só tempo, descrever seus primeiros anos no Grupo Escolar de Piracicaba e homenagear o diretor daquela época. Ele teria salvado Thales de uma situação vexatória. Após o período de férias do primeiro ano se viu na mesma série anterior, sendo encaminhado pelo diretor que entrou na sala de aula, na qual Thales se recusava a sentar-se, para a nova turma:

(...) autor de PLANTAS, ótimo livro de leitura ‘suplementar’ em escolas primárias. (...).

Um educador perfeito!

Padrão de candura!

⁴⁰³ Lembramos ao leitor que Thales de Andrade continua, em seu texto, a costurar suas relações com os amigos, já que pelo menos uma das versões para o teatro foi escrita por João Chiarini, e a adaptação para o latim foi feita pelo escritor Guilherme Vitti, outro amigo. Cf.: Adriano Nogueira, “O centenário e a obra de Thales de Andrade”, *Tribuna Piracicabana*, 19 set. 1990, (P598, p. 28).

⁴⁰⁴ Andrade: “Gratidão”, *Jornal de Piracicaba*, 23 jul. 1970, (P597, p. 5).

⁴⁰⁵ Ibid., (P597, p. 5).

⁴⁰⁶ Andrade: “Candura”, *Jornal de Piracicaba*, 04 abr. 1970, (P599, p. 15).

Descer às crianças para ouvi-las, auscultar-lhe a “alma”, atender-lhe os queixumes, perdoar-lhes as peraltices, defendê-las em suas razões e direito, guiá-las, enfim, humana e cristãmente.

Cândido Corte Brilho, o diretor, novamente seria lembrado quando, ““uma boa estrela’ [...] permitiu [a Thales de Andrade] tornar o benquista PATRONO DO GRUPO ESCOLAR TÍPICO RURAL DE CHICÓ”.⁴⁰⁷

Outras homenagens são encontradas nos textos “Supremo”⁴⁰⁸, “Bem-Aventurado”⁴⁰⁹ e “Diamante-Brilhante”⁴¹⁰, todos os três dedicados à memória de Mário Dedini, um imigrante italiano que nos anos vinte se tornou um dos pioneiros da indústria açucareira e, segundo o autor, “foi Patrono e Benemérito de meio milheiro de instituições culturais, científicas, literárias, artísticas, pias, noticiosas, beneficentes...”. Thales salienta que, “depois de ardorosas lutas para a conquista do **poder** e da **riqueza**”, Mario Dedini ainda “se ateve ao ideal de Bilac: ‘Ser forte para ser bom. Ser rico para ser generoso!’”.⁴¹¹

“Um Valente”⁴¹² presta homenagem a Amadeu Castanho, o primeiro editor da *Gazeta de Piracicaba* e que em sua juventude havia fugido para São Paulo “a fim de enfileirar-se com os voluntários florianistas”.

“Maestro ao Mestre-Maestro”⁴¹³, homenageia Luiz Dutra, maestro da “Banda Azarias de Mello” em um tempo em que “a gente só ouvia música e canto, diretamente dos próprios músicos tocando e cantores cantando”. O autor narra a chegada à cidade de um outro maestro, Antão Fernandes, e a homenagem ao seu antigo mestre, o citado Luiz Dutra.

Finalmente, em “Um Salvador”⁴¹⁴, Thales de Andrade cita o nome de José Vizioli, a quem um dono de engenho na região de Itaicoara atribui o sucesso dos empreendimentos em torno da produção açucareira. Vizioli é identificado, nas palavras desse proprietário, como o “SALVADOR”, pois foi “quem reergueu os canaviais decadentes pelo mosaico”. O nome de José Vizioli foi também relacionado à Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), pois, a Estação Experimental de Cana junto a essa instituição assim seria denominada. Thales relembra o fato e desta forma presta a sua homenagem também à escola

⁴⁰⁷ *Jornal de Piracicaba*, 04 abr. 1970. Destaques do Autor. Lembramos que Thales ocupou os cargos de Inspetor do Ensino Rural; Assistente Técnico do Ensino rural; Diretor Geral do Departamento de Educação e, no governo de Ademar de Barros, atinge o ápice da carreira, em 1948, sendo nomeado para Secretário de Estado dos Negócios da Educação.

⁴⁰⁸ Andrade, “Supremo”, *Jornal de Piracicaba*, 13 maio 1970, (P599, p. 16).

⁴⁰⁹ Idem, “Bem-Aventurado”, *Jornal de Piracicaba*, 04 jul. 1970, (P599, p. 27).

⁴¹⁰ Idem, “Diamante-Brilhante”, *Jornal de Piracicaba*, (P599, p. 18). Não consta data na *pasta*.

⁴¹¹ Idem, “Bem-Aventurado”, *Jornal de Piracicaba*, 04 jul. 1970, (P599, p. 27). Destaques do autor.

⁴¹² Idem, “Um Valente”, *O Diário*, 22.02.1970, (P599, p. 17).

⁴¹³ Idem, “Maestro ao Mestre-Maestro”, *Jornal de Piracicaba*, 26.02.1970, (P599, p. 19).

⁴¹⁴ Idem, “Um Salvador”, *Jornal de Piracicaba*, 18.03.1970, (P599, p. 20).

agrícola, atualizando a importância da instituição ao mencionar a instalação de um novo órgão a ela vinculado.

Os diversos nomes que são objetos das homenagens de Thales, pertencem na sua maioria à História piracicabana. Alguns são figuras ainda do final do século XIX, outras eram contemporâneas dele, mas de qualquer modo a sua menção funciona como uma estratégia na qual ele aparece perpetuando a memória da cidade e na qual ele se inscreve.

Enfim, considerando as descrições do próprio Thales, as inferências que faz em relação a sua obra literária e as suas ações como educador, verificamos certo grau de identificação aos conteúdos das demais matérias das *pastas*, de outros autores. Todos os autores, tanto no passado quanto nos anos a partir de 1970, vão fazendo referências mútuas. Assim, as *pastas* de recortes são, ao mesmo tempo evidências e elementos de constituição das memórias.

Talvez a série “Fumaças...” tenha devido o seu nome em virtude da busca de Thales pelo resgate de uma memória que se desvanecia. Mas é evidente que ao fazê-lo, nos artigos da série, o autor adota um procedimento que inverte o sentido do título atribuído a esse conjunto de textos. Ao invés de deixar desvanecer, esses escritos contribuíram para a construção da sua futura memória. Muitos dos temas desenvolvidos pelo autor vão sistematicamente repetindo-se nos demais textos encontrados nas *pastas*. Seus autores incorporam novos conceitos, como o de ecologia, às representações acerca de Thales de Andrade, re-elaborando e re-atualizando os assuntos que o escritor desenvolveu em suas produções para o *Jornal de Piracicaba*. Seria, nesse sentido, ele próprio, indiretamente, o “autor” ou mentor das produções que contribuiriam para os empreendimentos dos perfis, dele e de outras personalidades que adquiriram certa relevância para a história da cidade.

4. O autor e a cidade

As *pastas* da hemeroteca que foram apresentadas, caracterizam-se pela fragmentação da informação, do significado, e em certa medida, por sua descontextualização. São recortes de jornais agrupados em volumes artesanalmente elaborados formando assim, uma outra materialidade organizada sobre novo suporte. As dispersões de vozes desses discursos transcritos adquirem novos sentidos ao receberem a ordenação proposta nas *pastas*. Tornam-se diferentes porque serão necessariamente parciais em relação ao seu suporte anterior. Temos, portanto, um material que muitas vezes não guarda traços de identidade com as publicações originais. Ao ser formatado nas *pastas*, como outro veículo de comunicação,

perde sua característica inicial, ou porque informações de identificação foram omitidas, eliminadas ou esquecidas, ou porque no novo suporte adquiriu outra dinâmica em decorrência de um ritmo diferente de apresentação, pois oferece de modo inédito, em relação a sua origem, uma seqüência ininterrupta à leitura de informações sobre Thales de Andrade.

Considerada essa caracterização, algumas questões se impuseram durante o percurso seguido na indicação das possibilidades de reordenação de recortes para a demonstração de discursos voltados a um determinado sentido: a elaboração de perfis surgidos das matérias impressas pelos jornais piracicabanos. Uma delas se apresentou na explicação dessas construções e representações dentro de um quadro confiável de verificação bibliográfica. Algumas matérias recortadas deixaram de ser fragmentos soltos apenas após confrontação com os arquivos dos jornais do IHGP. Outra questão se interpôs pela constante repetição de diversos textos. Nesse aspecto, o conjunto de *pastas* também ajuda a consolidar um novo sentido, desta vez pela reiteração. A mesma informação poderia sugerir ao leitor que aquela notícia reapresentada constituiria um texto relevante e que, justamente por isso, deveria ser apreciado com mais vagar. Além dos textos reproduzidos diversas vezes, os conteúdos das informações e apreciações sobre Thales também se repetem nos recortes.

O próprio material colhido e o tratamento a ele dado nas *pastas*, impôs alguns limites importantes a serem observados na análise e provocaram questionamentos significativos. Em particular, no que diz respeito aos perfis, seria prudente considerar que o seu delineamento poderia impedir o avanço para além das representações circunscritas ao grupo de autores piracicabanos ou a eles vinculados. Quando, no decorrer da pesquisa, tomamos materiais de outras origens para contrastá-lo com as vozes convergentes das *pastas*, houve um redimensionamento em nossa percepção a respeito desses discursos. O leitor deste trabalho avaliará se esses limites foram balizas ou foram entraves.

De qualquer modo, essas mesmas fronteiras estabelecidas – quer seja pelos diversos textos constantes das *pastas*, quer seja pelos escritos do autor no mesmo conjunto de documentos – indicam o pertencimento do autor à Piracicaba e vice e versa. Trata-se, portanto, de uma coesão discursiva, a qual explicita as relações de Thales com sua cidade, no que se refere às suas atuações junto aos diversos grupos com os quais conviveu no passado: os intelectuais, a escola, a academia. A projeção da própria carreira literária, ou a sua atuação como educador, neste sentido, ficariam em segundo plano, pois ao mesmo tempo em que sua menção funciona para informar ao leitor da importância de Thales, reafirma o seu lugar como interlocutor de outras vozes de expressão local, inclusive no presente. Da mesma forma, ao determinar as marcas de atuação circunscritas ao seu lugar social todos os autores, incluindo

Thales de Andrade, contribuem para fazer do autor um monumento. Por sua vez Thales de Andrade também realiza o mesmo trabalho e colabora para a projeção da cidade.

As reflexões em torno das *pastas* envolvendo autor e educador Thales de Andrade indicaram também que ele próprio contribuiu para a construção do seu perfil – ainda que nos anos de 1970, época posterior em relação a sua produção literária e carreira profissional – ao mesmo tempo em que elaborava os perfis de outras personalidades pela recorrência a sua própria memória e de outros. Indicaram ainda, as possibilidades e limites de confecções de perfis em recortes de jornais e demonstraram o papel dos próprios jornais servindo como veículos na reafirmação dessas construções.

Para concluir esta reflexão sobre o nosso trabalho, podemos dizer que tanto a produção literária quanto os documentos das *pastas*, encarados, seja na condição de pistas acidentais ou sugestões intencionais trouxeram contribuições para propor o entendimento do autor, de sua obra e do ambiente educacional por ele vivenciado.

Como escritor e educador deu a sua contribuição para a literatura e também para a educação em dois sentidos: primeiramente na medida em que a sua obra se constituiu em um dos marcos para as primeiras décadas do século XX e pôde ser lida – como até hoje – pelas crianças escolarizadas e depois; na medida em que construiu sua própria memória e de outras personalidades em seus artigos e livros. Memória esta que, ao ser apropriada, voltou a circular nas décadas seguintes sob a identidade de outros autores.

Fontes

ANDRADE, Thales Castanho de. *A Filha da Floresta*. Piracicaba: Associação Amigos do Escritor Thales Castanho de Andrade, 2003. [1. ed. 1919].

_____. *Saudade*. C. Paulista de Papeis e Artes Gráficas, 1920. [1. ed. 1919].

_____. *Como nasceu a cidade maravilhosa*. São Paulo: Melhoramentos, [1944].

_____. *Itaí, O menino das selvas*. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda., 1956.

_____. *Campo e Cidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

_____. *Ensinando a Constituição*. Divisão de Educação Extra Escolar/MEC, s.d.

_____. *Itaí, O menino das selvas na Cidade Maravilhosa*. São Paulo: Edipe, Artes Gráficas, 1968.

_____. *Cafezal assim, sim*. São Paulo: Gráfica Canton Ltda., [1961].

_____. *O Irmão Café apresenta-se em quadrinhos*, s.l.: [s. n.], [1959].

ANDRADE, Thales Castanho de. (org). *Histórias e História – contos: pelos alunos da Escola Normal de Piracicaba*. Piracicaba: Irmãos Perches & Cia., [1929].

Coleção Encanto e Verdade – Edições Melhoramentos:

ANDRADE, Thales Castanho de. *A Filha da Floresta*. Piracicaba: Associação Amigos do Escritor Thales Castanho de Andrade, 2003. [1. ed. 1919].

_____. *El-Rei Dom Sapo*. Piracicaba: UNIMEP/Melhoramentos, 1999. [1. ed. 1922].

_____. *Bem-te-vi Feiticeiro*. Piracicaba: Associação Amigos do Escritor Thales Castanho de Andrade, 2004. [1. ed. 1923].

_____. *Bela, a Verdureira*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d. [1. ed. 1926].

_____. *O Pequeno Mágico*. São Paulo: Melhoramentos, [1. ed. 1928].

_____. *Fim do Mundo*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

_____. *A Rainha dos Reis*. São Paulo: Melhoramentos., 3. ed. rev. 1947

_____. *O Capitão Feliz*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

_____. *A Bruxa Branca*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

_____. *A Fonte Maravilhosa*. São Paulo: Melhoramentos. [1 ed. 1932]

_____. *O Castelo Maldito*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

_____. *O Grito Milagroso*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

_____. *O Melhor Presente*. São Paulo: Melhoramentos, 1947.

_____. *Flor de Ipê*. São Paulo: Melhoramentos, 1957.

_____. *Encanto e Verdade*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

Coleção Thales de Andrade – Companhia Editora Nacional:

ANDRADE, Thales Castanho de. *Saudade*. 38 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. *Saudade*. 56. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

_____. *Ler brincando*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s.d. [1. ed. 1932].

_____. *Espelho*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932. [1. ed. 1928].

_____. *Alegria*. 11. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. [1. ed. 1937].

_____. *Vida na Roça*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

_____. *Trabalho*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.

_____. *Na oficina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

Jornais

Gazeta de Piracicaba: 1907, 1908, 1909, 1910, 1911.

Jornal de Piracicaba: 1907, 1908, 1909, 1910, 1911.

O Estado de São Paulo: “Congresso de Ensino Agrícola”, 27 maio 1911.

Pastas de Recortes da Hemeroteca da Biblioteca Municipal de Piracicaba, sob o tema: Thales Castanho de Andrade:

Pasta nº: P597

Pasta nº: P598

Pasta nº: P599

Pastas de Recortes da Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – acervo de João Chiarini

Bibliografia

1. Livros

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: Ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

ANTUNHA, Heládio C. G., *A instrução pública no Estado de São Paulo. A reforma Sampaio Dória*. Coleção Estudos e Documentos. São Paulo: FEUSP, 1976.

AZEVEDO, Carmen Lucia de; **CAMARGOS**, Márcia; **SACHETTA**, Vladimir. *Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Pátria, Civilização e Trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939)*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução: Denice Bárbara Catani. São Paulo: Unesp, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: cadernos de análise literária*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

CARRADORE, Hugo Pedro. *Thales Castanho de Andrade: uma história verdadeira*. Piracicaba: Editora Degaspari, 2004.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; **VIDAL**, Diana Gonçalves. (org.) *Biblioteca e formação docente: percursos de leitura (1902-1935)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CARVALHO, Marta. *A Escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CATANI, Denice Bárbara. *Educadores a meia-luz: Um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo 1902-1918*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1962, 2 tomos.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo, Difel/Bertrand – Brasil, Lisboa/RJ, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: Teoria, análise, didática*. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2002.

_____. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991.

DONATO, Hernani. *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, [1990].

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. *Memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...* São Paulo: Imprensa Oficial, [1997?].

- GOMES**, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro; Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- HALLEWELL**, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- HILSDORF**, Maria Lucia Spedo. *História da educação brasileira: Leituras*. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2003.
- KOSHIYANA**, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2006.
- LAJOLO**, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. *Usos e abusos da Literatura na Escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- LAJOLO**, Marisa; **ZILBERMAN**, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história & histórias*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LE GOFF**, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão... [et al.]. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LOBATO**, Monteiro. *Cidades Mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. Monteiro. *Urupês*. 24 ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- MATE**, Cecília Hanna. *Tempos modernos na escola: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira*. Bauru: Edusc/INEP, 2002.
- MONARCHA**, C. *A escola normal na praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Udunicamp, 1999.
- NADAI**, E. *Ginásio do Estado em S. Paulo – uma preocupação republicana (1889-1896)*. São Paulo: FFLCH-USP, 1975.
- _____. *Ideologia do progresso e ensino superior (São Paulo, 1891-1934)*. São Paulo: Loyola, 1987.
- NAGLE**, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Rio de Janeiro, EPU/Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.
- OLIVEIRA**, Antenor Santos de. *Curso de literatura infantil*. São Paulo: Santos de Oliveira, s/d.
- OLIVEIRA**, Willy Correia de. *Com ilustração de Franta Richter, Sete Pequenas Peças para Piano*. São Paulo: Com-Arte, 1996.
- PASSIANI**, Enio. *Na trilha do Jeca – Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru: Edusc, 2003.
- PERECIN**, Marly Therezinha Germano. *A Síntese urbana (1822-1930)*. Piracicaba: IHGP, 1989.
- _____. *Os Passos do Saber: A Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- PEREIRA**, Gilson R. de M. *Servidão Ambígua: valores e condição do magistério*. São Paulo: Escrituras, 2001.
- REIS FILHO**, Casemiro dos. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez: autores Associados, 1981.
- SEVCENKO**, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SOUZA**, Rosa F. de. *Templos de Civilização – um estudo sobre a implantação dos Grupos Escolares no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- TANURI**, Leonor M. *O Ensino Normal no Estado de São Paulo: 1890-1930*. Estudos e Documentos, São Paulo: FEUSP, 1979.
- TORRES**, Maria Celestina Teixeira Mendes. *Piracicaba no século XIX*. Piracicaba: IHGP/Editora Degaspari, 2003.

VELLOSO, Augusto Carlos Ferreira. *Os artistas Dutra, Oito gerações: Presença de mais de dois séculos na arte do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ SOCIARTE – Sociedade dos Amigos da Arte de São Paulo, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. (org.) *Na batalha da educação: Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo, Global, 1981.

ZILBERMAN, Regina; **LAJOLO**, Marisa. *Um Brasil para crianças: Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. 4ª ed. São Paulo: São Paulo, Global, 1993.

2. Artigos

BICCAS, Maurilane Souza; **CARVALHO**, Marta Maria Chagas de. “Reforma escolar e práticas de leitura de professores: a Revista do Ensino”. In: **CARVALHO**, Marta Maria Chagas de; **VIDAL**, Diana Gonçalves (Org.). *Biblioteca e formação docente: percursos de leitura (1902-1935)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 63-91.

BONTEMPI JR, Bruno. “Do vazio à forma escolar moderna: a história da educação como um fardo na Cidade de São Paulo”. In: **PORTA**, Paula. (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade no Império*, v. 2, São Paulo: Paz e Terra, 2004. pp. 507-549.

BOURDIEU, Pierre. “Algumas Propriedades dos Campos”. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983, pp. 89-94.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “A Caixa de utensílios e a Biblioteca: Pedagogia e Práticas de Leitura”. In: **VIDAL**, Diana Gonçalves & **HILSFORF**, Maria Lúcia Spedo (orgs). *Brasil 500 Anos: Tópicos em História da Educação*. São Paulo: Edusp, 2001, pp. 137-167.

_____. “Reformas da Instrução Pública”. In: **LOPES**, E. M. T.; **FARIA FILHO**, L. M.; **VEIGA**, C. G. (org.) *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 225-251.

CATANI, Denice. Bárbara. “Memória e Biografia: ‘O poder do relato e o relato do poder’ na história da educação”. In: **CATANI**, D. B. *Ensaaios sobre a Produção e Circulação dos Saberes Pedagógicos*. Tese (Livre Docência) – FEUSP, São Paulo, 1994, pp. 77-93.

_____. “A memória como questão no campo da produção educacional: uma reflexão”. *História da Educação*. Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, nº4, 1998, pp. 119-129.

CHARTIER, Roger. “Do livro à leitura” In: **CHARTIER**, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. 2ª ed. São Paulo: Estação liberdade, 2001, pp. 77-105.

CHOPPIN, Alain. “História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte”. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n.3, pp.549-566, set./dez. 2004.

DIAS, Aldo de Assis, “Influência da má literatura na infância e juventude”. In: **OLIVEIRA**, Antenor Santos de. *Curso de literatura infantil*. São Paulo: Santos de Oliveira, s/d., pp. 80-93.

DORIA, A. de Sampaio (relator). “Um padrão de livro didático”. In: *Revista de Ensino*. n. 1-4, jun./dez. 1918. pp. 87-98.

GOULART, Mauricio. “Um caboclo paulista escreve para as crianças do Brasil”. *Revista Diretrizes*, Rio de Janeiro, nº 71, out. 1941.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. “Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica”, *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, pp. 79-91, jan./abr. 2005.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. “Lourenço Filho em Piracicaba”. In: **SOUSA**, Cynthia Pereira de. (org.) *História da Educação – Processos, práticas e Saberes*. São Paulo: Escrituras, 1998, pp. 95-112.

LOVISOLO, Hugo. “A memória e a formação dos homens”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3, pp. 16-28, 1989.

- PEREIRA, J. B. B.; R. S. Queiroz.** “Por onde anda o Jeca Tatu?”. *Revista USP*. São Paulo: USP, mar./mai., 1989. pp. 7-13.
- RAMOS, Flávia Brocchetto.** “Saudade: a história do adulto e que o tempo levou...”. *Signos*, Lajeado, Ano 21, pp. 47-66, 2001.
- SANDRONI, Laura Constância.** “O Nacionalismo na literatura infantil no início do século XX” In: **KHÉDE, Sônia Salomão.** (org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- VIEIRA, Adriana Silene.** “O livro e a leitura nos textos de Lobato” In: **LOPES, Eliane Marta Teixeira et. Al.** *Lendo e escrevendo Lobato*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp. 45-64.

3. Teses, dissertações, Trabalhos de Conclusão de Curso

- BARBANTI, Maria Lúcia Spedo Hilsdorf.** *Escolas Americanas de Confissão Protestante na província de São Paulo um estudo de suas origens*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 1977.
- BOTO, Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis.** *Rascunhos de escola na encruzilhada dos tempos*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 1990.
- CARVALHO, Martha Maria Chagas de.** Molde nacional e forma cívica: higiene, moral e trabalho na ABE (1924 a 1931). (Tese de doutorado) São Paulo: FEUSP, 1986.
- DIAS, Márcia Hilsdorf.** *Professores da Escola Normal de São Paulo (1846-1890): a história não escrita*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 2002.
- EDREIRA, Marco Antonio Branco.** *À Caça do Sentido: Práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infanto-juvenis (1926-1946)*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 2003.
- ESTEVES, Isabel de Lourdes.** *As prescrições para o ensino da caligrafia e da escrita na escola pública primária paulista (1909-1947)*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 2002.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo.** *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. (Tese de Doutorado). São Paulo: FEUSP, 1986.
- MORAES, Dislane Zerbinatti.** *Literatura, memória e ação política: uma análise de romances escritos por professores paulistas*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 1996.
- SCHELBAUER, Anaete Regina.** A Constituição do método de ensino intuitivo na Província de São Paulo (1870-1889). (Tese de Doutorado), São Paulo: FEUSP, 2003.
- SILVA, José Cláudio Sooma.** *A Reforma Fernando de Azevedo: tempos escolares e sociais (Rio de Janeiro, 1927-1930)*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 2004.
- STANISLAVKI, Cleila de Fátima Siqueira.** *Saudade (1919): a contribuição de Thales Castanho de Andrade para o campo da leitura escolar*. (Dissertação de Mestrado). Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2006.
- TOLEDO, Maria Rita de Almeida.** *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial 1931-1981*. (Tese de Doutorado). São Paulo: PUC-SP, 2001.
- VALDEZ, Diane.** *A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio César Borges: o barão de Macahubas (1856-1891)*. (Dissertação de Mestrado), São Paulo: FEUSP, 2006.
- VILAS, Maria Cristina Perez.** *Pensar e escrever a leitura na escola: Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo* (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP, 2003.

4. Livros de Referência

- CATANI, Denice Bárbara; SOUSA, Cynthia Pereira de (orgs.).** *Imprensa Periódica Educacional Paulista (1890-1996): catálogo*. São Paulo: Plêiade, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil: séculos XIX e XX*. São Paulo: EDUSP, 1995.

FÁVERO, Maria De Lourdes de Albuquerque, **BRITO**, Jader de Medeiros. (org.) *Dicionário de Educadores no Brasil – da colônia aos dias atuais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ/MEC-Inep, 2002.

MELO, Luiz Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954.

5. Relatório

MOTTA, Candido Nazianzeno Nogueira da. *Relatório apresentado ao Dr. Altino Arantes, Presidente do Estado, Pelo Dr. Candido Nazianzeno Nogueira da Motta – Secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, ano de 1919*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1920.

6. Sites

Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)

Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Pp. 1-11. Acesso em: 07/08/2006.

SIMÕES, José Luis. “Historia do lazer em Piracicaba (1889-1930)”. Disponível em: www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos/. Acesso em 16-12-06.

TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. Imigração e epidemias no estado de São Paulo. **Hist. cienc. saude-Manguinhos.**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 1996. Disponível em: www.scielo.br/scielo. Acesso em: 08 Jan. 2007.

http://books.google.com.br/books?q=de+longe&as_brr=0. Acesso em 10.02.07.

http://books.google.com.br/books?q=folhas+soltas&btnG=Pesquisar+Livros&as_brr=0. Acesso em 10.02.07.

Arquivos, Bibliotecas e Institutos Pesquisados

Arquivo Público do Estado de São Paulo – AESP.

Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba: arquivos de jornais – IHGP..

Instituto Sud Mennucci/CPP.

Instituto de Estudos Brasileiros/ Universidade de São Paulo – IEB/USP.

Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba “Ferraz de Arruda Pinto”.

Biblioteca Monteiro Lobato.

Biblioteca da FFLCH-USP/Faculdade de Letras.

Biblioteca da FEUSP.

Caderno de Figuras

Thales Castanho de Andrade

[Fig. 1] Fonte: Revista do Professor do Centro do Professorado Paulista. São Paulo, n 64, jul./set.1961.

[Fig. 2] Mapa atual dos bairros e regiões de Piracicaba

Fonte: www.ipplap.com.br/imagens/mapa_dos_bairros_e_regiões_de_piracicaba.gif

[Fig. 3] Escola Complementar de Piracicaba

Fonte: Centro de Referências Mário Covas

[Fig. 4]. Painei de formandos na Escola Complementar de Piracicaba, 1908.

Sud Mennucci está de paletó branco no grupo de seis fotos à esquerda.

Em 1909 Thales de Andrade começaria a frequentar este estabelecimento a partir do segundo ano letivo.

Fonte: Ralph Mennucci Giesbrecht, *Sud Mennucci: memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...* p. 16.

[Fig. 5] Parte do roteiro de *Vida Campestre*. Há no Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba duas folhas avulsas de caderno, conforme a figura, nas quais parte deste roteiro é descrita.

[Fig. 6] Sud Mennucci e Leo Vaz em visita ao parque Guapira, Capital de São Paulo, 1920
 Fonte: Ralph Mennucci Giesbrecht, *Memórias de Piracicaba...* p. 28.

[Fig. 6] Sud Mennucci e Leo Vaz em visita ao parque Guapira, Capital de São Paulo, 1920
Fonte: Ralph Mennucci Giesbrecht, *Memórias de Piracicaba...* p. 28.

Saudade de Thales de Andrade e *A menina do narizinho arrebitado* de Monteiro Lobato

[Fig. 7] *Saudade*, 1920. Cia. de Papeis e Artes Graphicas, 1920. 19 x 13,5 cm, Capa Cartonada; Ilustrações de J. U. Campos, Rasmussen e Paim. [2 ou 3 ed.]. Acervo da Prof^a Maria Lúcia Spedo Hilsdorf.

[Fig. 8] *A menina do narizinho arrebitado*. São Paulo: Monteiro Lobato & C., 1920, 43 pp., 29 x 22 cm. Capa cartonada; ilustrações de Voltolino. [edição fac-similar]
Fonte: Centro de Referência Mario Covas.

Livros da coleção Encanto e Verdade em diversas edições

[Fig. 9] ed. s/d.

[Fig. 10] 5 ed. s/d.

[Fig. 11] 4 ed. s/d.

[Fig. 12] 4 ed. s/d.

[Fig. 13] ed. 1947

[Fig. 14] 3 ed. rev. 1947

[Fig. 15] 4 ed. s/d.

[Fig. 16] 5 ed. 1952

Fonte: Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato

[Fig. 17] 6 ed. 1952

[Fig. 18] 5 ed. 1951

[Fig. 19] 9 ed. 1950

[Fig. 20] 5 ed. 1955

Fonte: Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato

[Fig. 21] Desenho de Franta Richter selecionado para a primeira edição (1915) de *O Patinho Feio* de Hans Christian Andersen.

[Fig. 22] Capa da primeira edição de *O Patinho Feio*. Editora Weiszflog & Irmãos, 1915. Fonte: H. Donato, *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, [1990].

[Fig. 23] *A Filha da Floresta*. 1 ed., Ilustrações: Francisco Richter, São Paulo: Weiszflog, 1919.

Fonte: H. Donato, *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, [1990].

Coleção Encanto e Verdade. Relançamento pela Associação dos Amigos do Escritor Thales Castanho de Andrade de Piracicaba. Ilustrações das capas: Francisco Richter.

[Fig. 24] UNIMEP/Melhoramentos, 1999

[Fig. 25] 4 ed., Melhoramentos, 2001.

[Fig. 26] UNIMEP/Melhoramentos, 2003

[Fig. 27] UNIMEP/Melhoramentos, 2004

[Fig. 28] 1957

[Fig. 29] Reedição, 1967

[Fig. 30]

[Fig. 31]

Com ilustração de Franta Richter, *Sete Pequenas. Peças para Piano*. São Paulo: Com-Arte, 1996. Fonte: Willy C. Oliveira.

Livros da Série Thales de Andrade – Companhia Editora Nacional

[Fig. 32] 1 ed. 1932

[Fig. 33] 3 ed. 1932

[Fig. 34] 11 ed. 1942

[Fig. 35] 1 ed. 1933

[Fig. 36] 1 ed. 1930

[Fig. 37] 1 ed. 1956

Diferentes edições de *Saudade* pela Companhia Editora Nacional

[fig. 38] 4 ed. Monteiro Lobato & Cia, 1924.

[Fig. 39] 13 ed. 1928

[Fig. 40] 17 ed. 1932

[Fig. 41] 22 ed. 1935

[Fig. 42] 38 ed. CEN, 1944

[Fig. 43] 45 ed. 1952

[Fig. 44] 56 ed. CEN, 1966

[Fig. 45] 1964

[Fig. 46] 1929

[Fig. 47] s/d.

[Fig. 48] 1956

[Fig. 49] 1968

[Fig. 50] 1959

[Fig. 51] 1961